



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**PROPOSTA DE DICIONÁRIO INFORMATIZADO ANALÓGICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Michelle Machado de Oliveira Vilarinho

BRASÍLIA-DF

2013

Michelle Marchado de Oliveira Vilarinho

Proposta de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia

Orientadora: Professora Doutora Enilde Leite de Jesus Faulstich.

Brasília-DF

2013

**Ficha de catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília.
Acervo 1013581**

VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira.

V697p Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa / Michelle Machado de Oliveira Vilarinho.

-- 2013.

Xv, 306f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich

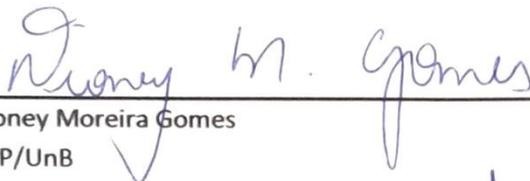
Referências bibliográficas: 306.

1. Língua portuguesa – Dicionários. 2. Língua portuguesa – Lexicografia. 3. Processamento de linguagem natural (Computação). 4. Semântica. I. FAULSTICH, Enilde L. de J. – (Enilde Leite de Jesus). II. Título.

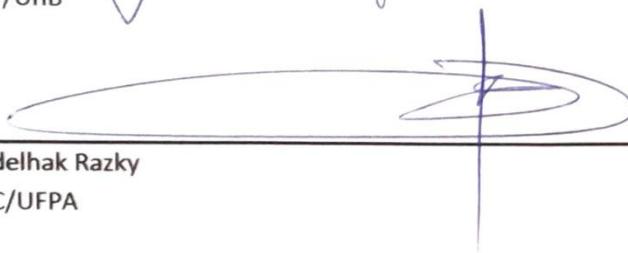
CDU 801.3

FOLHA DE APROVAÇÃO

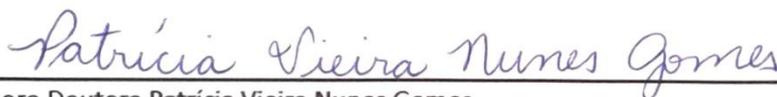
Professora Doutora Enilde Leite de Jesus Faulstich
Orientadora (Presidente) – LIP/UnB



Professor Doutor Dionei Moreira Gomes
Membro Efetivo – LIP/UnB



Professor Doutor Abdelhak Razky
Membro Efetivo – ILC/UFPA



Professora Doutora Patrícia Vieira Nunes Gomes
Membro Efetivo – INEP/MEC



Professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu
Membro Efetivo – DECLAV/IL/UFRGS

Professora Doutora Ana Adelina Lopo Ramos
Suplente – LIP/UnB

DEDICATÓRIA

Ao meu Senhor Jesus quem me deu o fôlego de vida para concluir este trabalho.

Ao meus pais que constatemente me incentivaram a prosseguir os estudos.

Ao meu marido que me compreende, contribuindo para criar ambiente familiar aconchegante e inspirador à produção acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Jesus quem me deu a oportunidade de vivenciar o doutorado com saúde e sabedoria.

A minha orientadora, Professora Dra. Enilde Faulstich, que, desde 2005, tem semeado conhecimento em mim com incentivo à formação acadêmica e à carreira docente, além de ter-me motivado a desvendar o tema da tese.

Ao meu marido, Rubmayer, que esteve sempre ao meu lado com o amor que precisei para ter a vida sentimental equilibrada e propícia para a produção acadêmica.

Aos meus pais, Nilson e Maria da Conceição, que me educaram de forma sólida para que eu vencesse os desafios encontrados para chegar até aqui.

Aos meus irmãos, Wesley e Adriana, que confidenciaram momentos de alegria e de aflição no decorrer dos 4 anos.

Aos colegas do Centro Lexterm, Cleide, Cristiane, Darto, Flávia, Glaucio, Messias, Patrícia Tuxi que enriqueceram a pesquisa por meio da troca de ideias em discussões.

Ao Jorge Domingues Lopes que generosamente programou o banco de dados adaptado para esta pesquisa.

Ao professor Gaudin que me recebeu na Université de Rouen para estudos do Doutorado.

Aos meus alunos que me inspiraram a aprofundar os conhecimentos para que eu pudesse contribuir com a formação de cada um deles.

EPÍGRAFE

“A sabedoria é a coisa principal; adquira pois a sabedoria, emprega tudo o que possui na aquisição de entendimento. Estima-a, e ela te exaltará; e, se a abraçares, ela te honrará. Dará à tua cabeça um diadema de graça e uma coroa de glória te entregará. No caminho da sabedoria, ensinei-te e pelas veredas da retidão te fiz andar” (Provérbios, 4:7-11).

RESUMO

O tema desta tese se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), da Universidade de Brasília. O objeto de estudo é o dicionário analógico, entendido como um tipo de repertório lexicográfico de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados partindo das ideias ou dos conceitos para chegar às unidades lexicais. Os lexemas são agrupados em um mesmo verbete por possuírem identidade de relações. A motivação para a realização deste trabalho é identificar como as analogias podem ser delimitadas no dicionário analógico, uma vez que constatamos que os dicionários analógicos não possuem critérios claros para o estabelecimento das relações analógicas na composição dos verbetes. O objetivo principal desta pesquisa é a criação de uma proposta de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa, por meio do uso de ferramentas de Processamento das Línguas Naturais (PLN). A metodologia que seguimos para a análise do *Dicionário analógico da língua portuguesa* de Azevedo (2010), *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* de Robert (2010), *Le Dictionnaire des Analogies* de Pechoin (2009) e *Dizionario Analogico della lingua italiana* de Garzanti (2011) foi o preenchimento do roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos de Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185). Por meio das informações recolhidas, foi possível identificar a estrutura de organização dos dicionários analógicos e verificar que a falta de critérios desses dicionários levam as analogias a serem apresentadas com vagueza. A aplicação da metodologia proporcionou a seleção de lexemas para compor os verbetes *transporte* e *vestuário* constituintes do modelo de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa postulado nesta pesquisa. Ademais, com aplicação dos conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos de Kleiber (1990) e da Semântica de *Frames* de Fillmore (1977), mais lexemas foram inseridos nos verbetes propostos. Para elaborar o modelo de dicionário postulado, adotamos a proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001). Como resultado desta pesquisa, o modelo de dicionário analógico proposto, constitui-se de parte analógica e alfabética. A parte analógica será organizada por campos lexicais e a parte alfabética será semelhante a um dicionário de língua comum. O verbete da parte analógica possui definição e os demais lexemas são apresentados pelas relações semânticas: sinonímia, hiperonímia e hiponímia, holonímia e meronímia, e a relação associativa. O critério norteador da ligação associativa do dicionário analógico deve ter relação com, pelo menos, uma das entidades do significado: sentido, dimensão extensional, dimensão intencional e conceito. A relação associativa pode ser dividida em subclasses, com a finalidade de agrupar os conceitos com mais proximidade semântica. Como a aquisição do léxico ocorre de modo associativo, o Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa – DIALP– pode ser usado como uma estratégia para aprendizagem de língua com vistas à aquisição do léxico. Como não existe modelo de dicionário analógico direcionado aos falantes de português como L2 ou como LE, a proposta do DIALP preenche parte da lacuna da Lexicografia, já que pode ser usado como ferramenta de aprendizagem.

Palavras-Chave: Dicionário Analógico. Lexicografia. Versão Ampliada dos Protótipos. Semântica de *Frames*. Processamento das Línguas Naturais. Relações semânticas.

ABSTRACT

The topic of this dissertation is part of the research area known as Terminology and Lexical Studies, developed at the Center for Terminological and Lexical Studies (LexTerm Center), at the University of Brasília. The object of study is the analogical dictionary, understood as a kind of lexicographic inventory, onomasiological in nature, in which lexemes are organized from ideas or concepts to lexical units. Lexemes are grouped together in the same entry by virtue of displaying identity relations. The motivation behind this work is to understand how analogies can be delimited in an analogical dictionary, once we observed that analogical dictionaries do not exhibit clear criteria for establishing analogical relations. The main aim of this research is to present a proposal for an Informatized Analogical Portuguese Dictionary, by using Natural Language Processing (NLP) tools. In analyzing the following dictionaries: *Dicionário analógico da língua portuguesa* de Azevedo (2010), *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* de Robert (2010), *Le Dictionnaire des Analogies* de Pechoin (2009) and *Dizionario Analogico della lingua italiana* de Garzanti (2011), the methodology involved filling out a survey for the evaluation of both general language dictionaries and scientific and technical dictionaries and glossaries, as proposed by Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185). Based on the collected information, it was possible to identify the analogical dictionaries' organizational structure and to verify that the lack of criteria in these dictionaries lead to vagueness in the presentation of analogies. The application of this methodology enabled us to select lexemes to compose the entries for *transportation* and *clothing*, both parts of the model for the Informatized Analogical Portuguese Dictionary proposed in this research. Moreover, based on the application of concepts from Kleiber's (1990) Extended Version of Prototype Theory and Fillmore's Frame Semantics, further lexemes were added to the proposed entries. In order to formulate the model for the proposed dictionary, we adopted the methodological proposal for the elaboration of lexicons, dictionaries and glossaries, as postulated by Faulstich (2001). As a result of this research, the proposed model for the analogical dictionary consists of both an analogical and an alphabetical part. The analogical part is organized by lexical fields, and the alphabetical part is similar to those of a general language dictionary. In the analogical part of the dictionary, the entry is comprised of a definition, and the other lexemes are presented based on the semantic relations they establish: synonyms, hyperonyms and hyponyms, holonyms and meronyms, and associative relations. The main criterion for the associative relation in the analogical dictionary has to do with least one of the following meaning entities: sense, extensional dimension, intentional dimension and concept. The associative relation can be divided into subclasses, in order to group together concepts with greater semantic relatedness. Assuming that lexical acquisition happens through association, the Informatized Analogical Portuguese Dictionary can be used as a strategy of language learning, aiming at lexical acquisition. Since there are no models for an analogical dictionary for speakers of Portuguese as a second language or as a foreign language, the present proposal fills this gap in the Lexicography field, because it can be used as a learning tool.

Keywords: Analogical Dictionary, Lexicography, Extended Version of the Prototypes, Semantic of Frames, Natural Language Processing, Semantic Relations.

LISTA DE ABREVIATURAS

APIs – Application Programming Interface

DALP – Dicionário Analógico de Língua Portuguesa

DIALP – Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa

DUP – Dicionário de Usos de Língua Portuguesa

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda Língua

LE – Língua Estrangeira

MEC – Ministérios da Educação

PBSL – Português do Brasil como Segunda Língua

PLN – Processamento das Línguas Naturais

PHP – Hypertext Preprocessor

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SGBD – Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados

SQL – Structured Query Language

UTCs – Unidades Terminológicas Complexas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação do léxico e a interface com outras áreas da Linguística.	
Figura 2: Lexicologia e Lexicografia.	35
Figura 3: Verbetes <i>formatura do Dicionário de usos do Português do Brasil</i> .	49
Figura 5: triângulo semiótico de Aristóteles (336 a. C).	69
Figura 4: Interpretação da Teoria do significado de Frege (1892).	70
Figura 7: Signo de Peirce (1894).	71
Figura 8: Signo linguístico de Peirce (1908).	71
Figura 6: Modelo de signo de Ogden & Richards (1923).	72
Figura 9: Signo linguístico de Saussure (1916).	73
Figura 10: O signo linguístico de Hjelmslev (1963).	74
Figura 11: Signo de Pottier (1978).	75
Figura 12: Entidades constituintes do signo linguístico.	76
Figura 13: Proposta de signo linguístico.	78
Figura 14: Representação do conceito de protótipo.	81
Figura 15: Representação dos efeitos de prototipicidade.	83
Figura 16: Representação da aplicação da Semântica de <i>Frames</i> .	86
Figura 17: Aplicação da Semântica de <i>Frames</i> ao campo lexical <i>transporte</i> .	87
Figura 18: Mapa conceitual com representação metalinguística.	88
Figura 19: Organização dos conceitos no mapa conceitual.	88
Figura 20: Modelo de mapa conceitual de Novak & Gowin (1984).	90
Figura 21: Esquema de representação do brasileiro.	91
Figura 22: Exemplo de mapa mental de Vilela (2002).	92
Figura 64: Tela inicial do banco de dados.	171
Figura 65: <i>Layout</i> de apresentação do DIALP.	173
Figura 66: Verbetes <i>transporte</i> da parte analógica do site do DIALP.	174
Figura 67: Verbetes automóvel da parte alfabética do site do DIALP.	174
Figura 23: Classificação das palavras do dicionário analógico de Língua Portuguesa.	181
Figura 24: Quadro sinóptico de categorias do dicionário analógico de Língua Portuguesa.	182
Figura 25: Índice geral do dicionário analógico de Língua Portuguesa.	183
Figura 26: Verbetes <i>indumentária</i> do dicionário analógico de Língua Portuguesa.	184
Figura 27: Verbetes <i>silêncio</i> do dicionário analógico de Língua Portuguesa.	190
Figura 28: Analogia do verbo <i>vêtement</i> do <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	199
Figura 29: Verbetes <i>vêtement</i> do <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	200
Figura 30: Analogia no verbo <i>transport</i> do <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	201
Figura 31: Verbetes <i>transport</i> do <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	202
Figura 32: A pesquisa reversa no <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	203
Figura 33: Resultado da pesquisa reversa do lexema <i>vêtement</i> no <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	204
Figura 34: Verbetes <i>avionnerie</i> do <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	205
Figura 35: Explicação sobre as marcas de uso figurado e regionalismo no <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	207
Figura 36: Informação sobre nomes próprios no <i>Le nouveau Petit Robert</i> (2010).	208

Figura 37: Verbetes <i>fruit</i> do <i>Le nouveau Petit Robert (2010)</i> .	212
Figura 38: Recorte do verbete <i>fruits</i> no <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	215
Figura 39: Recorte da organização das categorias do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	218
Figura 40: Verbetes <i>transport</i> do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	221
Figura 41: Verbetes <i>fruits: article encyclopédique</i> do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	222
Figura 42: Verbetes <i>transport</i> do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	223
Figura 43: Símbolos do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	224
Figura 44: Acepção do verbete <i>gastronomie</i> do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i> .	224
Figura 45: Ilustração do <i>apparato scheletrico</i> no <i>Dizionario Analogico della lingua italiana</i> .	230
Figura 46: Ilustração do <i>automobile</i> do <i>Dizionario Analogico della lingua italiana</i> .	231
Figura 47: Recorte do índice do <i>Dizionario Analogico della lingua italiana</i> .	232
Figura 48: Verbetes <i>vestire</i> do <i>Dizionario Analogico della lingua italiana</i> .	233
Figura 49: Aquisição lexical	244
Figura 50: Verbetes <i>hidrelect</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	254
Figura 51: Verbetes <i>gestual</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	255
Figura 52: Verbetes <i>facoquero</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	256
Figura 53: Verbetes <i>abacaxi</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	256
Figura 54: Verbetes <i>algodão</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	256
Figura 55: Verbetes <i>celular</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	257
Figura 56: Verbetes <i>beduim</i> do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.	257
Figura 57: Verbetes <i>dependurado</i> do Novo Dicionário Aurélio.	258
Figura 58: Verbetes <i>abafo</i> do Novo Dicionário Aurélio.	258
Figura 59: Verbetes <i>abaianada</i> do Novo Dicionário Aurélio.	258
Figura 60: Verbetes <i>zabumba</i> do Novo Dicionário Aurélio.	259
Figura 61: Verbetes <i>bombo</i> do Novo Dicionário Aurélio.	260
Figura 62: Verbetes <i>zambumba</i> do Novo Dicionário Aurélio.	260

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação entre dicionário e gramática	50
Quadro 2: Caracterização dos tipos de dicionário do PNLD de 2006	57
Quadro 3: Obras aprovadas no PNLD 2006	58
Quadro 4: Caracterização dos tipos de dicionário do PNLD de 2012	59
Quadro 5: Obras aprovadas no PNLD 2012	60
Quadro 6: Procedimentos Metodológicos da Lexicografia e da Terminologia	65
Quadro 7: Exemplo da identificação das entidades constituintes do significado	79
Quadro 8: Análise componencial da categoria <i>fruta</i>	82
Quadro 9: Análise do verbete <i>indumentária</i>	98
Quadro 10: Substantivos selecionados do verbete <i>indumentária</i> do DALP (2010)	139
Quadro 11: Substantivos para exclusão do verbete <i>navegação</i> do DALP (2010)	140
Quadro 12: Substantivos para exclusão do verbete <i>indumentária</i> do DALP (2010)	141
Quadro 13: Verbos para exclusão do verbete <i>indumentária</i> do DALP (2010)	141
Quadro 14: Substantivos selecionados do verbete <i>indumentária</i> do DALP (2010)	142
Quadro 15: Substantivos excluídos e selecionados do verbete <i>navegação</i> do DALP (2010)	142
Quadro 16: Substantivos selecionados dos verbetes <i>veículo</i> e <i>navegação</i> do DALP (2010).	142
Quadro 17: Ficha Lexicográfica de verbete da parte alfabética	144
Quadro 18: Ficha lexicográfica de verbete da parte analógica	144
Quadro 19: Análise componencial do campo lexical <i>transporte</i>	146
Quadro 20: referências do do DIALP	169
Quadro 21: <i>Menus</i> e funções de banco de dados	171
Quadro 22: Lista de dicionários analógicos analisados por Oliveira (2010)	178
Quadro 23: Dicionário analógicos analisados na tese	178
Quadro 24: Marcas de uso do <i>Le Dictionnaire des Analogies</i>	226
Quadro 25: Definições de ontologia nas áreas do conhecimento	262
Quadro 26: Proposta de marcas de uso	272
Quadro 27: lista de abreviaturas	274
Quadro 28: Comparação entre os conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e da Semântica de <i>Frames</i>	278

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	xvi
OBJETO DE ESTUDO	xvii
JUSTIFICATIVA DA PESQUISA E TESE	xvii
OBJETIVOS	xviii
DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	xviii
METODOLOGIA	xx
CAPÍTULO 1: LÉXICO E O DICIONÁRIO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	22
1.1 O LÉXICO NA INTERFACE COM OUTRAS ÁREAS DA LINGUÍSTICA	22
1.1.1 Léxico e Sintaxe	26
1.1.2 Léxico e Morfologia	28
1.1.3 Léxico e Fonologia	29
1.1.4 Léxico e Semântica	30
1.1.5 Léxico e Pragmática	32
1.1.6 Síntese	33
1.2 A LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA: O LÉXICO COMO OBJETO DE ESTUDO	34
1.3 O DICIONÁRIO: CARACTERÍSTICAS	37
1.4 O DICIONÁRIO VERSUS OUTRAS OBRAS: TIPOLOGIAS E FORMATOS	50
1.5 LEXICOGRAFIA E POLÍTICA DE LÍNGUA	56
1.6 O PAPEL DA TERMINOLOGIA NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS	63
CAPÍTULO 2: O SIGNO LINGUÍSTICO NA ESTRUTURA CONCEITUAL DE UM DICIONÁRIO ANALÓGICO	68
2.1 ENTIDADES NA CONSTITUIÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO: A PROTOTIPICIDADE	68
2.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA	79
2.2.1 Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos	80
2.2.2 A Semântica de <i>Frames</i>	84
2.3 MAPA MENTAL E MAPA CONCEITUAL PARA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	87
CAPÍTULO 3: PERCURSOS METODOLÓGICOS	95

3.1	Percurso metodológico para avaliação dos dicionários analógicos	95
3.2	Lexemas do Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa	97
3.3	Metodologia para elaboração do DIALP	143
3.3.1	Fichas lexicográficas da parte alfabética do DIALP	151
3.3.2	Fichas lexicográficas da parte analógica do DIALP	167
3.3.3	Referências bibliográficas do DIALP	169
3.4.	Procedimentos empregados para criação do dicionário em formato informatizado	170
CAPÍTULO 4: AS ANALOGIAS EM DICIONÁRIOS ANALÓGICOS		176
4.1	AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO	177
4.1.2	Avaliação de dicionário analógico: Dicionário analógico da língua portuguesa	179
4.1.3	Avaliação de dicionário analógico: Le nouveau Petit Robert	193
4.1.4	Avaliação de dicionário analógico: Le Dictionnaire des Analogies	213
4.1.5	Avaliação de dicionário analógico: Dizionario Analogico della lingua italiana	228
4.2	COMO FORAM POSTULADAS AS ANALOGIAS EM DICIONÁRIO ANALÓGICO E COMO PODERIAM SER POSTULADAS?	236
CAPÍTULO 5: NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO		243
5.1	NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO: FERRAMENTA PARA AQUISIÇÃO DE LÉXICO NA APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS DO BRASIL COMO L2 OU COMO LE	243
5.2	DICIONÁRIO INFORMATIZADO: PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DAS LÍNGUAS NATURAIS, AS REMISSÕES E AS ONTOLOGIAS	250
5.2.1	Os dicionários informatizados e a constituição das remissões	251
5.2.2	Dicionários informatizados: uso de ontologia	261
5.3	DICIONÁRIO ANALÓGICO: HÁ TERMINOLOGIA NO DICIONÁRIO ANALÓGICO?	265
5.4	APRESENTAÇÃO DO DICIONÁRIO INFORMATIZADO ANALÓGICO DE LÍNGUA PORTUGUESA (DIALP)	266
5.4.1	Apresentação de verbetes do DIALP	279
CONSIDERAÇÕES FINAIS		288
REFERÊNCIAS		291

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), da Universidade de Brasília. A Tese a ser defendida é a funcionalidade do novo modelo de dicionário analógico como uma ferramenta para a aquisição de léxico, no processo de aprendizagem do português como Segunda Língua (L2) ou como Língua Estrangeira (LE).

No capítulo 1, apresentamos nosso entendimento acerca do léxico e as relações que o léxico possui com outras áreas da Linguística, de acordo com a revisão teórica sobre a Lexicologia e a da Lexicografia. Descrevemos o dicionário e as características que essa obra possui.

No capítulo 2, registramos as teorias do significado para identificar as entidades que constituem o significado. Além disso, abordamos a Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames* para elaboração de dicionário analógico. Ainda, descrevemos a diferença entre mapa conceitual e mapa mental, que podem ser ferramentas para organização da informação do novo modelo de dicionário analógico.

No capítulo 3, descrevemos a metodologia utilizada para avaliar os dicionários e para elaborar o novo modelo de dicionário analógico.

No capítulo 4, avaliamos 4 dicionários analógicos, a fim de mostrar como são organizados os dicionários analógicos existentes. Registramos, também, como são postuladas e como deveriam ser postuladas as analogias em dicionários analógicos.

No capítulo 5, refletimos sobre um entendimento acerca de aquisição do léxico e da aprendizagem lexical, dicionário informatizado e remissões. Além disso, descrevemos a proposta de um novo modelo de dicionário analógico.

Por último, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas. Acrescentamos que as figuras e os quadros cuja referência é Vilarinho (2013) foram criados para os fins desta tese. É válido destacarmos que as citações em língua estrangeira foram traduzidas em notas de rodapé.¹

¹ As traduções de língua francesa foram feitas pela tradutora Clarissa Prado Marini e as de língua inglesa foram feitas pela tradutora Marcela Bravo Esteves.

OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo nesta pesquisa é o dicionário analógico, entendido como um tipo de repertório lexicográfico de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados partindo das ideias ou dos conceitos para chegar às unidades lexicais. Os lexemas são agrupados em um mesmo verbete por possuírem identidade de relações.

JUSTIFICATIVA DA PESQUISA E TESE

A motivação para a realização deste trabalho se encontra em questionamentos não respondidos na dissertação “Confluência entre dicionário analógico e tesouro documentário” de Oliveira (2010). No período do mestrado, pretendíamos elaborar o dicionário analógico em um formato eletrônico e ainda incluir uma parte alfabética com a definição de cada um dos lexemas presentes no modelo de dicionário analógico, porém, por não ser o recorte principal daquela pesquisa, deixamos as informações para outro momento.

Mas, vale lembrar que, na pesquisa do mestrado, avaliamos 11 dicionários analógicos e constatamos que não há critério claro para o estabelecimento das relações analógicas na composição dos verbetes. Identificamos que os verbetes são organizados, na maioria das obras analógicas, em ordem sistêmica, que é estruturada com base em categorias aristotélicas, de modo que dificultam a localização do verbete consultado. Propomos à época que o modelo de dicionário analógico seria organizado em ordem alfabética, e o ponto de partida para a apresentação dos lexemas analógicos do verbete seriam as relações semânticas. Ao dar continuidade aos estudos da problemática de organização dessa tipologia lexicográfica, decidimos rever esse modelo e postular nova proposta.

A nova proposta constitui a Tese desta pesquisa de doutoramento: um dicionário analógico deve ser uma ferramenta funcional que propicie a aquisição do léxico no processo de aprendizagem de vocabulário do português como Segunda Língua (L2) ou como Língua Estrangeira (LE).

A motivação das reflexões apresentadas advém da prática docente vivenciada no decorrer das aulas das disciplinas Lexicologia, Semântica e Pragmática Contrastivas e Lexicografia: estratégias de uso de dicionário, ministradas no Curso de Licenciatura em Letras Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL) da Universidade de Brasília.

OBJETIVOS

O objetivo principal desta pesquisa é criar um modelo de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa, por meio do uso de ferramentas de Processamento das Línguas Naturais (PLN), que seja útil para a aprendizagem do português. Para o desenvolvimento desta proposta, aplicaremos conceitos da Versão Ampliada da Teoria de Protótipos de Kleiber (1990) e da Semântica de *Frames* de Fillmore (1997), teorias da Semântica Cognitiva. Com base nos pressupostos teóricos da Lexicografia, da Lexicologia, da Terminologia e da Terminografia com vistas a criar uma ferramenta lexicográfica para o ensino e para a aprendizagem de línguas, o que pretendemos é uma interface de tecnologia entre línguas e culturas.

Para atingir o objetivo geral, relacionamos os seguintes objetivos específicos:

- i. revisar e aplicar os princípios teóricos da Lexicografia, da Lexicologia, da Terminologia e da Terminografia aos dados dos dicionários analógicos tradicionais;
- ii. distinguir os formatos de dicionário impresso, on-line e eletrônico.
- iii. comparar e avaliar dicionários analógicos;
- iv. selecionar campos lexicais para compor um novo modelo de dicionário analógico;
- v. redigir verbetes do novo modelo dicionário analógico;
- vi. estabelecer as remissões em repertórios lexicográficos;
- vii. criar ferramenta de Processamento Automático das Línguas Naturais para empregamos para implementar o dicionário informatizado e
- viii. registrar os dados no programa de PLN que funcionará como o Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O processo de globalização diminui as fronteiras entre os povos, que cada vez mais precisam se comunicar em um ambiente multilíngue. Em meio a esse cenário linguístico, a Língua Portuguesa está entre as 10 línguas mais faladas no mundo. Para que o léxico dessa língua esteja bem sistematizado, há necessidade de maior desenvolvimento da Lexicografia,

que pode ser aperfeiçoada por meio da aplicação das teorias linguísticas e dos recursos tecnológicos provenientes da Linguística Computacional.

O Brasil está inserido nas relações internacionais por meio dos blocos econômicos, por isso possui um relevante papel político-linguístico no contexto de um novo mapa de interação social no panorama da intercomunicação entre os povos. Diante desse contexto, nosso país possui um espaço favorável para o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa (OLIVEIRA & FAULSTICH, 2009, p. 201). Para que esse ensino se concretize, o dicionário funciona como um instrumento indispensável. Esse repertório lexicográfico “constitui uma organização sistêmica do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”, como afirma Biderman (2001b, p. 131).

Os dicionários informatizados podem conter recursos computacionais que disponibilizam mais ferramentas para ampliar o conteúdo dos repertórios lexicográficos. No entanto, Duran e Xatara (2007, p. 210) constataram que “embora os dicionários informatizados tenham se tornado comuns, na maioria das vezes, ainda imitam o leiaute dos dicionários impressos.” Os dicionários informatizados brasileiros ainda apresentam estruturas simples ao serem comparados com obras de língua francesa e de língua inglesa. Segundo Vieira e Lima (2001, p. 10)

há muita pesquisa e trabalhos realizados principalmente para o Inglês, Espanhol, Alemão, Francês e Japonês. Encontramos, porém, carência de pesquisas, ferramentas, recursos linguísticos e humanos para tratar computacionalmente a Língua Portuguesa.

Diante desse panorama lexicográfico, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de um dicionário de Língua Portuguesa mais coerente e completo em formato informatizado. Mediante a prática docente em disciplinas da área de Léxico e Terminologia do curso de Licenciatura em Letras PBSL, identificamos a falta de dicionários monolíngues voltados para o ensino de Português como L2 ou como LE. Para preencher esta lacuna, propomos a elaboração de um modelo de Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa cujo público-alvo principal seja o aprendiz de português. Esse modelo está em formato informatizado por ser mais prático e por apresentar variedades de recursos que atenderão às demandas da sociedade moderna.

Na pesquisa, buscamos responder aos seguintes questionamentos:

- Qual (is) os princípios teóricos da Terminologia e da Terminografia que auxiliam o desenvolvimento da Lexicografia?
- Qual(is) a(s) semelhança(s) e diferença(s) entre um dicionário impresso e dicionário informatizado?

- Como se faz e como se deve fazer um dicionário informatizado?
- Como as remissivas estão organizadas nos dicionários contemporâneos de Língua Portuguesa? As remissivas nessas obras são válidas?
- De que modo um dicionário informatizado pode ser construído?
- De onde podemos extrair os contextos para ilustrar o uso dos lexemas definidos?

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e descritivo. Utilizamos o método descritivo-analítico, com vistas a elaborar paradigmas lexicográficos que satisfaçam às necessidades científicas e linguísticas brasileiras. Para analisar os dicionários selecionados, adotamos procedimentos metalexigráficos, que, segundo Faulstich (2010c, p. 171):

são de natureza durativa, porque analisam, sob o ponto de vista teórico, os conceitos básicos que servem à Lexicografia, antes de estes serem, na prática, empregados na elaboração dos dicionários. Os estudos teóricos centram-se nos aspectos metodológicos e procuram responder à pergunta: como se faz ou como se deve fazer um dicionário? Esta pergunta é respondida pela pesquisa científica, que, na prática, investiga como são feitos os dicionários.

Essas duas perguntas, i) como se faz ou como se deve fazer um dicionário? ii) como são feitos os dicionários?, constituem o escopo da metalexigrafia. Ao respondê-las de forma crítica, oferecemos subsídios para a construção de uma prática lexicográfica.

Para identificar a estrutura dos dicionários analógicos existentes, preenchemos o **roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos** de Faulstich (1998b, p. 234; 2011, p.183-185).

A decisão sobre os lexemas que constituem a nomenclatura do novo modelo de dicionário partiu da reformulação dos verbetes do dicionário analógico de Língua Portuguesa de Azevedo (2010).

A confecção do dicionário foi realizada com a aplicação da Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001).

Após detalharmos nosso objeto de estudo, a finalidade da pesquisa e a metodologia, apresentaremos os capítulos da tese.

CAPÍTULO 1: LÉXICO E O DICIONÁRIO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, discutiremos o léxico como entidade, de modo que fizemos uma revisão da literatura das definições de léxico e o relacionamos com outras áreas da Linguística. Abordaremos nossa concepção de propriedade vocabular. Além disso, descreveremos a função das disciplinas que têm o léxico como objeto de estudo. Como o léxico é descrito no dicionário e como propomos um modelo de dicionário, foi necessário explicar as características do dicionário, bem como as tipologias e os formatos de obras lexicográficas. Ademais, a fim de investigar sobre a política regulamentadora dos dicionários brasileiros, apresentaremos o funcionamento do Programa Nacional do Livro Didático. Por fim, abordaremos a função da Terminologia em obras lexicográficas.

1.1 O LÉXICO NA INTERFACE COM OUTRAS ÁREAS DA LINGUÍSTICA²

Durante a revisão da literatura que aborda o Léxico, passamos pela Morfologia lexical, pela Semântica Lexical, pela Fonologia Lexical e pela Sintaxe Lexical. O Léxico, porque possui interface com outras áreas, está presente nas diversas áreas da Linguística. Entretanto, devemos esclarecer que o léxico é uma entidade autônoma na condição de objeto da língua. Possui abordagens, métodos e técnicas próprios. É necessário esse esclarecimento, porque o modo como o léxico é interpretado na literatura pode gerar um entendimento de que seja totalmente dependente de outras disciplinas da Linguística para que exista na língua.

Há diversas concepções para Léxico. Rey (1977) apresenta três definições para léxico. Primeiramente, léxico é definido como conjunto de morfemas, que são unidades significativas mínimas. Entretanto, essa definição não é completa, já que os morfemas são partes constituintes do léxico. Os morfemas compõem os lexemas. Para ter significado, o lexema é formado por morfemas. Por isso, essa definição é insuficiente. Na segunda definição proposta pelo mesmo autor, o léxico é o conjunto das palavras de

² Uma das motivações que inspiraram a criação deste capítulo foi a tentativa de responder aos questionamentos apresentados pela Profa. Dra. Enilde Faulstich na palestra intitulada “O léxico em distintas sincronias” da mesa-redonda do I Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, realizado pela Universidade Federal do Maranhão, em São Luís (MA), em outubro de 2010.

uma língua, o que inclui evidentemente a maior parte dos morfemas gramaticais e os morfemas lexicais. Nesse contexto, os morfemas lexicais são “os substantivos, os adjetivos e os verbos”, e Rey coincide com Pottier (1972, p. 11). Os morfemas gramaticais, por sua vez, seriam os morfemas derivacionais e flexionais (Id., Ibid.). Na terceira definição de Rey (1977), o léxico é o conjunto das palavras de classe aberta duma língua. O acréscimo da característica “classe aberta” serve para indicar que o conjunto de palavra de uma língua sempre se renova. Por isso, à medida que as práticas sociais requerem novo lexema para designar as coisas do mundo, o conjunto de palavras torna-se ilimitado, uma vez que o léxico se expande.

No âmbito desta pesquisa, entendemos o Léxico como o “conjunto de lexemas que possui conteúdo semântico”, conforme Faulstich (2013b). Além de o léxico possuir conteúdo semântico, apresenta estrutura que obedece aos padrões de construções da língua a que pertence. Assim sendo, o léxico é formado pelos “types de structures suivantes: structures syntaxiques, structures morpho-sémantiques; structures purement sémantiques; structures phonologiques³”, segundo Rey-Debove (1998, p. 25). Essas estruturas provêm do fundo lexical, postulado por Faulstich (2012) como “componente no qual se acumulam todos os elementos léxicos de uma língua – predicados e palavras—, assim como as regras, por meio das quais é possível criar novas entidades de um modo produtivo.” As línguas, além de terem morfemas e lexemas, possuem uma estrutura mais complexa: o fundo lexical que tem “como papel representar o ‘dicionário mental’ do indivíduo” (Id., Ibid.). Assim sendo, “o fundo contém as estruturas linguísticas que satisfazem as duas funções comunicativas básicas que é predicar e referir” (Id., Ibid.).

Como toda língua possui o fundo lexical e as construções sintáticas, morfológicas, fonológicas e pragmáticas partem das possibilidades de que o fundo lexical disponibiliza; o léxico é autônomo, por ser responsável pelas estruturas da língua para gerar a comunicação.

O léxico está submetido às regras da gramática de uma língua ao ser criado. No entanto, o léxico pode ser considerado autônomo, porque contém os significados, e a gramática não teria unidades para normatizar.

³ Tradução: seguintes tipos de estruturas: estruturas sintáticas, estruturas morfossemânticas, estruturas puramente semânticas, estruturas fonológicas.

O léxico contém as estruturas que formam as palavras, porque é o elemento provedor de conceitos e de significados da língua, de modo que a provisão pode se dar em estruturas regulares ou irregulares.

Basílio (2009, p. 9) chama a atenção para uma importante função do léxico, quando afirma que

o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

E observa que o léxico pode ser externo ou interno (mental). O léxico interno “corresponde ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas.” O fundo lexical está no léxico interno (Id., Ibid., 2009, p. 10). O léxico externo é “o conjunto de palavras que pode ser verificado nos enunciados da língua ou verificado nos dicionários” (Id., Ibid.).

Conforme Lobato (2010, p. 46),

existe um léxico na mente dos falantes/ouvintes de uma língua e esse léxico envolve propriedades que permitem as relações sintagmáticas e paradigmáticas da língua, sendo esse léxico pelo menos em parte compartilhado pelos falantes/ouvintes de uma comunidade linguística.

No trecho citado, a autora define léxico interno. Esse léxico possibilita a ativação da competência lexical do falante quando ele escolhe o lexema a ser empregado em determinada construção. Basílio (2007, p. 98) menciona que competência lexical é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Normalmente, o falante de uma língua domina as propriedades das palavras, por isso podemos afirmar que ele tem essa competência. O conhecimento do léxico externo e interno gera o emprego de construções da língua com propriedade vocabular, que definimos como características de empregar a palavra de modo adequado ao contexto enunciado.

Para dominar uma língua, além de saber regras gramaticais, é necessário conhecer o conjunto de palavras da língua, de modo que saiba selecionar as combinações sintático-lexicais possíveis. Destarte, “é necessário conhecer o valor semântico que cada palavra possui” (FAULSTICH, 2010b, p. 41). Assim sendo, “a escolha cuidadosa de palavras, para que os termos adquiram propriedade, torna a frase

mais logicamente construída e, conseqüentemente, o texto compõe-se de maneira concatenada, objetiva e clara” (Id. Ibid., p. 56). O dicionário, por ser um inventário lexical, oferece condições para que o consulente utilize as palavras nas modalidades falada e escrita da língua com propriedade vocabular.

Para Chafe (1979, p. 107), “as unidades lexicais têm várias propriedades que as distinguem de unidades Semânticas de outros tipos”, cabe ao usuário da língua dominar essas propriedades por meio do uso de dicionário. Há impropriedade vocabular quando é identificável repetição de palavras, uso da palavra fora do sentido apropriado ao nível da linguagem, emprego indevido de neologismo e de parônimo.

Uma das razões da ocorrência de repetição de palavras é a “pobreza vocabular”, que pode ser solucionada por meio da consulta às relações semânticas no dicionário. Os sinônimos, hiperônimos, holônimos, por exemplo, servem como recursos de coesão lexical na modalidade de coesão por remissão, que consiste na reativação de referentes. A coesão lexical consiste no “procedimento da associação semântica entre palavras, pois atinge as relações semânticas que se criam entre as unidades do léxico”, segundo Antunes (2005, p. 125).

Outro modo de repetição de palavras é a redundância, que é um vício da linguagem e que pode ser eliminado quando se entende o significado das palavras. Por exemplo, imaginamos que, se o autor de um texto escreve “surpresa inesperada”, cometeu um erro de redundância, visto que há a definição “fato inesperado” na acepção 3 do verbete *surpresa*, em Houaiss (2009). Logo, algo que é surpresa equivale a fato inesperado, então a enunciação “surpresa inesperada” é repetitiva no conceito de fundo.

Casos de uso da palavra fora do sentido apropriado, no nível da linguagem, dá-se pela impropriedade vocabular, no emprego de lexema em sentido figurado no gênero acadêmico. Nesse contexto, a escrita se faz em linguagem formal.

Cabe comentarmos ainda, o emprego de neologismos em produção textual acadêmica pode ser resultado da falta de propriedade vocabular. O neologismo “constitui, assim, uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova atribuída a um elemento existente, ou então uma unidade recebida de um outro código.” (ALVES, 2002, p. 207). Assim, o emprego de neologismos em textos que exigem a linguagem formal, pode dificultar a compreensão do significado, já que não estão registrados no dicionário.

Os parônimos por serem diferentes, com pronúncia e grafia parecidas, podem confundir o escritor, como no caso de *infligir* (pena, castigo) e *infringir* (desobedecer, violar). A paronímia pode ser resolvida com a consulta a dicionário.

Observamos que, para a compreensão do léxico da língua, a interseção entre as áreas da Linguística é fundamental, visto que o conjunto de palavras é o ponto de encontro de outros domínios do saber. Mais adiante, discutiremos a relação entre o léxico e as outras áreas afins, para verificar a função no léxico, e o liame que possui com outros domínios da Linguística. O léxico possui confluência com a Sintaxe, a Morfologia, a Fonologia, a Semântica e a Pragmática. Nas subseções subsequentes, justificaremos como se dá a interface do léxico com as áreas da Linguística.

1.1.1 Léxico e Sintaxe

Em continuidade, citamos Lamb (1972, p. 50), para quem “a Sintaxe tradicional de uma língua específica como os lexemas podem ser combinados para formar orações. Mas há algo na Sintaxe dos sememas que especifica como os sememas podem vir a ser combinados.” As possibilidades de combinações estão relacionadas às propriedades dos lexemas. Assim sendo, em um nível formal da linguagem, a sentença “Pedro bateu as botas” está sintaticamente correta, pois há sujeito, verbo e complemento, o que denota que a combinação é previsível na língua portuguesa. Os lexemas estão na ordem aceitável e exercem funções sintáticas prescritas na gramática. No entanto, o conjunto de traços distintivos entre a fraseologia *bater as botas* e os lexemas verbos *morrer* e *falecer* são diferenciados. *Bater as botas* possui traço informal, já *morrer* e *falecer* não. O lexema *falecer*, por ser mais formal que *morrer*, apresenta traço que ameniza o efeito da morte, logo é de caráter eufêmico. Assim, para designar o estado de falta de vida, podemos utilizar essas lexias, que não são sinônimos perfeitos, por isso, não só é suficiente apenas a estrutura sintática para combinar lexemas, mas também é necessário analisar as propriedades das palavras para verificar a adequação ao contexto. Niklas-Salminen (1997, p. 155) afirma que “L’étude des rapports entre le lexique et la syntaxe concerne les relations que les mots entretiennent en contexte (niveau syntagmatique)⁴”. A comprovação da ligação entre o léxico e a Sintaxe pode ser observada no estudo das

⁴Tradução: O estudo das relações entre o léxico e a sintaxe diz respeito às relações que as palavras estabelecem em contexto (nível sintagmático).

regências verbais, por exemplo. Como prova disso, basta observar as informações linguísticas do verbete *aspirar* do Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010):

v.t.d. 1. Atrair (o ar) aos pulmões; respirar; inspirar: “*E com os lábios entreabertos aspirou com delícia a aura impregnada de perfumes*” (José de Alencar, *Cinco Minutos*, p. 74). **2.** Atrair por meio de formação de vácuo ou de rarefação do ar: *Utilizaram bombas para aspirar a água extravasada*. **3.** Aplicar o olfato a; cheirar: “*Félix deu alguns passos na sala, aspirou as flores que tinham sido postas numa jarra*” (Marchado de Assis, *Ressurreição*, pp. 20-21); **4.** Sorver (por sucção), sugar: Velhos tempos aqueles em que os médicos usavam ventosas para aspirar o sangue. **5.** E. ling. Pronunciar com aspiração (3): *Os ingleses aspiram o agá*. **T.i. 6.** Desejar ardentemente; pretender: “*Minha alma ó Deus, a outros céus aspira*” (Antero de Quental, *Sonetos*, p. 188); **Int. 7.** Respirar (1): “*Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico alevantou-se. Aspirava com ânsia, como se aquele ambiente tépido não bastasse a saciá-lo*” (Alexandre Herculano, *Eurico*, o Presbítero, p. 265) **8.** Soprar: *A brisa aspirava brandamente*.

Verificamos que, nas acepções de 1 a 5, há significados que precisam ser usados com objeto direto, em razão do verbo ser transitivo direto, conforme a marca em itálico. A acepção 6 possui outra significação que pode ser observada pela mudança de transitividade, tendo em vista que o verbo é intransitivo quando tem significado de desejar. Assim sendo, há casos em que a alteração do significado muda a transitividade.

Além disso, a identificação dos papéis semânticos nas sentenças serve para comprovar que não basta dominarmos as regras sintáticas, é necessário conhecer o léxico. Em sentenças, há o evento e os participantes, sendo que o verbo é um predicado que estabelece propriedades entre argumentos. Os argumentos, por sua vez, são os lexemas selecionados. “Assim, os participantes em um evento denotado pelo verbo são os argumentos do verbo[...]. Os predicados têm estrutura argumental, isto é, os predicados possuem lacunas a serem preenchidas pelos argumentos que selecionam” (MIOTO, SILVA & LOPES, 2007, p. 121). Os argumentos desempenham papéis. A quantidade de argumentos de um predicado e de papéis que esse predicado terá que atribuir será sua grade semântica. Como exemplo, na sentença *O menino deu o presente para a garota*, a grade semântica do verbo *dar* seleciona três argumentos. O sintagma nominal [*o menino*] desempenha o papel semântico de ser agente, que é “a entidade causadora de alguma ação” (Id., *Ibid.*, p. 126). Destarte, como tal entidade deve ser capaz de realizar ação, só seres animados podem ocupar essa posição sintática. O sintagma verbal [*o presente*] é realizado com o papel de tema ou paciente, entendido como “entidade que sofre o efeito de alguma ação” (Id., *Ibid.*). O sintagma preposicional [*para a garota*] é realizado como benefactivo por ser “entidade que se

beneficia de algum evento” (Id., Ibid.). Apesar de o verbo *dar* selecionar três argumentos, há diversas opções de lexemas para ocupar o lugar desses argumentos. O estudo dos papéis semânticos pode ser usados para mostrar como a propriedade vocabular interfere nas combinações sintáticas.

Como a Sintaxe foca em explicar as combinatórias das palavras. Essa combinatória está relacionada ao léxico, porque as palavras são empregadas com base na análise das “possibilidades combinatórias nas cadeias frasais” (KRIEGER, 2006, p. 160). Essa discussão mostra que o léxico de uma língua tem lugar central na Sintaxe, que “décrit les propriétés grammaticales des mots de la phrase. Par exemple, la descripton syntaxique des verbes contient, pour chaque verbe, le type de ses compléments, les prépositions qui introduisent ces compléments, la possibilité de pronominaliser ces compléments, etc.”⁵ (SILBERSTEIN, 1995, p. 38).

Para estudar o léxico, as regras são fundamentais, porque, para estudar a gramática, é necessário considerar as peculiaridades da propriedade lexical e, para que o léxico funcione, precisa estar no entorno das regras gramaticais. A interface léxico e gramática é inegável, contudo é o léxico que efetiva a comunicação, o que pode ser comprovado por meio da análise da afirmativa de Rio-Torto (2012, p. 8), ao mencionar que

o estudo duma língua, mormente quando se trata de L2, não se pode confinar ao estudo das regras gramaticais, pois com apenas o domínio destas as competências para usar a língua em aprendizado não serão muito incrementadas. Já a proficiência é tanto maior e melhor quantas mais unidades do léxico soubermos manusear. Com o conhecimento da gramática, a capacidade de comunicação é escassa. Com o conhecimento do léxico, por muito que o domínio das regras gramaticais seja deficitário, pode-se transmitir muita informação.

Diante do que discutimos, a relação entre o léxico e a gramática é indiscutível. Na subseção a seguir, abordamos sobre o liame entre o léxico e a Morfologia.

1.1.2 Léxico e Morfologia

Por ser dinâmico, o léxico “apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação

⁵ Tradução: descreve as propriedades gramaticais das palavras da frase. Por exemplo, a descrição sintática dos verbos contém, para cada verbo, o tipo de seus complementos, as preposições que introduzem esses complementos, a possibilidade de pronominalizar esses complementos, etc.

de novas unidades no léxico como um todo e também na aquisição de palavras novas por parte de cada falante” (BASILIO, 2009, p. 9). Desse modo, está, na Lexicologia, a identificação das propriedades dos lexemas, a análise da regularidade e as características das palavras, na interface com a Morfologia para formar novas palavras. Cabe ao lexicógrafo aproveitar esses estudos, para depreender os atributos das palavras. Nessa direção, Biderman (2001a, p. 16) afirma que

tradicionalmente os estudiosos da Lexicologia ocupam-se da problemática da formação de palavras, província em que essa ciência confina com Morfologia, dita lexical. Os lexicólogos vêm-se dedicando também ao estudo da criação lexical.

De fato, é comum encontrar, em manuais de linguística, referência à subárea Morfologia Lexical. A subdivisão da área é feita para explicar o funcionamento dos processos de formação de palavras motivados pelo léxico provedor, no qual o significado do lexema se origina. Por exemplo, na composição de lexia composta *lava-louça*, a formação se dá na composição base verbal e base nominal. “Composições verbo+substantivo têm como produto palavras que caracterizam indivíduos ou objetos por sua função ou atividade, especificada nos termos da composição” (BASÍLIO, 2007, p. 74). O resultado dessa composição por justaposição é a formação de substantivo, pois os indivíduos e objetos são designados. Destarte, a função desse processo de formação de palavra é Semântica, já que há alteração do significado. No exemplo dado, a regra para a formação da lexia composta é base + base. A junção dessas bases designa a máquina que serve para lavar louça, sendo que esse significado é dado pelo léxico provedor e a Morfologia apresenta a estrutura.

1.1.3 Léxico e Fonologia

Consideraremos, brevemente, nessa discussão, a combinação Fonologia e léxico. O léxico organiza-se em estratos, que são os domínios em que atuam as regras morfológicas e fonológicas (KIPARSKY, 1985). O número de estratos varia de uma língua para a outra, por isso cada língua tem o seu padrão fonológico para constituir as sílabas dos lexemas.

Os lexemas são formados com base nos estratos previstos pela Fonologia de cada língua, com exceção de alguns empréstimos que, nem sempre, obedecem às regras da língua que os recebe. A Fonologia disponibiliza os sons e a entonação para que o

significante seja pronunciado, oferece o “padrão acentual baseado em tonicidade e duração” que ocorre na pronúncia do léxico (BASÍLIO, 2009, p. 16). Se surge necessidade de construção de neologismos vernaculares, estes obedecem aos padrões silábicos da Língua Portuguesa. A Fonologia, é, por conseguinte, uma entidade que concorre, assim, para alterar o significado de um lexema, uma vez que o valor distintivo entre fonemas produz mudança fonológica, que atua na estrutura do morfema e acarreta alteração no significado dos lexemas, como em *cama*, *cana* e *canha*, entidades fonológicas, morfológicas e léxicas diferentes na língua portuguesa.

Na dissertação de mestrado de Mendes (2004, p. 60), o gênero *capitão/capitã* é explicado pela aplicação dos princípios da Fonologia lexical (BISOL, 1998 apud Mendes, 2004, p. 60) da seguinte maneira: “fica proibida a ligação de uma vogal ao elemento nasal por meio de uma única linha de associação, posto que, no sistema fonológico do português, não há vogal puramente nasal, mas apenas 7 vogais orais.” Assim sendo, no lexema *capitã*, a vogal baixa /a/ funciona como morfema flexional de gênero. Esse é um exemplo objetivo da atuação da Fonologia na Morfologia e desta no léxico, por meio de regras da língua.

1.1.4 Léxico e Semântica

A subárea da linguística fundamental no liame com o léxico é a Semântica. Na literatura, a Semântica é a disciplina das significações, é o estudo da linguagem (BRÉAL, 1897); para Lyons (1984, p. 9), é o estudo do significado; conforme Guiraud (1972, p. 5), é o estudo do sentido das palavras. Bréal apresenta um conceito abrangente, mas importante porque foi o primeiro a definir Semântica. Mecz (2006, p. 8), ao afirmar que “a Semântica é uma disciplina Linguística que tem por objeto a descrição das significações próprias às línguas e sua organização teórica”, é modernamente, quem apresenta uma definição mais detalhada. Para nós, neste trabalho, a Semântica é a área da Linguística, e, ao mesmo tempo, disciplina que estuda o processo de significação das palavras nas línguas.

A Semântica se subdivide em formal (lógica), estrutural, argumentativa, cognitiva e lexical. Dependendo da abordagem da pesquisa, os princípios de uma ou mais dessas Semânticas são acionados.

A Semântica Lógica teve origem com os estudos de Frege (1892), embasada na lógica e na filosofia da linguagem. Outros representantes são Carnap, Kempson, Strawson, entre outros. Essa Semântica predominou em 1970, utilizando a abordagem referencial, que “lida com a referência no mundo das palavras” (CANÇADO, 2005, p. 151). Assim sendo, há análise das sentenças com julgamento do valor de verdade da proposição, observando as condições de verdade; define-se o significado como uma relação entre o símbolo e o objeto denotado no mundo em que está inserido (RASTIER, CAVAZZA, ABEILLÉ, 1994, p. 12). As proposições são interpretadas como “fórmulas de cálculo; pois o interesse se deslocou das relações de sentido para as operações resultantes”, considerando o “cálculo dos predicados e os valores lógicos dos conteúdos” (MECZ, 2006, p. 39).

Já a Semântica Estrutural, com predominância de 1930 a 1975, aproximadamente, entendia a linguagem como estrutura autônoma, tinha como preocupação a decomposição da significação por meio do uso da análise componencial. Os principais autores dessa Semântica foram Porzig, Weisgerber, Coseriu, Greimas, Pottier e Lyons. A Semântica Estrutural, denominada também como “Lexemática, é conhecida como um ramo da Lexicologia cuja função é o estudo do significado léxico no plano linguístico”, conforme Abbade (2012, p. 146). Cada palavra selecionada na comunicação releva “características sociais, econômicas, etárias, culturais etc. de quem a profere” (Id., Ibid., p. 141). Se a Lexemática se preocupa com a apresentação do significado, logo é essa disciplina “profícua para o resgate da identidade e história de um povo” (Id., Ibid., p. 151).

Sob influência de Ducrot, na França, em 1972, surge a Semântica Argumentativa cujo foco é a descrição do significado baseando-se na interação dos falantes sem priorizar a Sintaxe e o conteúdo objetivo da sentença. Emprega-se a abordagem Pragmática, que “estuda os usos situados na língua” (CANÇADO, 2005, p. 151). Em conformidade com essa abordagem, uma mesma sentença pode ter vários significados dependendo do uso (Id., Ibid., p. 141). Além de Ducrot, os principais autores dessa subárea da Semântica são Lakoff, Katz e Fodor.

A Semântica Cognitiva, por sua vez, tem como líderes principais Fillmore (1975), Lakoff (1987), Langacker (1972) e Geeraerts (1988). Essa Semântica tem como um dos objetivos a descrição da experiência mental por meio de pesquisa empírica, busca a descrição Semântica para o estudo do significado, constrói modelos cognitivos

baseados na experiência humana e na cultura. Desse modo, identificamos uma abordagem pragmática e mental, que “propõe que o sentido acontece no nível de representação mental” (CANÇADO, 2005, p. 141), mas de modo que está vinculada às experiências do falante.

A Semântica Lexical possui duas vertentes. Uma vertente interpreta o significado ligando a Semântica ao léxico e à Sintaxe, objetivando abordar as propriedades das palavras de uma língua, assim como faz Pustejovsky (1964). A outra vertente tem correlação com a Semântica Estrutural, ao tentar decompor o significado e, além disso, estuda as relações semânticas das palavras. O estudo do significado é de conhecimento da Semântica lexical.

A Lexicologia e a Semântica têm como um dos objetos de estudo as palavras e seus respectivos significados. “Embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa” (BIDERMAN, 2001a, p. 16).

O Léxico existe por ter conteúdo semântico que é o significado. A Semântica se preocupa em desvendar o significado. Logo, Léxico e Semântica se relacionam, porque todo Léxico possui significado, descrito com base na Semântica.

1.1.5 Léxico e Pragmática

É notória a ligação entre o léxico e a Pragmática. Na Linguística, a Pragmática se caracteriza pelo estudo da linguagem em uso. Segundo a definição de Charles Morris (1938 apud MARCONDES, 2000, p. 39), a Pragmática ocupa-se do estudo da “relação dos signos com seus intérpretes”. Com base em Vogt (1989), “a Pragmática deverá ser entendida como o estudo da atividade interindividual realizada no diálogo”.

Ao identificar a prática linguística, a Pragmática depara-se com construções de enunciados, que utilizam o léxico. Assim sendo, essa área auxilia a Lexicologia ao mostrar o léxico em uso. Na Pragmática, o significado linguístico se constitui considerando a interação entre falante e ouvinte no contexto de uso, nos elementos socioculturais pressupostos pelo uso e nos conhecimentos extralinguísticos. O Léxico é usado para fins de estratégias interativas.

Os lexemas surgem para atender às demandas sociais de designação das coisas do mundo. Desse modo, o léxico está relacionado à Pragmática, que apresenta o uso da língua. A aplicação dos princípios da Pragmática serve para mostrar o papel do léxico na constituição do sentido do enunciado e do sentido da enunciação.

1.1.6 Síntese

Reiteramos que o léxico possui interfaces com várias áreas da Linguística, tendo em vista que possui características sintática, morfológica, fonológica, semântica e pragmática. Assim, o léxico tem relação com outras áreas da Linguística, mas também tem certa interdependência em vista da autonomia que apresenta no uso. A figura, a seguir, ilustra nossa representação do léxico com outras áreas:



Figura 1: Representação do léxico e a interface com outras áreas da Linguística.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Concluimos que, mesmo o léxico sendo uma entidade autônoma, possui interface com outras áreas da Linguística pelas funções semântica, sintática, morfológica, fonológica e pragmática que executa na língua.⁶

⁶ Por causa da relevância do léxico, convém que as disciplinas Lexicologia e Lexicografia, sejam inseridas nos currículos dos cursos de Letras, já que o licenciado ou bacharel precisa saber explicar o funcionamento das línguas para entender os fenômenos linguísticos. Nesse contexto, os estudos do léxico são essenciais para esse entendimento.

Na próxima seção, apresentamos as feições da Lexicologia e da Lexicografia.

1.2 A LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA: O LÉXICO COMO OBJETO DE ESTUDO

O léxico é objeto de estudo da Lexicologia e Lexicografia. Como método, a Lexicografia ocupa com a elaboração de dicionários, enquanto a Lexicologia descreve, analisa e explica o léxico da língua, focando nos princípios que regem os lexemas. Tanto a Lexicologia quanto a Lexicografia são disciplinas da Linguística e constituem subáreas da Linguística, ciência que tem um objeto de estudo próprio: a língua e a linguagem. Cabe, então,

ao linguista buscar sistematizar suas observações sobre a linguagem, relacionando-as a uma teoria linguística construída para esse propósito. A partir dessa teoria, criam-se métodos rigorosos para a descrição das línguas (CUNHA, COSTA & MARTELOTTA, 2009, p.20).

A Lexicologia e a Lexicografia são disciplinas que se ocupam de objeto de estudo da Linguística e servem-se de métodos empíricos para descrição de línguas.

No verbete *Lexicologia* do Glossário de Faulstich (2013b), há as acepções e as notas a seguir:

1. Disciplina que estuda as unidades lexicais no funcionamento das línguas.
2. Disciplina que estuda os lexemas que são unidades linguísticas dotadas de características sistêmicas e que têm a propriedade de se referirem a entidades da realidade.
3. Lexicologia procura explicar a competência lingüística dos falantes de uma língua, através da análise do léxico daquela língua. Notas: A Lexicologia 1. opera com hipóteses teóricas que são refutadas ou validadas através da análise de amostras de uma língua. 2. descreve fenômenos da língua comum.

A Lexicologia, definida como disciplina que descreve o léxico interno e externo de uma língua, a fim de verificar como se dá o funcionamento do léxico do falante. Preocupa-se em explicar a competência do falante, as regras de produção lexical da língua que são, de fato, atributos sintático, morfológico, fonológico, semântico e pragmático do léxico. Para elaborar dicionário, o melhor caminho é a descrição do léxico oferecida pelos estudos lexicológicos. Assim, os estudos da Lexicologia são empregados pela Lexicografia no processo de sistematização dos dicionários.

No verbete *Lexicografia*, Faulstich (2013b) registra

- Lexicografia 1. Disciplina que faz o inventário de unidades lexicais e a análise das formas e das significações, observadas nos empregos discursivos

e consideradas de acordo com as implicações lexicais e gramaticais. 2. Técnica de elaborar dicionários, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular. Nota: A Lexicografia, disciplina da linguística, ocupa-se dos princípios teóricos necessários para a composição de dicionários. Ver dicionarística.

A Lexicografia, por sua vez, é a disciplina que, na elaboração de dicionário, ocupa-se da descrição das palavras. Então, se a Lexicologia apresenta essa descrição, a Lexicografia é “aplicação prática dos conhecimentos proporcionados pela Lexicologia” (CASARES, 1969, p. 10-11). Além disso, a Lexicografia, para confeccionar os dicionários, apresenta reflexões teóricas sobre a metodologia dessa confecção.

A figura nos mostra um esquema representativo a respeito da Lexicologia e da Lexicografia.

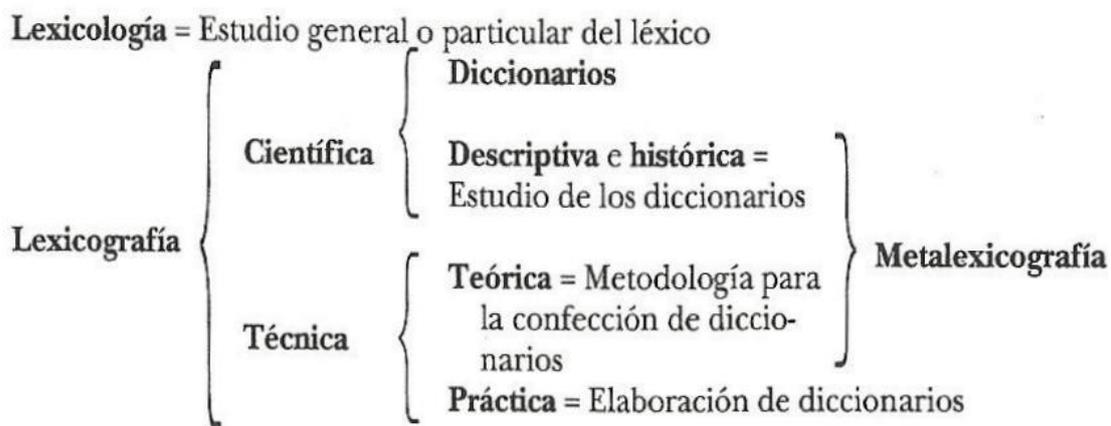


Figura 2: Lexicologia e Lexicografia.
 Fonte: (PORTO-DAPENA, 2002, p. 23)

Porto-Dapena (2002) subdivide a Lexicografia em científica e técnica; e esta em teórica e prática, enquanto a científica pode ser descritiva e histórica. A Lexicografia se ocupa da descrição do léxico, obtida pela análise de dicionário. O estudo dos dicionários cabe à Lexicografia descritiva e histórica com base em enumeração de detalhes e descrição de características diacrônicas das obras lexicográficas existentes. A Lexicografia técnica-teórica apresenta os princípios teóricos e metodológicos para elaboração de dicionários. A Lexicografia prática executa o processo de elaborar dicionário e coincide com a Lexicografia técnica, que é a arte de fazer dicionários (PORTO-DAPENA, 2002, p. 21). A Lexicografia de ordem teórica consiste no estudo de dicionários e obras lexicográficas já elaboradas (Ib., Ibid., p. 20). Para a execução dessa arte, são empregados os procedimentos metodológicos da teoria lexicográfica, de modo que o dicionário é o resultado da Lexicografia prática. A Lexicografia científica e

técnica é a metalexigrafia, que, segundo Faulstich (2010c, p. 170-171), constitui-se como

conjunto de operações lexicais que combinam forma e conteúdo para chegar ao significado de uma palavra. Para esse fim, os procedimentos metalexigráficos são de natureza durativa, porque analisam, sob o ponto de vista teórico, os conceitos básicos que servem à Lexicografia, antes de estes serem, na prática, empregados na elaboração de dicionários.

Por isso, a metalexigrafia é abrangente, pois há necessidade de seleção da teoria para aplicação. Desse modo, a metalexigrafia, além de analisar os dicionários existentes, recorre aos princípios e às propostas metodológicas previstos na literatura para o processo de confecção de repertórios lexicográficos. Podemos concordar com Porto-Dapena (2002, p. 23), quando sintetiza que “a Lexicografia é a disciplina que se ocupa de tudo concernente aos dicionários, tanto no que se refere a seu conteúdo científico (estudo do léxico), como no que diz respeito à elaboração material e às técnicas adotadas na realização ou, enfim, à análise de dicionários”.

Além disso, podemos incluir também a Lexicografia computacional que, “além de preocupar-se com a representação da informação lexical de maneira integrada, interessa-se pelo enriquecimento automático dos dicionários a partir de *corpus* textuais” (LORENTE, 2004, p. 28). Essa Lexicografia tem a tendência de cada vez mais ser empregada devido às demandas da sociedade atual que prefere consulta mais rápida, que pode ser obtida por meio de uso de programas computacionais implementados em obras lexicográficas. Para a criação desses programas, “o léxico fornece ao sistema o conhecimento linguístico necessário ao emprego das palavras da língua no processamento da linguagem”, conforme Pria (2008, p. 200). Antes de o léxico ser formalizado por meio da linguagem artificial, as propriedades linguísticas são descritas e a Lexicografia sistematiza o conhecimento lexical a ser descrito no sistema computacional.

O léxico descrito pela Lexicologia é apresentado pela Lexicografia por meio do dicionário, que possui características específicas que atendem as demandas de práticas sociais ao fornecer informações linguísticas a respeito do lexema. Na próxima seção, apresentamos os atributos do dicionário.

1.3 O DICIONÁRIO: CARACTERÍSTICAS

Podemos dizer que o dicionário constitui um tipo de gênero textual com informações linguísticas esclarecedoras acerca do significado das palavras. Segundo Marcushi (2008, p. 155), gênero textual é “texto materializado em situações comunicativas recorrentes”. As situações comunicativas que levam um consulente ao são provocadas pelo uso para fins específicos. Nesses termos, as funcionalidades que esse livro possui são motivadas por práticas sociais. Como exemplo das funcionalidades do dicionário, há as consultas sobre grafia, informação gramatical e etimológica, contextos, divisão silábica, pronúncia, significado, sentido, nível da linguagem, área de especialidade, fraseologia, entre outras. A materialização nas situações se dá em contextos usuais e esse texto possui “padrões sociocomunicativos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados” (Id., Ibid.). Esses padrões constituem a estrutura do dicionário que é formado pela macroestrutura e pela microestrutura, com o objetivo de aperfeiçoar a competência lexical do falante.

A microestrutura “é formada pelo conjunto de informações que compõem os verbetes; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada” (FAULSTICH, 2010c, p. 169). A macroestrutura é o “conjunto da obra, todos os aparatos de ordenação” (Id., Ibid.), constitui os elementos de composição de um dicionário, tais como: prefácio, introdução, informações a respeito da organização da obra, referências bibliográficas, entre outros.

O dicionário deve atender às demandas das práticas sociais dos consulentes. Assim sendo, o dicionário deve oferecer os usos do léxico da língua-alvo num contexto sociocultural. Concordamos com Rey-Debove (1998, p. 118), quando afirma que “le dictionnaire est notre mémoire lexicale”. Há consonância com essa afirmativa, uma vez que o dicionário apresenta o conjunto de palavras usado pela sociedade que fala a língua. Por isso, o lexicógrafo registra os lexemas que podem ser recuperados da memória lexical da sociedade que emprega a língua.

Além disso, a obra lexicográfica “é um instrumento normatizador, já que, no corpo lexicográfico, há sempre uma grande preocupação com o ‘bom uso’ da língua” (FAULSTICH, 2010c, p. 173). Diante disso, notamos que, embora o dicionário apresente os usos do léxico da língua, há prioridade para o registro da norma padrão. No entanto, os usos desprestigiados que estão inseridos na sociedade são completados e

indicados por meio de marcas de usos. O registro das variantes linguísticas no dicionário é essencial por contemplar os usos da língua, de modo que o consulente terá acesso ao léxico real também.

Diante da diversidade de informações que o dicionário deve conter, “os lexicógrafos devem conhecer muito bem a língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso de idioma de longa tradição cultural, como é o caso do português. Devem conhecer igualmente variantes faladas na língua” (BIDERMAN, 1984, p. 29). Para que seja produzida obra lexicográfica representativa, é necessária a inclusão de conhecimentos linguístico e cultural da sociedade. Tais conhecimentos podem ser observados no verbete, que “constitui a microestrutura da obra” (FAULSTICH, 2011, p. 191).

Descreveremos a microestrutura de um dicionário. O verbete é constituído pela palavra-entrada e por toda informação sobre essa palavra-entrada, de modo que o verbete é um artigo do dicionário. “Cada um dos sentidos especiais ou gerais é o que em Lexicografia constitui uma acepção” (CASARES, 1984, p. 76).

A entrada é “unidade léxica, também chamada de ‘cabeça de verbete’ ou lema, que comanda todas as informações que compõem o verbete” (FAULSTICH, 2011, p. 191). A entrada, denominada também como palavra-entrada, apresenta o lexema na forma canônica.

Em seguida, há as informações gramaticais que podem ser de indicação de classe gramatical, gênero, transitividade verbal, conjugação verbal. Pode haver também informação morfológica sobre “flexão, composição, derivação (identificação do radical e dos afixos)” (CASTILHO & ELIAS, 2012, p. 21). Um exemplo de descrição morfológica pode ser visualizado no verbete -izar do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009):

terminação

de v. da 1ª conj., com caráter frequentativo (*agonizar, arborizar, fiscalizar* etc.) ou causativo (*civilizar, humanizar, realizar, suavizar* etc.); os muitos v. da língua com essa term. são regulares; quando essa term. é precedida de vogal (*ajuizar, arcaizar, desajuizar, desenraizar, desjuizar, desraizar, emboizar, enraizar, europeizar, hebraizar, judaizar, plebeizar*), o *i* se faz graficamente acentuado nas f. rizotônicas (*-aízo, -eízo, -uízo, -aíze, -eíze, -uíze* etc.)

Nesse verbete, é farta a informação sobre a formação de palavras com o sufixo -izar.

A definição “é um enunciado que expõe de forma sumária as características genéricas e específicas, de um objeto, inserindo-o num determinado campo do conhecimento” (FAULSTICH, 2011, p. 195). No texto da definição, é possível observarmos a visão de mundo da sociedade. Um exemplo disso é a definição do verbete *mulher* que será diferente no mundo ocidental e oriental, visto que os conceitos e costumes são distintos.

As definições se organizam por tipologia: aristotélica (lógica, intensional, inclusiva ou analítica), sinonímica, extensional (ostensiva), enciclopédica, terminológica, oracional, morfossemântica (relacional) e por oposição (negativa). Normalmente, os dicionários apresentam mais de um tipo de definição, visto que o significado pode ser mais compreensível ao ser descrito por um certo tipo de definição do que por outro, dependendo da coisa a ser definida.

Segundo Aristóteles (apud GARCÍA MAYNEZ, 1958, p. 46), a definição, composta por gênero próximo, espécie e as diferenças específicas, tem por objetivo determinar a essência das coisas. O gênero próximo corresponde à categoria. As diferenças específicas são as propriedades da coisa descrita que a diferenciam de outra coisa da mesma categoria e correspondem aos traços distintivos. Por exemplo, para definir micro-ondas e forno elétrico, é indispensável informar que pertencem à classe eletrodoméstico, logo a característica comum entre esses objetos é serem forno elétrico de uso doméstico. A diferença entre esses fornos é que o micro-ondas funciona por meio de radiação emitida por micro-ondas e serve para descongelar, aquecer, cozinhar e assar alimentos; enquanto o forno elétrico pode ser usado para aquecer, assar e grelhar alimentos com apenas o uso de eletricidade, mas sem ondas. Como consequência disso, os procedimentos feitos no micro-ondas geram resultados mais rápidos. As definições aristotélicas que propomos para forno elétrico e micro-ondas são, respectivamente: forno eletrodoméstico usado para aquecer, assar e grelhar alimentos; forno eletrodoméstico que serve para descongelar, aquecer, cozinhar e assar alimentos e funciona por meio de radiação emitida por micro-ondas.

A definição sinonímica é feita por meio de uma listagem de sinônimos, entendidos como palavras que estão numa “relação de identidade, de equivalência com o conceito entrada em um contexto específico”, de acordo com Faulstich (1995, p. 287). A relação de sinonímia é de implicação bilateral, ou simétrica, e assenta na partilha de propriedades definitórias e funcionais em comum (LYONS, 1984, p. 292). Nos

dicionários, os adjetivos e os verbos geralmente apresentam definição por sinonímia. Entretanto, nem sempre esse tipo de definição esclarece ao leitor o significado da coisa, já que apenas serve como um caminho remissivo, para que a compreensão seja obtida. O lexema *alegre* do Dicionário de usos do Português do Brasil é definido por sinônimos, vejamos: “1 contente; 2 feliz; 3 (coloq) levemente embriagado; tocado; 4 satisfeito; 5 festivo; 6 lépido; 7 divertido; 8 vistoso; vivo; [...]” (BORBA et al., 2002, p. 54). Com vistas a que haja compreensão do significado, o consulente precisa conhecer os significados dos sinônimos. Ademais, como são raros os sinônimos perfeitos, ele precisa saber em que contexto pode substituir um adjetivo por outro, por exemplo.

A definição extensional ou ostensiva caracteriza-se pela enumeração de todos os conceitos pertencentes ao mesmo nível de abstração ou de todos os objetos individuais pertencentes ao conceito que se está definindo (DIEGO, 1987, p. 52-53). Um exemplo disso é o lexema *eletrodoméstico* definido por uma sequência de membros dessa categoria, como: bateadeira, ferro de passar roupa, fogão, liquidificador, máquina de lavar roupa, entre outros. Essa definição não é adequada, pois não explicita o que é a coisa, apenas a tipifica.

A definição enciclopédica possui “descrição exaustiva da coisa nomeada” (LARA, 1989, p. 138). Assim, o enfoque se dá na apresentação de informações extralinguísticas que abrangem o conhecimento de mundo dos falantes da língua. Ao transformar a definição de micro-ondas no tipo enciclopédica, o resultado é o seguinte: forno eletrodoméstico que funciona por meio de radiação emitida por micro-ondas, possibilitando a preparação rápida de alimentos, de modo que o aquecimento ocorre por causa da excitação das moléculas. Observemos que neste tipo de definição, existem informações complementares.

A definição terminológica, por sua vez, descreve o conceito por meio do uso de termos de áreas de especialidade. Esse tipo de definição pode ser exemplificada em normas da ABNT. Um exemplo disso é a definição do termo complexo *colchão de espuma flexível de poliuretano*, definido como “bem de consumo destinado ao repouso humano, constituído, parcial ou integralmente, por lâmina(s) flexível (is) de poliuretano, devidamente revestido” (NBR 13579, 2011, p. 1). Lâmina(s) flexível (is) de poliuretano são termos relativos à configuração do colchão. Mas, para a melhor compreensão da definição, é necessário saber o significado dos termos que representam o conceito em questão.

Faulstich (2013a) defende que a definição terminológica deve conter dois moldes, a saber: o que é X e para que serve X, sendo que “X (signo, objeto) condensa Y (significação, discurso)”. Assim, a definição seria canônica por apresentar a estrutura ‘gênero + espécie’” quando descreve que X é Y. Além disso, a definição seria também “pragmática”, já que “explicita ‘para que serve o objeto’”, visto que se elucidam as funcionalidades de X como “uma forma complementar de elucidar significados”. Nesse molde de definição, “os verbos ser [é] e servir [serve] são funcionais, cada um exerce um papel no significado.” A autora exemplifica esse tipo de definição com vários exemplos, entre os quais destacamos a do termo ‘medicamento’ que “é produto farmacêutico que serve para fins profilático, curativo, paliativo ou de diagnóstico”, adaptada da Lei n. 5.991, de 17 de dezembro de 1973, art. 4º. O texto definitório “produto farmacêutico” (Y) é subclasse da classe medicamento (X). A predicação “que serve para fins profilático, curativo, paliativo ou de diagnóstico” é pragmática factitiva, tendo em visto que a proposição descreve a funcionalidade de X.

Outro tipo de definição é a oracional. Segundo Carvalho (2011, p. 96), “falar em definições oracionais significa simplesmente dizer que existem enunciados completos, sem delimitação de uma tipologia estrutural.” Desse modo, para a definição oracional, a descrição do significado é feita com informações de conhecimento de mundo do público-alvo e com a linguagem de fácil compreensão evitando terminologia. No texto definitório, há emprego das formas “você, alguém, algo, que ampliam o diálogo com usuário, aproximando-o do contexto explicitado do verbete por meio de expressões como *nós*, *a gente*” (Id., Ibid.). Ademais, os conectivos *quando*, *se*; o pronome *quem*, os verbos *chamar*, *dizer* são utilizados no corpo da definição. Um exemplo desse tipo de definição é a de ‘tombamento’ “ocorre quando o veículo em movimento tomba lateral ou frontal e permanece imobilizado” (BARBOSA, 2009, p. 125). Ao invés de a definição começar com o hiperônimo acidente, como definição lógica, o texto definitório inicial da definição apresenta os lexemas “ocorre quando”, de modo menos específico, caracterizando assim a definição oracional.

A definição morfossemântica (relacional) “informe sur la formation du mot d’entrée et établit un lien entre la signification de celui-ci et sa formation [...], il faut pouvoir reconnaître la base dans le term défini⁷” (NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 102).

⁷ Tradução: informa sobre a formação da palavra de entrada e estabelece uma ligação entre a significação desta com sua formação [...], é preciso poder reconhecer a base dentro do termo definido.

Esse tipo de definição apresenta a base que pode levar até outra palavra-entrada que deve ser definida. Um exemplo é a definição dos advérbios terminados pelo sufixo -mente. A acepção 1 do lema *simplesmente* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) é definida como “de modo simples; com simplicidade”. Assim sendo, o consulente pode se dirigir ao verbete *simples* ou *simplicidade* para a compreensão do significado. Entretanto, se a base não for definida ou se for definida de modo que gere circularidade, o significado não ficará claro, o que pode se tornar inadequado na comunicação que o dicionário quer passar.

A definição por oposição não é indicada nos dicionários, pois não leva o consulente ao significado. Niklas-Salminen (1997, p. 105) afirma que essa definição

est souvent utilisée pour les couples ou groupes de mots qui sont dans une relation d’antonymie. L’antonomie désigne un rapport entre deux termes de sens contraires. Si l’antonymie est marquée morphologiquement (utile vs inutile), l’élément dérivé peut toujours être défini morphosémasiquement (qui n’est pas utile)⁸.

Seja qual for o tipo de definição, o texto definitório deve apresentar o protótipo da coisa descrita, e não o estereótipo. Os conceitos de protótipo e estereótipo serão discutidos na seção 3.2.1. A fim de que possamos discutir a relevância de o dicionário apresentar o protótipo na construção do significado, transcreveremos o verbete *caipira* do dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa (2009):

caipira *Datação:* 1872

□ **adjetivo de dois gêneros**

- 1 que vive no campo ou na roça; roceiro
- 2 que tem hábitos e modos rudes, ger. devido a pouca instrução ou escasso convívio social
- 3 próprio de caipira (acp. 6 e 7)

*Exs.: dialeto c.
jeito c.*

4 **Derivação: sentido figurado.**

que é tímido, acanhado, pouco sociável

5 **Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil.**

relativo a festa junina

Ex.: roupa c.

□ **substantivo de dois gêneros**

- 6 indivíduo natural ou habitante de região rural
- 7 indivíduo simplório, ger. habitante do campo, de pouca instrução e modos pouco refinados

⁸ Tradução: é frequentemente utilizada para os pares ou grupos de palavras que estão numa relação de antonímia. A antonímia designa uma relação entre dois termos de sentidos contrários. Se a antonímia é marcada morfologicamente (útil vs inútil), o elemento derivado pode sempre ser definido morfossemanticamente (que não é útil).

8 Rubrica: ludologia. Regionalismo: Nordeste do Brasil.

certo jogo de azar comum entre a população humilde, com um tabuleiro de seis casas numeradas e um dado ou roleta

Do ponto de vista da sociedade brasileira, caipira é o indivíduo que vive na zona rural por trabalhar em roças localizadas em fazendas ou sítios. O local de trabalho desse indivíduo é longe de cidade, o que justifica o fato de existir caipiras com pouco convívio social e com falta de acesso à escolarização. No entanto, as acepções 2 e 7 são construídas com base na visão de mundo em relação à coisa descrita, gerando assim o estereótipo. Segundo Lara (1996, p. 185), “un estereotipo no es un conjunto de propiedades fácticas del objeto, sino una construcción elaborada por la sociedad en su memoria de experiencias compartidas en relación con el objeto.”⁹ Observemos que, na acepção 2, o lexicógrafo utilizou a adjetivo “rude” para se referir ao caipira, e “rude” tem as seguintes acepções:

rude *Datação: sXIV*

□ **adjetivo de dois gêneros**

- 1 não cultivado; agreste, inculto
Ex.: terreno r.
- 2 que apresenta asperezas; áspero, rugoso
Ex.: tecido r.
- 3 desagradável, duro, insensível
Ex.: comentários r.
- 4 áspero no trato; grosseiro, incivil, indelicado,
- 5 falta de inteligência, de instrução, de sensibilidade; ignorante, boçal, estúpido
- 6 desprovido de beleza, de leveza; tosco, pesado
Ex.: construções r.
- 7 primário, primitivo
Ex.: povos r.
- 8 imprevisto e rápido; brusco, pesado, impulsivo
Ex.: movimento r.
- 9 duro, difícil, árduo
Ex.: a vida r. dos lavradores
- 10 difícil de suportar; rigoroso
Ex.: clima r.

Notamos que o acréscimo do adjetivo *rude* à definição de caipira cria mais estereótipo social, já que *rude* tem significados depreciativos, como áspero no trato; grosseiro, incivil, indelicado, falta de inteligência, de instrução, de sensibilidade; ignorante, boçal, estúpido. Esses adjetivos são predicados que distorcem o significado de “caipira”.

⁹ Tradução: um estereótipo não é um conjunto de propriedades reais do objeto, é uma construção elaborada pela sociedade com base em sua memória de experiências partilhadas em relação ao objeto.

Borba (2003, p. 309) chama atenção: “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”. Assim sendo, o dicionário registra o léxico de uma língua que representa uma cultura vinculada às ideologias. “A ideologia é necessariamente veiculada pela linguagem em sua função de interação social.[...] E é pelo léxico que se pode avaliar a ideologia vigente num determinado grupo em determinada época” (Id, Ibid., p. 307). Contudo, o lexicógrafo, ao descrever o léxico, deve considerar os aspectos culturais com base nos protótipos da sociedade, desvinculando-se dos estereótipos, uma vez que os dicionários são instrumentos pedagógicos que devem apresentar os significados em respeito aos direitos humanos, valorizando a diversidade política, social, religiosa, econômica, entre outras da sociedade.

Os estereótipos devem ser registrados precedidos de marcas de uso. Não cabe ao lexicógrafo reafirmar os estereótipos da sociedade como se fossem puras verdades. Por isso, é relevante o uso adequado das marcas de uso, caso contrário, o lexicógrafo estará difundindo o preconceito ou até mesmo as crenças pessoais como se fossem verdades. Lembramos que, em consonância com a Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, a educação brasileira deve ser pautada em respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Para isso, o dicionário, obra usada em sala de aula como um dos procedimentos úteis na educação, não pode ser um difusor de preconceito e de exclusão.

O dicionário, além do papel que desempenha, já comentado neste trabalho, apresenta informações relacionadas à cultura. Tanto as palavras-entradas selecionadas quanto as definições servem como exemplo da relação entre dicionário e cultura. As definições descrevem o modo como a sociedade entende os objetos e seres do mundo em certo período sincrônico. As palavras-entrada são selecionadas para compor a nomenclatura por serem utilizadas nas práticas sociais em determinado espaço de tempo. Desse modo, segundo Lara (1992, p. 20), “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas”.

Ao retomarmos o dicionário gênero, é possível encontrar, na microestrutura, a etimologia das palavras. A etimologia “busca o significado de uma palavra na origem, [...] procura demonstrar o étimo de uma palavra, quer dizer, a forma primeira que está na base da ‘criação da palavra” (FAULSTICH, 2011, p. 190 e 193). As marcas de uso

ou rubricas, por sua vez, indicam o nível da linguagem, a área de especialidade a que o lexema pertence.

Outro item que pode compor a microestrutura é a divisão silábica que “serve para demonstrar que aquele grupo de força deve ser enunciado de uma só vez, ou para indicar, na translineação, que parte de uma palavra pode ficar separada da outra” (FAULSTICH, 2011, p. 194). Ademais, o verbete pode ter ilustrações, “representadas por figuras, que são um complemento para a compreensão da definição” (Id., Ibid., p. 188).

Na obra lexicográfica, também integrando a microestrutura, é comum haver remissões. Com base em Faulstich (1993, p. 174),

a remissiva é cada item léxico que possui conteúdo semântico próprio. É, formalmente, a unidade semântica contida numa definição, ou seja, aquela palavra que provoca no leitor a curiosidade de saber o que significa, para que ele possa melhor compreender o conteúdo definicional do termo-entrada. Funcionalmente, as remissões se constituem em verdadeiros trajetos de reconstituição de significados.

As remissões complementam a definição, porque auxiliam o usuário na compreensão do significado de um lexema ao oferecerem caminhos a serem percorridos pelo consulente. Diante disso, tal recurso lexicográfico serve para direcionar o consulente a compreender o significado do lexema ao apresentar o percurso que deve ser seguido na obra lexicográfica. Ampliaremos a discussão sobre remissões na seção 4.2.1 do capítulo 4.

Além disso, há referência ao contexto, no dicionário, que serve para exemplificar o uso do lexema. Esse contexto pode ser feito de duas formas: i) abonação, que é exemplificação extraída de corpus; ou ii) exemplo, que é criado pelo lexicógrafo. O contexto tem 3 funções básicas: “a) especificar e/ ou explicar o conteúdo de natureza enciclopédica ausente das definições; b) contextualizar o uso vocabular; c) facilitar a compreensão do significado”, segundo Corrêa (2012, p. 364).

Para ilustrar a estrutura de um verbete, mostraremos a composição do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), em que a macroestrutura é constituída pelas seções: palavras iniciais e equipe editorial; prefácio; chave do dicionário; detalhamento dos verbetes e outras informações; os verbos; o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990); emprego do hífen - quadro prático; lista geral de reduções; referências bibliográficas. No menu “ajuda”, há a opção “manual do usuário”, que

apresenta a interface gráfica da obra ao consulente. Com relação à microestrutura, inserimos, o verbete *fruto*, de Houaiss (2009) para descrevê-lo.

fruto *Datação:* sXIII

□ substantivo masculino

- 1 **Rubrica: Morfologia botânica.**
órgão formado pela maturação de um ou mais ovários, freq. associado(s) a estruturas acessórias, que apresenta grande variedade de formas e ger. contém sementes; carpo
- 2 **Rubrica: Morfologia botânica.**
estrutura fértil dos vegetais que não se reproduzem por sementes; é ger. um receptáculo de esporos; frutificação
- 3 m.q. ***fruta*** ('fruto ou infrutescência comestível')
- 4 **Derivação: por metáfora.**
filho, rebento, cria
Ex.: a criança era f. de seu primeiro casamento
- 5 **Derivação: sentido figurado.**
produto de um esforço empregado ou de um desejo que se construiu
Ex.: o sucesso conquistado era f. de sua diligência
- 6 consequência, resultado final de qualquer coisa (previamente planejada ou não)
Ex.: aquele acidente foi f. de sua inconsequência
- 7 produto vantajoso; vantagem, proveito
Ex.: já recolhiam os f. daquele trabalho

Nesse verbete, a palavra-entrada é registrada em negrito e apresenta a grafia do lexema da cabeça do verbete. Em seguida, há a datação com a indicação da data da primeira ocorrência de registro estimado da palavra na Língua Portuguesa, embora falte a fonte dessa informação. Depois, a informação gramatical é acrescentada, descrevendo a categoria gramatical e o gênero. Para a significação do lexema, são apresentadas 7 acepções, sendo que as acepções 1 e 2 possuem termos da área do saber morfologia botânica. Na acepção 3, encontramos a remissão por meio da abreviação “m.q” que significa “o mesmo que” *fruta*, assim o lexicógrafo informa que essa acepção tem o significado equivalente ao apresentado na acepção 1, definida como “fruto ou infrutescência comestível” do verbete *fruto*. A forma indicada no verbete analisado é útil, pois já traz ao consulente o significado sem precisar que ele recorra ao verbete *fruta*. Esse tipo de remissiva é classificada como excludente, que aparece entre parêntesis com uma rubrica ou com uma minidefinição para excetuar uma acepção, assim como está explícito na seção “Detalhamento dos verbetes e outras informações” da obra.

Na acepção 4 do verbete descrito, há a marca de uso *derivação por metáfora*, significando que de um sentido se derivou outro por meio de comparação. Segundo Cançado (2005, p. 99), metáfora é identificação de semelhança e transferência dessa

semelhança de um conceito para outro. Ao comparar o significado dos lexemas *filho* e *fruto*, notamos que este nasce de planta por ser produto do processo de germinação; aquele é gerado pelo processo da gestação, de modo que nasce da mãe. Tanto o *fruto* quanto o *filho* surgem por meio de ser vivo, de modo que o nascimento é resultante de um processo. Por isso, registra-se a marca de uso para expressar a comparação presente na definição sinonímica “*filho, rebento, cria*” que é uma metáfora do sentido literal de *fruto*.

Na acepção 5, há a marca de uso derivação por sentido figurado, que também é o produto de uma transição semântica conotativa, que gera outra definição. No sentido denotativo, o fruto (x) nasce de uma planta (Y). No sentido conotativo o fruto (x) nasce de uma coisa (y), por isso a definição é “produto de um esforço empregado ou de um desejo que se construiu”.

Nas acepções 1, 2, 3, deparamos com o sentido denotativo, em que se emprega o sentido literal da palavra. Embora apenas as acepções 4 e 5 contenham marcas de uso indicativas do sentido conotativo, as acepções 6 e 7 também apresentam esse sentido conotativo, visto que tanto as acepções 4 e 5 quanto as acepções 6 e 7 surgem em razão da analogia feita em relação ao processo que ocorre ao significado denotativo. Um fruto é gerado mediante o processo de germinação, por isso que, por analogia a esse processo, surgiu, na Língua Portuguesa, o significado de *resultado, consequência, produto, filho*. Na gestação, ocorre também um processo até o nascimento do filho, por isso se pode afirmar que o filho é fruto da mãe. Como normalmente o sentido conotativo é obtido por meio de analogia ao sentido denotativo, “as relações de sentido determinam os limites de denotação dos lexemas particulares” (LYONS, 1977, p. 187), por isso encontramos 4 acepções com sentido conotativo.

Com relação ao contexto, na macroestrutura, encontramos a informação: “esse dicionário não abona com textos literários as acepções que registra, [...] fornece exemplos de usos da palavra, inspirados em ou abreviados de abonações colhidas em livros, jornais, revistas, catálogos, comunicações etc.”, com base em Houaiss (2009). Assim, o contexto das acepções 4, 5, 6 e 7 são exemplos. Os textos dos exemplos são destacados em itálico, entre parêntesis angulares, de modo a que o lexema sob consulta, que é a entrada do verbete reduz-se à sua primeira letra, seguida por ponto-final.

Podemos encontrar também informações sintáticas em verbetes, como ocorre no Dicionário de Usos de Língua Portuguesa (DUP), de Borba (2002). A obra apresenta a

valência verbal e o tipo de complemento que pode se combinar com determinados verbos. Nesse dicionário, foi feito o registro das estruturas sintáticas ligadas ao sistema de complementação da língua, para: i) prover um instrumento eficiente de agilização do uso escrito tanto na recepção como na criação do texto; ii) estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o próprio uso da língua; e iii) fornecer elementos de avaliação das propriedades sintático-semânticas do léxico (BORBA et al, 2002, p. 4). Assim sendo, o consulente tem acesso às combinações de lexemas da enunciação linguística.

No DUP, o verbete obedece ao paradigma: +entrada, ±marca de uso, +categoria gramatical, +informação sintática, +definição, +abonação, ±fraseologia, ±nota. As acepções se apresentam em forma de definição ou em forma de equivalência léxica. Há uma abonação para cada acepção, o que facilita a identificação dos diversos usos de um mesmo item lexical. A abonação é destacada em itálico e sua fonte é indicada por meio de siglas, detalhadas na lista geral das siglas do corpus principal.

É válido acrescentarmos que esse dicionário tem um diferencial por apresentar a informação sintática que “é dada pelo sistema de complementação apresentando-se a estrutura dos complementos de nomes, adjetivos, de verbos e de advérbios” (BORBA et al., 2002, p. IX). Nessa obra lexicográfica, os nomes são subclassificados em concretos e abstratos. Os nomes concretos têm referente no mundo dos objetos. Os nomes abstratos não têm um referente independente, constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou estados de coisas, como os lexemas corrida, crença, verdeza, entre outros.

Os nomes concretos podem ter traços animados ou não animados, de modo que o animado pode ainda ser humano ou não humano. Podem ainda ser contáveis ou não contáveis, isto é, possuem a condição de ser individualizados por marca de plural ou por numerais ou apenas indicam uma massa indivisível. Os abstratos, por sua vez, quando associados a um verbo suporte, funcionam como núcleo de predicado e, portanto, podem indicar ação, processo ou estado, conforme ocorre com os verbos.

Todos os traços só entram na organização do verbete quando estiverem em oposição concreto/abstrato, contável/não contável, animado/não animado, humano/não humano, entre outros. As subclassificações dos nomes abstratos foram registradas independentemente da relação de oposição.

Como exemplo dessa forma de organização, há o verbete *formatura*, no qual a complementação, indicada entre colchetes, informa que o lexema pode ser *concreto*, *abstrato de ação*, *abstrato de processo* e *núcleo de construção adjetiva*. A seguir, a figura representa esse verbete:

formatura *Nf* ★ [Concreto] 1 conjunto de pessoas dispostas em linha: *estalou uma palmada de continência e, passos à frente da formatura, uma voz disparou* (PFV) ★ [Abstrato de ação] 2 ordenação em linhas; alinhamento: *Mas veio o Sete de Setembro e nossa grande formatura, dessa vez não no campo, mas na cidade* (CF) 3 cerimônia de diplomação; solenidade de colação de grau: *Somos capazes inclusive de descobrir, numa velha fotografia de formatura do primário, alguém que só viemos a conhecer quando já adultos* (FOT); *Até hoje o seu discurso de formatura (em Letras) é lembrado na faculdade* (ANB) ★ [Abstrato de processo] 4 aquisição de grau universitário; colação de grau: *Granato nada tem contra trabalhar como arquiteto, mas a meses da formatura, resolveu transformar-se em recepcionista* (VE); *Meu sogro disse que lhe entrega a fazenda, depois da formatura* (REA) ★ [Núcleo de construção adjetiva] [*em*+~] 5 disposto em forma de linhas; alinhado: *Da porta da sapataria via ele as escolas em formatura descendo alegremente a rua, ao som de músicas. a caminho do largo dos Remédios* (COR-O)

Figura 3: Verbetes *formatura* do *Dicionário de usos do Português do Brasil*.
Fonte: (BORBA et al, 2002, p. 731)

Com base nas discussões feitas nesta seção, podemos concluir que o dicionário é repertório lexicográfico que armazena as informações sobre o funcionamento da língua, de modo que pode ser considerado um gênero textual por ter características específicas. Esse repertório deve descrever as coisas do mundo com base nos atributos da cultura da sociedade e em respeito aos direitos humanos dos cidadãos. Quando os estereótipos estiverem imbricados na sociedade, os estereótipos devem vir precedidos de marcas de uso. A microestrutura do dicionário traz relevantes informações linguísticas úteis para o aprendizado da língua. A macroestrutura pode ser consultada para que se possa saber explorar a riqueza de recursos do dicionário. Além de conhecer as características do dicionário, podemos diferenciá-lo de outros tipos de obras. Essa diferenciação será detalhada na seção subsequente.

1.4 O DICIONÁRIO VERSUS OUTRAS OBRAS: TIPOLOGIAS E FORMATOS

Nesta seção, compararemos dicionário com gramática e com enciclopédia. Debateremos sobre tipologias lexicográficas e os formatos em que podem ser apresentadas. O dicionário registra em verbete informações sobre lexema, enquanto a gramática “apresenta, de forma sistêmica, um conjunto de regras de combinatória dos constituintes da língua, em seus diversos níveis” (BORBA, 2003, p. 301). Baseando-se nas regras, a gramática descreve a língua, estabelecendo critérios para “agrupamentos das palavras em classes a partir de traços em comum” (BORBA, 2003, p. 302). O dicionário, por sua vez, apresenta o modo de uso da palavra, “mostra a aplicação da regra palavra por palavra” (Id., Ibid., p. 302). O dicionário não registra regras gramaticais, embora ofereça informações gramaticais, que fazem parte da propriedade do lexema. Assim sendo, “a competência que circula dentro dos verbetes é de base lexical e de base gramatical, porque um item lexical se compõe, na sua essência, de estruturas gramaticais que formam um todo semântico”, conforme Faulstich (2010c, p. 173).

O dicionário e a gramática são complementares, já que “uma regra de estruturação ou de uso se procura na gramática, um determinado resultado estrutural ou determinado uso se procura no dicionário” (BORBA, 2003, p. 302). Segundo Rey-Debove (1984, p. 46), “as palavras repertoriadas numa gramática são uma íntima parte do léxico e nem todas as regras da gramática são explicitadas no dicionário.” O quadro a seguir apresenta a comparação entre o dicionário e a gramática.

Quadro 1: Comparação entre dicionário e gramática

Dicionário	Gramática
É o lugar do particular, do tópico.	É o lugar do genérico, das regras.
Enumera palavras.	Enumera regras.
É um acervo de formas livres.	Contém um conjunto de regras que, aplicadas, mostram como a língua funciona.

Fonte: (BORBA, 2003, p. 301, com adaptações)

Na combinação de dicionário e gramática, a criação de lexemas é restrita aos morfemas que a gramática disponibiliza. No entanto, por meio do uso desses morfemas, pode-se constituir inúmeros lexemas. Embora os morfemas sejam finitos, é possível

formar infinitos signos. Por isso, o léxico é aberto enquanto a gramática é fechada. O resultado disso são construções de enunciados infinitos, baseando-se em combinações sintático-lexicais.

Além disso, o dicionário não pode ser confundido com enciclopédia. Esta se preocupa com a apresentação do conhecimento de mundo, com a descrição da realidade. O dicionário disponibiliza conhecimento linguístico por meio de definição lexicográfica. Embora possa existir a definição enciclopédica no dicionário, há outras informações linguísticas do repertório lexicográfico que a enciclopédia não fornece, como categorias gramaticais, transitividades verbais, diferentes acepções para uma mesma palavra, entre outras. Para Rey-Debove (1984, p. 64), a enciclopédia aborda um “conjunto das coisas da civilização e dá a definição delas. [...] Sua nomenclatura é essencialmente nominal [...], não apresenta as classes de palavras, informação, aliás, inútil, uma vez que só existem substantivos.”

Para ampliar o conhecimento acerca de tipologias de obras, é necessário distinguir dicionário, vocabulário e glossário. Com base na norma ISO 1087 (1990, p. 10), “vocabulário (termo admitido glossário) é dicionário terminológico que contém a terminologia de um campo específico ou de campo temático relacionado e baseado no trabalho terminológico.” Apesar de a norma mencionada ter considerado vocabulário e glossário como sinônimos, encontraremos diferenciação entre ambos na literatura.

Segundo Barbosa (1995), o “dicionário de língua é constituído de lexema (unidade lexical). O enunciado linguístico deve conter as acepções que um lexema apresenta em todos os níveis do discurso.” Já o “vocabulário técnico-científico ou especializado registra os vocábulos e as acepções específicas de um universo do discurso” (Id., Ibid.). O glossário “resulta do levantamento das palavras ocorrências e das acepções que têm um texto manifestado” (Id., 1995). Assim sendo, nessa obra, há o conjunto de palavras ocorrências e seu respectivo significado no contexto textual.

A definição de glossário para Faulstich (2013b) é mais abrangente:

1. Repertório exaustivo de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentado em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, com informação gramatical, definição, registro opcional de contexto de ocorrência do termo e de remissões.
2. Lista de palavras de uma obra, pouco conhecidas ou desusadas.
3. Lista de palavras, apresentadas ao final de uma obra com a informação numérica de páginas ou parágrafos onde se encontra a palavra dentro daquela obra, para auxiliar o leitor a encontrar a informação em remissão. Também índice; também índice remissivo. Nota: Nos estudos modernos de terminologia, somente a definição 1, acima, é considerada na organização dos repertórios terminológicos e lexicográficos; a definição 2 é

obsoleta e coincide com o conceito de elucidário; a definição 3 é de caráter técnico e remissivo, com vistas a conduzir o leitor a comprovar de modo mais rápido o termo ou um autor citado na obra.

Esta definição é relevante para a literatura lexicográfica por contemplar as diversas acepções que o glossário possui e pode ser útil para que as editoras saibam como saber como designar o tipo de obra criada.

O vocabulário, por sua vez, é definido pela mesma autora (2013b) como

repertório monolíngue, bilíngue ou multilíngue de palavras ordenadas de acordo com critérios específicos, como, palavras pertencentes a uma determinada atividade ou a um dado campo lexical, acompanhadas geralmente de definições ou de explicações sucintas.

Existem características em comum entre o vocabulário e o glossário por serem repertórios de determinada área de especialidade. Entretanto, o glossário apresenta de forma completa os termos de um domínio do saber, enquanto o vocabulário pode registrar uma compilação de termos de uma área ou de um campo lexical.

Em suma, o dicionário registra lexemas da língua comum e apresenta: +palavra-entrada, +informação gramatical, ±contextualização, +definições, +acepção, ±remissão, ±ilustração, ±fraseologia, ± equivalência. O vocabulário é o repertório terminológico que apresenta os termos de uma área do conhecimento, registrando: +palavra-entrada, +informação gramatical, ±contextualização, +definições, +acepção, +remissão, ±ilustração, ± equivalência. O glossário consiste em uma recolha de uma lista de lexemas de um texto ou de termos de uma área de especialidade, ou de um campo lexical, podendo conter: +palavra-entrada, ±informação gramatical, +definição, ± equivalência.

Outro tipo de obra lexicográfica é o dicionário terminológico ou dicionário de terminologia “que apresenta a terminologia específica, de uma ou de várias áreas científica ou técnica”, conforme Faulstich (2013b). O que diferencia o dicionário terminológico de um vocabulário especializado ou de um glossário de uma área de especialidade é a quantidade de verbetes, tendo em vista que o dicionário de terminologia é mais abrangente na nomenclatura e pode até contemplar mais de um domínio do saber.

Além desses tipos de obras, há o léxico, que, como obra lexicográfica, é o “repertório que inventaria termos acompanhados de seus equivalentes de uma ou várias línguas e que não comporta definições” (Id., 1995, p. 284).

Na literatura e no comércio editorial, falta consenso para nomear as obras lexicográficas ou terminológicas. Por isso, é necessário saber distinguir cada tipo de obra, pois há diferença entre o objeto nomeado e o objeto definido.

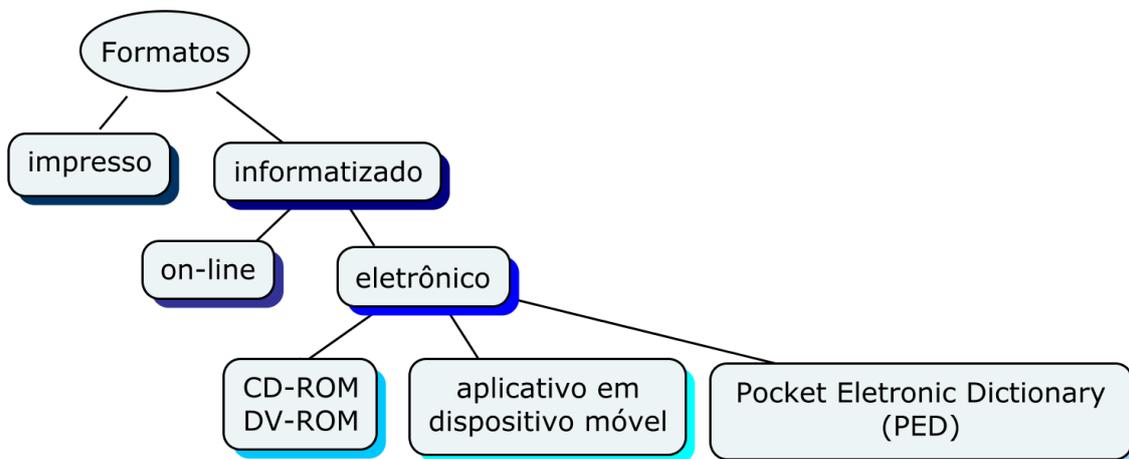
Nessa direção, Faulstich (2010c, p. 174) chama atenção para o que seja minidicionário, quando diz que “um minidicionário é uma edição resumida de um dicionário elaborado para o público adulto”. Assim sendo, é errado inferir que o minidicionário é direcionado para crianças, visto que, para elas, deve ser elaborado o dicionário infantil, que possui características específicas para o público-alvo.

O dicionário infantil “é projetado e elaborado para a faixa etária a que ele pretende atingir e é editado com tipos de letras grandes e em cores. O discurso se apresenta próximo da oralidade, induzindo o usuário a pensar que está dialogando com o autor do dicionário” (FAULSTICH, 2010c, p. 174). Esse dicionário deve ser atrativo, por isso o *layout* deve ser adequado ao público-alvo. A linguagem deve ser simples e objetiva, possibilitando fácil entendimento do significado dos lexemas. Além disso, a encadernação do dicionário infantil deve ser feita de modo que seja fácil a obra ficar aberta, auxiliando o manuseio da obra para a criança que ainda não tem a coordenação motora toda desenvolvida a ponto de se esforçar para deixar a obra aberta.

O dicionário fundamental “abrange um léxico útil para a aquisição de vocabulário e descreve um universo de palavras que está na esfera de interesse da faixa etária para a qual foi concebido” (FAULSTICH, 2010c, p. 175). Como a pesquisa lexicográfica deve ser baseada em método, para a elaboração desse tipo de dicionário, é necessária a realização de estudos que investiguem o conjunto de lexemas que compõe o vocabulário fundamental para o público-alvo da obra. Na Lexicografia brasileira, há carência desse tipo de dicionário.

Para finalizar este capítulo, interessa-nos apresentar alguns comentários sobre dicionários on-line e informatizado. Adiantamos que não são tipos de obras lexicográficas, mas sim formatos de apresentação. Há dois formatos: os impressos e os informatizados. As obras lexicográficas em formato impresso são feitas em papel, sem automatização em máquina. O formato informatizado é concebido de modo que seja organizado e lido pela máquina com base na programação feita pelo homem. Assim sendo, nesse formato, há automatização das informações. O formato informatizado se subdivide em dois subtipos: on-line e eletrônico. O primeiro disponibiliza o dicionário na internet, para consulta via rede. O segundo apresenta o dicionário informatizado em

CD-ROM, DVD-ROM, ou em “aplicativos em dispositivos móveis, do tipo *smartphones* ou computadores *tablet*”, *Pocket Eletronic Dictionary* (PED), conforme Corrêa (2012, p. 357). Os formatos informatizados favorecem a criação de obras lexicográficas modernas e interativas, devido à facilidade na atualização e no armazenamento dos dados e à diversidade de recursos informatizados disponíveis. O esquema subsequente representa os formatos de dicionários.



Fonte: (VILARINHO, 2013)

Embora seja comum as pessoas terem acesso à internet em toda parte do mundo, nem sempre todas as pessoas estão conectadas, o que pode tornar o formato on-line nem sempre acessível em comparação com o formato em aplicativos de dispositivos móveis, por exemplo. Além disso, o formato on-line requer que o consulente entre na página e pesquise. Os formatos eletrônicos dos aplicativos de smartphones, possibilitam a consulta rápida por meio de um clique no atalho do aplicativo. No caso dos dicionários de Língua Portuguesa, o Dicionário on-line Caldas Aulete, disponível gratuitamente na página aulete.uol.com.br, possibilita que o usuário baixe esse dicionário, de modo que é criado um atalho na área de trabalho para a consulta. Apesar disso, sempre o usuário terá de estar conectado à internet, para que consiga ler o dicionário.

Apesar de os formatos eletrônicos de CD-ROM e DVD-ROM possibilitarem consultas mais rápidas e interativas do que no dicionário em papel, os formatos em CD-ROM e DVD-ROM apresentam desvantagem, pois não podem ser usados em *netbook*, *ultrabook*, *tablet* e *smartphones*, já que os equipamentos mais portáteis não possuem leitor para CD e DVD. Notamos uma preferência das editoras em comercializar esse formato, por dificultar a difusão gratuita na internet. Como referência, indicamos os

dicionários eletrônicos Houaiss de Língua Portuguesa (2009) e Aurélio da Língua Portuguesa (2010).

O formato acessado por meio de aplicativos em dispositivos móveis possui maior facilidade de consulta, uma vez que só precisam do acesso à internet para a instalação. Depois de instalado, o consulente poderá ter acesso aos verbetes. Há dicionários gratuitos e pagos nesse formato. Se o usuário tem um *smartphone*, pode clicar na loja da marca do aparelho celular, digitar o lexema dicionário e encontrará as opções de dicionários para serem baixadas. Os dicionários bilíngues são frequentes nesses formatos, além de existirem dicionários monolíngues nas diversas línguas. Todavia, ainda falta qualidade nas obras disponíveis neste formato.

O *Pocket Eletronic Dictionary* (PED) é um dispositivo eletrônico portátil, de tamanho pequeno que possui o dicionário registrado. Esse dispositivo é similar às agendas eletrônicas e aos bips. Economicamente, o PED não é viável, pois a compra de equipamento eletrônico que só oferece a função de consulta ao dicionário não atende às demandas da sociedade atual, que já possui computadores e telefones celulares com capacidade de execução de outros recursos, além da consulta aos dicionários.

Em síntese, o dicionário é repertório lexicográfico versátil que descreve o léxico da língua. Há vários tipos de dicionários com vistas a atender às demandas dos variados públicos-alvo. As tipologias de dicionários podem ser disponibilizadas em formatos impresso ou informatizado. Atualmente, existe a tendência à elaboração de dicionários informatizados, tendo em vista que as gerações cada vez mais desejam acesso rápido e dinâmico à informação, o que é oferecido pelos formatos on-line e eletrônico. Contudo, é notável que as editoras nem sempre denominam as obras lexicográficas em respeito às tipologias estabelecidas com base na teoria da Lexicografia. Desse modo, identificamos a ausência de uma política de língua para regulamentação da tipologia de dicionários. Na seção posterior, discutiremos essa questão.

1.5 LEXICOGRAFIA E POLÍTICA DE LÍNGUA

A reflexão sobre a Lexicografia e as políticas adotadas para regulamentar as obras lexicográficas são úteis para que possamos rever como se dá a elaboração de dicionários, que política de língua normatiza as obras. Como nosso objetivo é propor um modelo de uma tipologia lexicográfica, cabe a nós conhecer o cenário atual da lexicografia brasileira.

No Brasil, a Lexicografia carece de uma política regulamentadora. Na ISO 1087:1990, existem as definições de dicionário, dicionário terminológico e vocabulário. Entretanto, outras obras não são regulamentadas, o que produz discrepância entre os repertórios lexicográficos e terminológicos nomeados e o que essas obras são de fato, com base nos pressupostos da literatura da Linha de pesquisa Léxico e Terminologia.

Os editais do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – Dicionários, do Ministério da Educação (MEC), servem como uma regulamentação embrionária para as obras lexicográficas, já que os critérios estabelecidos para que as editoras possam concorrer ao edital faz com que os dicionários sejam elaborados com base nos parâmetros normatizados pelo MEC. Antes do PNLD dos dicionários, essas obras possuíam qualidade inferior por faltar recursos essenciais à macroestrutura e à microestrutura.

A ausência de proposta lexicográfica e de guia de uso comprometem o uso do dicionário em sala de aula. Nessa proposta, há indicação do nível de escolaridade a que a obra se destina ou do tipo em que se enquadra conforme a caracterização de dicionário do PNLD de 2006; apresentação dos critérios de seleção vocabular e/ou temas que presidiram a organização da obra e explicitação dos critérios adotados na composição dos verbetes. No guia de uso, deve haver a descrição da organização da obra em uma linguagem acessível ao público-alvo a que se destina a obra. Há necessidade de registro de lemas e de definições que colaborem para a compreensão da diversidade e para a formação ética dos usuários da obra, com a exclusão de definições preconceituosas e/ou estereotipadas. Essas informações que são critérios avaliados nas obras estão estabelecidas no edital de convocação 01/2011 do PNLD 2012 (MEC, 2011).

“Desde o ano 2000, [...] o PNLD passou a avaliar os minidicionários escolares de língua portuguesa, com o objetivo de prover as escolas do ensino fundamental público das melhores, entre as disponíveis no mercado editorial”, conforme Rangel

(2011, p. 39). Como dissemos antes, um minidicionário é um repertório, a priori, para adultos, mas é esse tipo de dicionário que está na mira do PNLD. O PNLD instituiu uma política de avaliação de dicionários, implementada pelo Governo Federal, para selecionar as obras lexicográficas distribuídas pelo MEC a fim de serem utilizadas na rede pública de ensino. O PNLD de livro didático surgiu em 1985 e o de dicionário, 15 anos depois.

Com esse programa, inicialmente, “os alunos da 1ª série do Ensino Fundamental (de oito anos) recebiam um minidicionário para uso individual até a 8ª série. [...] No ano de 2006, ocorreram também mudanças na distribuição desses dicionários” (COSTA, 2006, p. 65). Desse modo, desde 2006, cada escola recebe o grupo de dicionário que foi aprovado pelo PNLD para que seja usado coletivamente em sala de aula.

Por causa das mudanças ocorridas em 2005 nos critérios avaliativos da obras lexicográfica, o edital convocatório para o processo de inscrição e avaliação de Dicionários Brasileiros de Língua Portuguesa para o PNLD de 2006 subdividiu as obras em 3 tipos, conforme pode ser verificado no quadro a seguir:

Quadro 2: Caracterização dos tipos de dicionário do PNLD de 2006

Tipo do dicionário	Etapa de ensino	Caracterização
1	1º ao 3º ano do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 1000, máximo de 3000 verbetes; • proposta lexicográfica adequada à introdução do alfabetizando ao gênero dicionário.
2	1º ao 3º ano do ensino fundamental; 4º e 5º anos do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 3.500, máximo de 10.000 verbetes; • proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita.
3	4º e 5º anos do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; • proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão, porém adequada a alunos das últimas séries do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Fonte: (MEC, 2006)

Com base nessa política, os dicionários foram organizados em 2 acervos (dicionários tipos 1 e 2) e acervo 2 (dicionários tipos 2 e 3). “Cada acervo é composto por nove dicionários e será distribuído para cada sala de aula” (COSTA, 2006, p. 65-66). A equipe coordenadora desse processo de avaliação dos dicionários do PNLD foi a Universidade Federal de Minas Gerais – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). Para guiar o professor a utilizar o dicionário, o MEC publicou a obra

Dicionários em sala de aula, elaborada por Rangel (2006), na qual são descritas estratégias de uso do dicionário na escola.

No quadro subsequente, apresentamos as 18 obras lexicográficas selecionadas pelo PNLD 2006, conforme Portaria nº 3.378, de 28 de setembro de 2005:

Quadro 3: Obras aprovadas no PNLD 2006

Editora	Título da obra	Autores
Companhia Editora Nacional	Dicionário Escolar da Língua Portuguesa	Domingos Paschoal Cegalla
Editora Ática Ltda.	Dicionário Ilustrado de Português	Maria Tereza Camargo Biderman
Editora Ática Ltda.	Meu Primeiro Livro de Palavras - Um Dicionário Ilustrado do Português de A a Z	Maria Tereza Camargo Biderman e Carmen Silvia Carvalho
Editora Ática Ltda.	Mini-dicionário Luft	Celso Pedro Luft
Editora Dimensão Ltda.	Primeiros Passos Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa	Johny José Mafra, Petrina Mourão Mafra, Celso Fraga da Fonseca, Juliana Alves Assis e Samuel Moreira da Silva
Editora FTD SA	Descobrimo Novas Palavras - Dicionário Infantil	Gilio Giacomozzi, Gildete Valério e Geonice Valério
Editora FTD SA	Dicionário Júnior da Língua Portuguesa	Geraldo Mattos
Editora FTD SA	Mini-dicionário Gama Kury da Língua Portuguesa	Adriano Da Gama Kury
Editora Moderna Ltda.	Meu Primeiro Dicionário Houaiss	Instituto Antonio Houaiss
Editora Moderna Ltda.	Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa	Instituto Antonio Houaiss
Editora Moderna Ltda.	Moderno Dicionário Escolar	Douglas Tufano
Editora Nova Fronteira SA	Caldas Aulete Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Ilustrado com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo	Nova Fronteira
Editora Nova Fronteira AS	Caldas Aulete Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa	Editora Nova Fronteira SA
Editora Nova Fronteira AS	Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete Infantil Ilustrado	Nova Fronteira
Editora Positivo Ltda.	Aurelinho: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
Editora Positivo Ltda.	Aurélio Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
Salamandra Editorial Ltda	Dicionário do Castelo Rá-Tim-Bum	Obra Coletiva
Saraiva SA livreiros editores	Saraiva Júnior Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado	Saraiva AS

Fonte: (MEC, 2006)

Em 2011, os critérios avaliativos mais uma vez foram ajustados. No edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de Dicionários Brasileiros de Língua Portuguesa para o PNLD 2012 foram estabelecidos 4 tipos de obras lexicográficas, conforme caracterização do quadro subsequente:

Quadro 4: Caracterização dos tipos de dicionário do PNLD de 2012

Tipo do dicionário	Etapa de ensino	Caracterização
1	1º ano do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; • proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
2	2º ao 5º ano do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; • proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
3	6º ao 9º ano do ensino fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; • proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
4	1º ao 3º ano do ensino médio	<ul style="list-style-type: none"> • mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; • proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: (MEC, 2011)

Os dicionários dos tipos de 1 a 3 são escolares, sendo que 1 e 2 devem ser adequados para crianças, logo devem ser dicionários escolares infantis. Os dicionários escolares devem ter o registro de lexemas do universo escolar da faixa etária à qual a obra se destina, por isso devem contemplar terminologias de vários domínios no saber, presentes no livro didático. Além disso, devem abranger lexemas de língua comum do cotidiano do falante. O dicionário do tipo 4 é o dicionário padrão, que

tenta descrever o léxico do idioma na sua totalidade, de acordo com este modelo ideal da língua culta e escrita, só circunstancialmente referindo-se aos padrões sub-cultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais. (BIDERMAN, 1998, p. 165)

Na percepção do PNLD, o dicionário padrão apresenta o léxico da língua com o objetivo de abrangê-lo com completude, por isso apresenta terminologias de áreas do conhecimento, lexemas da língua comum e variantes da norma padrão. A quantidade de verbetes desse tipo de dicionário tem como finalidade atender a demandas de jovens e adultos das diversas áreas de formação.

A Portaria nº 6, de 16 de março de 2012, foi publicada a fim de divulgar o resultado da avaliação pedagógica das obras inscritas para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Dicionários 2012, com base no edital mencionado. As obras selecionadas foram distribuídas às escolas públicas federais e das redes de ensino municipais, estaduais e do Distrito Federal de ensino fundamental e ensino médio. O quadro a seguir registra as 18 obras aprovadas:

Quadro 5: Obras aprovadas no PNLD 2012

Tipo 1	
<i>Editora</i>	<i>Título da obra</i>
Editora Nova Fronteira Participações AS	Dicionário Infantil Ilustrado Evanildo Bechara
Editora Globo AS	Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó
Editora Atica S/A	Meu Primeiro Livro de Palavras: Um Dicionário Ilustrado do Português de A a Z
Tipo 2	
<i>Editora</i>	<i>Título da obra</i>
Editora Dimensão Ltda	"Fala Brasil!" - Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa
Editora Globo	Caldas Aulete Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo
Editora Positivo Ltda.	Dicionário Aurélio Ilustrado
Editora Atica S/A	Dicionário Ilustrado de Português
Editora Ftd AS	Dicionário Júnior Da Língua Portuguesa
Editora Piá Ltda.	Palavrinha Viva: Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa
Saraiva Sa Livreiros	Saraiva Júnior - Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado
Tipo 3	
<i>Editora</i>	<i>Título da obra</i>
Editora Positivo Ltda.	Aurélio Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa
Lexikon Editora Digital Ltda.	Caldas Aulete Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa
Edições Sm Ltda.	Dicionário Didático de Língua Portuguesa
Companhia Editora	Dicionário Escolar da Academia Brasileira De Letras – Língua Portuguesa
Saraiva Sa Livreiros Editores	Saraiva Jovem - Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado
Tipo 4	
<i>Editora</i>	<i>Título da obra</i>
Editora Nova Fronteira Participações AS	Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara
Editora Moderna Ltda	Dicionário Houaiss Conciso
Editora Piá Ltda.	Dicionário UNESP do Português Contemporâneo
Lexikon Editora Digital Ltda.	Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa

Fonte: (MEC, 2012)

O MEC (2012) publicou o livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, elaborado por Rangel, no qual há descrição do PNLD do dicionário de 2012, bem como informações acerca do uso do dicionário em sala de aula (BRASIL, 2012).

Ademais, há um glossário, elaborado pela comissão técnica, no qual são definidos os principais termos que se encontram nesse livro.

Na obra *Com direito à palavra*, é apresentada a equipe avaliadora que foi composta por professores doutores em Linguística de universidades federais do país e parte da equipe foi constituída por avaliadores sem formação plena em Lexicografia, com conhecimentos dos princípios da Lexicografia. A coordenação do processo avaliativo foi feita pela Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Na criação dos critérios de avaliação das obras lexicográficas do PNLD de dicionários, notamos que uma política linguística tem surgido para regulamentar os dicionários por meio da adoção de política públicas. Nesta pesquisa, consideramos política linguística “o conjunto das escolhas conscientes efetuadas no domínio de relação entre língua e vida social, e mais particularmente entre língua e vida nacional”, de acordo com Calvet (2007, p. 4).

O Ministério da Educação, ao delimitar as características que os dicionários devem ter para participar do PNLD, postula exigências que devem ser respeitadas pelas editoras. Assim, por meio dessa política adotada, é possível dar início a um controle da qualidade das obras lexicográficas publicadas no país. Como essa ação de controle rege obra de caráter linguístico, entendemos o PNLD do dicionário como uma política de língua, que é “um conjunto de determinações governamentais sobre a língua, ou línguas, na relação destas com a sociedade, visando ou à alteração ou à manutenção do comportamento linguístico de uma comunidade mediante tomada de posição” (SANTOS, 2012, p. 43).

Como o dicionário legitima o léxico de uma língua ao apresentar a descrição dos recursos linguísticos e dos aspectos culturais da sociedade, é instrumento difusor da língua. Por meio de política pública de normatização dos dicionários iniciada pelo PNLD, cada vez mais, o dicionário se tornará instrumento pedagógico para o ensino de língua, não apenas como um material complementar, mas sim como recurso essencial para compor o material didático do aluno. Dessa maneira, as especificações dos editais para que as editoras se inscrevam no processo de seleção dos dicionários a serem distribuídos nas escolas da rede pública são determinações governamentais sobre a língua. Quando o MEC delimitou os critérios de exclusão e os critérios classificatórios, estabeleceu as características metalinguísticas das obras lexicográficas.

Os editais publicados delimitam atributos que os dicionários devem ter, fazendo com que as editoras interessadas no pleito se adéquem às especificações, por isso afirmamos que as regras do PNLD revelam o surgimento de uma política de língua. Porém, falta ainda regulamentar outras normas para que as editoras possam adaptar as obras às características tipológicas definidas pelos princípios da Lexicografia, e não denominar obras lexicográficas, visando apenas à venda sem respeitar a teoria da área.

No âmbito dos dicionários escolares, a normatização se dá pelas regras dos editais de seleção dessas obras pelo MEC. Entretanto, em contexto de ensino de LE e L2 produzidas no Brasil, as obras lexicográficas são precárias, e atendem às necessidades do público-alvo. Uma prova disso é a falta de obras lexicográficas direcionadas ao aprendiz de Português do Brasil como L2, como é o caso dos surdos, índios e estrangeiros em ambiente de imersão em nosso país. Além disso, se avaliarmos as obras bilíngues que são comercializadas no Brasil para o ensino de Línguas Estrangeiras, é perceptível que essas obras não apresentam seleção vocabular com diversidade dos domínios discursivos de língua comum e nem de áreas de especialidades usuais, bem como falta indicação de marcas de usos e carecem de contextualização em diferentes acepções indicadas pelo lexema. A maioria dos dicionários bilíngues comercializados por editoras estrangeiras não registram definições, apenas oferecem equivalentes que nem sempre são adequados aos contextos que o aprendiz procura para se comunicar com propriedade vocabular. Por isso, as estratégias de explicitação de sentidos, como apresentação de diferentes acepções adequadas ao nível escolar do consulente, precisam, nos enunciados de explicitação dos sentidos, inclusão dos lexemas empregados nas definições na nomenclatura da obra; estão ausentes nesse tipo de dicionário, informações que favoreçam o dicionário como instrumento pedagógico no ensino de língua.

Concluimos que é tarefa dos lexicógrafos criar normas que descrevam as características de cada obra lexicográfica, a fim de que os princípios resultantes de pesquisas em Léxico e Terminologia sejam aplicados às obras comercializadas. Sob essa crítica, a Lexicografia ainda precisa de uma política de língua para delimitar as normas e as regras que dão diretrizes às obras lexicográficas brasileiras.

1.6 O PAPEL DA TERMINOLOGIA NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS

A terminologia se refere ao conjunto de termos de área(s) de especialidade(s). Esse conjunto de termos é objeto da disciplina da Terminologia que é “dedicada ao estudo científico dos conceitos e dos termos usados nas linguagens de especialidade, estuda a forma e o conteúdo com base no significado que adquirem no uso, por meio de coleta, seleção e ordenação dos termos de um campo de especialidade”, com base em Faulstich (2011).

A Terminologia “must come to the assistance of lexicologists and lexicographers both for the analysis and description of terms as well as for term creation and naming”¹⁰, conforme Rey (1995, p. 92-93). Para que o Lexicógrafo obtenha a descrição dos signos linguísticos que representem as coisas do mundo e que precisam ser enunciadas na comunicação dos diversos domínios discursivos, há necessidade de registro de terminologias de áreas de especialidade, principalmente as que são usadas pelo falantes de língua comum. Esse contexto prova que “Terminology should provide an opportunity for progress in Lexicography. Both disciplines interact with other; but each one also transcends the other; and each can offer the other methods and theoretical foundations which enrich it.”¹¹ (Id., Ibid., p. 123). Se consideramos a complementaridade entre a Terminologia e a Lexicografia, é inferível que, sem a descrição dos termos, as obras lexicográficas ficariam incompletas, uma vez que a Terminologia permite o acesso aos conceitos das áreas de especialidades.

Os termos são criados seguindo a gramática da Terminologia que possui regras para formação dos termos. Um exemplo disso pode ser visualizado nos processos de formação de Unidades Terminológicas Complexas (UTCs), proposta no constructo de Faulstich (2003) que contribuiu para os estudos terminológicos por apresentar a visão sociovariacionista da Terminologia. Por exemplo, UTC *colchonete de espuma flexível de poliuretano*, apresentada na NBR 13579:1 (ABNT, 2011) e analisada no artigo de Vilarinho (2012), é constituída por “formativos que se organizam numa sequência de base+predicado”, de modo que “a construção de terminologias complexas é um fenômeno que se dá num contínuo conceitual que vai do + geral ao + específico”

¹⁰ Tradução: deve vir ao auxílio de lexicólogos e lexicógrafos para a análise e descrição de termos bem como para a nomeação e criação de termos.

¹¹ Tradução: Terminologia deve proporcionar uma oportunidade para o progresso na Lexicografia. Ambas as disciplinas interagem com outras, mas cada uma também transcende a outra, e cada uma pode oferecer métodos e fundamentos teóricos que as enriquecem.

(FAULSTICH, 2003, p. 14). Ao analisar a formação da UTC *colchonete de espuma flexível de poliuretano*, constitui-se a regra [AaBCD], observe:

[[[[[colchonete] de espuma[flexível[de poliuretano]

A aB C D

em que A é a base predicada por BCD. “Na regra de formativos, a repetição do símbolo em minúsculas diz que se trata de um significado apostivo” (Id., Ibid., p. 16).

Já em 1953, Wüster (1998, p. 21), o criador da Terminologia, “todo trabalho terminológico utiliza como ponto de partida os conceitos com o objetivo de estabelecer delimitações claras entre eles.” Todo termo possui significado que é composto pelo conceito.

Os termos que representam os conceitos são identificados e organizados pela Terminologia e lexicografados nos dicionários, com vistas a que o falante de língua comum tenha acesso ao léxico que possibilita a comunicação nos variados domínios do saber. Os termos são registrados também em obras terminológicas e terminográficas. Assim como a Lexicologia se ocupa de descrever os lexemas e a Lexicografia se preocupa em utilizar-se dessa descrição para elaborar obras lexicográficas, o mesmo procedimento ocorre com a Terminologia e com a Terminografia, visto que a Terminografia tem como objetivo a confecção de obras de consulta de termos com base na descrição da Terminologia.

Embora tanto a Lexicografia quanto a Terminologia produzam dicionários, vocabulários e glossários, há diferenciação no enfoque que é dado, visto que

a Lexicografia considera as palavras como parte do conjunto de unidades de que uma determinada comunidade dispõe para se comunicar por intermédio da língua. Já a Terminologia considera as palavras enquanto um conjunto delimitado por uma situação concreta de utilização (AUBERT, 2001, p. 26).

A Lexicografia descreve o léxico virtual e o léxico externo da língua. O léxico externo é o que é usado na elaboração de enunciados e consultáveis em obras. O virtual possibilita as construções das formas lexicais. A Terminologia se organiza em domínios discursivos que demandam a criação de termos, que precisam ser sistematizados e descritos. Há situações em que a Lexicografia também terá a mesma demanda, mas o que diferenciará uma da outra é que a Terminologia “se faz necessária para identificar o conteúdo conceptual específico da situação em que a palavra encontra-se integrada” (Ib., Ibid., p. 26).

Estamos de acordo com Rey (1995, p.123), quando afirma que “the applications of lexicography and terminology must necessarily link up at the level of their social function¹²”, pois a função social da Lexicologia, da Lexicografia, da Terminologia é oferecer os signos linguísticos sistematizados para que a sociedade possa interagir com propriedade vocabular. Dessa forma, as disciplinas Lexicografia, Lexicologia e Terminologia são complementares entre si. “Terminology and Lexicology, must mutually enrich each other by showing how designations and social reality are conveyed through language,” conforme Rey (1995, p. 92-93). A descrição dos signos linguísticos no âmbito da língua comum cabe à Lexicologia e, no âmbito das linguagens de especialidade, à Terminologia, o que faz com que essas disciplinas tenham a função de apresentar o léxico comum e especializado a ser usado em domínios discursivos.

No quadro subsequente, descreveremos os principais procedimentos metodológicos adotados pela Lexicografia e Terminologia com a identificação dos termos de uma área de especialidade para representar os conceitos.

Quadro 6: Procedimentos Metodológicos da Lexicografia e da Terminologia

Lexicografia	Terminologia
delimitação do público-alvo	delimitação do público-alvo
decisão sobre a nomenclatura que comporá a obra lexicográfica	identificação dos termos de uma área de especialidades para representar os conceitos
estabelecimento dos campos lexicais para categorização dos lexemas no caso de obras onomasiológicas	criação da árvore de domínio para ordenação dos termos
descrição dos lexemas	descrição dos termos
redação da macroestrutura e da microestrutura da obra	redação da macroestrutura e microestrutura da obra

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Para toda obra, seja lexicográfica, seja terminográfica, é indispensável estabelecer o perfil do público-alvo para que o nível da linguagem e a nomenclatura estejam adequadas ao consulente. Como a Língua Portuguesa possui acervo lexical vasto, a delimitação da nomenclatura é essencial, para que seja decidido quais lexemas encabeçarão os verbetes das obras lexicográficas. No contexto da Terminologia, é necessário obrigatoriamente selecionar o *corpus* que servirá de base para a identificação dos termos do domínio do saber. A Lexicografia pode usar essa metodologia, por

¹² Tradução: as aplicações de Lexicografia e Terminologia devem necessariamente vincular-se ao nível da sua função social.

exemplo, para selecionar os lexemas que devem ser registrados em um dicionário escolar. No entanto, a Terminologia precisa recolher termos para organização do campo conceitual da área de especialidade.

Na obra lexicográfica onomasiológica, isto é, aquela organizada do significado para o significante, os procedimentos metodológicos incluem a etapa de sistematização das categorias que regerão a ordenação da obra, conforme ocorre com os dicionários temáticos e analógicos, os quais possuem lexemas organizados com base em uma categorização estabelecida pelo lexicógrafo. Em obras terminológicas e terminográficas, após a identificação dos termos, é preciso fazer o mapeamento da área de especialidade para que se entenda a hierarquização dos termos, com vistas à organização dos conceitos. Dubuc (1985, p. 53) denominou tal processo como “árvore de domínio”, o que seria equivalente a criar os mapas conceituais para compreensão do campo conceitual da área em análise. A redação das definições, as decisões sobre os recursos linguísticos das obras são as etapas subsequentes ao processo de confecção de obras lexicográficas, terminológicas e terminográficas.

Em suma, a Lexicografia se serve da descrição da Lexicologia e da Terminologia para compor os recursos linguísticos das obras que produz, visto que o usuário de língua comum precisa ter acesso à língua comum e à linguagem de especialidade para se comunicar. A Terminografia, ao elaborar obras terminológicas e terminográficas, emprega a metodologia postulada pela Terminologia. Ao analisar os procedimentos metodológicos da Terminologia e da Lexicografia, fica claro que há semelhanças e diferenças entre ambas, mas podemos concluir que uma completa a outra.

A contribuição da Terminologia para a Lexicografia é disponibilizar conceitos que designam os termos, com vistas a que o falante de língua comum possa entender e produzir enunciados nos quais aparecerem termos em situações de uso da língua. Além disso, dependendo do tipo de obra lexicográfica, a metodologia da Terminologia pode ser aplicada.

Neste capítulo, foram realizadas: i) apresentação da autonomia do léxico; ii) identificação da interface do léxico com outras áreas da Linguística; iii) apresentação da Lexicologia e a Lexicografia como áreas que têm o léxico objeto de estudo; iv) distinção entre dicionário e outras obras; v) reflexões acerca de política de língua

aplicada a obras lexicográficas e vi) comparação entre a Lexicografia e a Terminologia, a fim de verificar semelhanças e diferenças entre ambas.

O entendimento acerca do léxico, das tipologias lexicográficas e da política de língua adotadas em obras lexicográfica brasileiras contribuem para que possamos identificar o cenário lexicográfico. Após a compreensão desse cenário e das características dos dicionários, prepara-nos para pensar em um modelo de dicionário.

No próximo capítulo, abordaremos as teorias do significado para identificar as entidades que constituem o significado e aplicaremos a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames* para elaboração de dicionário analógico. Descrevemos ainda a diferença entre mapa conceitual e mapa mental, que podem ser ferramentas para organização da informação do novo modelo de dicionário analógico.

CAPÍTULO 2: O SIGNO LINGUÍSTICO NA ESTRUTURA CONCEITUAL DE UM DICIONÁRIO ANALÓGICO

Há modelos de signos linguísticos, criados com a finalidade de explicitar o significado. Como o dicionário analógico é de caráter onomasiológico, por partir do significado para o significante, desvendaremos as entidades que compõem o significado, a fim de que o novo modelo de dicionário analógico possa apresentar o significado completo. A noção de prototipicidade, a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos, bem como a Semântica de *Frames* nos auxiliam a identificar como a Semântica Cognitiva organiza os significados. Para que o significado seja compreendido, é necessário apresentá-lo por meio de ferramenta de organização da informação. Para isso, demonstraremos o modo como se organizam mapa conceitual e mapa mental.

2.1 ENTIDADES NA CONSTITUIÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO: A PROTOTIPICIDADE

O léxico de uma língua é formado por unidades linguísticas, especificamente denominadas unidades lexicais, que são signos linguísticos. Segundo Rastier, Cavazza e Abeillé (1994, p. 28), “cada teoria de significado define um tipo de signo.” A teoria do significado de Frege e Ogden & Richards (1923), as noções de signo linguístico de Saussure (1916), Peirce (1908), Hjelmslev (1943) são discutidas. Analisamos essas teorias do significado com o apoio na noção de signo linguístico, a fim de apresentar as entidades que constituem o signo. Para que haja compreensão das entidades constituintes do significado, é necessário que as pesquisas no âmbito do Léxico retomem a noção de signo linguístico

Para Chafe (1979, p. 167),

as tentativas de explicar a função dos signos se ligam intimamente às tentativas de estabelecer uma tipologia dos signos capaz de possibilitar, por sua vez, uma hierarquização dos signos, do ponto de vista de seu conteúdo e de sua extensão, pondo assim uma certa ordem nas questões terminológicas. Há terminologias variadas para denotar os tipos de signos postulados.

Como há vários tipos de signos linguísticos, entendidos por diferentes estudiosos, os componentes variam, assim como os postulados para o signo. Por isso,

retomaremos os conceitos de Saussure (1916), Ogden & Richards (1923), Hjelmslev (1943) e Peirce (1908), para compreender o pensamento desses autores.

Para cada constructo, apresentaremos uma representação visual, de modo que as caixas de textos destacadas na cor verde mostram nosso entendimento a respeito da entidade que compõe o signo, e as caixas de textos em azul descrevem a terminologia usada originalmente pelos autores assinalados.

O signo forma um todo, mas só por meio de abstração mental pode ser analisado em parte (SCHAFF, 1968, p. 175). Com base na abstração mental, apresentada pelos autores mencionados, estudaremos as partes que constituem o signo linguístico.

O modelo histórico de significação mais conhecido é o aristotélico, hoje conhecido como o triângulo semiótico: palavra, conceito, coisa (RASTIER et al, 1994, p. 28), representado na figura a seguir.

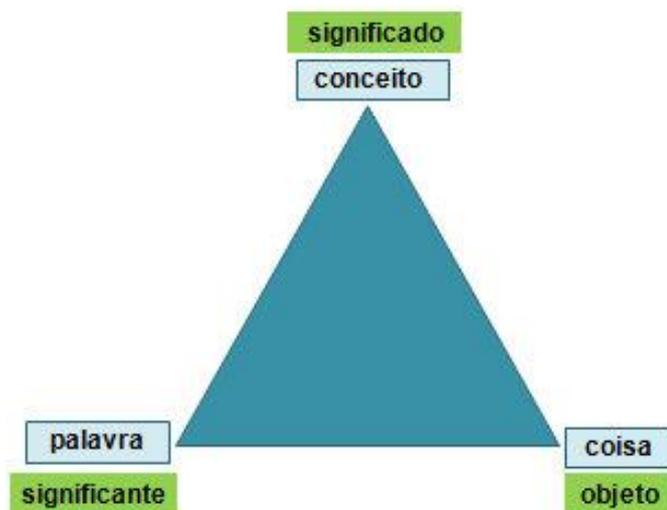


Figura 4: triângulo semiótico de Aristóteles (336 a. C).
Fonte: (RASTIER et al, 1994, p. 28)

Frege (1892), matemático e filósofo alemão, em seu artigo “Sobre o sentido e a referência,” apresentou, na Teoria do significado, que o signo linguístico é formado por sinal (nome), sentido e referência. O sentido e a referência formam o pensamento, que constitui o significado, conforme representamos na figura subsequente.

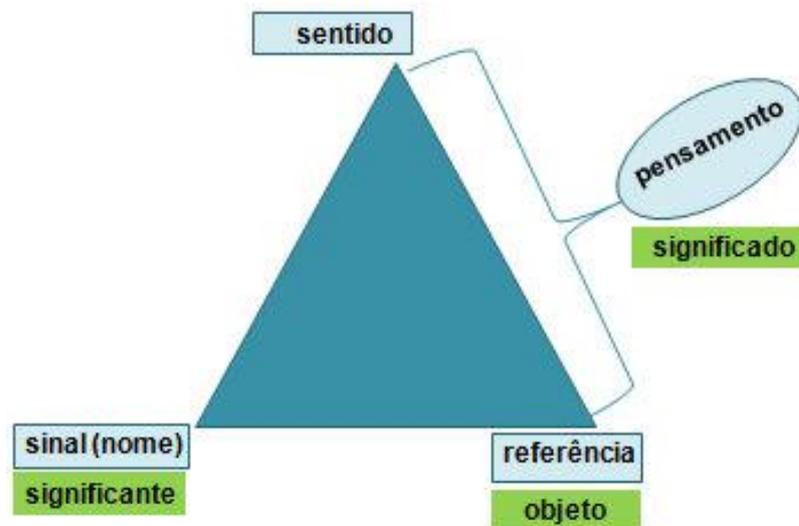


Figura 5: Interpretação da Teoria do significado de Frege (1892).
 Fonte: (VILARINHO, 2013, adaptado)

Frege (1892) afirma que, para a compreensão de um significado, identifica-se a referência (coisa) e o sentido, de modo que ambos constroem o pensamento vinculado ao sinal (significante). O chamado “pensamento” representa o significado. Em síntese, esse filósofo preocupou-se em explicar o significado das sentenças atribuindo valor de verdade ao pensamento e à referência. A relevância da teoria de Frege é a inserção do sentido, entendido como “modo de apresentação do objeto” (FREGE, 1978, p. 62), como elemento integrante do signo.

Para Frege (1872), há três aspectos na significação de uma palavra: a referência, que designa o que a palavra quer dizer, o sentido que exprime como a palavra formula sua significação e a imagem mental associada a esta palavra por cada usuário da língua.

Para o filósofo, matemático e cientista americano Peirce (1839-1914), o signo

é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com a referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do signo (PEIRCE, 1975, p. 94, grifo do autor).

Com base nas ideias de Peirce, o signo é composto por objeto, que é determinado por uma coisa, e interpretante, que determina um efeito sobre outra pessoa, sendo o Interpretante, por sua vez, mediatamente determinado pelo seu Objeto (OGDEN & RICHARDS, 1972, p. 288). O Objeto possui o fundamento que

entendemos como o conceito. Assim sendo, o signo representa o objeto, o qual possui um conceito, conforme figura a seguir:

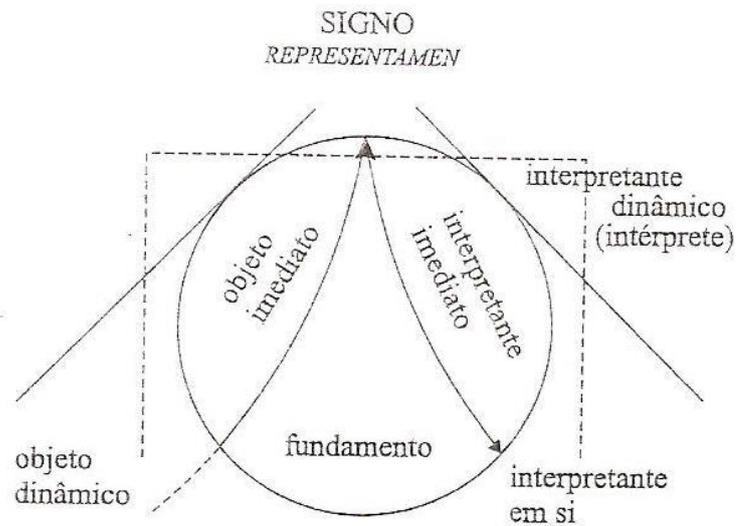


Figura 6: Signo de Peirce (1894).
Fonte: (PEIRCE, 1975)

O objeto gera o interpretante que é o significado e o sentido. Na tentativa de representar o signo linguístico de Peirce, criamos a ilustração a seguir:

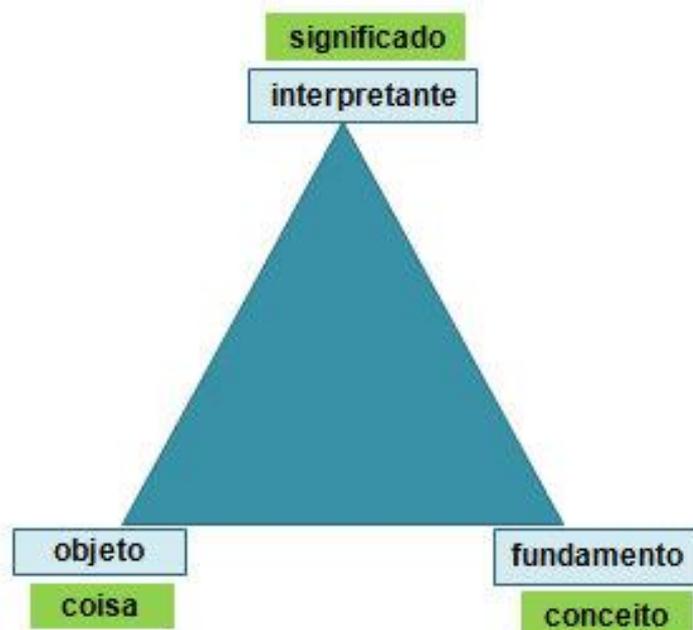


Figura 7: Signo linguístico de Peirce (1908).
Fonte: (PEIRCE, 2000, adaptado)

Ogden & Richards (1972, p. 280) interpretam as entidades do signo, assim:

objeto imediato [...] é o objeto tal como o próprio sinal o representa e cujo ser depende, pois, da sua representação no sinal, do objeto dinâmico, que é a realidade, a qual, por determinados meios, consegue determinar o sinal para a sua representação. [...] o interpretante imediato é o sinal tal como revelado na correta compreensão do próprio sinal e é vulgarmente chamando de ‘significado’ do sinal; [...] interpretante dinâmico é o efeito concreto que o sinal, como sinal, realmente determina.

Desse modo, o objeto imediato é o objeto representado pelo significante e o objeto dinâmico é como a coisa é apresentada no mundo real. O interpretante imediato, por sua vez, é o significado produzido pela coisa e o interpretante dinâmico é o sentido que representa em um dado contexto.

Rector & Yunes (1980, p. 42) chamam atenção para a teoria discutida por Ogden & Richards “entre o símbolo e o referente não há nenhuma relação relevante, a não ser indireta, que consiste no fato de o primeiro ser usado por alguém para representar a referência [...], só passa a ter significação em função do interpretante”. Assim, a significação parte do emissor e baseia-se em ideias, é algo que ocorre na mente, logo é uma teoria mentalista.

O modelo aristotélico, tríade do signo, foi retomado por Ogden & Richards (1923), quando apresentaram o signo composto por símbolo, pensamento ou referência e referente, presente na figura subsequente.

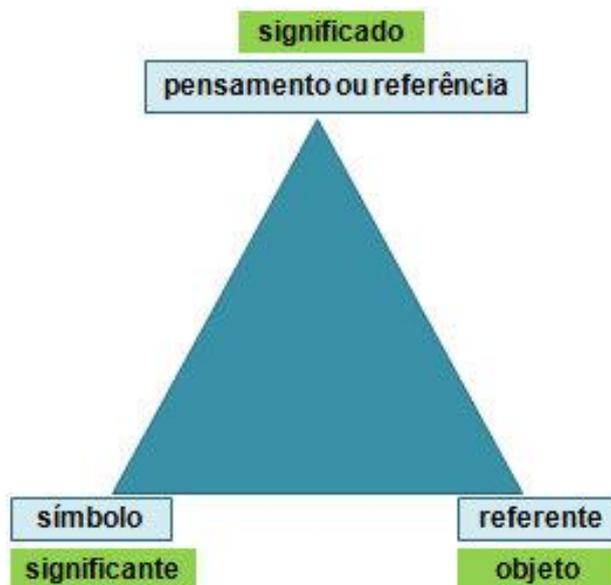


Figura 8: Modelo de signo de Ogden & Richards (1923).
Fonte: (OGDEN & RICHARDS, 1972, p. 32, adaptado)

A análise de Ogden & Richards é feita do ponto de vista do simbolismo, que estudava os assuntos humanos, tendo como base a linguagem e os símbolos, com foco na influência exercida sobre o pensamento (OGDEN & RICHARDS, 1972, p. 30).

Ogden & Richards (1923) esclarecem:

os símbolos dirigem e organizam, registram e comunicam. Ao estabelecer-se o que eles dirigem e organizam, registram e comunicam, temos que distinguir sempre entre pensamento e coisas. É o pensamento (referência) aquilo que é dirigido e organizado; e também é pensamento o que é registrado e comunicado (OGDEN & RICHARDS, 1972, p. 30-32).

Na comunicação, o símbolo representa o pensamento e o referente. Ao interpretar o modelo de Ogden & Richards, acreditamos que símbolo, pensamento ou referência e referente, são, respectivamente, as entidades, significante, significado e coisa.

O estruturalista Saussure (1916) apresentou o signo linguístico composto apenas por duas entidades, o significante e o significado. O significado representa a imagem acústica o significante, o conceito, conforme a figura a seguir representa:

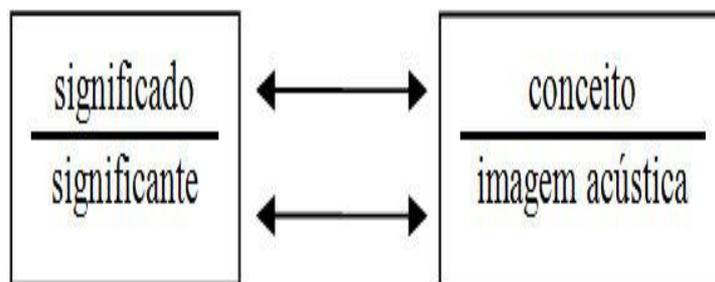


Figura 9: Signo linguístico de Saussure (1916).
Fonte: (SAUSSURE, 1999, adaptado)

Apesar de o signo linguístico de Saussure ter sido um avanço nos estudos linguísticos, ele não delimitou a distinção entre conceito e significado. Diante disso, é necessário compreender as entidades que constituem o signo linguístico e o lugar que ocupam.

Para Hjelmslev (1923), por sua vez, signo é

uma grandeza de duas faces, uma cabeça de Janus com perspectiva de dois lados, com efeito nas duas direções: ‘para o exterior’, na direção da substância da expressão, ‘para o interior’, na direção da substância do conteúdo. Isso significa que o signo linguístico é “um todo formado por expressão e conteúdo.

A expressão é formada pelos fônemas forma de expressão e substância de expressão (cadeia fônica). O conteúdo é constituído pelos fônemas forma de conteúdo e

por substância de conteúdo (pensamento). Há solidariedade entre as grandezas expressão e conteúdo, pois “uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo, porque é conteúdo de uma expressão” (HJELMSLEV, 1963, *passim*).

A figura subsequente nos mostra a representação do signo de Hjelmslev composto por duas faces, que são a expressão e o conteúdo, os quais se subdividem em mais duas faces. No âmbito da expressão, interpretamos que a forma de expressão é a forma do fonema e a substância de expressão é a cadeia fônica. No âmbito do conteúdo, a forma de conteúdo é o sentido e a substância de conteúdo é o pensamento, entendido como conceito.

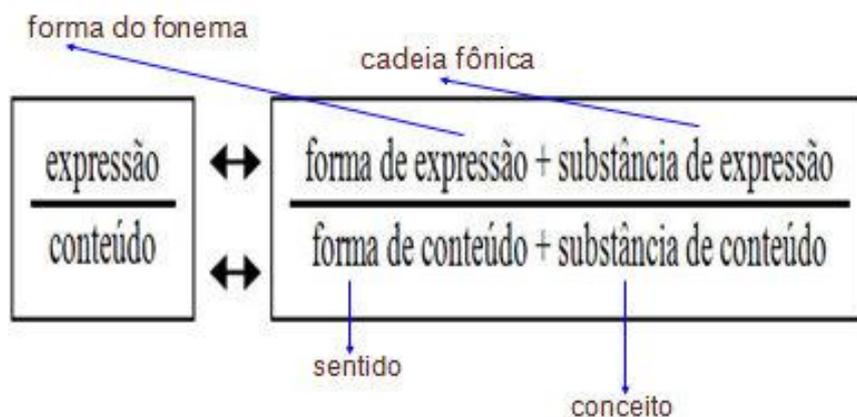


Figura 10: O signo linguístico de Hjelmslev (1963).
Fonte: (HJELMSLEV, 1963, adaptado)

Forma e substância são tema já estudados por Saussure (1916), quando afirmou que a língua é forma e a fala, substância. Assim sendo, podemos mencionar que forma é fônico que apresenta a estrutura de uma língua, enquanto a substância é o fônico que expõe as entidades da língua, a sua parte física. Por sua vez, Pottier (1978, p. 37) declarou que “as articulações sêmicas de uma língua constituem sua forma, ao passo que o conjunto de eixos semânticos traduz sua substância.” As articulações sêmicas são construídas com base na estrutura da língua, de modo que as articulações produzem significados manifestos no sistema individual.

Para Pottier (1978, p. 26),

a substância do significado é constituída por conjuntos de traços semânticos. A forma de substância é caracterizada por traços classificatórios que são a base de categorias. No conjunto de traços da substância do significado, há os traços distintivos de significação.

Com base na abordagem da Semântica Estruturalista, o conjunto de traços semânticos são os sememas, cada um desses traços são os semas, que podem ser denotativos ou conotativos. Os denotativos determinam de uma maneira estável e com um vasto domínio social a significação de um signo. Os conotativos caracterizam de uma maneira estável e, muitas vezes, individual a significação de um signo. A forma do significado é caracterizada por traços classificatórios que são a base de categorias (as partes dos discursos são exemplo disso). Os semas denotativos podem ser específicos, quando permitem distinguir dois sememas vizinhos, ou genéricos, quando indicam a dependência a uma categoria geral. Em resumo, os traços semânticos que compõem o significado podem ser denotativos, formados por semantema (conjunto de semas específicos) por classemas (conjunto de semas genéricos), e os conotativos que são o conjunto de semas conotativos (virtuema). A contribuição do modelo de signo linguístico de Pottier (1978) é a inserção da categoria (classema), das características específicas (semantema), dos sentidos denotativos e conotativos na descrição do significado.

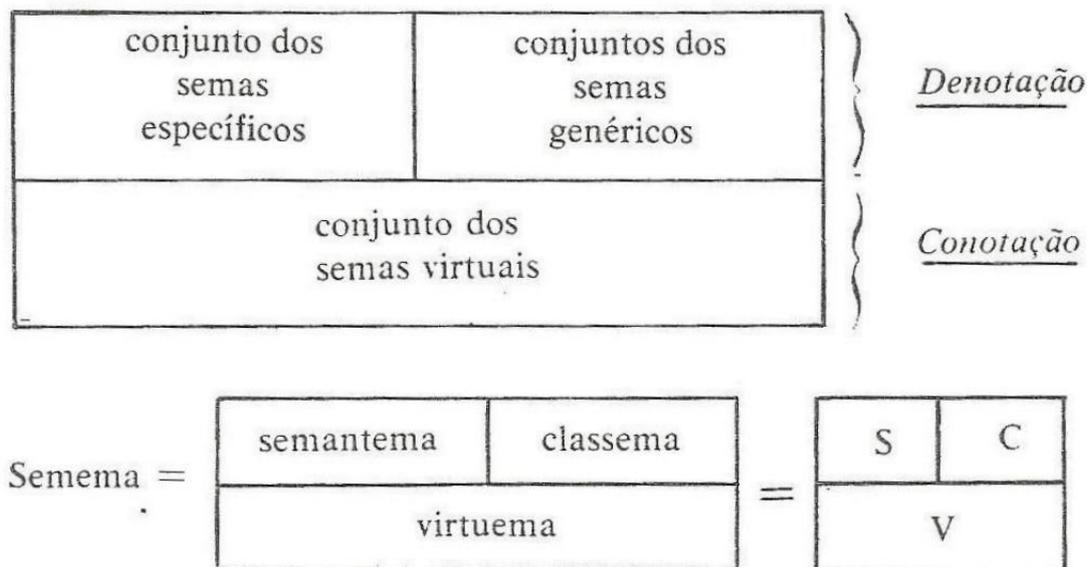


Figura 11: Signo de Pottier (1978).
Fonte: (POTTIER, 1978, p. 30)

A breve análise dos signos linguísticos serve para mostrar que as entidades essenciais na composição do signo são significante, significado, conceito, referente, sentido, conforme a figura a seguir representa:



Figura 12: Entidades constituintes do signo linguístico.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

De acordo com Saussure (1916), o signo linguístico é formado pelo significante e pelo significado. O significante é composto por expressão. O significado, no qual se concentra o foco deste estudo, é composto por conceito (que é sustentado pelo referente), pelo sentido, pela dimensão extensional e pela dimensão intencional.

Lopes & Rio-Torto (2007, p. 23) afirmam que

na significação de uma unidade lexical destacam-se as dimensões intencional e extensional. Por extensão, designam-se as classes de referentes ou de denotados de uma unidade lexical. As propriedades semânticas de uma unidade lexical perfazem a sua intensão.

Conceito, referente e sentido são entendidos neste trabalho como representação mental do referente, coisa, “lugar que uma palavra ocupa num sistema de relações que a palavra constrói com outras do vocabulário” (LYONS, 1987, p. 450). “A dimensão intencional diz respeito às propriedades semânticas de uma unidade lexical. A dimensão extensional representa as classes de referentes” (LOPES & RIO-TORTO, 2007, p. 23).

Para Lehmann & Martin-Berthet (2008, p. 34), “La propriété de pouvoir renvoyer aux objets du monde, extérieurs à la langue; ces objets sont les référents.¹³” Assim, os signos linguísticos representam os referentes que são “des entités matérielles ou conceptuelles (être, objets, lieux, processus, propriétés, événements, etc). Les

¹³ Tradução: A propriedade de poder remeter aos objetos do mundo, exteriores à língua; esses objetos são os referentes.

référents révèlent de l'univers extralinguistique réel ou fictif¹⁴” (LEHMANN & MARTIN-BERTHET, 2008, p. 34).

Na literatura, o conceito de “sentido” é frequentemente empregado como “significado”. Conforme Faulstich (1995, p. 283), “o significado resulta da combinação de sentidos”. No âmbito desta pesquisa, o sentido é um dos elementos do significado, mas não pode ser considerado sinônimo de significado. Estamos de acordo com a definição de Cançado (2005, p. 83) para “sentido”. Segundo tal definição, sentido é o “modo no qual a referência é apresentada, ou seja, o modo como uma expressão linguística nos apresenta a entidade que ela nomeia.” Essa definição está em consonância com a de Lyons mencionada anteriormente, sendo “sentido” o lugar que um lexema ocupa em um sistema de relações semânticas com outros lexemas. Ainda complementando a noção de sentido, Niklas-Salminen (1997, p. 92) afirma que “l'actualisation de les traits disponibles qui peut évoluer dans le temps par le context constituent le sens. Ainsi, chaque signe prend un sens particulier dans une phrase.¹⁵”

Há os sentidos categorizados como denotativo ou conotativo. Castilho & Elias (2012, p. 24) explicitam que o sentido denotativo é o “sentido independente do contexto interacional, conhecido tecnicamente como sentido referencial; e o sentido conotativo “é um sentido dependente do contexto interacional, conhecido tecnicamente como sentido dêitico.” O sentido denotativo é o referencial. O sentido conotativo, por sua vez, possui uma significação figurada, delimitada pelo contexto.

Ao retomarmos as entidades constituintes do signo linguístico, acrescentamos que o conceito está na substância do conteúdo. O sentido, a dimensão extensional e intencional do significado dependem da forma do conteúdo. O significado apresenta um conjunto de traços semânticos, sendo que o conceito é o traço profundo, que contém a principal característica definidora do significado. A figura a seguir representa nossa interpretação das entidades que compõem o signo linguístico, de modo que serve para mostrar a localização de cada entidade do significado. Acrescentemos que, com relação à expressão, nada se pode dizer diferente de Hjelmslev.

¹⁴ Tradução: As entidades físicas ou conceituais (seres, objetos, lugares, processos, propriedades, eventos etc). Os referentes revelam o universo extralinguístico.

¹⁵ Tradução: "A atualização das características que podem evoluir ao longo do tempo pelo contexto constituinte do sentido. Assim, cada signo tem um sentido particular em uma frase."

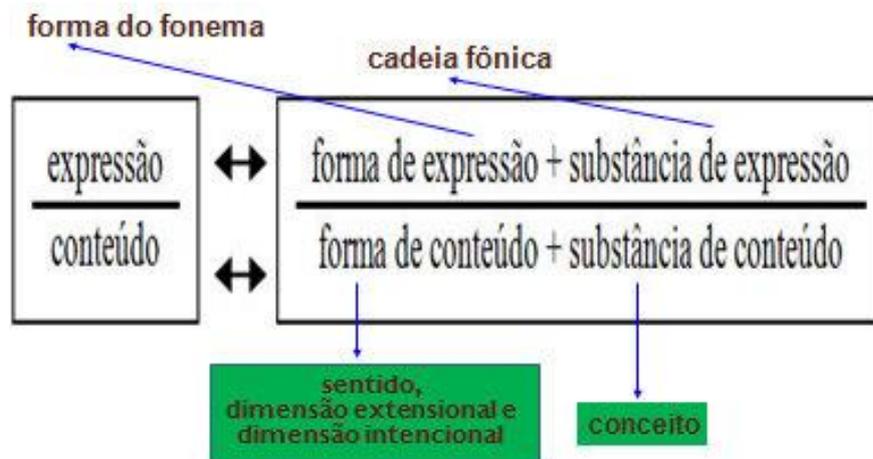


Figura 13: Proposta de signo linguístico.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

Para acrescentar mais reflexão acerca do significado, a noção de prototipicidade e de protótipos se torna essencial, na identificação das características da coisa descrita. Por prototipicidade, entendemos o conjunto das principais características semânticas do objeto. Na definição de um significado, a prototipicidade deve ser reconhecida. Assim, na categoria animal, há comparação de gato com ornitorrinco, ambos são animais mamíferos. Todavia, o ornitorrinco possui grau de prototipicidade menor da categoria mamífero que o gato, uma vez que este possui mais características dos mamíferos. As características que fazem o grau de prototipicidade aumentar ou diminuir aparecem no significado. Por isso, o conjunto das entidades do significado forma a prototipicidade das coisas. Silva (1999, p. 35) argumenta que

a prototipicidade é, por si própria, uma noção prototípica: ela não se reduz a um único fenômeno, a uma única característica ou efeitos distintos, que se recobrem (e se podem combinar de diferentes maneiras) mas não se implicam; ela não se define por um conjunto de propriedades comuns, mas por propriedades parcialmente semelhantes.

Silva (Id., Ibid., p. 35) ressalta que o protótipo é “exemplar representativo de um significado” ou “significado central de um item lexical polissêmico.”

Ao relacionar as entidades do significado com os conceitos de prototipicidade e de protótipo, verificamos que, para delimitar o protótipo, perpassa-se pelo conceito. Com base na representação mental que o ser humano faz das coisas do mundo, é possível depreender os traços a ponto de chegar ao exemplar mais representativo. Esses traços são explicitados no conceito. A ligação entre o conceito e o protótipo se dá pelo efeito de prototipicidade, que são os graus de representatividade entre os membros de uma categoria.

No exemplo seguinte, identificamos as entidades que constituem o significado e as características do protótipo referentes ao lexema *gato*.

Quadro 7: Exemplo da identificação das entidades constituintes do significado

Entidades constituintes do significado	Características
conceito	animal mamífero carnívoro da família dos felídeos.
sentido	denotativo: animal mamífero carnívoro da família dos felídeos.
	conotativo: homem atraente.
	conotativo: ligação irregular feita para furto de serviço pago.
dimensão extensional	animal mamífero carnívoro doméstico da família dos felídeos.
dimensão intencional	predador ocupante do topo da cadeia alimentar que caça insetos, pequenas aves e roedores para se alimentar.
protótipo	animal felídeo doméstico de pequeno porte.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

No lexema, o conjunto das características constitui a prototipicidade. Há proximidade entre o conceito e o protótipo, de modo que o protótipo possui mais características por ser mais influenciado pelas experiências humanas. O protótipo varia de acordo com a sociedade, já o conceito é uma representação com características mais universais. Por isso, acreditamos que o conceito de gato não inclui o atributo doméstico, já em todo animal é doméstico em todas as culturas do mundo. Em nossa cultura, o protótipo de gato abrange a domesticidade.

Na seção posterior, ampliaremos a discussão sobre a prototipicidade e o protótipo, segundo a Teoria dos Protótipos. Em seguida, abordaremos o assunto com amparo da Semântica de *Frames*.

2.2 A SEMÂNTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva surgiu entre o final da década de 70 e o início da década de 80, visando investigar o fenômeno da significação, com base na Linguística e na Psicolinguística. A Psicolinguística que serviu de apoio para o surgimento da Linguística Cognitiva tem os pressupostos teóricos embasados na pesquisa de Elenor Rosch sobre o papel dos protótipos no processo de categorização. A Linguística Cognitiva foi institucionalizada em 1990 com a criação da International Cognitive Linguistics Association da revista *Cognitive Linguistics* (dirigida por Geeraerts) e da Coleção *Cognitive Linguistics Research* (editada por Dirven, Langacker, Taylor e publicada por Gruyter). Essa subárea da Linguística interessa-se pelo conhecimento

através da linguagem e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo (SILVA, 1999, p. 10 e 12).

Como subárea da Linguística Cognitiva, originou-se a Semântica Cognitiva, cujos principais representantes são Geeraerts (1975), Fillmore (1977), Lakoff (1987), Langacker (1972), entre outros. Para organizar as coisas do mundo, usamos a nossa capacidade mental de raciocinar e as experiências. Nesse contexto, a Semântica Cognitiva busca explicar o significado, ligando-o ao processo de categorização e às experiências. A experiência é entendida como “um funcionamento ativo como parte do ambiente natural e social”, conforme Feltes (2007, p. 88). Na sequência, abordaremos a Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames* em vistas da constituição de um dicionário analógico.

2.2.1 Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos

A Teoria dos Protótipos iniciou-se na década de 70 com Elenor Rosch com base em pesquisas acerca da prototipicidade dos conceitos, a fim de interpretar os fenômenos de categorização. A teoria se subdivide em duas versões segundo Kleiber (1990). A primeira versão é a padrão e a segunda versão é a ampliada. A versão padrão foi elaborada pela psicóloga americana Eleanor Rosch (1975) e pela equipe dela, ao pesquisar a estrutura interna das cores, das aves e de outras categorias. A versão ampliada foi proposta por Kleiber (1990) e surgiu em decorrência de críticas à primeira versão da teoria, por isso a segunda versão representa uma ruptura com relação à versão padrão por ter ocorrido abandono de hipóteses iniciais da teoria dos protótipos.

O protótipo foi definido “comme étant le meilleur exemplaire ou encore la meilleure instance, le représentant ou l’instance central d’une catégorie”¹⁶ (KLEIBER, 1990, 47-48). Categoria, por sua vez, foi definida como “structure prototypique”¹⁷. Nessa estrutura prototípica, há o centro prototípico e casos mais ou menos distantes, de acordo com maior ou menor semelhança com o centro (Id., Ibid., p. 51-52). Há categorias que possuem membros mais característicos e outros menos, de modo que o

¹⁶ Tradução: como sendo o melhor exemplar ou ainda a melhor instância, o representante ou a instância central de uma categoria.

¹⁷ Tradução: “estrutura prototípica”.

membro com menos atributos em comum com relação aos demais da categoria é designado membro periférico.

A figura subsequente, de Givón (1986, p. 79 apud KLEIBER, 1990, p. 65), representa os membros localizados na interseção pintada que possuem as propriedades típicas da categoria, por isso são os membros prototípicos. Assim sendo, o membro do centro é o mais prototípico. “Les membres possèdent les propriétés A, B, C e D, caractéristiques du prototype d’une catégorie.”¹⁸ (KLEIBER, 1990, p. 66). A interseção entre as propriedades pode estar vazia por não ter exemplar que possua as quatro propriedades.

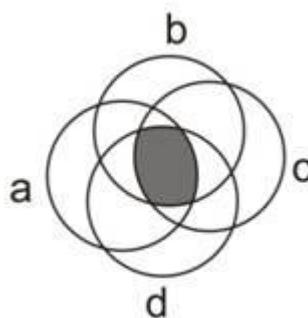


Figura 14: Representação do conceito de protótipo.
Fonte: (KLEIBER, 1990, p. 65)

Como exemplo, podemos observar a categoria *fruta*. As definições que nos serviram de base para identificação das características da categoria fruta foram extraídas do Léxico Multilíngue de frutas brasileiras para exportação (1999), denominado Frutalex.¹⁹

Para uma descrição dos atributos dos objetos dessa categoria, realizamos a análise componencial, útil como método de organização, a fim de explicitar os traços comuns e os traços distintivos entre os membros da categoria. Quando se está diante de um “conjunto de elementos que apresentam o máximo de afinidade, [...] as diferenças serão tanto mais significativas” (POTTIER, 1978, p. 61). Por isso, perante um campo lexical de uma determinada categoria, a análise componencial, conhecida também como

¹⁸ Tradução: Os membros possuem as propriedades A, B, C e D, características do protótipo de uma categoria.

¹⁹ O Frutalex foi desenvolvido no Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), pela bolsista Ana Maria Brandão Cavalcanti, orientada pela Dra. Enilde Faulstich, coordenadora do Centro Lexterm da UnB. “O objetivo principal do Frutalex é o de apresentar denominações de frutas brasileiras que são exportadas para os outros países do Mercosul, de acordo com a perspectiva de intercâmbio comercial” (FAULSTICH, 1999).

análise sêmica, é um método de decomposição do significado. Essa análise serve para organizar as características de cada um dos elementos, facilitando a compreensão das semelhanças e diferenças entre os lexemas. Na análise componencial, delimitam-se as características dos lexemas de uma categoria, representando a ausência de atributo pelo símbolo negativo (-), denominado traço distintivo, e a presença de atributo pelo símbolo positivo (+), denominado traço semântico comum. Segundo a postulação do estruturalista Pottier (1978), o conjunto de traços é o semema e a cada traço é o sema. Desse modo, o significado das frutas é constituído pelo semema da análise componencial, formada por semas, organizado no quadro seguinte:

Quadro 8: Análise componencial da categoria *fruta*

características/fruta	Maçã	Uva	banana	laranja	limão	abacate
é fruto de polpa comestível	+	+	+	+	+	+
nasce em árvores	+	-	+	+	+	+
possui casca comestível	+	+	-	-	-	-
tem formato redondo	+	-	-	+	+	-
tem formato arredondado	+	+	-	+	+	+
faz suco	+	+	+	+	+	+
come-se cru	+	+	+	+	+	+
é doce	+	+	+	+	-	+

Diagrama de classificação:

- Um grupo de setas azuis aponta para a primeira coluna da tabela, rotulado "sema".
- Um grupo de setas azuis aponta para as primeiras sete linhas da tabela, rotulado "traço semântico comum".
- Um grupo de setas azuis aponta para a última linha da tabela, rotulado "traço distintivo".

A análise componencial mostra que os semas são as características, a saber: é fruto de polpa comestível, nasce em árvores, possui casca comestível, tem formato redondo, tem formato arredondado, faz suco, come-se cru e é doce. O conjunto dessas características forma o semema da categoria *fruta*.

Com base nas informações do quadro, verificamos que as características prototípicas de fruta são as que ocorrem com maior frequência nos membros da categoria em análise, as quais são: ser fruto de polpa comestível, nascer em árvores, fazer suco, comer-se cru, ser doce. Assim, a fruta mais prototípica é a maçã por ter mais traços comuns e típicos de frutas. Do conjunto de frutas listadas, a *banana* e o *abacate* possuem mais traços distintivos, assim seriam os mais periféricos entre os demais presentes da análise componencial descrita.

A Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos é um modelo que prevê, mas não exige, que os membros de uma mesma categoria tenham traços em comum. Para justificar a falta de exigência de traços em comum, Schlyter (apud KLEIBER, 1990, p.

156) afirmou que “il y a peu de propriétés, peut-être aucune, qui sont communes à tous les individus périphériques, il n’y a qu’une famille ressemblance ou des ressemblances avec le prototype”.²⁰

A noção de protótipo já não é mais a entidade fundadora da estrutura categorial, pois é possível haver protótipos de diferentes categorias. Desse modo, o protótipo é substituído por efeito, por isso há o foco nos graus de prototipicidade e não no protótipo. O conceito de ar de família é essencial nessa teoria, o qual

caractérise un ensemble de similarités entre différentes occurrences d’une même famille. La question cruciale est cependant de voir quelles sont ces ressemblances : ce sont des propriétés qui n’ont pas besoin d’être partagées par tous les membres, mais que l’on retrouve au moins chez deux membres
²¹(KLEIBER, 1990, p. 157-158).

Assim, ar de família é a propriedade que justifica o fato de os membros de uma classe serem ligados uns aos outros, sem ter uma propriedade comum que defina a categoria. A ideia de semelhança de família foi proposta inicialmente por Wittgenstein (1953). Com base nesse conceito, os elementos relacionam as categorias de forma lateral e não central, conforme o esquema de Givón (1986 apud KLEIBER, 1990, p. 160):

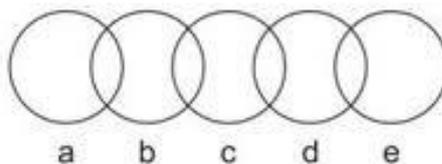


Figura 15: Representação dos efeitos de prototipicidade.
Fonte: (KLEIBER, 1990, p. 160)

Não é necessário existir propriedade comum entre os objetos de uma série qualquer como tinha que ocorrer na versão padrão. Assim sendo, “une ressemblance de famille peut donc consister en un ensemble de référents A, B, C, D, E unis entre eux par des relations de type associatif : AB BC CD DE qui justifient une appellation commune”²² (KLEIBER, 1990, p. 159).

²⁰ Tradução: existem poucas propriedades, talvez nenhuma, que são comuns a todos os indivíduos periféricos, existe apenas uma semelhança de família ou semelhanças com o protótipo.

²¹ Tradução: caracteriza um conjunto de similaridades entre diferentes ocorrências de uma mesma família. A questão crucial é, no entanto, de ver quais são essas semelhanças: são propriedades que não necessariamente precisam ser compartilhadas por todos os membros, mas que são encontradas ao menos em dois membros.

²² Tradução: uma semelhança de família pode então consistir num conjunto de referentes A, B, C, D, E unidos entre si por relações de tipo associativo: AB BC CD DE que justificam uma denominação comum.

Notemos que a categorização é justificada pelas relações de associação entre os diferentes referentes e não por uma relação comum a todos referentes. Para haver semelhança de família, não precisa ter propriedade compartilhada com todos os membros, mas alguma propriedade comum deve ser encontrada em pelo menos dois membros (Id., Ibid., p. 157-159).

Essa versão da teoria dos protótipos

résulte une version polysémique ou multi-catégorielle qui, plutôt que d'expliquer pourquoi telle ou telle entité particulière appartient à telle ou telle catégorie, rend compte de ce qu'un même mot peut regrouper plusieurs sens différents, c'est-à-dire peut renvoyer à plusieurs types de référents ou de catégories²³ (Id., Ibid., p. 155).

É válido acrescentarmos que a noção de protótipo não pode ser confundida com a de estereótipo,

embora tanto uma como outra destacam a informação mais saliente de uma dada categoria, o estereótipo é o conjunto mínimo de dados socialmente determinados (ou 'norma social') relativamente à extensão de uma categoria, representando portanto uma noção sociolinguística relacionada com a organização do conhecimento semântico dentro de uma sociedade, ao passo que o protótipo é uma noção psicolinguística relacionada com a organização do conhecimento semântico no léxico mental (SILVA, 1999, p. 36-37).

Enquanto o protótipo constitui-se de um conjunto de propriedades reais dos objetos, o estereótipo se constrói de experiências da sociedade em relação ao objeto, gerando uma distorção das características da coisa no mundo.

A discussão sobre a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos aplicada ao dicionário analógico encontra-se na seção 5.4.

2.2.2 A Semântica de *Frames*

Fillmore, americano e professor da Universidade da Califórnia, em 1997, ao fixar a Semântica de *Frames* como “parte da hipótese de que o aparato conceptual humano é constituído não por conceitos isolados, mas por conjuntos conceptuais internamente estruturados” (SILVA, 1999, p. 20).

Os conceitos norteadores da Semântica de *Frames* são cena, esquema e frame. Cena refere-se às “experiências do mundo real, ações, objetos, percepções e memórias

²³ Tradução: resulta numa versão polissêmica ou multicategorial que, em vez de explicar porque tal ou tal entidade particular pertence a tal ou tal categoria, dá conta do fato de que uma mesma palavra pode reagrupar vários sentidos diferentes, ou seja, pode remeter a vários tipos de referentes ou de categorias.

peçoais”, segundo Fillmore (1995, p. 82). *Frames* “refers to the linguistic units associated with a cognitive scene, [...] presuppose a fairly complete understanding of the nature of the total transaction or activity”²⁴ (Id., Ibid., p. 78-79). A cena pode ativar o frame e vice-versa. *Frames* são associados na memória com outros *frames*, assim como cenas são relacionadas com outras cenas (Id., 1977b, p. 127).

Esquema se refere a “conceptual structures or frameworks that are linked together in the categorization of actions, institutions and objects found in sets of contrast, object prototypes, among other”²⁵ (Id., Ibid.). Faulstich (2011), ao interpretar as ideias de Fillmore, declara que:

a noção de esquema é equivalente à de um quadro de ação ou de um contexto maior, dentro do qual cada item lexical tem uma significação própria. Esse quadro se organiza, por consequência, a partir de um conjunto de noções ou de pistas que se tornam necessárias para a caracterização de um acontecimento, como, por exemplo, uma mensagem publicitária.

Segundo Fillmore (1977a, p. 77), “the study of semantics is the study of the cognitive scenes that are created or activated by utterances.”²⁶ O autor exemplifica essa afirmação ao mencionar que, “whenever a speaker uses any of the verbs related or activated to the commercial event, por exemplo, the entire scene of the commercial event is brought into play – is ‘activated – but the particular word chosen imposes on this scene a particular perspective.”²⁷ Nesse contexto, alguém que ouve e entende cada enunciado tem em mente a cena, envolvendo todos os aspectos necessários do evento. Os significados se relativizam em cenas. No evento comercial, duas pessoas são ativadas, o vendedor e o comprador. Este entrega o dinheiro e leva a mercadoria. Aquele recebe o dinheiro e entrega a mercadoria. A completa descrição desse evento deveria ter selecionado outros lexemas, como: bens, dinheiro, sistema monetário, duas pessoas participantes, duas transferências de posses, entre outros. Esse evento seria a cena, cujos participantes são os agentes. Os lexemas relacionados à cena são os frames. O conjunto de frames desse evento dá origem ao esquema.

²⁴ Tradução: refere-se às unidades linguísticas associadas com cenas cognitivas, [...] pressupõem o entendimento bastante completo da natureza do evento ou atividade.

²⁵ Tradução: estruturas conceituais ou frameworks que estão ligadas entre si na categorização de ações, instituições e objetos encontrados em conjuntos de contraste, objetos prototípicos, entre outros.

²⁶ Tradução: o estudo da semântica é o estudo das cenas cognitivas que são criadas ou ativadas por enunciados.

²⁷ Tradução: toda vez que o falante usa qualquer um dos verbos relacionados ao evento comercial, por exemplo, a cena inteira do evento é ativada, mas a palavra específica escolhida impõe à cena uma perspectiva particular.

Fillmore e Baker, por meio da aplicação da Semântica de *Frames*, criaram a *FrameNet*, que é um projeto lexicográfico computacional identificador e descritor de *frames* semânticos. Desse projeto da Universidade de Berkeley, na Califórnia, surgiu o site (<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal>) que possibilita pesquisa eletrônica baseada em *frames*.

No contexto das analogias estabelecidas no dicionário analógico, é possível aplicar a Semântica de *Frames*. As cenas representadas em eventos selecionam *frames*, que são os lexemas relacionados ao evento. A cena e os *frames* formam o esquema, constituído por campo lexical, como interpretamos na figura:

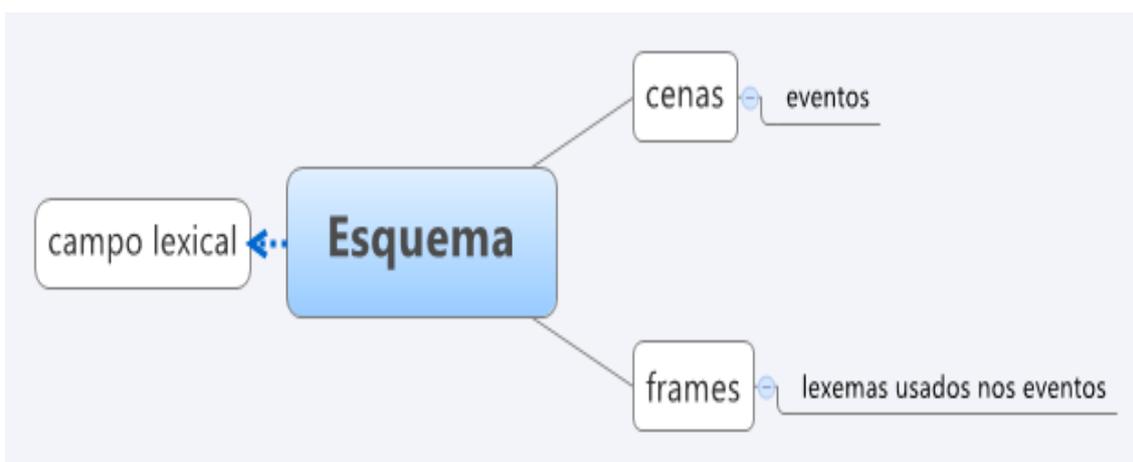


Figura 16: Representação da aplicação da Semântica de *Frames*.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

Vejamos um exemplo do lexema *transporte*, que seleciona um conjunto de lexemas. O campo lexical é formado por conjunto de lexemas. Diante de algum evento relacionado ao campo lexical *transporte*, os lexemas ativados pelo léxico mental para efetivar a comunicação são os *frames*. O evento é a cena, na qual pode aparecer os tipos de transportes, selecionando os hipônimos. Para descrever as partes dos veículos, os hipônimos são apresentados. Os tipos do condutores dos veículos e outras relações associativas feitas na mente do falante constituem os conceitos conexos, que são lexemas justapostos em um mesmo plano hierárquico por relação de coordenação de significados, e seus conteúdos semânticos são de mesmo valor, de modo que o significado remete a outro por meio da analogia (FAULSTICH, 1993, p. 94-95; 1995, p. 287). Pode haver seleção de antônimos e sinônimos também. Cenas como viagem, entrega de mercadoria, deslocamento ao trabalho ativam *frames* do campo lexical *transporte*. O campo lexical representa o esquema. Essas observações foram representadas na figura posterior:

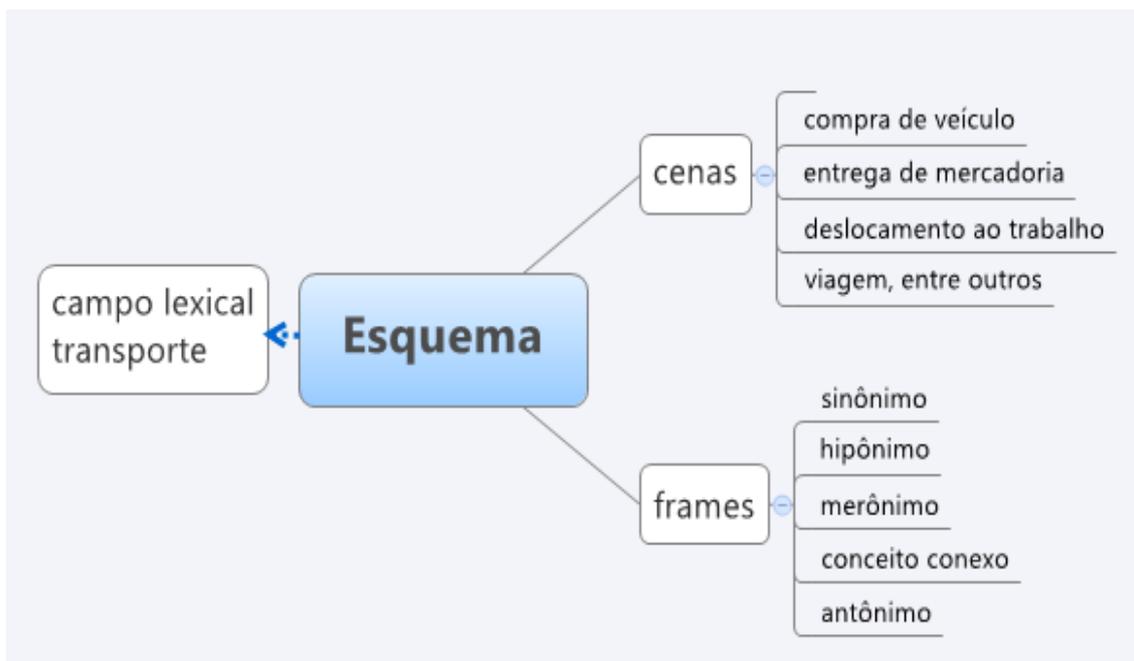


Figura 17: Aplicação da Semântica de *Frames* ao campo lexical *transporte*.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

A apresentação do liame entre a Semântica de *Frames* e o dicionário analógico está registrada na seção 5.4.

Utilizamos o programa XMind, que disponibiliza ferramentas para criação de mapa mental. Esse programa foi empregado por nós para elaboração de mapas mentais a fim de organizar a informação, como ocorre nas duas figuras anteriores. Na próxima seção, discutiremos sobre mapa mental e mapa conceitual.

2.3 MAPA MENTAL E MAPA CONCEITUAL PARA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Como esta pesquisa busca construir programa para organização da informação e como percebemos que mapa mental e mapa conceitual podem ser ferramentas para essa organização, apresentaremos estudo sobre tais ferramentas.

Muitos autores têm abordado a estratégia do mapeamento conceitual, desenvolvida por Novak, a partir de 1972. Essa estratégia consiste em uma técnica que enfatiza conceitos e suas relações à luz da Teoria da Aprendizagem, de Ausebel (MOREIRA, 2006, p. 118-119).

Segundo Novak & Gowin (1984, p. 31-33):

Mapa conceitual é um recurso esquemático para representar um conjunto de significados conceituais incluídos numa estrutura de proposições. Os mapas conceituais têm por objetivo representar relações significativas entre conceitos na forma de proposições. Uma *proposição* consiste em dois ou mais termos conceituais ligados por palavras de modo a formar uma unidade Semântica. Os mapas conceituais devem ser hierárquicos; isto é, os conceitos mais gerais e mais inclusivos devem situar-se no topo do mapa, com os conceitos cada vez mais específicos, menos inclusivos, colocados sucessivamente debaixo deles. A elaboração de mapas de conceitos é uma técnica para patentear exteriormente conceitos e proposições.

Por meio do software CMap Tools, criamos um mapa conceitual para representar o conceito anterior:



Figura 18: Mapa conceitual com representação metalinguística.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

Observe a figura a seguir que ilustra a organização dos conceitos no mapa conceitual:

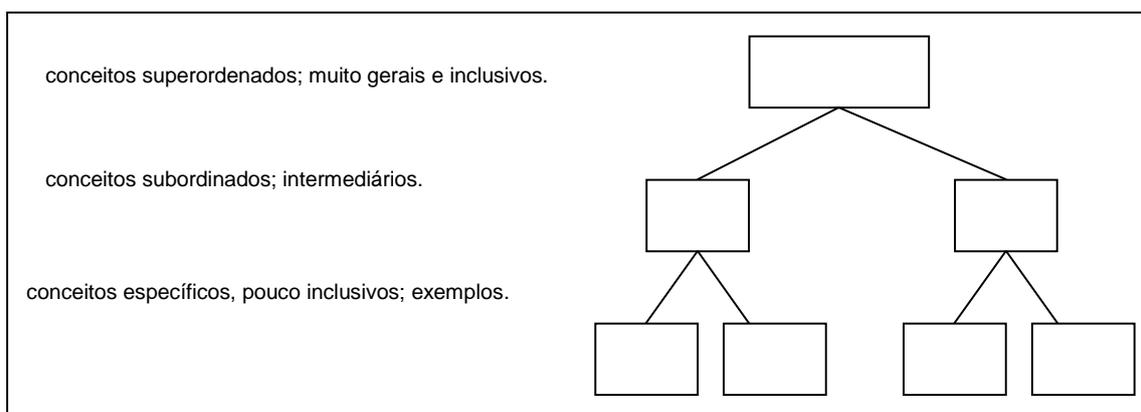


Figura 19: Organização dos conceitos no mapa conceitual.
Fonte: (MOREIRA, 2006)

Nos retângulos, podem ser encontrados os conceitos mais relevantes; as linhas representam as relações entre os conceitos. Os conceitos superordenados mais gerais e inclusivos estão localizados no topo do mapa. Em seguida, há os conceitos subordinados aos anteriores, que são os intermediários nas relações hierárquicas. Os conceitos representados na última parte do mapa dessa figura são os específicos, pouco inclusivos ou podem ser também exemplos dessas relações.

Os mapas conceituais não são equivalentes a esquemas. Entretanto, na tentativa de encontrar exemplos de mapas conceituais, deparamo-nos com vários esquemas intitulados como mapas conceituais. Contudo, há uma distinção entre ambos. Mapa conceitual possui características, que: i) expõem os conceitos e as proposições fundamentais numa linguagem muito explícita e concisa, mostram as relações entre as ideias principais de um modo simples e vistoso, aproveitando a notável capacidade humana de representação visual; ii) realçam visualmente tanto as relações hierárquicas entre os conceitos e as proposições como as ligações cruzadas entre grupos de conceitos e proposições; iii) contribuem para organização do conjunto das relações conceituais e proposicionais que se deseja apresentar. Os esquemas geralmente misturam exemplos, conceitos e proposições numa matriz que pode ser hierárquica, mas que não é capaz de mostrar as relações de subordinação e supra-ordenação entre os conceitos-chave e as proposições. Pode-se também estabelecer relações cruzadas nos esquemas, mas essas não possuem o mesmo impacto visual que os mapas conceituais (NOVAK & GOWIN, 1984, p. 97-98).

O elaborador de um mapa conceitual precisa eliminar concepções alternativas, que, conforme os postulados de Novak & Gowin (1984, p. 36), significa “ligação entre dois conceitos que formam uma proposição falsa, ou uma ligação em que falta à ideia-chave que relaciona dois ou mais conceitos.”

Novak, Gowin e Moreira abordaram mapa conceitual como técnica didática, de avaliação e de análise de currículo. Esse mapa pode ser “ferramenta de organização do conhecimento, capaz de representar ideias ou conceitos na forma de um diagrama hierárquico, capaz de indicar as relações entre os conceitos, procurando refletir a organização da estrutura cognitiva sobre um determinado assunto”, segundo Lima (2004, p. 135).

Além disso, o mapa conceitual pode servir como componente da navegação hipertextual, funciona como um guia navegacional ajudando o usuário a caminhar pelos

links, o que constrói uma rede de conhecimento, constituída de nodos e *links*. Os nodos representam os conceitos e os links representam as relações entre os conceitos. O mapa conceitual pode ser um suporte apropriado para a arquitetura de sistemas de hipertexto por possibilitar uma interface atrativa, interativa e fácil de ser utilizada, facilitando a navegação em redes semânticas (LIMA, 2004, p. 137).

Desse modo, o mapa conceitual pode ser definido como representação hierárquica gráfica de conceito, elaborado para mostrar as relações entre os conceitos. Pode servir como instrumento para recuperação de informação e organização de conhecimento e de informação, além de facilitar o entendimento das relações entre os conceitos do conhecimento no todo, o que contribui com a compreensão da estrutura de informações.

O mapa conceitual é útil em obras lexicográficas, terminológicas e terminográficas que empregam a ordem sistêmica, pois a construção desse mapa pode ser uma técnica aplicável para auxiliar a organização da informação. Ademais, quando essas obras estiverem em formato eletrônico ou on-line também podem utilizar o mapa conceitual para apresentar os *links*, que facilitam as consultas.

Observe o exemplo a seguir de mapa conceitual traçado por Novak e Gowin (1984, p. 33):

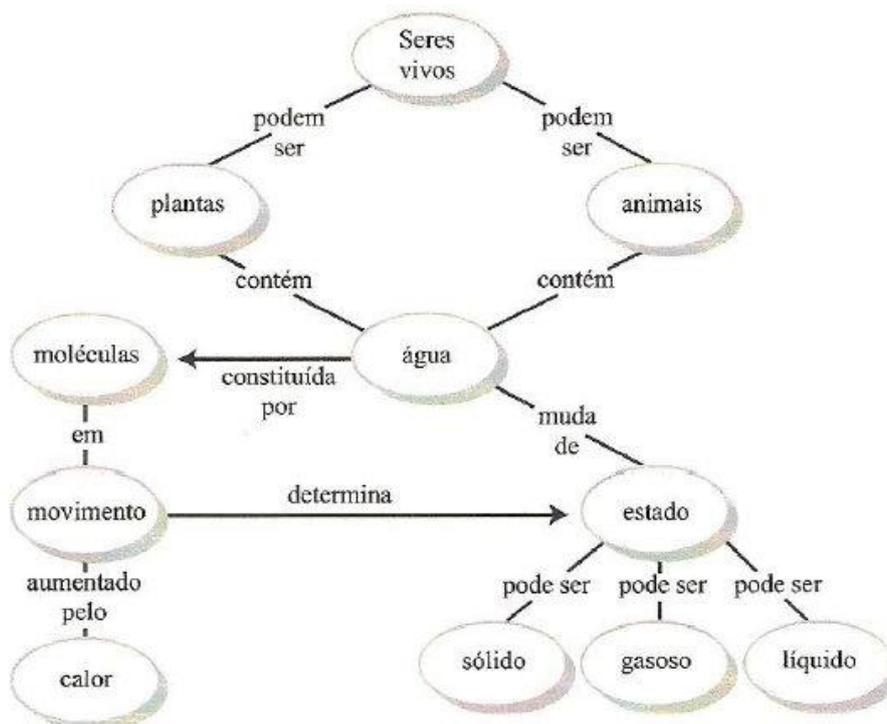


Figura 20: Modelo de mapa conceitual de Novak & Gowin (1984).

Fonte: (NOVAK & GOWIN, 1984, p. 34)

O mapa conceitual ilustrado transmite a informação de que seres vivos se referem a um conceito superordenado em relação a plantas e animais. Esses conceitos subordinados possuem como característica comum conterem água, a qual é constituída por moléculas. O movimento dessas moléculas é aumentando por causa do calor e determina o estado da água que pode ser sólido, líquido, ou gasoso.

Na etapa de levantamento de exemplos de mapas conceituais, foram encontrados alguns que não estão de acordo com a definição do que realmente seja um mapa conceitual. É nítida a diferença entre o objeto denominado e objeto definido, sendo que muitos dos intitulados mapas conceituais representam apenas esquemas estruturados por campos associativos, sem ligação com os conceitos. Como exemplo disso, há a figura a seguir:

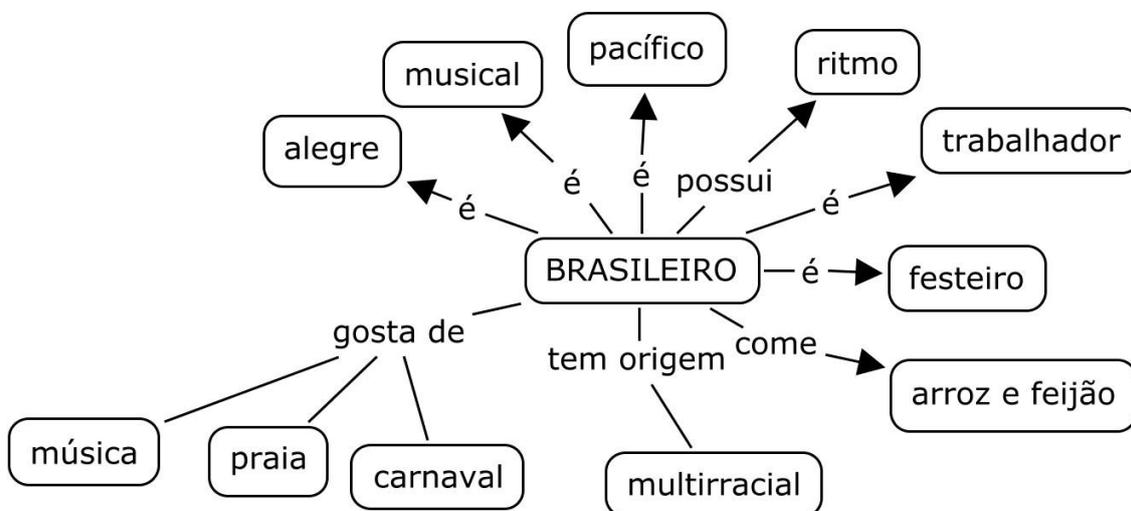


Figura 21: Esquema de representação do brasileiro.
Fonte: (AMORETTI, 2001)

Esse esquema foi produzido por um aluno na tentativa de construir um mapa conceitual sobre etnias. Ao analisar a estrutura esquemática desta figura, notamos que, apesar de ter conceitos, ligações, proposições, não há relações hierárquicas, fator descaracterizador do que era para ser um mapa conceitual. O autor dessa figura apenas realizou relações associativas e não conceitual. Não houve representação de redes semânticas que evidenciassem hierarquias entre as unidades conceituais. O esquema formou um estereótipo, conceito que será abordado nesta pesquisa na seção sobre a Semântica Cognitiva.

Para organizar a informação e o conhecimento, além dos mapas conceituais, há mapa mental (ou memograma) que é uma ferramenta de organização de ideias por meio

de palavras-chave, cores e imagens em uma estrutura que se irradia a partir de um centro (TRIBOLI, 2004, p. 1). O psicólogo britânico Tony Buzan foi o criador da ferramenta mapa mental que pode ser usada como uma técnica de organização da informação. A técnica surgiu quando esse pesquisador descobriu que os alunos com notas satisfatórias eram aqueles que produzem esquemas representativos do conteúdo. A diferença entre o esquema e o mapa mental é o formato, visto que as caixas de diálogos são criadas no formato que o cérebro processa, por isso a diagramação é parecida com as ramificações de neurônios. Observe um exemplo de mapa mental por meio da figura subseqüente:



Figura 22: Exemplo de mapa mental de Vilela (2002).
Fonte: (VILELA, 2002, p. 4)

Essa figura mostra os benefícios de mapas mentais, tendo em vista que a forma organizada de apresentar as ideias estimula o pensamento, a memorização e o aprendizado; facilita a comunicação e o trabalho; gera efeitos positivos no cérebro do leitor.

A construção do mapa mental se fundamenta em três conceitos: irradiação de ideias, hierarquia e fluxo. A irradiação de ideias consiste em associar ideias relacionadas entre si, de forma análoga ao conceito de hipertexto, usado na Internet. Ou ainda, para fazer uma analogia com a natureza, as ideias são organizadas de forma semelhante aos galhos de uma árvore, ou ramificações de neurônios. Hierarquia consiste em estabelecer uma ordem de importância para o assunto considerado, e fluxo consiste no desdobramento do assunto em seus detalhes. O uso de palavras-chave devidamente

organizadas e articuladas em uma estrutura reduz a quantidade de informação, se comparada com as palavras necessárias para dar sentido a um texto (TRIBOLO, 2004, p. 2).

De acordo com Triboli (2004, p. 1):

Os mapas mentais podem ser usados em qualquer situação que apresente uma estrutura de relações. Seu uso desenvolve a habilidade de organizar e aplicar conhecimentos. Sua estrutura favorece a liberdade de pensamento e, conseqüentemente, a criatividade. Outro benefício importante é que os mapas mentais explicitam o não-saber, ou seja, evidenciam com precisão os elementos que faltam em sua estrutura. Com isso seu usuário fica alertado para buscar e completar as informações que ainda faltam para completar a compreensão do sistema. A título de exemplo, mapas mentais são úteis para solução de problemas, tomadas de decisão e estudo de qualquer assunto. [...] A elaboração de mapas mentais como diagramas auxiliares de construção de sentido pode facilitar bastante o aprendizado.

O mapa mental nos conduz a buscar as corretas relações e dependências entre temas e tópicos, além de reduzir a quantidade de símbolos com que temos de lidar e ainda por nos permitir ter uma visão geral em um único campo visual (VILELA, 2002).

A diferença entre mapa conceitual e mapa mental é a forma de organização. Mapa mental se baseia em relações coordenadas que podem ser apenas associativas. Mapa conceitual é construído para apresentar relações hierárquicas, que são subordinadas entre si.

Segundo Oliveira (2010, p. 52),

há uma relação direta entre a associação e a analogia. Em muitos casos, para estabelecer uma relação analógica, é feita uma relação associativa e vice-versa. Ambas são de caráter psicológico e semântico e possuem identidade de relações. Os agrupamentos de lexemas que essas relações unem estão relacionados por terem características em comum ou algum tipo de liame.

Ao elaborar um dicionário analógico em formato eletrônico, percebemos que a sistematização da parte onomasiológica da obra pode ser feita por mapas mentais, uma vez que as relações entre os lexemas são regidas por associação. O mapa mental é uma ferramenta que pode ser usada no dicionário analógico por possibilitar a organização da informação de forma atrativa.

Em síntese, neste capítulo, realizamos uma revisão da literatura útil como pressuposto teórico para a resolução de nossa problemática da pesquisa: propor um modelo de dicionário analógico, de modo que as analogias não fossem feitas aleatoriamente, evitando, assim, que esse dicionário se tornasse subjetivo em excesso. Para isso, retomamos os conceitos de signo linguístico, identificando as entidades que o

constituem. A revisão das entidades constituintes do significado se fizeram necessárias para que, no modelo de dicionário analógico, possamos perceber as entidades que devem reger as analogias. Como o modelo precisa de ferramentas de tecnologia da informação para ser implementado, decidimos que o mapa mental pode ser um instrumento para o processamento dos dados de parte do dicionário.

No próximo capítulo, apresentamos nosso entendimento acerca de analogia, avaliamos dicionário analógicos e postulamos como devem ser estabelecidas as analogias em dicionário analógico.

CAPÍTULO 3: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para a concretização desta pesquisa, seguimos os procedimentos metodológicos metalexigráficos para realização de 4 etapas principais: i) avaliação dos dicionários analógicos; ii) identificação do modo como as analogias foram postuladas no último dicionário analógico publicado no Brasil e delimitação dos critérios para seleção dos lexemas do DIALP; iii) elaboração do novo modelo de dicionário analógico; iv) criação do dicionário em formato informatizado. Os percursos traçados ao longo das etapas estão registrados nas seções subsequentes.

3.1 Percurso metodológico para avaliação dos dicionários analógicos

A primeira etapa no percurso metodológico desta pesquisa é uma análise de obras de referência organizadas sob forma analógica. Tal análise foi feita por meio do preenchimento do **roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos** de Faulstich (1998b, p. 234; 2011, p.183-185), que apresentamos a seguir:

ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Título:
 Autor:
 Editora:
 Edição:
 Data:
 Local de publicação:
 Volume(s):

1. Sobre o autor

- 1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
 - a) os objetivos da obra?
 - b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
 - c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

- d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

3. Sobre a apresentação material da obra

- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.11. A obra possui ampla divulgação?

4. Sobre o conteúdo

- 4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?
- 4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?
- 4.3. Os verbetes apresentam:
- a) categoria gramatical?
 - b) gênero?
 - c) sinonímia?
 - d) variante(s) da entrada?
 - e) variante(s) da definição?
 - f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?
 - g) marcas de uso? Como se classificam?
 - h) indicação de área ou subárea de especialidade?
 - i) contexto? (exemplo ou abonação?)
 - j) equivalente(s)?
 - k) formação da palavra?
 - l) indicação de pronúncia?
 - m) origem e etimologia?
 - n) divisão silábica?
 - o) nomenclatura científica?
 - p) remissivas úteis entre conceitos?
 - q) fontes?
 - r) notas?
- 4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?
- 4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

5. Sobre a edição e publicação

- 5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?
- 5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Avaliamos os 4 dicionários, a saber: i) Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, de Azevedo (2010); ii) *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*, da editora Le Robert (2010); iii) *Le Dictionnaire des Analogies*, de Pechoin (2009); iv) *Dizionario Analogico della lingua italiana*, da editora Garzanti (2011). Esses foram os dicionários avaliados, uma vez que foram as obras a que tivemos acesso e que ainda não tínhamos analisado em pesquisa anterior.

3.2 Lexemas do Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa

Com vistas a interpretar o modo como as analogias foram postuladas no Dicionário analógico da língua portuguesa, de Azevedo (2010), empregamos os procedimentos metodológicos seguintes: i) seleção dos lexemas lexicografados nos verbetes indumentária, navegação e veículo; ii) consulta e cópia da definição de cada um dos lexemas do verbete no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e no Novo Dicionário Aurélio; iii) análise do tipo de relação semântica entre o verbete e o lexema. Para fins metodológicos, destacamos, em negrito, o tipo de relação semântica dos lexemas que deverão ser excluídos do verbete. Os motivos para a exclusão foram: i) lexemas que tenham a marca de uso ‘antigo’ ou ‘arcaico’; ii) lexemas não lexicografados nos dicionários; iii) lexemas que não são utilizados no contexto do Português Contemporâneo; iv) lexemas que designam objetos de vestuário para animal; v) conceitos conexos cuja relação seja distante do conceito.

Os lexemas excluídos estão destacados em negrito na coluna relação semântica. Da compilação feita das definições dos lexemas nos dicionários, excluímos as acepções sem relação com a área temática da palavra-entrada. No entanto, nas compilações das definições cujos lexemas sejam conceito conexo em relação ao campo temático, mantivemos todas as acepções desses lexemas.

A motivação da seleção dos verbetes *indumentária*, *navegação* e *veículo* se justifica para os fins desta tese, na organização dos verbetes *vestuário* e *transporte* do dicionário analógico que proporemos.

Fizemos a análise apenas com o Dicionário analógico da língua portuguesa de Azevedo (2010), tendo em vista que é o último dicionário analógico de Língua Portuguesa publicado. Como cada língua tem sua especificidade para estabelecer as

analogias e nem sempre o falante da Língua Estrangeira (LE) conseguirá captar a essência da analogia, optamos por empregar a metodologia de análise só com o dicionário de língua portuguesa.

A compilação da definição de cada um dos lexemas do verbete *indumentária* da obra de Azevedo (2010) foram consultadas no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e no Novo Dicionário Aurélio por serem obras lexicográficas atualizadas, bem elaboradas e fáceis de consultar.

Acrescentamos que abarcam o também que o verbete *indumentária* possui 368 substantivos, dos quais excluímos 285 por meio da aplicação dos critérios mencionados.

Quadro 9: Análise do verbete *indumentária*

Lexema	Definição do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009)	Definição do Novo dicionário Aurélio (2010)	Relação semântica
Abafo	2 roupa que protege do frio; agasalho dificuldade de respirar; sufocação	1. Agasalho (6).	Hipônimo
Abarca	Rubrica: vestuário. sandália rústica cuja sola é atada ao peito do pé por cordéis ou correias calçado grosseiro de sola de madeira qualquer calçado largo e malfeito; chanca	1. Espécie de sandália rústica, ou alpercata. 2. Chanca (2).	Hipônimo
Adorno	1 aquilo com que se orna ou enfeita (alguém ou algo); ornato, atavio, adorno	1. Qualquer elemento que serve para embelezar ou dar aspecto mais atraente a pessoas ou coisas. 2. Aquilo que serve de ornamento, enfeite ou atavio; adorno. 3. Coisa que se destina a enfeitar ou decorar um ambiente:	Conceito conexo
Agasalho	Derivação: por metonímia. 2 roupa que protege da chuva ou do frio	6. Peça de vestuário destinada a conservar o calor do corpo, e que resguarda do frio; abafo.	Hipônimo
Albardeiro	que ou aquele que fabrica ou vende albarda ou albardão ('sela grosseira') Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. que ou quem trabalha sem perfeição nem cuidado que ou aquele que é mau alfaiate Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. que ou o que falta à verdade habitualmente; enganador, embusteiro, falso Derivação: sentido figurado. que ou quem age de maneira	5. Aquele que faz ou vende albardas e albardões. 6. Deprec. Indivíduo que trabalha mal. 7. Deprec. V. <i>aldrabão</i> ² .	Conceito conexo

	desastrada; atrapalhado, maljeitoso		
Albornoz	1 manto de lã com capuz, us. sobretudo pelos árabes espécie de casaco de mangas largas, com capuz ou gola subida	1. Grande manto de lã com capuz, muito usado entre os árabes; burnu, burnus	Hipônimo
Alcobaça	1 lenço grande de algodão, ger. Vermelho	1. Lenço grande de algodão, em geral vermelho, usado sobretudo por quem cheira rapé.	Hipônimo
Alcorque	Diacronismo: antigo. 1 espécie de sandália com sola de cortiça	1. Chapim antigo, com sola de cortiça.	Hipônimo
Alfaiate	1 aquele que faz roupas de homem e, por vezes, vestimentas femininas com talhe masculino (costumes, paletós, terninhos etc.)	1. Indivíduo que faz roupas de homem e/ou de mulher, de talhe masculino. [Fem.: <i>alfaiata</i> . Cf. <i>costureiro</i> (1 e 2).]	Conceito conexo Profissional
Algibeba	Não é lexicografado.	1. Fem. de <i>algibebe</i> (q. v.).	Conceito conexo Profissional
Algibebe	vendedor de roupas de tecido barato; mascate	1. Aquele que fabrica e vende roupas de fazenda ordinária	Conceito conexo Profissional
Alizada	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Aljuba	Rubrica: vestuário. Diacronismo: antigo. casaco curto com meias-mangas ou, à maneira de um colete, sem mangas espécie de túnica larga que, us. pelos mouros, descia até os joelhos, possuía mangas largas e se ajustava à cintura 3 veste própria dos judeus do sXIV, ornada com uma estrela de seis pontas feita de pano de cor viva	1. Veste árabe semelhante ao colete, com ou sem meias mangas. 2. Veste talar, com fraldas e mangas largas, usada pelas mulheres portuguesas dos sécs. XIV e XV, e imposta aos mouros pelas Ordenações Afonsinas. 3. Veste imposta aos judeus no séc. XIV, a qual devia ostentar uma estrela de seis pontas feita de pano de cor viva.	Hipônimo
Alparca	m.q. <i>alpercata</i>	1. V. <i>alpercata</i> .	Hipônimo
Alparcateiro	m.q. <i>alpercateiro</i>	1. V. <i>alpercateiro</i>	
Alpargatas	m.q. <i>alpercata</i>	1. V. <i>alpercata</i>	Variante
Alparqueiro	m.q. <i>alpercateiro</i>	1. V. <i>alpercateiro</i> .	Conceito Conexo Profissional
Alpercatas	sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano	1. Sandália sem salto que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano; loré:	Hipônimo
Alquicé	1 variedade de capa mourisca 2 tecido para cobrir mesas, bancos etc.	1. Capa, manta ou manto, us. pelos mouros, ger. de lã. 3. Espécie de cobertura	Hipônimo
Alquicel	m.q. <i>alquicé</i>	1. V. <i>alquicé</i>	Variante

Alquicer	m.q. <i>alquicé</i>	1.V. <i>alquicé</i>	Variante
Amículo	Diacronismo: antigo. pequeno manto feminino, espécie de mantilha	1.Pequeno manto ou véu que era usado pelas mulheres romanas. 2.Espécie de mantilha.	Hipônimo
Anágua	Rubrica: vestuário. 1 saia que as mulheres usam sob o vestido; saia de baixo 2 toalha de mesa que cai dos lados alcançando quase o chão; saia	1.Saia, usada sob o vestido ou outra saia, em geral mais curta que estas; saia de baixo	Hipônimo
Andrajo	1 pano velho e rasgado; trapo, farrapo	1.Trapo, farrapo:	Conceito Conexo
Anteface	Rubrica: vestuário. véu, máscara ou algo semelhante com que se cobre o rosto peça, ger. de seda preta, que cobre as feições em torno dos olhos 3 peça de tecido preto com que se cobrem os olhos para evitar a luminosidade	1.Véu com que se cobre o rosto 2.Máscara.	Hipônimo
Apertadouro	1 ação prolongada e insistente de apertar 2 aquilo que aperta ou que serve para apertar; apertador lugar ou ponto por onde uma coisa naturalmente se aperta	1.O lugar onde se aperta. 2.Aquilo que aperta; apertador	Conceito conexo
Armado	1 munido de arma(s) Ex.: <i>ladrão a.</i> que tem apoio ou baseia sua força nas armas Ex.: <i>governo a.</i> que acontece com o uso de armas Ex.: <i>combate a.</i> Derivação: sentido figurado. pronto ou disposto para enfrentar problemas Derivação: sentido figurado. que age com precaução; desconfiado, previdente Ex.: <i>está sempre a. para as surpresas da vida</i> Uso: informal. cheio de dinheiro; endinheirado Uso: tabuísmo. de pênis ereto Rubrica: Morfologia botânica. provido de espinhos ou acúleos; mítico Rubrica: indústria têxtil. que tem textura levemente rígida, seja pela composição das fibras, seja pelo uso de goma (diz-se de tecido) Rubrica: zoologia. provido de garras ou outros meios de ataque ou defesa Regionalismo: Brasil.	1.Munido ou provido de arma(s): 2.Munido ou dotado de armamento bélico: 3.Que se trava ou efetua com o emprego de armas: 4.Prevenido, acautelado, precatado: 5.Diz-se do tecido que tem bom caimento (6). 6.Diz-se do tecido que, embora flexível, tem textura relativamente rígida, quer pelo preparo da fibra, como, p. ex., o tafetá, o gorgorão, quer por efeito de goma. ~ V. <i>chapéu</i> —, <i>cimento</i> —, <i>concreto</i> — e <i>forças</i> — as. Substantivo masculino. 7.Bras. Zool. V. <i>cuiú-cuiú</i> (2). 8.Bras. Zool. V. <i>abotoado</i> (5).	Conceito conexo

	Rubrica: ictiologia. m.q. abotoado (<i>Pterodoras granulatus</i>) Rubrica: ictiologia. m.q. cuiú-cuiú ('designação comum')		
Arnês	Diacronismo: antigo. 1 armadura completa de um guerreiro, que o cobria da cabeça aos pés Derivação: por extensão de sentido. 2 arreios de cavalo Derivação: sentido figurado. 3 aquilo que protege, ampara	1. Antiga armadura completa de um guerreiro. 2. Arreios de cavalo. 3. Fig. Proteção, abrigo, arrimo, amparo.	Conceito conexo
Arreio	1 adorno; enfeite, atavio conjunto de apetrechos que permite o trabalho do animal de carga ou de tração (mais us. no pl.) 2 conjunto de peças com que se prepara a cavalgadura para montaria; arreamento (mais us. no pl.) Regionalismo: Sudeste do Brasil. 3 m.q. sela	1. V. <i>arreamento</i> (3). 2. Conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do equídeo. 3. Enfeite, ornamento, adorno. ~ V. <i>arreios</i> .	Conceito conexo
Avental	Diacronismo: arcaico. peça dianteira de qualquer parte da armadura peça de pano, plástico ou couro, presa pelo pescoço e pela cintura, us. para proteger a roupa em certos tipos de trabalho Diacronismo: antigo. pedaço de qualquer tecido, pendente da cintura, us. como adorno na frente de saia peça de madeira ou pano resistente posto na barriga dos caprinos, a fim de lhes impedir a cópula peça de ferro fundido usada em fornalhas, que serve como obstáculo à passagem do ar e impede que a porta se queime.	1. Peça de pano, couro ou plástico, com que se resguarda a roupa. 2. Teatr. V. <i>outer stage</i> .	Hipônimo
Aviamento	1 ato ou efeito de aviar; avio expediente para se executar ou concluir algo ato de despachar, expedir algo cada um dos aprestos, materiais, equipamentos etc. necessários à realização de uma atividade ou obra cada um dos itens necessários à costura ou ao bordado (botão, colchete, linha, tecido para forro etc.) conjunto dos utensílios de lavoura apoio, assistência, cooperação Regionalismo: Norte do Brasil. 2 pequeno engenho para o fabrico de farinha de mandioca Regionalismo: Amazônia. 3 mercadoria que o aviador ('fornecedor') fornece ao aviado ('seringueiro'); provisão	1. Ato ou efeito de aviar; avio: 2. O aparelhamento ou o material necessários à execução ou conclusão de qualquer obra. 3. Cost. Bord. O conjunto do material acessório necessário ao acabamento de uma costura ou bordado, como tecido para forro, botões, fechos, colchetes, etc.; preparos: 4. Elemento essencial do estabelecimento comercial: o conjunto de aparelhamento, freguesia, crédito e	Conceito conexo

	Rubrica: artes gráficas. 4 preparo de uma fôrma para impressão, por meio de folha recortada ou colocação de calços sob a folha de padrão, para corrigir excesso ou falta de pressão	reputação. 5.Ajuda, auxílio. 6.Andamento, prosseguimento. 7.Tip. Parte do preparo (4) que compreende as operações de alçamento e recorte, realizadas com a fôrma na prensa, e destinadas a corrigir excesso ou insuficiência de pressão. 8.Bras. Engenho rústico para fabricar farinha de mandioca. 9.Bras. Amaz. Mercadoria fornecida pelo aviador ao aviado. ~ V. <i>aviamentos</i> .	
Babucha	1 calçado oriental baixo, de couro ou de tecido, sem contraforte, copiado no Ocidente como chinela	1.Chinela oriental, sem salto, de couro ou de tecido, que deixa descoberto o calcanhar	Hipônimo
Babuche	Não é lexicografado.	Não é lexicografado.	Não é lexicografado.
<i>Baby-doll</i>	1 roupa de dormir feminina, leve e curta, ger. de duas peças	1.Traje feminino de dormir, espécie de pijama muito curto.	Hipônimo
Barrete	Rubrica: vestuário. 1 cobertura mole de pano ou de malha que se ajusta facilmente à cabeça Rubrica: vestuário. 2 chapéu quadrangular pequeno e rígido us. por clérigos, esp. cardeais	1.Cobertura que se ajusta à cabeça, e que ordinariamente é feita de tecido mole e flexível; gorro, gorra. 2.Pequeno chapéu quadrangular usado por clérigos. 3.Barrete (2) vermelho usado por cardeais. 4.Obra de fortificação composta de três ângulos salientes e dois reentrantes.	Hipônimo
Barretina	Rubrica: vestuário. 1 barrete alto, de formato cilíndrico, feito de feltro ou de peles, que os militares usavam antigamente tipo de chapéu feminino antigo	1.Antigo barrete militar, alto, cilindriforme, de feltro ou de peles. 2.Antigo chapéu de senhora.	Hipônimo
Bata	Regionalismo: Índia. 1 o que serve como ração; comida 2 retribuição extraordinária ou eventual por serviços prestados; gratificação, propina	1.Vestido de mulher, solto e largo. 2.Blusa de mulher, larga, geralmente usada por cima da saia 3.Blusa folgada e solta usada por fora da saia ou da calça. 4.Ant. Roupão de homem. 5.Bras. Veste, em geral de tecido branco e leve, usada por médicos,	Hipônimo

		dentistas, professores, etc., no exercício de suas funções; blusa.	
Bermudas	Rubrica: vestuário. calças curtas que vão quase até os joelhos ou os ultrapassam um pouco	1.Bras. Tipo de <i>short</i> que vai, ger., até os joelhos.	Hipônimo
Bicancra	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Bicorne	Derivação: por metonímia. 1 chapéu de dois bicos	3.Geom. Anal. Curva quadrática cuja forma lembra a do perfil de um chapéu de dois bicos	Hipônimo
Biquíni	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>biquíni</i>	1.Maiô (q. v.) de duas peças de dimensões bastante reduzidas. 2.Calcinha mais ou menos cavada, que cinge o corpo na altura dos quadris.	Hipônimo
Blazer	Rubrica: vestuário. 1 casaco esporte, ger. de flanela azul-marinho ou preta (antigamente em listras coloridas) Regionalismo: Brasil. 2 casaco ou paletó esporte de dois ou três botões, feito de tecido leve	1.Japona ¹ (2) (q. v.).	Hipônimo
Blusa	Rubrica: vestuário. 1 veste de pano, ger. larga, us. sobre outra roupa para protegê-la, esp. ao trabalhar; avental, bata Rubrica: vestuário. 2 peça de roupa do vestuário feminino ou masculino, feita ger. de tecido ou malha mais finos, us. sobre o tronco, seja solta na altura da cintura, seja presa sob o cós da saia, calça etc., e que pode ter ou não mangas, gola ou botões Rubrica: vestuário. 3 no vestuário feminino, a peça ou parte da roupa que vai dos ombros até a cintura Rubrica: turfe. 4 jaqueta de jôquei, de cor(es) viva(s), us. nas corridas	1.Veste larga, com mangas ou gola, ou sem elas, usada por operários, colegiais, médicos, artistas, etc.; bata, avental. 2.Espécie de camisa de feitos diversos, usada por baixo ou por cima de saia, calça, <i>shorts</i> , etc. 3.Parte superior da indumentária feminina que vai dos ombros até a cintura. 4.Jaqueta de seda, de cores vivas, usada pelos jôqueis nas corridas.	Hipônimo
Boa estola	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Boina	Rubrica: vestuário. 1 espécie de boné chato, de copa redonda e sem pala, em geral feito de tecido de lã e sem costuras Derivação: por extensão de sentido. 2 qualquer boné com características semelhantes	1.Espécie de boné chato, sem costura e sem pala, comumente de lã.	Hipônimo
Bolero	Rubrica: vestuário. 5 jaqueta curta, com ou sem mangas, us. sobre outra peça de vestuário	4.Espécie de casaco curto, com mangas ou sem elas, usado por cima de blusa ou camisa.	Hipônimo
Borjaca	1 m.q. <i>burjaca</i>	1.V. <i>burjaca</i> .	
Borzeguim	Rubrica: história da indumentária.	1.Botina cujo cano é	Hipônimo

	tipo de calçado de feitiços diversos que cobria o pé e parte da perna, us. desde o tempo dos assírios, de que procedem as botas e afins Rubrica: vestuário. espécie de bota ou botim fechado à frente por cadarço	fechado com cordões	
Bota	Rubrica: vestuário. 1 calçado que cobre o pé e parte da perna, chegando por vezes à coxa, us. para proteger contra o frio, para montar a cavalo etc.; botina	1. Calçado de couro ou borracha que envolve o pé, a perna e, às vezes, a coxa. 2. Bras. Composição ruim de gravador, pintor, etc. 3. Bras. Obra malfeita. 4. Bras. S. Jogo infantil, de pegar, em que uma enorme bota, riscada no chão, serve de pique ¹ (4). 5. Lus. Esport. Chuteira. [Pl.: <i>botas</i> . Cf. <i>bota</i> (ô) e <i>botas</i> (ô), flex. de <i>boto</i> ³ (ô).]	Hipônimo
Botifarrab	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Botim	Rubrica: vestuário. m.q. <i>botina</i> 2 bota de cano mole que chega até o meio da perna	1. Bota ¹ (1) de cano curto, o qual termina logo após o tornozelo.	Hipônimo
Botinha	Não é lexicografado	1. Bras. Botina ¹ (1) para senhora ou criança.	
Braga	Rubrica: vestuário. 1 espécie de calças ou calções, de uso entre alguns povos da Antiguidade e, no campo, até a Idade Média; modernamente, vestem-nos alguns muçulmanos	1. Calção, geralmente curto e largo, que se usava outrora.	Hipônimo
Brial (ant.)	Rubrica: vestuário. 1 espécie de túnica que o cavaleiro vestia sobre as armas, ou sobre a roupa de baixo quando desarmado Rubrica: vestuário. 2 espécie de vestido longo de seda ou de outro tecido rico, sobre o qual se apertava um cinto	1. Túnica feminina, presa na cintura. 2. Espécie de camisola que usavam os antigos cavaleiros	Hipônimo
Burca	1 vestimenta feminina das mulheres afegãs, similar ao <i>xador</i> , que cobre todo o corpo, inclusive os cabelos, e apresenta uma estreita tela, à altura dos olhos, através da qual se pode ver	1. Veste us. em público por algumas mulheres muçulmanas da Ásia, a qual envolve o corpo, inclusive a cabeça, e tem, na altura dos olhos, um dispositivo que permite à mulher ver sem ser vista.	Hipônimo
Bustiê	Rubrica: vestuário. 1 corpete us. pelas mulheres, curto, ger. sem alças, e que cobre apenas o busto; <i>top</i>	1. Corpete (1) sem alças.	Hipônimo
Butique	1 loja, ger. de pequenas dimensões, especializada na comercialização de artigos finos, peças de vestuário, bijuterias etc., muitas vezes de	1. Loja pequena, onde se vendem sobretudo artigos de vestuário e bijuterias	Conceito conexo Local

	confeção própria ou especial, ou de importados Derivação: por extensão de sentido. 2 qualquer loja pequena e elegante, com artigos finos	2.P. ext. Loja.	
Cabeção de camisa	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Cabeleira	1 o conjunto dos cabelos da cabeça, quando longos e bastos Derivação: por analogia. 2 conjunto de cabelos postiços, naturais ou artificiais, que imitam a cabeleira natural; chinó, peruca Derivação: por analogia. 3 conjunto de fios, filamentos ou ramificações que lembram ou se assemelham aos cabelos da cabeça Rubrica: astronomia. m.q. ¹ <i>coma</i> Rubrica: Morfologia botânica. m.q. <i>raiz fasciculada</i> Rubrica: ornitologia. raça doméstica de pombos, dotada de um capuz de penas que nascem no pescoço e cobrem a cabeça; capuchinho, jacobino <input type="checkbox"/> substantivo masculino indivíduo que tem cabelos bastos e longos ou que usa peruca Derivação: sentido figurado. pessoa antiquada, que tem ou se prende a ideias, costumes ou valores ultrapassados	1.O conjunto dos cabelos da cabeça, quando compridos; cabeladura, cabelame, encabeladura. 2.Conjunto de cabelos postiços dispostos como os naturais; chinó, peruca, acrescente. 3.Zool. Crina (1). 4.Astr. Coma ¹ (4). 5.Bot. O conjunto das raízes fibrosas das plantas em que não há raiz axial. Substantivo masculino e feminino. 6.Indivíduo que usa cabelos muito compridos. 7.Indivíduo muito apegado a idéias antigas	Conceito conexo
Cachecol	Rubrica: vestuário. 1 echarpe estreita de lã, seda ou outro tecido flexível, us. enrolada em torno do pescoço para proteger do frio ou como acessório	1.Manta longa e estreita para agasalhar o pescoço	Hipônimo
Cache-nez	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Calçado	6 peça de vestuário, feita de couro, lona ou outro material, para calçar ou vestir o pé	3.Toda peça de vestuário, feita, em geral, de couro, que serve para cobrir e proteger exteriormente os pés	Hipônimo
Calção	Rubrica: vestuário. Diacronismo: antigo. 1 calça de pernas curtas e entufadas da cintura até às virilhas que, mais tarde, se estendeu até o meio das coxas e, afinal, até o joelho Rubrica: vestuário. 2 calça de bocas mais ou menos largas, cujo comprimento atinge, em média, o meio das coxas us. informalmente e em alguns esportes Rubrica: ornitologia. 3 plumagem que cobre a perna de algumas aves	1.Ant. Calça (2) curta e entufada que ia da cintura às virilhas, depois até o meio da coxa e, por fim, até o joelho. 2.Calça (2) de bocas um tanto largas, que não ultrapassa o meio da coxa	Hipônimo

Calças	Rubrica: vestuário. Diacronismo: antigo. 1 par de peças, ger. de malha, semelhantes a meias, us. para cobrir os pés e parte das pernas Rubrica: vestuário. 2 peça única de roupa masculina ou feminina que se ajusta à cintura (ou algo abaixo dela) e cobre cada uma das pernas em separado, ger. até a altura dos tornozelos [calça(s) comprida(s)] ou até a altura das coxas ou dos joelhos [calça(s) curta(s)]; calça Rubrica: vestuário. m.q. calcinhas Derivação: por analogia. marcas, sinais, ger. em atilho, que se põem nas patas de galos, galinhas ou outros animais domésticos, para identificar seu dono ou para distinguir cada um dentre os demais Rubrica: ornitologia. penas que cobrem as canelas, pés e dedos das aves	1.V. <i>calça</i> (2 e 3). ~ V. <i>calça</i> .	Hipônimo
Calcinha	1 pequena calça Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique. 2 m.q. calcinhas	Substantivo feminino. 1.V. <i>calça</i> (3). Substantivo masculino. 2.Afric. Pej. Calcinhas (2)	Hipônimo
Calções	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Cáliga	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Calimbé	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Camalha	Rubrica: vestuário. 1 capuz, ger. de lã ou malha de lã, que alcança os ombros e que era us. como parte do vestuário feminino Rubrica: heráldica. 2 nos escudos heráldicos, peça defensiva de malha, dotada de capuz	1.Capuz de lã caído sobre os ombros	Hipônimo
Camisa	Rubrica: vestuário. 1 peça de roupa de mangas longas ou curtas que cobre o tronco de uma pessoa, ger. fechada na frente por meio de botões Rubrica: vestuário. 2 blusa feminina qualquer peça, material ou tecido que constitui ou serve de envoltório, invólucro, revestimento ou proteção a algo	1.Peça do vestuário masculino usada por cima da pele ou de camiseta, e que vai do pescoço até as coxas. 2.Peça do vestuário feminino decotada e sem mangas, geralmente de tecido fino, que as mulheres usavam junto à pele ou sob outra peça de roupa. Bras. SE Gír. V. <i>morder a batata</i> .	Hipônimo
Camisaria	1 estabelecimento onde se fabricam ou vendem camisas e outras peças de pano (camisetas, lenços etc.)	1.Estabelecimento onde se fabricam e/ou vendem camisas.	Conceito conexo Local
Camiseta	Regionalismo: Brasil. 1 pequena camisa	1.Blusa feminina, mais ou menos transparente,	Hipônimo

	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>2 camisa curta, sem fralda, gola ou abertura frontal, com ou sem mangas curtas, ger. feita de tecido de malha; us. diretamente sobre a pele, como traje informal, e às vezes sob uma camisa ou blusa</p> <p>Rubrica: vestuário. Diacronismo: obsoleto.</p> <p>3 espécie de blusa ou corpete feminino, com ou sem mangas, de tecido leve</p> <p>Rubrica: vestuário. Diacronismo: obsoleto.</p> <p>4 roupa feminina curta e fina que se vestia sobre blusa ou camisa</p>	<p>que se usava sobre outra blusa.</p> <p>2.Bras. Espécie de camisa (1) curta, sem gola, com mangas curtas ou sem mangas, em geral de tecido de malha, que se usa diretamente sobre a pele para protegê-la contra o frio ou absorver o suor, evitando que passe à outra camisa.</p>	
Camisola	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 blusa do vestuário masculino nos sXVI e XVII, de mangas compridas, us. entre a camisa e a jaqueta</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>2 roupa feminina para dormir, semelhante a uma camisa comprida ou a um vestido, com ou sem mangas, e de material e comprimento variáveis; camisola de dormir</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>3 veste larga e comprida, como a das crianças de colo, semelhante a uma camisa ou a um vestido</p> <p>Regionalismo: Portugal.</p> <p>4suéter, pulôver (sempre com mangas)</p>	<p>1.Vestimenta feminina para dormir, semelhante a um vestido, com mangas ou sem elas, e cujo comprimento varia de acordo com a moda (2); camisa de dormir.</p> <p>2.Bras. Vestido amplo, sem corte na cintura, geralmente com pala.</p> <p>3.Lus. V. <i>camiseta</i> (2).</p> <p>4.Lus. Suéter.</p>	Hipônimo
Cangalha	<p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>1 artefato de madeira ou ferro, ger. acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalcaduras para pendurar carga de ambos os lados</p> <p>Derivação: por analogia.</p> <p>2 triângulo de madeira que se coloca no pescoço dos suínos para impedir que fucem canteiros</p> <p>Regionalismo: Nordeste do Brasil.</p> <p>Uso: informal.</p> <p>3 perna torta para dentro</p> <p>Rubrica: angiospermas.</p> <p>m.q. <i>canafistula</i> (<i>Peltophorum dubium</i>)</p> <p>Rubrica: armamento.</p> <p>4 armação de madeira e ferro em que se colocam canhões e os caixões de suas munições, quando têm que ser conduzidos às costas de animais</p> <p>Rubrica: cinema, televisão.</p> <p>5 acessório sobre o qual o cinegrafista ou operador apoia a câmara no ombro</p> <p>Rubrica: termo de marinha.</p> <p>6 m.q. <i>bordadura</i></p>	<p>1.Cangalhas (1 e 2).</p> <p>2.Bras. S. Peça de três paus, unidos em triângulo, que se enfia no pescoço dos porcos para não destruírem hortas cultivadas.</p> <p>Substantivo de dois gêneros.</p> <p>3.Bras. N.E. Pessoa de pernas arqueadas. ~ V. <i>cangalhas</i>.</p>	Conceito conexo

Capa	Rubrica: vestuário. 1 veste sem mangas e ger. longa que se sobrepõe à roupa.	1.Peça de vestuário usada sobre toda a outra roupa a fim de protegê-la, ou proteger quem a veste, contra a chuva.	Hipônimo
Capacete	1 proteção para a cabeça com diversas formas, ger. feita em material resistente a impactos	1.Armadura de copa oval, para a cabeça.	Hipônimo
Caparação	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Capecirão	capa grande	1.Mar. V. <i>capa</i> ¹ (9).	Hipônimo
Capelina (armadura) ⁷¹ 7	Rubrica: armamento. Diacronismo: antigo. 1 peça de armadura us. por peão de infantaria para proteger a cabeça, na Idade Média Rubrica: armamento. Diacronismo: antigo. 2 espécie de elmo ligeiro, us. em torneios e justas faixa, atadura em torno da cabeça; capistro Rubrica: vestuário. 3 chapéu feminino de abas larguíssimas e molemente flexíveis	1.Peça de armadura antiga que resguardava a cabeça. 2.Chapéu feminino, ou de criança, de abas extremamente largas e flexíveis	Hipônimo
Capelo	1 parte superior do hábito de religiosos, que lhes cobria a cabeça, à maneira de capuz pequena capa ou murça us. sobre os ombros pelos doutores em cerimônias acadêmicas, solenidades etc. chapéu de cardeal	1.V. <i>capuz</i> (1). 2.Antiga touca ou capuz de viúvas e freiras. 3.Espécie de murça usada por doutores em certas solenidades.	Hipônimo
Capídulo	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Capins	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Capirote	Diacronismo: arcaico. 1 espécie de pequeno capuz, ou capelo, us. por meninos e donzelas; capeirote	1.Certo capuz antigo	Hipônimo
Capote	Rubrica: vestuário. 1 capa larga e longa, com ou sem capuz Rubrica: vestuário. 2 casacão longo us. por soldado da infantaria	1.V. <i>casacão</i> . 2.Casacão militar. 3.Fam. Peça de vestuário, de mangas compridas, que cobre o tronco agasalhando-o contra o frio, feita de tricô, tecido, etc., e se assemelha ao casaco (1).	Hipônimo
Capuz	1 parte de capa, capote, hábito ou similar que cobre a cabeça, ger. presa à vestimenta; capucho	1.Cobertura para a cabeça e geralmente presa à capa, ao hábito ou a um casaco; capelo, chapeirão, bioco.	Hipônimo
Caqueiro	Derivação: por extensão de sentido. 2 traste velho; objeto ou móvel em mau estado	1.Caco (2).	Hipônimo

	Derivação: por extensão de sentido. 3 chapéu deformado pelo uso		
Carapuça	1 barrete ou gorro de forma cônica ou semiesférica; carapuço, garruço Derivação: por extensão de sentido. 2 qualquer objeto semelhante a esse	1.Barrete cônico. 2.Designação comum a vários objetos semelhantes a esse.	Conceito conexo
Cardigã	Rubrica: vestuário. 1 casaco ou suéter tricotado sem gola, com decote redondo ou em V, de mangas compridas, que se abotoa até o pescoço ou é aberto de alto a baixo na frente	1.Casaco de malha aberto e abotoado na frente, sem gola, e de decote redondo ou em V.	Hipônimo
Cartola	Rubrica: termo de marinha. 1 m.q. <i>quartola</i> ('ancoreta') Rubrica: vestuário. 2 chapéu masculino de aba estreita, copa alta e cilíndrica, muito freq. de cor preta e brilhante, us. em ocasiões solenes	1.V. <i>quartola</i> . 2.Chapéu masculino, de copa alta e cilíndrica, e cor preta luzidia, de uso em solenidades. 3.Qualquer chapéu duro, grande e ridículo.	Hipônimo
Casa de modas	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Casaca	Rubrica: vestuário. 1 veste masculina de cerimônia, curta na parte da frente, com duas abas compridas, em tesoura, na parte de trás	1.Peça de vestuário de cerimônia masculino, curta na frente, ficando à altura da cintura, e com abas compridas atrás.	Hipônimo
Casacão	Rubrica: vestuário. 1 casaco grande 2 casaco, abrigo ou agasalho de tecido grosso e pesado, de comprimento variável, de uso masculino ou feminino, e que se veste sobre outra indumentária; mantô	1.Casaco longo, ger. feito de tecido grosso e encorpado, e us. como agasalho contra o frio; casaco, capote, manto, sobretudo.	Hipônimo
Casaco	Rubrica: vestuário. 1 peça de vestuário de mangas compridas e aberta na frente, mas que ger. se pode fechar com botões, zíper, colchetes etc., e que cobre o tronco, descendo um pouco abaixo da cintura	1.Peça do vestuário feminino ou masculino, abotoado na frente e com mangas, us. sobre outras roupas (vestido, camisa, etc.) e que pode ter diferentes comprimentos e feitios. 2.Restr. Casaco (1) que cobre o tronco e faz parte de um terno masculino ou de certos trajes femininos, como o terninho, o <i>tailleur</i> , etc. 3.V. <i>casacão</i> .	Hipônimo
Casquete	1 pequena cobertura para cabeça, com pala; boné espécie de boné flexível, sem abas, muitas vezes us. como complemento de uniforme; 2 barrete, carapuça 3 chapéu velho	1.Boné. 2.Peça de vestuário para a cabeça, flexível e sem aba, de couro ou de tecido, etc., e usada, em geral, com uniforme. 3.Chapéu velho	Hipônimo
Castor	Rubrica: astronomia. estrela da constelação de Gêmeos	1.O gênero-tipo dos castorídeos, que reúne	Conceito conexo

	Obs.: inicial maiúsc. Rubrica: mineralogia. m.q. <i>petalita</i>	roedores semi-aquáticos que habitam a Europa, e a América do Norte e a Ásia; têm corpo robusto, cabeça larga, olhos e orelhas pequenos, e cauda achatada, coberta de escamas membranosas na parte superior, e de pêlos, na inferior. 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a <i>Castor canadensis</i> , americana. 3. Qualquer espécime desse gênero.	
Cendal	Rubrica: indústria têxtil. 1 tecido de seda ou linho, muito us. do sIX ao sXVII em vestuário de luxo, tapeçarias, cortinas, bandeiras etc.; soprilho	1. Tecido fino e transparente. 2. Véu para o rosto ou para o corpo inteiro	Hipônimo
Cerome	Rubrica: vestuário. Diacronismo: antigo. 1 manto feminino com capuz, de estilo mouro; cerame	1. Antiga capa de mulher.	Hipônimo
Ceroula	Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil. m.q. <i>ceroulas</i>	1. Ceroulas (q. v.). [Var.: <i>ceroila</i> .]	Hipônimo
Chabraque	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Chambre	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>roupão</i> Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil. 2 antiga camisola de dormir masculina, ger. feita com tecido simples		Hipônimo
Chanca	Derivação: por analogia. Rubrica: vestuário. 2 sapato grande e tosco; abarca Rubrica: futebol. Regionalismo: Brasil. 3 a chuteira ou a sua sola	2. Calçado largo e grosseiro; abarca.	Hipônimo
Chapeirão	Diacronismo: antigo. 1 espécie de capuz ou bioco que desce até os ombros, deixando o rosto descoberto, us. por pessoas de ambos os sexos por volta do fim da Idade Média grande chapéu de abas largas; chapelão Uso: antigo e informal. 2 indivíduo rústico, grosseiro Regionalismo: Brasil. 3 recife isolado, não raro em forma de cogumelo, com o topo irregular, formado por depósitos de pólipos e	1. Chapéu de grandes abas [v. <i>chapéu</i> ¹ 2. V. <i>capuz</i> (1). 3. Bras. Recife à flor da água, em forma de cogumelo; chapéu-de-sol.	Hipônimo

	que se encontra nas costas da Bahia; chapéu de sol		
Chapeleiro	1 indivíduo que faz ou vende chapéus	1. Aquele que faz e/ou vende chapéus.	Conceito conexo Profissional
Chapelete	Rubrica: vestuário. 1 chapéu pequeno	1. V. <i>chapéu</i> ¹ (1).	Hipônimo
Chapelina	Rubrica: vestuário. Regionalismo: Nordeste do Brasil. 1 chapéu que usam as mulheres do sertão	1. Bras. N.E. Tipo de chapéu usado por mulheres sertanejas	Hipônimo
Chapelinha	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Chapelório	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Chapéu	Rubrica: vestuário. 1 peça do vestuário provida de copa e abas, destinada a cobrir a cabeça, ger. como adorno Derivação: por analogia. qualquer cobertura ou coroamento que se destina a proteger, rematar ou reforçar alguma coisa impureza que, durante a fermentação, flutua na superfície do mosto da uva	1. Peça de feltro, palha, etc., com copa e abas, e destinada a cobrir a cabeça. [Aum.: <i>chapelão</i> , <i>chapeirão</i> ; dim. irreg.: <i>chapelete</i> , <i>chapeleta</i> . Sin. (bras., gír.): <i>tampa e penante</i> .]	Hipônimo
Chapineiro	1 que ou aquele que fabrica ou vende chapins	1. Aquele que faz e/ou vende chapins.	Conceito conexo Profissional
Chinela	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>chinel</i> ('calçado') 2 pequeno calçado típico de certos trajes regionais, que não cobre o calcanhar	1. Chinelo (1).	Hipônimo
Chineleiro	1 que ou aquele que fabrica chinelos ou chinelas Derivação: sentido figurado. 2 que ou quem é reles, vulgar	1. Aquele que faz chinelos e/ou chinelas. 2. Fig. Indivíduo reles	Conceito conexo Profissional
Chinelo	1 calçado macio e confortável, com ou sem salto, destinado a ser us. em casa; chinela sapato velho, us. como chinelo	1. Calçado macio, geralmente sem salto, para uso doméstico; chinela. 2. Sapato velho e acalcanhado	Hipônimo
Chinó	1 cabeleira postiça para o alto da cabeça	1. V. <i>cabeleira</i> ¹ (2).	Conceito conexo
Chispe	1 Rubrica: vestuário. sapato de mulher lustroso, de bico fino e salto alto	1. Pé de porco; pé, pezunho	Hipônimo
Chispo	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Chorina	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Chumeco	Uso: informal, pejorativo. sapateiro remendão	1. Gír. Deprec. Sapateiro reles.	Conceito conexo
Cinta	Rubrica: vestuário. 1 faixa us. para apertar a cintura Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário. 2 roupa íntima, ger. de tecido elástico, que cinge estreitamente quadris, ventre e cintura, para	1. Faixa para apertar na cintura. 2. Cintura (1 e 2). 3. V. <i>cós</i> (2). 4. Tira de pano ou de couro para cingir. 8. Peça íntima de	Hipônimo

	adelgaçar ou modelar as formas Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário. 3 tira comprida de tecido, couro ou outro material que cinge a cintura, us. para segurar a roupa e, eventualmente, prender pequenos objetos; cinto Derivação: por metonímia. Rubrica: vestuário. 4 m.q. <i>cós</i> ('faixa')	vestuário feita de malha ou de outro tecido entremeado com elástico, e destinada a adelgaçar a cintura e os quadris, ou a corrigir ou amparar defeitos anatômicos.	
Cinto	1 Rubrica: vestuário. tira de largura variável feita de tecido, couro ou outro material, que se passa em torno da cintura e se ata com laço ou prende com fivela ou outro fecho Rubrica: vestuário. qualquer cinta ou faixa que rodeia a cintura ou o tronco para fins de segurança Rubrica: vestuário. m.q. <i>cós</i> o que circunda e/ou limita um espaço; cerca anel que cinge algo; cinta Regionalismo: Nordeste do Brasil. bolsa longa e estreita que os viajantes prendem à cintura ou levam a tiracolo	1.Faixa ou tira de tecido, couro, etc., que cinge o meio do corpo, em geral com uma só volta. [Sin. (desus.): <i>cingidouro</i> .] 2.V. <i>cós</i> (2). 3.V. <i>cintel</i> (3 e 4). 4.Cerco ¹ (2). 5.Cinto de segurança. 6.Bras. N.E. Espécie de bolsa comprida e estreita, que os viajantes atam à cintura, ou trazem a tiracolo para levar dinheiro.	Hipônimo
Cinturão	Rubrica: vestuário. 1 cinto largo, ger. de couro, us. na cintura, por cima do traje, para prender armas, cartucheiras, portar dinheiro etc. Rubrica: vestuário. 2 qualquer cinto largo	1.Grande cinto geralmente de couro, em que se suspendem armas, cartucheiras, em que se traz dinheiro, etc.; boldrié.	Hipônimo
Clâmide	Rubrica: vestuário. 1 na Grécia antiga, manto que se prendia por um broche ao pescoço ou aos ombros	1.Manto dos antigos gregos, que se prendia por um broche ao pescoço ou ao ombro direito	Hipônimo
Coca	Rubrica: termo de marinha. 1 certa embarcação ligeira, us. do sXIII ao XV na Europa	1.Bioco, capuz.	Hipônimo
Cofa	Rubrica: pesca. 1 variedade de cesto oblongo, us. por pescadores	1.Ant. Certo sapato para agasalho; pantufo.	Hipônimo
Coifa	1 rede para os cabelos, ger. us. por mulheres; touca Derivação: por extensão de sentido. 2 qualquer tecido que sirva de invólucro cobertura de fogão a gás ou de compartimento fechado em laboratórios de química, em forma de campânula ⁴	1.Redes ou toucas em que as mulheres envolvem o cabelo: 2.Invólucro, envoltório.	Hipônimo
Coiffure	Não é lexicografado	Não é lexicografado	

Colarinho	1 gola de tecido, ligada ou cosida à camisa, ao redor do pescoço	1.Gola de pano cosida ou adaptada à camisa, em volta do decote.	Hipônimo
Colete	Rubrica: vestuário. 1 peça de vestuário sem gola nem mangas, curta, justa ao peito e abotoada na frente, us. sobre camisa, blusa etc.; gilê Rubrica: vestuário. 2 m.q. <i>espartilho</i> grade circular que protege a base ou as hastes dos arbustos	1.Peça de vestuário abotoada na frente, sem mangas nem gola, indo em geral até a cintura, usada por cima de camisa, blusa, etc. 2.Espartilho (q. v.).	Hipônimo
Collant	Rubrica: vestuário. 1 roupa de malha elástica fina que adere ao corpo 2 veste íntima feminina que combina a calcinha e as meias numa única peça; meia-calça roupa feminina inteira e colante, que une sutiã e calcinha	1.Espécie de maiô us. para balé, ginástica, etc. 2.Roupa de baixo inteira que reúne calcinha e sutiã. 3.Meia-calça de malha grossa.	Hipônimo
Combinação	8 roupa íntima feminina que, numa só peça, faz as vezes de saia e de corpinho	7.Roupa íntima feminina, constituída de saia e corpinho numa só peça. [Sin., no RS, nesta acepç.: <i>saia</i> .]	Hipônimo
Confortante	Rubrica: vestuário. 2 luvas de senhora que deixam os dedos a descoberto	1.Que conforta; confortador	Hipônimo
Conjunto	Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil. 9 traje feminino constituído por duas ou três peças combinadas (p.ex., casaco, blusa e saia; vestido e casaco etc.)	8.Traje feminino composto de vestido e casaco, ou saia, blusa e/ou casaco, ou calça e blusa e/ou casaco	Hipônimo
Coparação	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Cordovaneiro	1 que ou aquele que fabrica ou vende cordovão	1.Fabricante e/ou vendedor de cordovão.	Conceito conexo Profissional
Corpete	Rubrica: vestuário. 1 parte superior da indumentária feminina, ger. jaqueta ou blusa, de corte ajustado, com comprimento do colo até a cintura; corpinho, corselete colete feminino; bolero ('jaqueta curta') 2 roupa íntima feminina que modela o busto e sustenta os seios; sutiã	1.Blusa ajustada ao corpo e que não ultrapassa a cintura; corpinho, corselete. 2.V. <i>sutiã</i>	Hipônimo
Corpote	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Corsage	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Costume	1 hábito, prática frequente, regular modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social(mais us. no pl.) moda, indumentária adotada em determinada época por um grupo relativamente representativo de pessoas	5.Uso, moda. 1.Bras. Roupa de homem (calça, paletó e, por vezes, colete). 2.Bras. Vestuário feminino (casaco e saia). 3.Trajo adequado ou característico.	Hipônimo
Costureira	1 mulher que costura amadorística ou	1.Mulher que se ocupa	Conceito conexo

	profissionalmente, esp. roupas sociais	em trabalhos de costura (1).	Profissional
Coturno	Rubrica: vestuário. Rubrica: história do teatro. 1 calçado de sola alta de madeira, us. por atores durante as representações, esp. nas tragédias; chapim tipo de calçado antigo que cobria o pé e parte da perna até os joelhos, era us. por indivíduos importantes, nas sociedades grega e romana meia com pouca altura, us. por homens; peúga Regionalismo: Brasil. 2 bota de soldado	1.Na Grécia antiga, borzeguim de solas altíssimas, que chegava até o meio da perna e se atava pela frente, us. sobretudo pelos atores trágicos 2.Calçado de sola grossa e alta; chapim. 3.Bras. Bota militar; bute. 4.Meia curta, peúga	Hipônimo
Coutumier	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Crépida	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Crinolina	Rubrica: indústria têxtil. 1 tecido resistente utilizado em vestidos, complementos de vestuário etc. [Originalmente feito de crina, depois de outros materiais, a partir de 1830, esp. us. com o fim de dar volume às saias.] Rubrica: indústria têxtil. 2 tecido forte us. na forração interior de certas fímbrias de vestido Derivação: por metonímia. Rubrica: vestuário. 3 armação feita de arcos horizontais e material flexível (caniço, barbatana, metal etc.) ligados por fitas; merinaque [A partir do sXIX, esse tipo de armação substituiu as pesadas anáguas do vestuário feminino.] Derivação: por metonímia. Rubrica: vestuário. 4 saia em forma de campânula semiesférica, armada a princípio com anáguas, depois sobre uma leve armação; merinaque, saia-balão	1.Tecido feito de crina. 2.Tecido resistente, próprio para forro 3.Anágua de crinolina, usada para armar ou entufar a saia.	Hipônimo
Crocota (ant.)	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Cueca(s)	Rubrica: vestuário. 1 peça íntima do vestuário masculino que consiste em um calção de tecido leve us. sob as calças Regionalismo: Portugal. 2 m.q. <i>cuequinhas</i>	1.Peça íntima do vestuário masculino, espécie de calção usado sob as calças. 2.Lus. Calça (3); cuequinha.	Hipônimo
Cueiro	1 pano leve e macio com que se envolvem (em torno das nádegas e das pernas) as crianças de colo	1.Pano em que se envolve o corpo das crianças de peito da cintura para baixo, esp. as nádegas e pernas	Hipônimo
Diplóide(ant.)	Rubrica: vestuário. 1 vestido ou manto us. na Antiguidade, que dava duas voltas ao corpo 2 longa veste forrada de peles	1.Vestido ou manto que dava duas voltas ao corpo, de uso entre os orientais antigos.	Hipônimo

	us. pelos orientais		
Domingueiro	1 referente ao domingo 2 que se veste ou se usa aos domingos por ser diferente do habitual 3 que é alegre; festivo	1.Do domingo. 2.Que se veste ou se usa aos domingos	Conceito conexo
Dubador(ant.)	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Embotadeira	Rubrica: vestuário. 1 tipo de meia que vai até acima do joelho, us. por baixo do cano da bota	1.Espécie de meia que se usa por baixo do canhão da bota e vai até acima do joelho.	Hipônimo
Enágua	Estatística: pouco usado. 1 m.q. <i>anágua</i>	1.V. <i>anágua</i> .	Hipônimo
Encacho	1 pano com que certas populações cobrem o corpo da cintura para baixo; tanga	1.V. <i>tanga</i> ¹ (1).	Hipônimo
Enfeite	1 aquilo que enfeita; adorno, ornamento, afeite	1.Adorno ligeiro, não muito vistoso que dá mais graça a alguém ou a algo. 2.Ornamento, ornato, atavio.	Conceito conexo
Enxalmo	1 tipo de manta que se coloca por cima da albarda das bestas de carga Derivação: por extensão de sentido. 2 qualquer objeto que se coloca sobre a albarda, seja para cobri-la, seja para segurar a carga ³	1.Manta que se coloca por cima da albarda para lhe aplanar o assento.	Conceito conexo
Enxoval	1 conjunto de roupas e acessórios de quem se casa, seja do vestuário, seja para o serviço de casa Derivação: por extensão de sentido. 2 qualquer conjunto de roupas e acessórios necessários para um recém-nascido, para um estudante que vai ao internato, para o serviço, uma viagem etc	1.Conjunto de roupas e de certos complementos, em geral úteis, de quem se casa, de recém-nascido, de jovem que se interna em colégio, etc.	Hipônimo
Equipamento	ato ou efeito de equipar(-se); equipação Rubrica: termo de marinha. tudo o que serve para o armamento de um navio e para a subsistência da equipagem ('tripulação') Rubrica: termo militar. o conjunto de apetrechos de que o militar precisa para entrar em serviço, com exceção do fardamento e das armas Derivação: por extensão de sentido. tudo aquilo que serve para equipar; conjunto de apetrechos ou instalações necessários à realização de um trabalho, uma atividade, uma profissão	1.Ato de equipar(-se). 2.Tudo aquilo de que o militar necessita para entrar em serviço, além do fardamento e das armas; equipagem. 3.P. ext. O conjunto de tudo aquilo que serve para equipar, prover, abastecer	Conceito conexo
Escarpim	1 sapato de entrada baixa e solado fino, us. no sXVIII [Durante certo tempo, acompanhava traje de baile	1.Sapato de sola muito fina, com salto ou sem ele, e que deixa	Hipônimo

	masculino.] 2 sapato descoberto, decotado, esp. us. pelas mulheres 3 calçado de tecido que se usava por debaixo das meias	descoberto o peito do pé.	
Espartenhas	1 alpercatas feitas de esparto	1. Alpercatas de esparto	Hipônimo
Espartilho	Rubrica: vestuário. 1 cinta longa e de corte anatômico, que vai dos quadris até abaixo dos seios, feita de tecido resistente e provida de barbatanas de baleia ou lâminas de aço para que não enrugue e com ilhoses de cima a baixo, por onde se passam longos cadarços, puxados para apertar ao máximo o abdome e a cintura, modelando o tronco; colete	1. Colete com barbatanas de baleia ou lâminas de aço, que era us. justo ao corpo, em geral por mulheres, para comprimir a cintura e dar elegância ao tronco.	Hipônimo
Fantasia	6 Regionalismo: Brasil. vestimenta alegórica, us. em certos rituais e festividades, esp. no carnaval	6. Bras. Vestimenta us. no carnaval e em outros festejos e que imita a de palhaços, tipos populares, figuras mitológicas, etc. [Sin. (lus.): <i>máscara</i> .]	Hipônimo
Farda	1 vestimenta padronizada us. por militares, escolares etc.; fardamento, uniforme libré de criado	1. Traje uniforme para uma classe de indivíduos; uniforme, fardamento. [Cf. <i>libré</i> (1).]	Hipônimo
Fardagem	1 conjunto de fardos; fardelagem	1. Reunião de fardos; fardelagem.	Conceito conexo
Fardamento	1 ou efeito de fardar(-se) 2 m.q. <i>farda</i> ('vestimenta padronizada') 3 conjunto de fardas (militares, escolares etc.)	1. V. <i>farda</i> (1). 2. Conjunto de fardas. 3. Tipo de farda	Conceito conexo
Farragoulo	1 m.q. <i>ferragoulo</i>	1. V. <i>ferragoulo</i>	Hipônimo
Farrapada	1 conjunto de farrapos, de trapos	1. Monte de farrapos ou trapos; farrapagem, farraparia.	Conceito conexo
Farrapagem	porção de trapos; farrapada	1. V. <i>farrapada</i> (1).	Conceito conexo
Farrapos	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Fatiota	1 roupa em geral; farpela, traje, vestuário	1. Traje, roupa, farpela, fato. .	Sinônimo
Fato	1 roupa ou conjunto de roupas; indumentária, traje que se usa para determinado fim ou sob condições particulares Regionalismo: Portugal. terno (traje masculino) 2 vísceras de animais; miúdos	1. Roupas, veste(s), vestuário 2. Restr. Bras. N. Lus. Terno ¹ (4).	Hipônimo
Ferragoulo	Rubrica: vestuário. 1 gabão largo com cabeção, capuz e mangas curtas	1. Ant. Gibão ou gabão de mangas curtas, com cabeção e capuz	Hipônimo

Fez	1 m.q. <i>fezes</i>	1.Barrete, em geral vermelho, usado por certos povos do Oriente Médio e da África e, em particular, pelos turcos	Hipônimo
Fichu	Rubrica: vestuário. 1 espécie de abrigo, de tecido leve e formato triangular, com que as mulheres cobrem a cabeça, pescoço e ombros	1.Triângulo de tecido leve us. pelas mulheres para cobrir os ombros ou a cabeça	Hipônimo
Fio-dental (para animais):	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Fota	1 lenço ou turbante que se enrola em volta da cabeça	1.Turbante mourisco	Hipônimo
Fraldilha	1 avental de couro us. por ferreiros Diacronismo: antigo. 2 avental que costumavam usar os porta-marchados, ou certo corpo de besteiros Diacronismo: antigo. 3 avental feminino, finamente bordado	1.Avental de couro us. pelos ferreiros. 2.Avental que usavam os porta-marchados.	Hipônimo
Frاندulagem	1 bando de maltrapilhos	1.Súcia de maltrapilhos; farandolagem, farândola.	Conceito conexo
Frangalho	1 farrapo, trapo, andrajo	1.Farrapo, trapo	Conceito conexo
Fraque	1 traje masculino us. em certas cerimônias (p.ex., casamentos), cujo casaco é ajustado ao corpo e arrematado atrás com longas abas	1.Traje de cerimônia masculino, bem ajustado ao tronco, curto na frente e com longas abas atrás.	Hipônimo
Gabão	Rubrica: vestuário. 1 capote de mangas ou casacão, com capuz e cabeção ('espécie de gola'); garnacho, varino	1.Capote de mangas ou casacão, com capuz e cabeção; garnacho	Hipônimo
Gabardine	1 m.q. <i>gabardina</i>	1.V. <i>gabardina</i> .	Hipônimo
Gabardo	Rubrica: vestuário. 1 capote dotado de cabeção ('parte superior') e mangas	1.Capote com mangas e cabeção; gabinardo	Hipônimo
Gabinardo	Rubrica: vestuário. 1 corpete de mangas compridas tipo de ² gabão	1.Gabardo	Hipônimo
Galhardia	1 qualidade ou característica do que é galhardo; garbo, elegância	1.Qualidade de galhardo; garbo, elegância, bizarria.	Conceito conexo
Galocha	1 objeto de borracha que se calça por cima dos sapatos ou das botas, para protegê-los do contato com a água	1.Espécie de calçado impermeável us por cima das botas ou dos sapatos.	Hipônimo

Garbo	1 elegância de modos, de gestos; donaire, galhardia porte imponente, marcial qualidade de primoroso; distinção, perfeição	1.Elegância, galhardia, donaire. 2.Pundonor, brio, bizzarria. 3.Distinção, primor	Conceito conexo
Garibaldi	Não é lexicografado	1.Blusão vermelho usado exteriormente. 2.Bras. Cul. V. <i>rocambole</i> (1).	Hipônimo
Garnacho(pop .)	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>gabão</i>	1.Gabão ¹ .	Hipônimo
Gibão	Rubrica: vestuário. 1 antiga peça do vestuário masculino, us. por baixo do paletó, que envolve o corpo do pescoço à cintura espécie de casaco curto, semelhante ao colete, que se veste sobre a camisa Regionalismo: Brasil. 2 casaco de couro, ger. largo, us. por vaqueiros; véstia	1.Vestidura antiga, que cobria os homens desde o pescoço até a cintura. 2.Espécie de casaco curto que se vestia sobre a camisa. 3.Bras. Véstia (2).	Hipônimo
Gorra	1 m.q. <i>gorro</i>	1.V. <i>barrete</i> (1)	Hipônimo
Gorro	1 cobertura de cabeça, flexível, sem aba, podendo cobrir as orelhas	1.V. <i>barrete</i> (1)	Hipônimo
Grande gala	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Grande uniforme	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Gravata	1 acessório que consiste em uma tira de tecido us. em volta do pescoço, sob o colarinho da camisa, atada em nó ou laço na frente 2 tira de couro us. outrora por militares à volta do pescoço conjunto de penas que rodeiam o pescoço de certas aves e que se distinguem das do resto do corpo	1.Tira de tecido, estreita e longa, usada em volta do pescoço e amarrada em nó ou laço na parte da frente. 2.Manta, lenço ou fita usados como gravata (1). 3.Tira de couro, ou coleira, que os militares usavam.	Hipônimo
Gravatinha	Regionalismo: Brasil. 1 m.q. <i>gravata-borboleta</i>	1.Gravata-borboleta.	Hipônimo
Grevas	Diacronismo: antigo. 1 partes da armadura que recobriam as pernas, do joelho para baixo Derivação: por extensão de sentido. 2 faixas de pano (lã, feltro etc.) com as quais excursionistas, alpinistas ou militares em atividade de risco envolvem as pernas até a altura dos joelhos	1.Ant. Parte da armadura que cobria a perna, do joelho ao pé.	Hipônimo
Gualdrapa	Diacronismo: antigo. 1 m.q. <i>xabraque</i> Rubrica: vestuário. 2 cada uma das partes pendentes e compridas de casacão ou balandrau; aba	1.V. <i>xairel</i> . 2.Grandes abas de casacão	Hipônimo

Guarda-mato	Ipeça da espingarda, pistola etc., em forma de arco, que serve para proteger o gatilho valado que demarca matagais ou terras de pastagem	1. Peça da espingarda, arciforme, que serve para resguardar o gatilho. 2. Valado que limita matagais ou terras de pastagem. [Pl.: <i>guarda-matos.</i>]	Conceito conexo
Guarda-pé	Rubrica: vestuário. 1 saia ou túnica us. pelas mulheres por baixo das roupas; saiote, anágua, fraldelim Regionalismo: Bahia. 2 certo modelo de botas us. pelos vaqueiros	1. Bras. BA Certo tipo de botas usadas pelos vaqueiros.	Hipônimo
Guarda-pó	Rubrica: vestuário. 3 casaco comprido, de tecido leve, que se veste por cima da roupa para resguardá-la da poeira, principalmente em viagem; tb.us. por médicos e professores no exercício de suas atividades	2. Espécie de avental, semelhante ao que usam médicos, professores, etc., que se põe por cima da roupa a fim de resguardá-la da poeira, sobretudo em viagem. [Pl.: <i>guarda-pós.</i>]	Hipônimo
Guarda-roupa	Rubrica: mobiliário. 1 armário (embutido ou na forma de móvel) destinado a acondicionar roupas, esp. peças da indumentária; roupeiro o vestuário pertencente a uma pessoa o vestuário pertencente a uma instituição, a um teatro ou companhia teatral o lugar onde é guardado esse vestuário pessoa incumbida de cuidar dos figurinos de uma instituição, um teatro, uma companhia teatral, um estúdio de cinema ou de TV etc.; guarda-roupeiro, roupeiro	1. Armário onde se guarda a roupa 2. O conjunto das roupas de uso dum pessoa ou dos componentes de um grupo ou de uma instituição 3. O encarregado do guarda-roupa de uma instituição, de um teatro, etc.; guarda-roupeiro.	Conceito Conexo Locativo
Guarnição	aquilo que garante; guarnecimento, tarja Rubrica: termo militar. conjunto de tropas destacadas para determinado local Rubrica: termo de marinha. conjunto de praças que garante uma posição Rubrica: esportes. o conjunto de remadores de um barco de regata punho e copos da espada adorno, enfeite, ornato, esp. quando na orla de roupa, toalha, cortina etc. Rubrica: arquitetura. aplicação de uma fina camada de pasta de cal sobre o reboco na parede, como preparativo para que esta possa receber pintura; guarnecimento	1. Aquilo que garante; guarnecimento. 2. Tropa que defende determinada praça, que foi destacada para servir nela. 3. Bras. Mar. G. A totalidade das praças que garantem um navio de guerra. [Cf. <i>tripulação</i> (1).] 4. Grupo de praças que garante determinado posto de serviço 5. O conjunto dos remadores dum barco de regata. 6. O punho e os copos da espada.	Conceito conexo

	<p>Rubrica: construção. nos marcos de porta ou janela, cada uma das régua de madeira fixadas como arremate; mata-junta</p> <p>Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. numa refeição, acompanhamento do prato principal, que ger. lhe serve de enfeite</p> <p>Rubrica: artes gráficas. cada uma das peças metálicas ou de madeira us. para a imposição e o engradamento da fôrma tipográfica; lingão, quadrilongo</p> <p>Rubrica: artes gráficas. m.q. <i>cercadura</i> ('moldura')</p>	<p>7.Ornato, enfeite, adorno.</p> <p>8.Enfeite em beirada; orla</p> <p>9.Constr. Régua ou sarrafo que se usa para cobrir a junta formada no encontro do marco de uma porta ou janela com a parede; mata-junta, alizar, cercadura.</p> <p>10.Tip. Material branco (q. v.) usado na imposição e no engradamento da fôrma, ou para formar os claros maiores da composição. [V. <i>lingão</i>, <i>lingote</i> (4) e <i>regreta</i> (1).]</p> <p>11.Tip. Moldura ornamental, composta de fios ou vinhetas, que se põe em páginas, estampas, etc.; cercadura, orla, tarja.</p> <p>12.Bras. Guarnição (7 e 8) feita com uma preparação culinária, um alimento cru (verdura ou fruta), ou outro material adequado, e que se usa no arranjo de um prato.</p>	
Hacpólque	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Houppelande	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Impermeável	4 vestuário feito de tecido impermeabilizado, esp. capa ou casaco us. para abrigar da chuva	5.Capa de chuva, feita de tecido ou qualquer outro material impermeável. V. <i>gabardina</i> (2).	Hipônimo
Indumento	1 m.q. <i>indumentária</i> ('roupa') Derivação: por extensão de sentido. 2 o que encobre, disfarça; envoltório, induto, indúvia, revestimento	1. Vest. V. <i>roupa</i> (2)	sinônimo
Indúσιο	Rubrica: vestuário. túnica us. pelas mulheres romanas sob o vestido	1.Túnica que as damas romanas usavam por sob o vestido.	Hipônimo
Jaez	1 conjunto das peças que permite o cavalgamento de montarias ou o trabalho do animal de carga ou de tração; arreamento 2	1.Aparelho e adorno para bestas	Hipônimo
Jaleco	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>jaleca</i> Rubrica: vestuário. 2 espécie de guarda-pó curto que bate à altura dos quadris, us. por médicos, dentistas etc. Rubrica: vestuário. 3 m.q. <i>fardeta</i> Rubrica: vestuário. Regionalismo:	1.Casaco curto, semelhante à jaqueta. 2.Fardeta.	Hipônimo

	Brasil. 4 casaco curto, ger. de couro, us. pelos vaqueiros ²		
Jaqueta	Rubrica: vestuário. 1 casaco curto, aberto à frente e que bate à altura da cintura ou pouco abaixo desta; jaleca Rubrica: vestuário. 2 espécie de casaco sem abas e ajustado à cintura us. pela gente do povo e camponeses Rubrica: encadernação. 3 m.q. sobrecapa ⁴	1.Casaco curto, que chega só até a cintura ou mal a ultrapassa; jaleca 2.Encad. Sobrecapa (1).	Hipônimo
Jaquetão	1 paletó trespassado na frente, ger. com quatro ou seis botões jaqueta larga que desce até pouco abaixo da cintura, ger. de pano grosso e mais us. no inverno	1.Paletó trespassado na frente, em geral com quatro ou seis botões	Hipônimo
Jasezinho	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Justilho	Rubrica: vestuário. 1 certa modalidade de colete muito justo	1.Espécime de colete muito justo	Hipônimo
Legging	Não é lexicografado	1.Calça de malha muito justa	Hipônimo
Libré	1 fardamento provido de galões e botões distintivos us. pelos criados de casas nobres e senhoriais Uso: informal. 2 farda, uniforme Uso: informal. 3 vestimenta, terno ⁴	1.Uniforme ou fardamento de criado de casas nobres. 2.Pop. Terno, ou farda (1).	Hipônimo
Lipa	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Luva	Rubrica: vestuário. 1 peça do vestuário, de material diverso, que serve para cobrir as mãos, us. em pares como enfeite, proteção, higiene, acessório de trabalho, apetrecho em diversos esportes etc.	1.Peça de vestuário que se ajusta à mão e aos dedos, para agasalho, adorno, proteção ou higiene. 2.Peça que reveste a mão, feita de tecido esponjoso ou felpudo e utilizada no banho ou na limpeza. 3.Peça que reveste a mão, feita de couro e recheada de crina ou espuma de borracha, para amortecer a força dos golpes de boxe.	Hipônimo
Luvraria	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Luxo	1 maneira de viver caracterizada pelo gosto do fausto e desejo de ostentação, por despesas excessivas, pela procura de comodidades caras e supérfluas qualquer bem, objeto caro que origina despesas supérfluas esplendor, riqueza, suntuosidade,	1.Modo de vida caracterizado por grandes despesas supérfluas e pelo gosto da ostentação e do prazer; fausto, ostentação, magnificência	Conceito conexo

	<p>pompa</p> <p>2 caráter daquilo que é requintado, suntuoso, custoso, aprimorado extravagância, capricho</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>3 negação dissimulada, afetada e/ou cerimoniosa; negaça</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>4 denguiçe, manha, melindres</p>	<p>2. Caráter do que é custoso e suntuoso</p> <p>3. Bem ou prazer custoso e supérfluo; superfluidade, luxaria</p> <p>4. Viço, vigor, esplendor.</p> <p>5. Bras. Fig. Dengues, melindres.</p> <p>6. Bras. Recusa fingida de alguém a fazer ou aceitar alguma coisa; negação afetada; afetação.</p> <p>7. Cabo-verd. Cuidado, esmero, aplicação</p>	
Maiô	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 traje de banho feminino, origin. feito de malha e numa única peça, moldando o corpo e cobrindo do busto ao alto das coxas</p> <p>2 qualquer traje de banho feminino, de qualquer tecido, que cobre o tronco com apenas uma peça</p>	<p>1. Traje de banho feminino, feito, em geral, de tecido de malha, que molda o corpo (modernamente apenas o torso).</p>	Hipônimo
Manga	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 parte da vestimenta, de forma e dimensões variáveis, e que recobre o braço total ou parcialmente</p>	<p>1. Parte do vestuário onde se enfia o braço.</p>	Hipônimo
Manopla	<p>1 luva de ferro, que protegia os gladiadores e que passou a integrar as armaduras de guerra</p> <p>açote longo, de cabo curto, us. por cocheiro</p>	<p>1. Luva de ferro, que fazia parte das antigas armaduras de guerra.</p>	Hipônimo
Manta	<p>1 peça de tecido que serve para cobrir e aquecer a cama, e que ger. é mais espessa do que o cobertor</p> <p>2 faixa de pano, de largura variável, ger. de lã, us. como agasalho</p> <p>3 grande xale us. pelas mulheres, cobrindo o colo ou os ombros</p> <p>faixa de seda ou de lã us. pelos homens enrolada ao pescoço, à guisa de gravata</p> <p>4 pano de lã que assenta sobre a sela de montaria</p>	<p>1. Grande pano de lã, do feitio de um cobertor, e que serve para agasalhar.</p> <p>2. Lenço grande us. como xale, para agasalhar a cabeça e os ombros.</p> <p>3. Tira de seda, de lã ou de outro tecido, com que se forma laço ao pescoço, servindo de gravata.</p> <p>4. Xairel grosso, ou sobreanca, de lã.</p>	Hipônimo
Mantão(ant.)	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Mantelete	<p>Rubrica: liturgia católica.</p> <p>1 veste que desce até os joelhos, aberta na frente, sem manga e com abertura para os braços, cuja cor varia de acordo com a dignidade do prelado e com a ocasião [É us., sobre o roquete, por bispos e outros dignitários eclesiásticos.]</p> <p>Rubrica: vestuário.</p> <p>2 capa curta feminina us. por cima do vestido, como enfeite ou para proteger do frio</p> <p>capa curta e larga com que os cavaleiros cobriam os escudos e os</p>	<p>1. Vestidura curta, us. por dignitários eclesiásticos sobre o roquete.</p> <p>2. Pequena capa, leve e com rendas, para senhora</p> <p>3. Capa curta com que os antigos cavaleiros cobriam o escudo e o capacete.</p>	Hipônimo

	capacetes		
Mantéu	Rubrica: liturgia católica. 1 capa provida de colarinho que usam os frades; mantel Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Portugal (reg.). 2 capa, manta, ger. us. por mulheres colarinho em canudos ou de abas largas e caídas sobre o peito Rubrica: vestuário. Diacronismo: obsoleto. 3 saia de feitio liso, sem pregas, ger. us. por mulheres campesinas	1.Capa com colarinho, us. ger. por frades. 2.P. ext. Lus. Manta (1), ou capa 3.Colarinho encanudado, ou com abas pendentes. 4.Saia lisa, sem pregas.	Hipônimo
Mantilha	Rubrica: vestuário. 1 echarpe que faz parte do traje nacional das espanholas, larga e comprida, de seda ou renda, ger. preta ou branca, que cobre a cabeça e cai sobre os ombros 2 véu feminino, que lembra essa echarpe 3 tipo de manta grossa com que as mulheres abrigam a cabeça e parte do corpo	1.Manta para a proteção dos ombros e da cabeça. 2.Véu fino de seda, rendas, etc., com que as mulheres adornam a cabeça e os ombros 3.P. ext. Véu, cendal.	Hipônimo
Mantô	Rubrica: vestuário. 1vestidura similar ao manto ('veste feminina'), us. sobre outra roupa 2 m.q. <i>casacão</i> ('casaco de tecido grosso')	1.Manta para a proteção dos ombros e da cabeça. 2.Véu fino de seda, rendas, etc., com que as mulheres adornam a cabeça e os ombros. 3.P. ext. Véu, cendal.	Hipônimo
Maquintoche	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Máscara	1 peça com que se cobre parcial ou totalmente o rosto para ocultar a própria identidade	2.Peça para resguardo do rosto, na guerra ou na esgrima.	Hipônimo
Mascarilha	máscara que cobre parcialmente o rosto; meia-máscara Derivação: sentido figurado. máscara, disfarce, falsa aparência	1.Pequena máscara, que apenas cobre parte do rosto e se usa sobretudo com dominó (1); meia-máscara.	Hipônimo
Maxi (ssaia)	Não é lexicografado	1.V. <i>maxissaia</i> . 2.Diz-se de traje feminino que segue a moda da maxissaia	Hipônimo
Meia-calça	Rubrica: vestuário. 1 meia feminina que veste os pés e as pernas e chega até a cintura	1.Meia (1) que vai até à cintura.	Hipônimo
Meia-máscara	1 m.q. <i>mascarilha</i>	1.Mascarilha	Hipônimo
Meias	1 contrato em que as partes contratantes dividem igualmente as perdas e os lucros Rubrica: agricultura. contrato segundo o qual é cedido um animal a quem o alimento e crie até que este seja vendido por um preço a	1.Contrato em que se dividem por igual lucros e perdas entre duas partes contratantes. ~ V. <i>meia</i> .	Conceito conexo

	ser igualmente dividido entre o dono do animal e o seu tratador		
Meote	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Merinaque	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>crinolina</i>	2.P. ext. Saia-balão	Conceito conexo
Midi	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Milhano	Rubrica: ornitologia. m.q. <i>milhafre</i>	1.Zool. V. <i>milhafre</i>	Conceito conexo
Mini	Não é lexicografado	.Vestido, saia ou casaco que segue a moda da minissaia (q. v.)	Hipônimo
Mitene	Rubrica: vestuário. 1luva feminina que deixa os dedos de fora; meia-luva, punhete	1.Vestido, saia ou casaco que segue a moda da minissaia (q. v.)	Hipônimo
Mocassim	Rubrica: vestuário. 1 tipo de calçado dos indígenas norte-americanos, feito de couro cru, que envolvia o pé, sem sola dura e sem salto 2 sapato baixo, confortável, que se assemelha na forma ao mocassim indígena	1.Sapato sem salto, usado pelos peles-vermelhas e, em geral, por aborígenes dos países frios, cuja sola sobe pelos lados e pela ponta do pé, onde se junta a uma peça em <i>u</i> costurada exteriormente. 2.P. ext. Qualquer sapato esporte masculino ou feminino que imite o mocassim, mas com sola dura e salto	Hipônimo
Modista	1profissional que desenha e confecciona roupa feminina ou que dirige um ateliê de costura para senhoras	1.Mulher que, profissionalmente, faz vestidos ou dirige a feitura deles.	Conceito conexo Profissional
Molambo	Regionalismo: Brasil. 1 pedaço de pano velho, roto e sujo; farrapo roupa velha e/ou em mau estado	1.Pedaço de pano velho, rasgado e sujo; farrapo. 2.Roupa velha ou esfarrapada..	Hipônimo
Monho	1 topete postiço de senhoras laço de fita para amarrar ou enfeitar o cabelo	1.Topete de cabelo postiço, em mulheres. 2.Rolo de cabelo natural. 3.Laço de fita com que se enfeita ou prende o cabelo.	Hipônimo
Morrião	Diacronismo: antigo. 1 capacete sem viseira, us. outrora por soldados, e cujo tope era encimado por plumas ou quaisquer outros adornos	1.Antigo capacete sem viseira e com tope enfeitado	Hipônimo
<i>Négligé</i>	Rubrica: vestuário. 1 robe feminino de tecido fino e transparente, ger. adornado de rendas ou folhos	1.Roupão fino de senhora.	Hipônimo
Paletó	Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil.	1.Casaco com bolsos externos, cujo	Hipônimo

	<p>1 casaco com bolsos externos, cujo comprimento alcança os quadris, ger. us. sobre outra peça de vestuário</p> <p>2 qualquer peça de vestuário análoga</p>	<p>comprimento vai até a altura dos quadris. [Com a calça e o colete compõe o terno masculino; com a saia, o costume feminino. Sin. pop. (em MG): <i>cabe.</i>]</p> <p>2. Peça do pijama, ou de veste análoga, semelhante ao paletó, e que recobre o tronco.</p>	
Pantalonas	<p>1 calças compridas e largas com bocas amplas que caem sobre os pés</p> <p>2 meias-calças us. por dançarinos, acrobatas etc.</p>	<p>1. Calças (de homem)</p> <p>2. Calças compridas, de boca larga, que caem sobre os pés.</p> <p>3. Meia-calça de bailarinos, acrobatas, etc.</p>	Hipônimo
Pantufa	1 m.q. ¹ <i>pantufo</i>	1. Pantufo ¹ (1).	Hipônimo
Pantufo	1 chinelo acolchoado para agasalhar os pés; pantufa	1. Chinelo de estofado encorpado, para agasalho; pantufa.	Hipônimo
<i>Par-dessus</i>	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Passamaque	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Paximina	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Peal	Não é lexicografado	1. Escarpim.	
Pelerine	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 tipo de capa ('manto') comprida, ger. godê e com aberturas para os braços</p> <p>2 pequeno manto que cobre apenas a parte superior do corpo; romeira</p>	<p>1. Capa¹ (1) longa, em geral godê e com fendas para os braços.</p> <p>2. Capa¹ (1) curta que cobre os ombros e a parte superior do corpo.</p>	Hipônimo
Pelisse	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Penhoar	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 vestimenta feminina caseira, de tecido leve, corte confortável e ger. aberta na frente, us. sobre a roupa de dormir ou a roupa de baixo; robe, quimono</p>	1. Peça caseira de vestuário feminino, de talhe confortável, em geral aberta na frente, usada sobre a roupa de dormir ou a roupa de baixo, ou para se ficar à vontade; robe, quimono	Hipônimo
Penteado	<p>1 que se penteou que foi alisado, desemaranhado</p> <p>☐ substantivo masculino arranjo ou disposição dos cabelos arte ou maneira de cortar ou pentear os cabelos, visando ao efeito estético ou sedutor</p>	<p>1. Composto ou alisado com o pente (cabelo).</p> <p>2. Alisado, desemaranhado.</p> <p>3. Que compôs ou penteou os próprios cabelos: <i>Anda sempre penteado.</i> Substantivo masculino.</p> <p>4. Arranjo do cabelo: <i>O penteado singelo ia-lhe muito bem.</i></p> <p>5. Maneira especial de cortar ou arranjar os cabelos: <i>A atriz apareceu com um</i></p>	Conceito conexo

		<i>penteadado feito com o auxílio de duas perucas.</i> 6.A arte de pentear os cabelos	
Penteadura	1 m.q. <i>penteação</i>	1.Penteação.	
Peplo	1 variedade de túnica feminina de tecido fino, sem mangas e presa ao ombro, us. na antiga Grécia véu branco que se colocava na embarcação que transportava a estátua da deusa Atena durante as panateneias	1.Túnica sem mangas que os antigos traziam presa ao ombro por fivela	Hipônimo
Peplum(ant.)	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Perneiras	Não é lexicografado	1.Peças de couro ou pano grosso, ou tiras de pano grosso, que envolvem as pernas para protegê-las. 2.Espécie de botas usadas pelos soldados e habitantes do interior e do sertão. [Tb. us. no sing.] ~ V. <i>perneira</i> .	Hipônimo
Peruca	cabeleira postiça; chinó	1.V. <i>cabeleira</i> ¹ (2).	Hipônimo
Peúgas	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Pijama	1 calças femininas largas e leves us. em algumas regiões da Índia vestuário doméstico para dormir, constituído de calças e paletó em tecido leve e/ou macio	1.Calças largas e leves, us. pelas mulheres em certas regiões da Índia. 2.Vestuário caseiro ou para dormir, amplo e leve, constituído de casaco	Hipônimo
Plastrão	1 gravata larga com pontas que se cruzam peitilho de camisa almofada protetora de esgrimista armadura destinada a proteger as costas e o peito; couraça	1.Plastrom (q. v.).	Hipônimo
Plastrom		1.Gravata larga, cujas pontas se cruzam obliquamente. 2.Peitilho de camisa. 3.Almofada de esgrimista. 4.Ant. Peça do corselete (1).	Hipônimo
Polonaise	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Polonesa	1 mulher nascida na Polônia; polaca Rubrica: música, dança. 2 dança originária da Polônia, em compasso ternário e de ritmo sincopado, muito em voga a partir de fins do sXVI Rubrica: música. 3 composição instrumental com as características dessa dança, inspiradora de grandes músicos nos	1.Dança originária da Polônia, em compasso ternário e andamento de marcha, com ligeiro acento no primeiro tempo. 2.Música para essa dança. 3.Mulher natural da Polônia; polaca.	Conceito conexo

	sXVIII-XIX redingote largo e comprido, de feitiço sofisticado, com mangas curtas		
Poncho	1 espécie de capa de formato quadrangular, ger. de lã grossa, com abertura que permite enfiá-la pela cabeça para que fique apoiada sobre os ombros	1.Bras. S. Capa quadrangular, de lã grossa, com uma abertura no meio, pela qual se passa a cabeça.	Hipônimo
Porta-seios	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>sutiã</i>	1.V. <i>sutiã</i>	Hipônimo
Puff	Rubrica: genética. 1 região de um cromossomo politênico, de aspecto descondensado característico, onde ocorre intensa transcrição genética	1.Citol. Aumento localizado de um cromossomo politênico no qual se observa intensa atividade genética; pode ser considerado uma banda onde o ADN se desdobrou formando alças abertas em consequência de uma intensa transcrição genética.	Conceito conexo
Pulôver	Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil. 1 m.q. <i>suéter</i> 2 espécie de suéter sem mangas que se veste sobre a camisa	1.Agasalho de malha, com mangas ou sem elas, que se veste enfiando pela cabeça	Hipônimo
Punhete	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>mitene</i>	1.Mitene.	Hipônimo
Punhos	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Redingote	1 m.q. <i>sobrecasaca</i> Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil. 2 espécie de casaco feminino, comprido, traspasado, ajustado à cintura e duplamente abotoado na frente	1.V. <i>sobrecasaca</i> . 2.Bras. Casaco feminino inteiriço, ajustado na cintura e que alarga para baixo.	Hipônimo
Regalo	8 agasalho para as mãos de forma mais ou menos cilíndrica	5.Agasalho para as mãos, em geral feito de pele, muito usado nos países frios.	Hipônimo
Remendão	1 que ou aquele que faz remendos; remendeiro 2 diz-se de ou sapateiro que conserta sapatos Derivação: sentido figurado. 3 diz-se de ou artesão pouco habilidoso	1.Que faz remendos. Substantivo masculino. 2.Indivíduo que faz remendos. 3.Indivíduo de pouca habilidade no seu ofício; sarrafaçal. 4.Sapateiro que apenas conserta o calçado, sem fabricá-lo.	Conceito Conexo Profissional
Remendeiro	1m.q. <i>remendão</i>	1.V. <i>remendão</i> . Substantivo masculino. 2.Indivíduo remendão. 3.Tip. V. <i>compositor de bicos</i> .	Conceito Conexo Profissional

Requite	ação ou efeito de requintar(-se) excesso de aperfeiçoamento, apuro extremo excesso friamente calculado	1.Ato ou efeito de requintar(-se). 2.Apuro extremo a que pode ser levado um sentimento, uma qualidade, uma predileção; refinamento. 3.Excesso calculado a frio.	Conceito conexo
Retroseiro	Rubrica: costura. 1 indivíduo que vende retrós e artefatos próprios de bordado e costura Diacronismo: antigo. 2 indivíduo encarregado de torcer o retrós	1.Indivíduo que vende retrós, objetos de seda, passamanes, etc.	Conceito conexo
Robe	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>penhoar</i> 2 m.q. <i>roupão</i> ('indumentária para usar em casa')	1.V. <i>roupão</i> (1). 2.V. <i>penhoar</i>	Hipônimo
Rocló	Rubrica: vestuário. 1 capote que descia até os joelhos, us. pelos homens na época de Luís XIV (1638-1715)	1.Antigo capote com mangas e que se abotoava na frente.	Hipônimo
Roupa	1peça ou conjunto de peças de vestir; traje 2 qualquer tecido que sirva para adorno, cobertura etc. 3 qualquer peça de tecido de uso doméstico	1.Peça de pano destinada ao uso doméstico: <i>roupa de cama</i> . 2.Peça de vestuário; indumentária, traje. Roupa de baixo. 1. Roupa lavável, de qualquer cor, geralmente de tecido fino, e que se usa junto ao corpo, sob outra roupa; roupa-branca. [Sin.: <i>roupa-branca</i> e (lus.) <i>roupa interior</i> .] Roupa de ver a Deus. 1. Bras. N.E. Pop. Roupa nova, domingueira. Roupa interior. 1. Lus. V. <i>roupa de baixo</i> . Bater roupa. 1. Bras. Fut. Deixar escapulir (o goleiro) a bola chutada pelo adversário.	Sinônimo
Roupa-branca	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>roupa de baixo</i>	1.Roupa de baixo.	Hipônimo
Roupa de baixo	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Roupa de gala/ de festa	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Roupa íntima	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Roupagem	1 representação artística de roupas ou indumentárias	1.Conjunto de roupas; roupa(s), vestes,	Hipônimo

	conjunto ou quantidade de roupas; rouparia, fardagem, vestimenta Derivação: sentido figurado. 2 aspecto exterior, ger. discordante da realidade; aparência, exterioridade	fardagem. 2.Rouparia (1). 3.Pintura ou escultura que representa roupas. 4.Fig. Coisa vistosa, frívola ou insignificante; exterioridade, aparência.	
Roupão	Rubrica: vestuário. 1 indumentária larga e comprida, ger. de mangas longas, própria para usar em casa; robe	1.Peça caseira de vestuário, longa e confortável, aberta na frente, de mangas compridas e cinto, usada sobre a roupa de dormir ou sobre a roupa de baixo, ou para se ficar à vontade; robe, chambre. 2.Lus. Saída-de-praia.	Hipônimo
Roupa-velheiro	1 vendedor de roupa usada 2 vendedor de roupas de tecido barato; algibebe, mascate	1.Indivíduo que compra e vende roupa usada, velha.	Conceito conexo Profissional
Saia	Rubrica: vestuário. 1 peça de vestuário feminino, que se ajusta da cintura para baixo sem envolver as pernas em separado, e que pode ser ou não independente Rubrica: vestuário. Diacronismo: antigo. 3 peça do vestuário masculino que pendia da cintura até o joelho Rubrica: vestuário. Diacronismo: antigo. 4 m.q. <i>saio</i> ('vestuário largo') 5 m.q. <i>anágua</i> ('toalha de mesa')	1.Parte do vestuário feminino que desce da cintura sobre as pernas até uma altura variável, constituindo ou não uma peça independente. 3.Pano de mesa que cai dos lados até o chão. 4.Antiga veste masculina de guerra. 5.Saio (1). 11.Bras. RS V. <i>combinação</i> (7).	Hipônimo
Saia-balão	Rubrica: vestuário. 1 saia de grande roda retesada por anágua ou enfunada por arcos horizontais flexíveis, us. a partir da Renascença e cuja forma acompanha as diferentes modas femininas; saia de balão	1.Saia enfunada e retesada com arcos ou varas flexíveis, em forma de grande roda; merinaque	Hipônimo
Saiote	Rubrica: vestuário. 1 saia curta 2 saia curta, de tecido grosso ou engomado, us. pelas mulheres por baixo de outra(s) saia(s)	.Dim. de <i>saia</i> (1). 2.Saia curta, de tecido encorpado ou engomado, que as mulheres usam sob outra(s) saia(s).	Hipônimo
Sambarca	1 m.q. <i>sambarco</i>	1.Travessa que se pregava nas portas das casas penhoradas. 2.Faixa com que as mulheres cingiam o peito, passando-a sob os braços. 3.Faixa com que se rodeia o peito das cavalgaduras a fim de que os tirantes não as firam.	Hipônimo
Sambarco	Diacronismo: antigo.	1.Sapato ou chinelo.	Hipônimo

	<p>2 faixa us. para proteger o peito das cavalgaduras dos possíveis ferimentos causados pelos tirantes</p> <p>3 faixa ou cinta larga us. pelas mulheres para sustentar os seios</p> <p>4 calçado ou chinelo velho</p>		
Sandália	1 calçado feito de uma sola com tiras que a prendem ao pé	<p>1. Calçado feito de uma sola presa ao pé por tiras ou cordões.</p> <p>2. Chinela antiga; abarca.</p>	Hipônimo
Sapata	1 sapato largo, baixo e grosseiro estribo de metal, com formato de chinelo	1. Sapato largo, raso e grosseiro.	Hipônimo
Sapataria	<p>1 ofício de sapateiro</p> <p>2 fábrica de sapatos</p> <p>3 loja de sapatos</p> <p>4 oficina para consertos de sapatos</p>	<p>1. Ofício de sapateiro (1).</p> <p>2. Loja onde se vendem calçados.</p>	<p>Conceito conexo</p> <p>Local</p>
Sapateiro	1 indivíduo que fabrica, vende ou conserta calçados 2	1. Aquele que fabrica, vende ou conserta calçados.	<p>Conceito conexo</p> <p>Profissional</p>
Sapateta	1 sapato raso; chinela	1. Chinela.	Hipônimo
Sapato	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 calçado, ger. de sola dura, que cobre o pé</p>	1. Calçado (3), em geral de sola dura, que cobre o pé.	Hipônimo
Sapatorra	<p>Rubrica: vestuário.</p> <p>1 m.q. <i>sapatranca</i></p>	1. V. <i>sapatorro</i>	Hipônimo
Sastre	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Segunda pele	Não é lexicografado	Não é lexicografado	Hipônimo
Sela	1 peça de couro posta sobre o lombo da cavalgadura, sobre a qual senta o cavaleiro e na qual são presos outros apetrechos dos arreios	<p>1. Arreio de cavalgadura, o qual constitui assento sobre que monta o cavaleiro.</p> <p>Sela turca. 1. Anat. Cavidade no osso esfenoide, e onde está situada a glândula pituitária; sela túrcica.</p> <p>Sela túrcica. 1. Anat.</p> <p>Sela turca.</p> <p>Correr com a sela. 1. Bras. CE Abandonar o jogo, tendo ganho.</p> <p>De sela na barriga. 1. Pop. Na miséria, na penúria; em petição de miséria..</p>	Conceito conexo
Selagão	1 sela de arção dianteiro baixo e sem arção na traseira	1. Sela com pequeno arção anterior e sem arção posterior.	Conceito conexo
Selim	<p>1 sela para montaria pequena e sem arção</p> <p>2 assento triangular de veículos sobre rodas, como o velocípede, a bicicleta</p>	<p>1. Pequena sela rasa; selote.</p> <p>2. Pequeno assento de couro provido de molas,</p>	Conceito conexo

	e a motocicleta	em que se senta o ciclista ou motociclista.	
Servilha	Diacronismo: antigo. 1 calçado de couro Regionalismo: Brasil. 2 calçado de orelho	1.Ant. Sapato de couro. 2. Bras. Sapato de orelho	Hipônimo
Silhão	1 sela grande com estribo de um só lado e um arção semicircular, em que cavalgam mulheres trajando saias; silhal 2cadeira grande, de braços	.Construção no meio de um fosso, ou em volta de uma praça fortificada. 2.Sela grande, com estribo apenas em um dos lados e um arção semicircular apropriado para senhoras cavalgarem de saia. 3.Silha forte e larga.	Conceito conexo
Smoking	Rubrica: vestuário. 1 traje masculino semiformal para eventos noturnos, atendendo à exigência de gravata-borboleta preta e paletó preto ou azul-marinho	1.Roupa masculina com paletó, ger. preta, de lapelas de cetim, usada como traje de cerimônia à noite.	Hipônimo
Sobrecasaca	Rubrica: vestuário. 1 peça do vestuário masculino, atualmente em desuso, que consistia em um casaco que se abotoava até a cintura e com abas que rodeavam o corpo	1.Casaco masculino, atualmente em desuso, que atingia a altura dos joelhos e, convencionalmente, imprimia certa dignidade a quem o trazia	Hipônimo
Sobretudo	Rubrica: vestuário. 1 casacão de uso masculino, próprio para se vestir sobre outro e que serve como proteção contra o frio e a chuva	1.Casacão usado pelos homens sobre a roupa, como proteção contra o frio e a chuva; sobreveste; balandrau.	Hipônimo
Sobrevestes	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Sobrevirtude	Rubrica: vestuário. 1 véu que certas freiras trazem sobre a touca ou sobre a segunda touca	1.Véu que as freiras usam sobre a touca.	Hipônimo
Soco	Rubrica: teatro. 1 calçado grosseiro, do tipo do borzeguim, us. pelos atores cômicos gregos em suas representações teatrais	1.Teatr. Calçado com base de madeira, usado pelos gregos que representavam comédias ou farsas.	Hipônimo
Solidéu	Rubrica: vestuário. 1 pequeno barrete de lã ou de seda, em forma de calota, com que os eclesiásticos cobrem a tonsura ou pouco mais pequeno barrete us. pelos judeus (em certas ocasiões, como na sinagoga) Derivação: por extensão de sentido. 2 pequeno barrete us. sobretudo por pessoas calvas Derivação: por extensão de sentido. 3 pequeno chapéu feminino, sem aba, que cobre o alto da cabeça ou parte dele	1.Pequeno barrete, em forma de calota, com que bispos e alguns padres cobrem o alto da cabeça: “um <u>solidéu</u> vermelho surgiu topetando uma cabeça empoada e frisada de príncipe da Igreja Patriarcal. 2.Barrete semelhante ao solidéu (1), ou de outra forma, usado sobretudo por pessoas calvas, e pelos judeus, em	Hipônimo

		determinadas ocasiões	
Sombreiro	1 chapéu de abas largas	2.Chapéu de aba larga.	Hipônimo
Soquete	1 meia curta, de mulher, que não passa do tornozelo	1.Bras. Meia curtíssima, que chega apenas à altura do tornozelo.	Hipônimo
Suéter	Regionalismo: Brasil. 1 agasalho de lã, tecido à mão ou à máquina, fechado, que se veste pela cabeça; pulôver	1.Bras. Agasalho fechado, feito de malha de lã	Hipônimo
Sunga	Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil. 1 traje de banho masculino, de tecido elástico e justo no corpo, bem curto, cavado e baixo na cintura; calção de banho Derivação: por extensão de sentido. 2 cueca estreita, com a forma desse calção	1.Espécie de calção para crianças. 2.Calção cavado, próprio para banho de mar. [É, nesta acepç., do g. m. em alguns estados, entre os quais o CE.] 3.Cueca semelhante a sunga (2).	Hipônimo
<i>Surtout</i>	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Sutiã	Rubrica: vestuário. 1 acessório de vestuário us. para sustentar os seios sob o vestido, a blusa etc. Rubrica: jornalismo. Uso: informal, jocoso. 2 palavra ou frase que precede o título; antetítulo	1.Roupa íntima feminina destinada a sustentar ou modelar os seios	Hipônimo
Tabardo	Rubrica: vestuário. 1 nos sXIII e XIV, espécie de capote com capuz abotoado e mangas no sXV, casaco folgado, com grande capuz e mangas, que os homens usavam sobre uma espécie de colete (¹ pelote) e as mulheres, sobre um corpete (tb. dito ⁴ cota) entre os carmelitas, hábito religioso us. pelos donatos	1.Antigo capote, de mangas e capuz	Hipônimo
Tamanco	Rubrica: vestuário. 1 calçado cuja base é de madeira ou de cortiça; soco Rubrica: vestuário. 2 calçado característico dos camponeses holandeses, talhado num único bloco de madeira Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário. 3 calçado us. por marnoto; tarouco	1.Calçado grosseiro, cuja base é de madeira e não de sola; soco, tamanca.	Hipônimo
Tamanqueiro	1 aquele que fabrica ou vende tamancos	1.Fabricante e/ou vendedor de tamanco (1).	Conceito Conexo Profissional
Tanga	Rubrica: vestuário. 1 espécie de lençol enrolado ao corpo us. por negros que chegavam ao	1.Espécie de avental usado por certos povos para cobrir o corpo desde	Hipônimo

	<p>Brasil como escravos Rubrica: vestuário. 2 pedaço de tecido ou de outro material, espécie de avental, us. por povos primitivos para cobrir do ventre às coxas; tangueiro Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário. 3 qualquer pedaço de pano ou de outro material us. para cobrir o sexo; tapa-sexo Derivação: por analogia. Rubrica: vestuário. 4 parte inferior da roupa de banho, esp. quando de dimensões mínimas 5</p>	<p>o ventre até as coxas; encacho, encache, tangueiro. 2.Bras. Biquíni (1) formado por dois triângulos de tecido ou de outro material, presos por uma tirinha, e que deixa o lado do corpo e, às vezes, as nádegas, quase completamente nus.</p>	
Telônio	<p>Diacronismo: antigo. 1 casa ou mesa onde se recolhiam rendas públicas; banca Derivação: por extensão de sentido. 2 local onde se fazem transações comerciais Derivação: por metonímia. 3 burra, arca de arrecadar dinheiro ou bens 4 tipo de penteado alto, us. em Lisboa, Portugal, no sXVIII</p>	<p>1.Rel. Agência onde se fazia o câmbio de moedas entre os judeus, no tempo de Cristo.</p>	Conceito conexo
Tênis	<p>Rubrica: vestuário. 2 sapato de material leve (lona, tecido, couro, plástico) e sola flexível de borracha, para uso esportivo e geral; sapato-tênis</p>	<p>1.Jogo de origem inglesa, com raquetes e bola, em campo adrede preparado, dividido em duas partes por uma rede de malhas por cima da qual a bola deve passar. 2.Sapato de lona, couro, etc., us. na prática do tênis e de outros esportes, ou ainda com traje informal; sapato-tênis, basquete e (lus.) sapatilha.</p>	Hipônimo
Terninho	<p>Rubrica: vestuário. 1 terno de pequeno tamanho vestimenta feminina que se assemelha ao terno masculino; terno</p>	<p>1.Bras. Terno¹ (5)</p>	Hipônimo
Terno	<p>2 conjunto de três entidades, seres, objetos etc. de igual natureza; trilogia, trio, trindade Regionalismo: Brasil. 3 grupo de três animais domésticos, ger. aves, constituído por um macho e duas fêmeas Regionalismo: Sul do Brasil. 4 conjunto das juntas de bois de uma carreta Regionalismo: Sul do Brasil. 5 grupo de três peões encarregados da marcação do gado nos rodeios ou</p>	<p>1.Grupo de três coisas ou pessoas; trio, trindade. 2.Dado ou carta de jogar com três marcas. 3.Folcl. Rancho (1) constituído de pessoas burguesas, que só cantavam às portas das casas conhecidas, onde eram recebidas pelos amigos. 4.Bras. Vestuário masculino, composto de</p>	Hipônimo

	<p>mangueiras Regionalismo: Minas Gerais. 6 grupo de pessoas Rubrica: etnografia, música. Regionalismo: Brasil. 7 conjunto popular que canta às portas das casas em festividades folclórico-religiosas Rubrica: eletricidade. 8 conjunto dos três cabos de transporte de uma rede trifásica Rubrica: ludologia. 9 carta de jogar, face de dado ou pedra de dominó com três sinais Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. 10 o número três no ¹loto \ô\ Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. 11 no jogo da ²loto, três das cinco dezenas Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil. 12 traje masculino, composto de paletó, calças e, ocasionalmente, colete, do mesmo tecido e cor Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário. Regionalismo: Brasil. 13 traje feminino, composto de calça e paletó esporte, ger. do mesmo tecido e cor; terninho</p>	<p>paletó, calças e, às vezes, colete, da mesma fazenda e cor. 5.Bras. P. ext. Traje esporte feminino, composto de calça e casaco, em geral da mesma fazenda e cor; terninho. 6.Bras. Grupo de três aves domésticas - um macho e duas fêmeas. 7.Terno de grupo (q. v.). 8.Bras. V. <i>loto</i>². 9.Bras. S. O conjunto das parelhas dos bois de uma carreta. 10.Bras. S. Grupo de três peões que, nos rodeios ou mangueiras, faz o serviço de marcação. 11.Bras. MG Grupo de pessoas.</p>	
Toalete	<p>1 ato de se lavar, pentear, maquilar, vestir etc. (para deitar-se, sair, aparecer em determinadas cerimônias etc.) traje, vestuário, esp. feminino Rubrica: cirurgia. 2 em certas intervenções, raspagem dos pelos da(s) parte(s) do corpo a ser(em) operada(s) 3 gabinete de vestir 4 aposento sanitário; banheiro, latrina 5 pequeno móvel para objetos de tocador</p>	<p>1.Ato de se aprontar (lavando-se, penteando-se, maquilando-se, etc.) para aparecer em público Substantivo masculino. 2.Traje feminino requintado, próprio para cerimônias, bailes, etc. 3.Compartimento com lavatório e espelho, para as senhoras recomporem o penteado, a pintura, etc., e que, em geral, tem anexo um gabinete sanitário.</p>	Conceito conexo
Toral	<p>Diacronismo: antigo. 1 cabeção, em camisa de mulher cada uma das peças do peito da camisa a parte mais grossa ou forte da lança</p>	<p>1.A parte mais grossa e forte da lança.</p>	Hipônimo
Tocado	<p>1 que tem touca; ornado de touca 2 que apresenta o cabelo arranjado ou preparado com adornos Derivação: sentido figurado. 3 que foi ou se encontra orlado ou encimado</p>	<p>1.O conjunto dos adornos da cabeça das mulheres.</p>	Hipônimo

	4 que tem uma malha branca no alto da cabeça (diz-se do cavalo) 5 o arranjo dos cabelos; o penteado		
Traje	Rubrica: vestuário. 1 a roupa que se veste habitualmente 2 aquilo que se veste 3 vestuário próprio de uma profissão	1. Vestuário habitual. 2. Vestuário próprio de uma profissão. 3. Vestes, vestuário, roupa, fato.	Sinônimo
Traje a rigor	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Traje de passeio	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Traje esporte	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Traje leve	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Trajes caseiros	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Trajes menores	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Trapallice(nu dez)	1 m.q. <i>trapagem</i> Derivação: por extensão de sentido. 2 roupa esfarrapada, feita de trapos Derivação: por extensão de sentido. 3 roupa ridícula	1. V. <i>trapagem</i> . 2. Vestuário roto ou ridículo.	Conceito conexo
Trapo	1 pedaço de pano gasto, velho, usado 2 roupa muito gasta, surrada sedimento de alguns líquidos que apresenta a aparência de um trapo, de um pano gasto 4	1. Pedaço de pano velho ou usado; farrapo. 2. Roupa velha ou muito surrada.	Hipônimo
Tricórnio	1 chapéu clerical de três pontas 2 chapéu de três bicos	1. Chapéu de três bicos; tricorne	Hipônimo
Tromblom	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Trunfa	1 certo tipo de toucado feminino espécie de turbante composto de faixa ou cinta enrolada na cabeça, touca mourisca de várias nações orientais e us. pelos antigos sacerdotes porção de cabelos apanhados e presos no alto da cabeça Derivação: por extensão de sentido. 2 cabeleira desalinhada; gaforinha, grenha Derivação: sentido figurado. 3 ato, modo ou dito de arrogante, de atrevido; ousadia, topete	1. Certo toucado antigo; turbante. 2. Cabelo em desalinho; grenha.	Hipônimo
Túnica	Rubrica: vestuário. 1 veste ger. longa, inteiriça e justa, com ou sem mangas, us. por povos antigos Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: vestuário. 2 peça do vestuário feminino, similar a essa veste, mas de comprimentos variados Derivação: por analogia. Rubrica: vestuário. 3 parte superior, justa, reta e abotoada na frente, de uniforme militar; dólma	1. Antigo vestuário, longo e ajustado ao corpo. 2. Paramento que diáconos e subdiáconos usam sob a alva; dalmática. 3. P. ext. Vestimenta feminina, mais longa que a blusa, e usada, em geral, sobre saia, calça comprida, <i>short</i> , etc., ou, ainda, como vestido curto ou longo.	Hipônimo

	<p>Rubrica: liturgia católica. 4 veste litúrgica, semelhante à dalmática, us. sob a alva Rubrica: anatomia geral. 5 qualquer tecido que reveste uma estrutura anatômica Rubrica: anatomia zoológica. 6 revestimento externo do corpo dos urocordados Rubrica: Morfologia botânica. 7 membrana, parede ou invólucro de certos órgãos vegetais</p>	<p>4.Casaco reto e justo, característico de certos uniformes militares sem camisa. 5.Anat. Membrana ou camada que participa das paredes de um órgão. 6.Bot. Membrana ou invólucro de certos órgãos vegetais. 7.Bot. Cada uma das escamas de bulbos, como a da cebola. 8.Zool. Manto (7).</p>	
Turbante	<p>Rubrica: vestuário. 1 adereço de cabeça de origem oriental, us. por homens e formado por longa faixa de tecido enrolada em torno de um rolo de pano à maneira de coifa Derivação: por extensão de sentido. 2 adereço de cabeça feminino feito com ricos tecidos (p.ex., musselina), ornado de joias, plumas, cordões e us. durante a Restauração francesa (1814-1830) e nos anos de 1940 a 1945 Derivação: por extensão de sentido. 3 echarpe ou banda de tecido enrolada em torno da cabeça à maneira de turbante</p>	<p>1.Cobertura da cabeça, feita com uma longa faixa de tecido enrolada em sua volta, e usada pelos povos orientais. 2.P. ext. Pano ou lenço enrolado na cabeça, ou chapéu feminino, parecidos com o turbante (1).</p>	Hipônimo
Umbráculo	<p>Rubrica: micologia, Morfologia botânica. Estatística: pouco usado. 1 estrutura convexa situada no ápice de um eixo ereto, semelhante a um guarda-chuva, que contém os esporos de alguns fungos e musgos</p>	<p>1.Espécie de disco que coroa o pedúnculo dalgumas plantas criptogâmicas. 2.A parte dilatada do chapéu dos cogumelos.</p>	Conceito conexo
Uniforme	<p>5 vestuário padronizado e distintivo us. pelos membros de uma categoria (estudantil, profissional, militar etc.); farda, fardamento</p>	<p>5.Farda ou vestuário confeccionado segundo modelo oficial e comum, para uma corporação, classe, grupo de funcionários, etc. 6.Vestimenta padronizada para determinada categoria de indivíduos 7.O conjunto do fardamento, insígnias de posto, graduação, função ou especialização, e de condecoração, em uso pelos militares 8.Bras. N.E. V. <i>terno</i>¹ (4).</p>	Hipônimo
Vasquim	<p>Regionalismo: Brasil. Estatística: pouco usado. 1 parte superior do vestido feminino; corpete</p>	<p>1.Bras. Desus. Corpete de vestido de mulher</p>	Hipônimo

Vasquinha	1 antiga saia, pregueada na cintura, que se vestia por sobre toda a roupa 2 casaco muito justo, de abas curtas, us. por senhoras	1.Saia pregueada na cintura, usada por cima de toda a roupa. 2.Casaco curto e muito justo ao corpo	Hipônimo
Velilho	1 tecido muito fino, leve e transparente, us. para fazer véus, cortinados, cortinas etc.	1.Tecido semelhante à gaze, com o qual se fazem véus, cortinas, etc.	Hipônimo
Vestes	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Vestes sacerdotais 999	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Vestia	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Vestiaria	1 lugar onde os membros de um clube, colégio, equipe esportiva, tribunal ou qualquer instituição guardam ou trocam suas roupas, uniformes, trajes especiais; vestiário 2 conjunto de roupas, indumentária	1.Lugar onde se guardam as roupas dos membros de qualquer corpo coletivo; rouparia, vestiário.	Conceito Conexo Local
Vestiário	1 pessoa encarregada do guarda-roupa de uma corporação, convento, teatro, clube etc. 2 m.q. <i>vestiaria</i> ('lugar') 3 mesa comprida localizada na sacristia das igrejas, onde repousam os paramentos com que se revestem os padres 4 compartimento de uma residência, casa de espetáculos, restaurante etc. onde são guardados momentaneamente os agasalhos, capas, chapéus etc. dos frequentadores ou visitantes	1.Indivíduo encarregado do guarda-roupa de uma corporação, de um teatro, etc. 2.Inspetor das vestiarias. [Fem., nessas acepç.: <i>vestiária</i> . Cf. <i>vestiaria</i> .] 3.V. <i>vestiaria</i> . 4.Compartimento nas casas onde as pessoas que chegam da rua guardam, momentaneamente, casacos, chapéus, sobretudos, etc. 5.Compartimento, em geral dotado de certas comodidades, onde os membros de uma corporação, uma equipe, etc., trocam a vestimenta comum por uniformes, trajes especiais, ou roupas de trabalho, e guardam seus pertences	Conceito Conexo Profissional e Local
Vestido	Rubrica: vestuário. 1 m.q. <i>veste</i> peça da indumentária feminina, de forma e comprimento variáveis, que pode constituir-se de dois elementos que se integram, um cobrindo a parte superior do corpo, exceto a cabeça, e o outro, das ancas para baixo, ou conformar-se numa só peça inteiriça Derivação: sentido figurado. 2 aquilo que cobre ou reveste algo ou alguém	1.V. <i>veste</i> (1). 2.Vestimenta feminina usada, em geral, por cima da roupa de baixo (q. v.), e composta de saia e blusa, formando um todo. 3.Aquilo que veste alguém ou algo; vestimenta, vestidura, revestimento, cobertura. 4.Que traz vestimenta(s)	Hipônimo

Vestido	1 que não está nu; coberto com roupa 2 portando vestimenta apropriada para uma ocasião ou de um certo tipo ou feita de um material ou tecido	1.V. <i>veste</i> (1): 2.Vestimenta feminina usada, em geral, por cima da roupa de baixo (q. v.), e composta de saia e blusa, formando um todo. 3.Aquilo que veste alguém ou algo; vestimenta, vestidura, revestimento, cobertura Adjetivo. 4.Que traz vestimenta(s)	Conceito conexo
Vestido roçagante	Não é lexicografado	Não é lexicografado	
Vestidura	1 tudo o que serve para vestir; veste, vestimenta, roupa Derivação: sentido figurado. 2 tudo o que cobre, reveste; cobertura, manto, revestimento cerimônia de ingresso no noviciado, na qual se toma o hábito religioso	1.Tudo que é próprio para vestir (1 e 2); vestuário 2.V. <i>veste</i> (1) 3.V. <i>vestido</i> (3). 4.Cerimônia monástica em que se toma o hábito religioso.	Sinônimo e Hipônimo
Vestimenta	1 peça de roupa que serve para vestir qualquer parte do corpo; vestidura 2 roupa us. como paramento para uma cerimônia, uma liturgia etc.; 3 traje Derivação: sentido figurado. 4 tudo o que forma cobertura, revestimento; vestidura	1.V. <i>veste</i> (1). 2.Vestes sacerdotais em cerimônias solenes. 3.V. <i>vestido</i> (3).	Sinônimo
Vestuário	5 conjunto das peças de vestir; roupa, traje Derivação: por metonímia. 6 conjunto das roupas que compõem o traje e os complementos e acessórios que o acompanham Derivação: sentido figurado. 7 modo de vestir-se, de apresentar-se vestido e arrumado	1.O conjunto das peças de roupa que se vestem; traje, indumentária. 2.Vestidura (1).	Conceito conexo Local
Véu	1 tecido us. para cobrir tecido, leve e fino, us. pelas mulheres sobre a cabeça; mantilha 2 manta de lã inteiriça, abrangendo os flancos, o lombo e o pescoço do animal, que é retirada de ovino na tosquia	1.Tecido com que se cobre qualquer coisa. 2.Tecido transparente com que as mulheres cobrem a cabeça e/ou o rosto em determinadas circunstâncias.	Hipônimo
Xador	Rubrica: vestuário. 1 traje feminino us. em alguns países muçulmanos, esp. no Irã, que cobre todo o corpo, à exceção dos olhos	1.Veste feminina, ger. negra, que envolve todo o corpo, até os tornozelos, e encobre a cabeça e grande parte do rosto, us. no Irã e noutros países muçulmanos.	Hipônimo
Xairel	1 revestimento de tecido ou couro, anteposto à sela ou albarda, que cobre a anca da cavalgadura	1.Cobertura de besta (ê) (1), feita de tecido ou de couro, sobre a qual se põe a sela ou a albarda;	Hipônimo

		gualdrapa, sobreanca.	
Xale	Rubrica: vestuário. 1 manta ger. de lã ou seda, us. pelas mulheres como ornato ou agasalho sobre os ombros, tronco ou cabeça; xaile	1. Espécie de manta, em geral de lã ou de seda, com que as mulheres cobrem e agasalham os ombros e o tronco, e às vezes a cabeça	Hipônimo

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Após excluir os substantivos que não devem fazer parte do verbete *vestuário*, de acordo com os critérios estabelecidos, selecionamos os lexemas a seguir para elaboração dos verbetes do campo lexical *vestuário*. Os lexemas selecionados serão apresentados com base na relação semântica no quadro subsequente:

Quadro 10: Substantivos selecionados do verbete *indumentária* do DALP (2010)

Relação semântica	Substantivos selecionados do Dicionário Analógico de Língua Portuguesa (2010)
Sinônimo	indumentária, indumento, traje, roupa, vestes, vestimenta.
Hipônimo	agasalho, anágua, avental, <i>baby-doll</i> , bata, bermuda, biquíni, bolero, <i>blazer</i> , blusa, boina, bota, burca, bustiê, cachecol, calcinha, calça, calçado, calção, camisa, camiseta, camisola, capa, capacete, cartola, casaco, chapéu, chinelo, cinta, cinto, colete, <i>collant</i> , colarinho, coturno, combinação, conjunto, corpete, cueca, enxoval, escarpim, espartilho, fantasia, farda, fio-dental, fraque, gorro, gravata, jaleco, jaqueta, <i>legging</i> , luva, maiô, máscara, meia-calça, paletó pantalone, pantufa, peruca, pijama, poncho, pulôver, robe, roupão, saia, sandália, sapato, segunda pele, smoking, sobretudo, soquete, suéter, sunga, sutiã, tamanco, tanga, terninho, tênis, terno, túnica, uniforme, vestido, véu.
Merônimo	colarinho, manga
Conceito Conexos (Profissão)	alfaiate, costureiro, sapateiro.
Conceito Conexos (Local de vender) (Local de guardar)	1 butique, sapataria. 2 guarda-roupa, vestiário.
Conceito Conexos (Inferências Lexicais)	enfeite, penteado.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Podemos notar que há roupas, calçados e acessórios apresentados no mesmo verbete. No entanto, sugerimos que os lexemas fossem distribuídos em mais de um verbete, cujas palavras-entrada fossem *vestuário*, *calçado* e *acessório*, visto que a divisão nessas categorias organizaria os lexemas, o que facilitaria a localização dos lexemas afins.

Os lexemas categorizados como conceitos conexos não foram incluídos, visto que possuem distanciamento do significado e tornariam o verbete infundável, já que as associações apresentadas nos verbetes da área de transporte são subjetivas e vagas.

Como o Dicionário Analógico de Língua Portuguesa (2010) não possui mudanças relevantes na recolha dos lexemas em relação à edição de 1950, os lexemas que os falantes usam em cenas de uma época sofrem mudanças com o decorrer do tempo e caem em desuso. Por isso, há necessidade de ajustar os lexemas no dicionário, uma vez que causa estranheza vários lexemas dos verbete *indumentária* e de outros verbetes.

Para compor o verbete *transporte*, percorremos os verbetes *veículo* e *navegação* do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa e compilamos os lexemas desses dois verbetes por meio do uso da mesma metodologia empregada para apresentar os lexemas do verbete *indumentária*.

Por meio da leitura das definições, é possível notar que a maioria dos lexemas lexicografados representa referentes que não são utilizados no contexto da sociedade atual, tais como: *berlinda*, *cabriolé*, *caleche*, *carruagem*, *coche*, *diligência*, *fáeton*, *landau*, *sege*, *vitória*, que são tipos de carruagens, veículos sem uso no Brasil. Como esses veículos não fazem mais parte da sociedade, não há necessidade de lexicografá-los. Assim sendo, no verbete *veículo*, dos substantivos lexicografados, excluímos 83 e selecionamos 32, conforme registrado no quadro a seguir:

Quadro 11: Substantivos para exclusão do verbete *navegação* do DALP (2010)

Substantivos excluídos
ambulância, andas, andilhas, andor, árcera, arímona, armamoxa, auto , banguê, berlinda, cabriolé, cadeira, gestatória, cadeirinha, caleça, caleche, calhambeque, caravana, calhão, carrete, carreto, carril, carriola, carripana, carro de bois, carrossel, carruagem, charabã, charola, chiola, churrião, coche, diligência, dormeuse, fáeton, férculo, furgão, galeria, jorrão, landau, léctica, lectícula, liteira, litorina, locomotiva, maca, machila, malaposta, máquina, milorde, monociclo, monotrilha, montanha-russa, mosteia, padiola, palanquim, picape, pirange, plaustro, pontão, quadriga, quintupleta, rápido, sege, sélea, serpentina, tandem, tensa, tgv, tîlburi, trâmuei, tricicleta, utilitário, vagonete, velocípede, velocipedismo, viação, vitória, zorra.
Substantivos selecionados
automóvel, bicicleta, bonde, caminhão, caminhonete, camioneta, carreta, carro, carro de mão, carroça, charrete, comboio, condução, expresso, jipe, limusine, metrô, micro-ônibus, motocicleta, motoneta, ônibus, táxi, transporte, trem, trem-bala, trenó, triciclo, van, veículo, viatura.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

No verbete *navegação*, houve a exclusão de 164 substantivos e a seleção de apenas 16 substantivos. A justificativa da recorrência da exclusão se dá por haver lexemas que representavam o contexto histórico em que havia guerras, eram utilizadas

embarcações à vela, a remo. Assim sendo, os meios de transportes marítimos que não são mais utilizados na sociedade brasileira atual foram excluídos.

No quadro, registraremos os lexemas que sugerimos a exclusão do Dicionário Analógico de Língua Portuguesa (2010).

Quadro 12: Substantivos para exclusão do verbete *indumentária* do DALP (2010)

Substantivos excluídos
<p>abafo, abarca, adorno, albardeiro, albornoz, alcobaça, alcorque, algibeba, algibebe, alizada, aljuba, alparca, alparcateiro, alpargatas, alparqueiro, alpercatas, alquicé, alquicel, alquicer, amículo, andrajo, anteface, apertadouro, armado, arnês, aviamento, babucha, babuche, barrete, barretina, bicanca, bicorne, boa estola, borjaca, borzeguim, botifarra(pop.), botim, botinha, Braga, brial, cabeção de camisa, cabeleira, <i>cache-nez</i>, calções, Cáliga, calimbé, camalha, camisaria, cangalha, caparação, capeirão, capelina, capelo, capídulo, capins, capirote, capote, capuz, caqueiro, carapuça, cardigã, casa de modas, Casaca, casacão, casquete, castor, cendal, cerome, ceroula, chabraque, chambre, chanca, chapeirão, chapeleiro, chapelete, chapelina, chapelinha, chapelório, chapineiro, chineleiro, chinó, chispe, chispo, chorina, chumeco, cinturão, clâmide, coca, cofo, coifa, coiffure, confortante, coparazão, cordovaneiro, corpote, corsage, costume, coutumier, crépida, crinolina, crocota, cueiro, diploide, domingueiro, dubador, embotadeira, enágua, encacho, enxalmo, equipamento, espartenhas, fardagem, fardamento, farragoulo, farrapada, farrapagem, farrapos, fatiota, fato, ferragoulo, fez, fichu, fota, fraldilha, frandulagem, frangalho, gabão, gabardine, gabardo, gabinardo, galhardia, galocha, Garibaldi, garnacho, gibão, gorra, grande gala, grande uniforme, gravatinha, grevas, gualdrapa, guarda-mato, guarda-pé, guarda-pó, guarnição, hacpólíque, houppebande, impermeável, indúcio, Jaz, jaquetão, jasezinho, justilho, Libré, Lipa, Luvraria, luxo, manopla, manta, mantão, mantelete, mantéu mantilha, mantô, maquintoche, mascarilha, maxi (ssaia), meias, Meote, merinaque, midi, milhano, mini, mitene, modista, molambo, monho, morrião, négligé, pantufo, par-dessus, passamaque, paximina, real, pelerine, pelisse, puff, penhoar, penteadura, peplu, peplum, perneiras, peúgas, plastrão, plastrom, polonaise, polonesa, porta-seios, punhete, punhos, redingote, regalo, remendão, remendeiro, requinte, retroseiro, robe, rocló, roupa de baixo, roupa de gala/ de festa, roupa íntima, roupagem, roupa-velheiro, saia-balão, saio, sambarca, sambarco, sapata, sapaterra, sastre, sela, selagão, selim, servilha, silhão, sobrecasaca, sobrevestes, sobrevivência, soco, solidéu, sombreiro, <i>surtout</i>, tabardo, tamanqueiro, Telônio, Toalete, toral, toucado, traje a rigor, traje de passeio, traje esporte, traje leve, trajes caseiros, trajes menores, trapallice, tricórnio, tromblon, trunfa, turbante, umbráculo, vasquim, vasquinha, velilho, vestes, vestes sacerdotais, vestia, vestiaría, vestidura, xador, xairel, xale.</p>

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Com relação aos verbos, excluímos 58 lexemas do verbete *indumentária*, tendo em vista que, nas cenas que envolvem os *frames* desse verbete, não são empregados os verbos excluídos, conforme pode ser visto no quadro a seguir.

Quadro 13: Verbos para exclusão do verbete *indumentária* do DALP (2010)

Verbos excluídos
<p>ir-se, meter, trajar, meter a uso, enfiar, envergar, enrolar-se, arroupar-se, enroupar-se, enfarpelar-se, amanhar-se, encadernar-se, enfeitar-se, Espartilhar-se, enluvar-se, encapotar-se, empantufar-se, encarpucar-se, encapuzar-se, abarretar-se, embarretar-se, ensamarrar-se, paramentar-se, abatinar-se, pôr-se à fresca; embiocar-se, rebuçar-se, empapelar-se, embrulhar-se, cingir, envolver em faixas; pôr cueiros, equipar, ajaezar, enjaezar, arrear, selar, encilhar, encangalhar, encoleirar; empenar, implumar, enfeitar-se de penas, tocar; enfaixar; embiocar-se, rebuçar-se, empapelar-se, embrulhar-se.</p>

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Ao aplicarmos a ideia de que os verbos que aparecem nas cenas do esquema do verbete *vestuário* devem ser lexicografados, selecionamos os verbos subsequentes:

Quadro 14: Substantivos selecionados do verbete indumentária do DALP (2010)

verbos selecionados
vestir, usar, estar com, fantasiar-se, arrumar-se, aprontar-se, agasalhar-se, engravatar-se, fardar-se, uniformizar-se.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Acrescentamos que nem todos os lexemas excluídos são por estarem em desuso, uma vez que há diversos lexemas que ainda são empregados, mas que não fazem parte do campo lexical do transporte. No quadro posterior, descreveremos os substantivos excluídos e os selecionados para compor o verbete que estamos confeccionando.

Quadro 15: Substantivos excluídos e selecionados do verbete *navegação* do DALP (2010)

Substantivos excluídos
acabela, aeróstato, aeroplano, almadia, armada, autogiro, avião a jato, avião-tanque, baixe, balanço, balandra, balão, baleeira, balsa, barca, barco a vela, barinel, bateira, batel batelão, batisfera, bergantim, bigue, bimotor, biplano, body-board, bombardeiro, caça, caíque, caixamarim, caravela, carraça, carreta, catamarã, chalavega, chalinque, chalupa, chasse-marée, chata, chaveco, chipante, contratorpedeiro, corveta, cosmonave, couraçado, cruzador, destróier, dirigível, embarcação, encouraçado, escaler, escuna, espaçonave, esquadra, esquadrilha esquife, estação espacial, falua, flotilha, fragata, fusta, gabarote, gabarra, galé, galeaça, galeão, galeota, galeote, galera, galveta, goleta, gôndola, guiga, gúndia, gundra, hélice, hidroavião, igara, igarité, iole, jangada, jato, junco, lagão, lanchão, lancha-torpedeira, lorcha, lugre, marroaz, matalote, míssil, módulo lunar, monomotor, monoplano, monóxilo, nau, náutilo, nautografia, nautógrafo, navio costeiro, navio mercante, navio negreiro, navio-carvoreiro, palega, palhabote, pangajoa, panoura, paquebote, pacote, paranone, parau, passarola, patacho, pelota, pinaça, piriche, piroga, planador, polaca, pontão, prancha a vela, quadrimotor, reator, rebocador, sambuco, saveiro, seró, servilha, setia, sibar, sumaca, tabo, tarrada, tarranquém, tarranquim, tartada, tartana, tartanha, teço-teco, tênder, terrada, tingueiro, tone, traineira, transatlântico, trincadura, trirreme, ubá, ultraleve, vapor, varina, varinel, varino, vela, veleiro, vogue, zepelim.
Substantivos selecionados
aeronave, avião, barco, bote, canoa, foguete, helicóptero, iate, jet ski, lancha, nave, navio, submarino.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Após as análises feitas, com base na seleção de lexemas dos verbetes *veículo* e *navegação*, propomos que o verbete *transporte* poderia ser compostos pelos seguintes lexemas extraídos do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (2010), organizamos com base na relação semântica a que atribuímos a cada um deles.

Quadro 16: Substantivos selecionados dos verbetes *veículo* e *navegação* do DALP (2010).

Relação semântica	Substantivos selecionados do Dicionário Analógico de Língua Portuguesa (2010)
Sinônimo	transporte, veículo
Hipônimo	aeronave, aeroplano, automóvel, avião, barco, bicicleta, bonde, bote, canoa, caravela, caminhão, caminhonete, camioneta, carro, carro de mão, carroça,

	charrete, comboio, escuna, helicóptero, iate, jet ski, jipe, foguete, lancha, limusine, metrô, micro-ônibus, motocicleta, motoneta, nave, ônibus, submarino, táxi, trem, trem-bala, trenó, triciclo, van, viatura.
--	--

Fonte: (VILARINHO, 2013)

3.3 Metodologia para elaboração do DIALP

Como o resultado da tese é a elaboração do Dicionário Analógico de Língua Portuguesa, apresentaremos a seguir os procedimentos adotados para alcançar o resultado:

- i) identificar o consulente em potencial, que aprendizes de português como L2 ou como LE; elaboradores de exercícios de aprendizagem do léxico da língua, de palavras cruzadas, de jogos de palavras; professores; alunos; conferencistas; relatores; compositores; poetas; escritores; tradutores; jornalistas; lexicógrafos; dicionaristas; terminólogos; terminógrafos; pesquisadores; indexadores; documentalistas; e curiosos.
- ii) Delimitar o *corpus* por meio de leitura de dicionário monolíngues, bilíngues e temáticos e decidimos que o DIALP será constituído por campos lexicais.
- iii) Utilizar o programa *Xmind* para organizar a apresentação dos campos e subcampos lexicais da parte analógica do dicionário. Foi preciso fazer download do programa no site <http://www.xmind.net/downloads/>, para depois criar o mapa mental. Esse programa é gratuito e foi criado em 2008 pela empresa XMind Ltda. com o objetivo de oferecer software com ferramentas inovadoras para elaboração de mapas mentais. Após a construção do mapa mental, foi utilizado um *plugin* feito em *javascript*, para que o mapa se apresenta-se de forma interativa, o que gerou o efeito de movimento na tela.
- iv) Estabelecer análise componencial como percurso metodológico para identificação de traços comuns e traços distintivos entre membros da mesma família. Esse percurso metodológico serviu como um suporte para elaborar as definições da parte alfabética. Ademais, as definições da parte alfabética ora foram extraídas do Glossário de Terminologias do Vestuário, de Cruz (2013).
- v) Organizar o dicionário em ordem alfabética e sistêmica. Estruturar os verbetes de acordo com a **proposta metodológica para elaboração de léxicos**,

dicionários e glossários, de Faulstich (2001), a qual serviu de base para elaboração das fichas lexicográficas da parte alfabética. A ficha da parte analógica foi baseada na proposta de Oliveira (2010) com acréscimo de duas adaptações: inclusão do campo ar de família, a fim de explicitar o critério de agrupamento de lexemas em cada verbete. Os modelos de fichas da parte alfabética e da parte sistêmica podem ser observados, respectivamente, nos quadros que se seguem:

Quadro 17: Ficha Lexicográfica de verbete da parte alfabética

Entrada	
categoria gramatical	
Gênero	
variante(s)	
Área	
definição	
fonte de definição	
abreviatura da fonte da definição	
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	
nota(s)	
Autor	
Redator	
data	

Fonte: (FAULSTICH, 2001, com adaptação).

Quadro 18: Ficha lexicográfica de verbete da parte analógica

entrada		
categoria gramatical		
gênero		
definição		
fonte da definição		
ar de família		
substantivo	sin.	
	hip.	
	mer.	
	hol.	
	con.	
verbo	[proc.]	
	[aç.]	
	[aç. proc.]	

Fonte: (OLIVEIRA, 2010)

vi) Elaborar o programa computacional para organizar as informações sob a forma de verbetes lexicográficos, de modo que o sistema apresente as partes da obra interligadas por meio de *hiperlinks*. Para essa etapa, haverá uma parceria entre um profissional capaz de construir o sistema e nós que daremos a estrutura do dicionário a ser implementado.

Para elaboração das definições da parte alfabética do campo lexical *transporte*, partimos da classificação do artigo 96 da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, que instituiu o Código de Trânsito Brasileiro, e organizamos um quadro de análise componencial, que serve de apoio para diferenciar traços sêmicos. A seguir, citamos a classificação dos veículos extraída da legislação brasileira:

Art. 96. Os veículos classificam-se em:

- I - quanto à tração:
 - a) automotor;
 - b) elétrico;
 - c) de propulsão humana;
 - d) de tração animal;
 - e) reboque ou semi-reboque;
- II - quanto à espécie:
 - a) de passageiros:
 - 1 - bicicleta;
 - 2 - ciclomotor;
 - 3 - motoneta;
 - 4 - motocicleta;
 - 5 - triciclo;
 - 6 - quadriciclo;
 - 7 - automóvel;
 - 8 - micro-ônibus;
 - 9 - ônibus;
 - 10 - bonde;
 - 11 - reboque ou semi-reboque;
 - 12 - charrete;
 - b) de carga:
 - 1 - motoneta;
 - 2 - motocicleta;
 - 3 - triciclo;
 - 4 - quadriciclo;
 - 5 - caminhonete;
 - 6 - caminhão;
 - 7 - reboque ou semi-reboque;
 - 8 - carroça;
 - 9 - carro-de-mão;
 - c) misto:
 - 1 - camioneta;
 - 2 - utilitário;
 - 3 - outros;
 - d) de competição;
 - e) de tração:
 - 1 - caminhão-trator;
 - 2 - trator de rodas;
 - 3 - trator de esteiras;
 - 4 - trator misto;

- f) especial;
- g) de coleção;
- III - quanto à categoria:
 - a) oficial;
 - b) de representação diplomática, de repartições consulares de carreira ou organismos internacionais acreditados junto ao Governo brasileiro;
 - c) particular;
 - d) de aluguel;
 - e) de aprendizagem.

Com base nessa classificação, na proposta de atividade didática de organização de campo lexical, de Ilari (2002, p. 40), e por meio do nosso conhecimento de mundo, as características para realizar a análise componencial foram delimitadas da seguinte forma:

Quadro 19: Análise componencial do campo lexical *transporte*

	veículo	Propulsão humana	tração animal	motor a combustível	motor à eletricidade	motor à força motriz	1 roda	2 rodas	3 rodas	4 rodas	Mais de 4 rodas	Sobre trilho	Sobre estrada	Sobre água	Sobre ar	Sobre o gelo ou a neve	Para carga	Para passageiro	Para uso agrícola ou de terraplenagem
automóvel	+	-	-	+	±	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-
avião	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	±	-	-
barco	+	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	±	-	-
bote	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-
bicicleta	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-
caminhonete	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	-	-
camioneta	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	±	±	-
caminhão	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
carro-de-mão	+	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
carroça	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
ciclomotor	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
charrete	+	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-
helicóptero	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-
jet ski																			
metrô	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-
micro-ônibus	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	-
motocicleta	+	-	-	+	-		-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	±	±	-

motoneta	+	-	-	+	-		-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-
mototáxi	+	-	-	+	-		-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-
navio	+	-	-	+	-		-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	±	±	-
ônibus	+	-	-	+	-		-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-
quadriciclo	+	-	-	+	-		-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	±	±	-
reboque	+	-	-	-	-		-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
riquixá	+	+	-	-	-		-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	±	±	-
táxi	+	-	-	+	-		-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-
trator	+	-	-	+	-		-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+
trem	+	-	-	-	+		-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	±	±	-
trem-bala	+	-	-	±	±	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-
trenó	+	-	+	-	-		-	-		-	-	-	+	-	-	+	-	+	-
triciclo	+	±	±	-	-		-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	±	±	-
Veículo Leve sobre Pneus (VLP)	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	±	-	+	-	-	-	-	+	-
Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)	+	-	-	-	+		-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Para elaboração das definições da parte alfabética do campo *transporte*, após realizar a análise componencial, compomos as definições com base na estrutura a seguir: +veículo, +tipo de propulsão, ±quantidade de rodas, +meio de deslocamento, +especificidade de uso.

As definições da parte alfabética ora foram extraídas do Glossário de Terminologias do Vestuário, de Cruz (2013), ora foram redigidas por Vilarinho (2013). É válido acrescentarmos ainda que os contextos foram extraídos de jornais on-line. Quando as definições foram extraídos de Cruz (2013), os contextos também foram compilados da mesma fonte. No entanto, no Glossário, os contextos foram retirados de fontes variadas, por isso há fontes dos contextos conforme foi registrado no Glossário.

Nas fichas lexicográficas de Faulstich (2001), há os campos variantes e sinônimos. Estes são “formas coocorrentes no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada” (Id., Idid.). Aqueles são “formas concorrentes com a entrada, [...] correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente” (Id., Idid.). Contudo, no âmbito desta pesquisa, excluímos o campo sinônimo das fichas lexicográficas da parte alfabética do DIALP, tendo em vista que, na língua comum, é tênue a diferença entre variante e sinônimo. Por isso, apresentaremos apenas as variantes. As variantes são apresentadas após as notas, por meio da abreviatura *Var.*

Com vistas a decidir os lexemas que comporão a nomenclatura do dicionário, baseamo-nos na leitura do dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Azevedo (2010) e na reformulação dos verbetes. Excluímos dos verbetes, os lexemas que não são empregados no português contemporâneo e acrescentamos os que julgamos a serem empregados atualmente. O critério adotado para tal julgamento foi que a definição do lexema tenha relação com a palavra-entrada. Para realizar a análise, seguimos o percurso subsequente:

- i) seleção dos verbetes indumentária, transporte e alimentação;
- ii) organização em ordem alfabética dos substantivos encontrados nos verbetes selecionados;
- iii) consulta da definição e da marca de uso de cada lexema do dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Azevedo (2010) no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e no Novo dicionário

Aurélio da Língua Portuguesa (2010). Como essas obras são contemporâneas, servem de base para identificação das definições e da nomenclatura da Língua Portuguesa usada atualmente.

- iv) Verificação de relação do lexema do dicionário Analógico da Língua Portuguesa de Azevedo (2010) com a palavra-entrada do novo modelo de Dicionário Analógico de Línguas Portuguesa. Se a relação entre ambos não se encaixar nas relações semânticas que traçamos, realizamos a exclusão dos lexemas. Em casos de palavras não lexicografadas nos dicionários de Houaiss (2009) e de Ferreira (2010), não registramos no novo modelo.

Para a organização dos lexemas do campo vestuário, consultamos o Glossário de Terminologias do Vestuário que foi resultado da dissertação de mestrado de Cruz (2005), cujo título é *Estudo da terminologia das fibras e tecidos da área têxtil*. Este glossário foi atualizado, revisado e acrescido de novos termos em 2013. Após a leitura desse glossário, selecionamos os lexemas da língua comum, a saber: *aplicação, arrematar, babado, baby look, bainha, balonné, bolero, blazer, brechó, cachecol, cigarete, coleção, colete, corte, cós, coturno, echarpe, editor de moda, estilista, figurinista, griffe, jardineira, lenço, languete, macacão, macaquinho, malha, mocassim, moda, modelagem, modelista, modismo, moletom, mostruário, peep toe, produtor*. Esses lexemas constituirão lema na parte alfabética do dicionário analógico, de modo que as definições foram extraídas de Cruz (2013).

Apresentamos, a seguir, respectivamente, as fichas lexicográficas da parte alfabética e da parte analógica preenchidas. As fichas da parte alfabética preenchidas são apenas os hipônimos do campo lexical *transporte*. As fichas da parte analógica preenchidas contemplam os verbetes dos campos lexicais alimentação, habitação, transporte e vestimenta. *Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários*.

3.3.1 Fichas lexicográficas da parte alfabética do DIALP

Disponibilizamos as fichas lexicográficas com as úteis para composição dos verbetes da parte alfabética do campo temático *transporte*.

entrada	Automóvel
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível ou à eletricidade, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiros; carro.
fonte de definição	VILARINHO, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	Hoje, metade dos brasileiros utiliza automóvel ou moto particular para se deslocar nas cidades. (Est, 29/07/13).
fonte do contexto	http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,faces-da-tragedia-urbana-1058367.0.htm
data de publicação da fonte do contexto	29 de julho de 2013
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	Existem automóveis movidos à eletricidade.
autor	
redator	
data	

entrada	Avião
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado de transporte coletivo, movido a combustível, usado na locomoção por ar, para locomoção de passageiros ou cargas; aeronave.
fonte definição	VILARINHO, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	“Há menos gente querendo viajar de avião”
fonte de contexto	http://oglobo.globo.com/ece_incoming/animo-do-brasileiro-para-viajar-diminui-com-crise-dos-aeroportos-4535785
data de publicação da fonte do contexto	27 dez. de 2006
abreviatura da fonte do contexto	Gl.
remissões	

hiperônimo	transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Barco
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação de pequeno porte, movido a combustível ou à vela, usado na locomoção por água, para transporte de poucos passageiros ou cargas.
fonte de definição	VILARINHO, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	A Polícia Civil apreendeu neste domingo um barco abandonado com jacarés e camaleões, no porto do município.
fonte de contexto	http://odia.ig.com.br/portal/brasil/pol%C3%ADcia-apreende-jacar%C3%A9s-abandonados-em-barco-no-par%C3%A1-1.524582
data de publicação da fonte de contexto	10 dez. 2012.
abreviatura da fonte do contexto	Od.
remissões	
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Bicicleta
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	
área	
definição	veículo não motorizado, movido por propulsão humana, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro.
fonte de definição	VILARINHO, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	O uso da bicicleta para se deslocar da casa ao trabalho e vice-versa traz economia para o bolso e, ao mesmo tempo, melhora para a saúde.
fonte de contexto	http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/10/13/estado-organiza-seminario-para-incentivar-uso-de-bicicleta/
data de publicação da fonte de contexto	13 out. 2010
abreviatura da fonte do contexto	JB
remissões	

hiperônimo	transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Bote
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação de pequeno porte, movido por propulsão humana, usado na locomoção por água, para transporte de poucos passageiros, não possui cobertura e é usado geralmente para salvamento.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Caminhonete
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	Camionete
área	
definição	veículo motorizado, com quatro rodas, movido a combustível, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro e de carga.
fonte de definição	VILARINHO, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	

redator	
data	

entrada	Camioneta
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	besta, caminhoneta, perua, van
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de carga e de passageiros.
fonte de definição	VILARINHO, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Caminhão
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	caminhão-bau, caminhão-tanque, caminhão-médio, caminhão pesado.
área	
definição	veículo motorizado, com mais de quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de carga.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
contexto	
fonte de contexto	
remissões:	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Canoa
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação de pequeno porte, movido por propulsão humana, usado na

	locomoção por água, para transporte de passageiro, para pesca ou para atividades desportivas, constitui-se por uma peça alongada.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Carro-de-mão
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	carrinho de mão, cariola, carriola
área	
definição	veículo não motorizado, por propulsão humana, com uma roda, usado na locomoção por estrada, para transporte de pequena carga.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Carroça
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	
área	
definição	veículo não motorizado, por tração animal, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de carga.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.

contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	transporte (parte analógica)
hiperônimo	
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Ciclomotor
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	Mobilete
área	
definição	veículo motorizado, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro, além do condutor.
fonte de definição	WIKIPEDIA, 2012, adaptado
abreviatura da fonte da definição	Wik.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	transporte (parte analógica)
hiperônimo	
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Charrete
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	
área	
definição	veículo não motorizado, movido por tração animal, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiros.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	

abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Comboio
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	1 trem; 2 conjunto de veículos.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Helicóptero
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível, usado na locomoção por ar, para locomoção de poucos passageiros.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	

autor	
redator	
data	

entrada	Iate
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação de luxo, movido a combustível, usado na locomoção por água, para transporte de passageiros, proporcionando lazer.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Jet ski
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação, movido a combustível, usado na locomoção por água, para transporte de até 2 passageiros, usado para atividades desportivas, lazer ou salvamento, espécie de motocicleta, deslocada sobre esquis.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Metrô
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido à eletricidade, usado na locomoção por trilhos, para transporte coletivo de passageiros, de modo que circula numa rede exclusiva total ou parcialmente subterrânea.
fonte de definição	Houaiss, 2009, adaptado.
abreviatura da fonte da definição	Ho, adapt.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Micro-ônibus
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido por combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte coletivo de uma quantidade menor de passageiros do que o ônibus.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Motocicleta
categoria	s.

gramatical	
gênero	f.
variante(s)	Moto
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de uma pessoa além do motociclista ou pode ser usado para entrega de cargas de pequeno porte.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Motoneta
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	lambreta, motinha, scooter ou vespa
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro, além do motociclista.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Mototáxi
categoria gramatical	s.
gênero	f.
variante(s)	
área	

definição	veículo motorizado de aluguel, movido a combustível, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de um passageiro além do motociclista.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Navio
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação motorizado; move-se por vapor, vento, eletricidade ou qualquer outra força motriz pela água; para transportar passageiros ou cargas.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Ônibus
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
sinônimo(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido por combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte coletivo de passageiros.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.

abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Quadriciclo
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro ou de pequena quantidade de carga.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Reboque
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo não motorizado, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, deslocado se puxado por outro, para transportar carga. 2 tração de um veículo exercido por outro. 3 veículo para arrastar outro avariado, acidentado.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de	

publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Submarino
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de embarcação, movido a força motriz, capaz de submergir e operar sob a água, usado pela marinha para proteção ou pelos cientistas para pesquisas.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Táxi
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado de aluguel, movido a combustível, com 4 rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiros; tem taxímetro que marca o preço da corrida ou da viagem.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)

nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Trator
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para operar equipamentos agrícolas e de terraplenagem
fonte de definição	houaiss, 2009.
abreviatura da fonte da definição	ho
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Trem
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	1 veículo motorizado, movido a combustível, com vagões ligados entre si, usado na locomoção por trilhos, para locomoção de cargas ou para transporte coletivo de passageiros. 2 comboio.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	Transporte (parte analógica)
hiperônimo	
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Trem-bala
---------	-----------

categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo motorizado, movido a combustível ou à eletricidade, usado na locomoção por trilhos, para transporte coletivo, com velocidade que excede os 250 km/h.
fonte de definição	Vilarinho, 2013.
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Trenó
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo não motorizado, movido por tração animal, com esquis, usado na locomoção por neve ou por gelo.
fonte de definição	Houaiss, 2009, adaptado.
abreviatura da fonte da definição	Ho.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Triciclo
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	1 veículo não motorizado, movido por propulsão humana, com três rodas, usado na

	locomoção por estrada, para transporte de até 3 passageiros. 2 veículo motorizado, com três rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de até 2 passageiros. 3 brinquedo que serve para transporte de criança.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	Vil.
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de transporte coletivo, que é mais leve do que outros transportes ferroviários; movido à eletricidade ou a combustível.
fonte de definição	Vilarinho, 2013
abreviatura da fonte da definição	
contexto	
fonte de contexto	
data de publicação da fonte de contexto	
abreviatura da fonte do contexto	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

entrada	Veículo Leve sobre Pneus (VLP)
categoria gramatical	s.
gênero	m.
variante(s)	
área	
definição	veículo de transporte coletivo que visa combinar faixas de circulação exclusivas, estações e ônibus de alta qualidade, para atingir o desempenho e qualidade de um sistema de metrô, com a simplicidade, flexibilidade e custo de um sistema de ônibus.
fonte de definição	Wikipedia, 2013
abreviatura da fonte da definição	Wik.

contexto	“Ao longo do percurso, serão 15 estações para os passageiros que quiserem embarcar no VLP”
fonte de contexto	Correio Braziliense. Disponível em:< http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/08/25/interna_cidade_sdf,267053/governo-autoriza-construcao-de-vias-para-veiculo-leve-sobre-pneus.shtml>
data de publicação da fonte de contexto	25 ago. 2011
abreviatura da fonte do contexto	CB
remissões	
hiperônimo	Transporte (parte analógica)
nota(s)	
autor	
redator	
data	

3.3.2 Fichas lexicográficas da parte analógica do DIALP

Preenchemos as fichas lexicográficas para elaboração dos verbetes da parte analógica do DIALP. Essas fichas estão descritas a seguir:

Campo temático transporte

entrada	Transporte
categoria gramatical	s.
gênero	m.
definição	veículo utilizado para locomoção de passageiros ou cargas.
ar de família	serve para locomoção.
fonte da definição	Vilarinho, 2013.
substantivo	<p>hip. automóvel, avião, barco, bicicleta, bote, bonde, caminhonete, camioneta, caminhão, canoa, carro, carro-de-mão, carroça, ciclomotor, charrete, metrô, micro-ônibus, motocicleta, motoneta, mototáxi, navio, ônibus, quadriciclo, reboque, riquixá, submarino, táxi, trator, trem, trem-bala, trenó, triciclo, Veículo Leve sobre Pneus (VLP), Veículo Leve sobre Trilhos (VLT).</p> <p>mer. acelerador, amortecedor, banco, buzina, cabine, capô, cinto de segurança, embreagem, escapamento, hélice, farol, freio, limpador de para-brisas, macaco, marcha, painel, motor, para-choque, para-brisa pedal, pisca-alerta, placa, para-choque, porta-mala, pneu, porta, radiador, retrovisor, roda, teto, triângulo, vagão, vela, vidro, volante.</p> <p>con. (Profissional) 1 caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motociclista, motorista, taxista.</p> <p>con. 2 aceleração, ambulância, atropelamento, batida, colisão, condução, deslocamento, locomoção, mobilidade, movimentação, navegação, sinalização, velocidade, voo, tráfego, trânsito, viagem, viatura.</p>

verbo	[aç.] acelerar, afundar, atropelar, aumentar, bater, colidir, correr, deslizar, deslocar, diminuir, frear, mover, transportar, quebrar, voar.
--------------	--

Campo temático vestuário

entrada	Acessório
categoria gramatical	s.
gênero	m.
definição	peça decorativa do vestuário para ser usada com a finalidade de complementar o visual.
ar de família	serve para complementar o visual.
fonte da definição	Vilarinho, 2013.
substantivo	hip. abotoadura, bijuteria, boina, bolsa, broche, cachecol, chapéu, cinto, cintaliga, diadema, gorro, gravata, gravata-borboleta, joia, lenço, luva, máscara, meia-calça, mochila, óculos, peruca, poncho, prendedor de cabelo, pulseira, tiara, touca, relógio, véu. mer. brilhante, elástico, fivela, ouro, prata, tecido. con. (lugar) 1 porta-joia. con. 2 estilo, moda, enfeite, penteado.
verbo	[aç.] abrir, ajustar, amarrar, colocar, experimentar, fechar, provar, rasgar, usar, tirar, vestir.

entrada	Calçado
categoria gramatical	s.
gênero	m.
definição	peça do vestuário que serve para proteger os pés.
fonte da definição	Vilarinho, 2013.
ar de família	serve para proteger os pés.
Substantivo	hip. bota, botina, chinelo, coturno, meia, <i>mocassin</i> , pantufa, peep toe, sandália, sapatilha, sapatênis, sapato, <i>scarpin</i> , soquete, tamanco, tênis. mer. cadarço, palmilha, salto, sola. con. (lugar) 1 loja de sapato, sapataria. con. (profissional) 2 sapateiro, vendedor. con. 3 chulé, graxa.
Verbo	[aç.] amarrar, apertar, calçar, experimentar, limpar, pisar, provar, sujar, tirar, usar.

entrada	Vestuário
categoria gramatical	s.
gênero	m.
definição	peça de roupa que serve para vestir qualquer parte do corpo humano.
fonte da definição	Vilarinho, 2013.
ar de família	serve para vestir.

substantivo	<p>sin. indumentária, indumento, traje, roupa, vestes, vestimenta.</p> <p>hip. v. acessório, agasalho, anágua, <i>baby look</i>, baloné, bata, bermuda, biquíni, bolero, blazer, blusa, burca, calcinha, calça, v. calçado, calção, camisa, camiseta, camisete, camisola, capa, capa de chuva, capacete, casaco, cigarrete, cinta, colete, combinação, cueca, espartilho, farda, fio-dental, fraque, jaleco, jaqueta, jardineira, <i>legging</i>, <i>lingerie</i>, linguete, macacão, macaquinho, maiô, manga, moletom, paletó, pantalonas, pijama, pulôver, robe, roupão, saia, salopete, segunda pele, <i>short</i>, <i>smoking</i>, sobretudo, suéter, sunga, sutiã, tanga, terminho, terno, túnica, uniforme, vestido.</p> <p>mer. alça, algodão, aplicação, barra, botão, capuz, cós, couro, colarinho, forro.</p> <p>con. (lugar) 1 brechó, butique, loja.</p> <p>con. (lugar) 2 guarda-roupa, provador, vestiário.</p> <p>con. (profissional) 3 alfaiate, costureiro, designer, editor de moda, estilista, figurinista, modelista, produtor</p> <p>con. 4 coleção, costura, griffe, elegância, estilo, moda, mostruário, trapo.</p>
verbo	[aç.] ajustar, arrematar, colocar, cortar, costurar, experimentar, lavar, manchar, modelar, molhar, passar, provar, rasgar, secar, tirar, vestir, usar.

3.3.3 Referências bibliográficas do DIALP

No quadro a seguir, apresentaremos as referências bibliográficas usadas para compor as definições e os contextos do DIALP e as respectivas abreviaturas:

Quadro 20: referências do do DIALP

Referência	abreviatura
Correio Braziliense, 25 ago. 2011. Disponível em: < http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/08/25/interna_cidades_df,267053/governo-autoriza-construcao-de-vias-para-veiculo-leve-sobre-pneus.shtml >. Acesso em 20 ago. 2013.	CB
CRUZ, Cleide Lemes da Silva. <i>Estudo da terminologia das fibras e tecidos na área têxtil</i> . 2005. 150 p. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas.	C. L. S. C.
_____. Glossário de Terminologias do Vestuário. Brasília: IFB, 2013. No prelo.	C. L. S. C.
Dicionário Priberam, 2013. Disponível em: < http://www.priberam.pt/ >. Acesso dia 17/01/2013.	PR.
Dicionário Santana Têxtil. Disponível em: < http://dc312.4shared.com/doc/YvbagDOd/preview.html >. Acesso dia 24/09/2011.	D.S.T.
Estadão, 29 jul. 2013. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,faces-da-tragedia-urbana-,1058367,0.htm >. Acesso em 12 ago. 2013.	Est.
Globo, 27 dez. 2006. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/ece_incoming/animo-do-brasileiro-para-viajar-diminui-com-crise-dos-aeroportos-4535785 >. Acesso em 15 ago. 2013.	Gl.
HOUAISS, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.	Ho.
Jornal do Brasil, 13 out. 2010. Disponível em: < http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/10/13/estado-organiza-seminario-para-incentivar-uso-de-bicicleta/ >. Acesso em 18 ago. 2013.	JB
O dia, 10 dez. 2012. Disponível em: < http://odia.ig.com.br/portal/brasil/pol%C3%ADcia-apreende-jacar%C3%A9s-abandonados-em-barco-no-par%C3%A1-1.524582 >. Acesso em 17 ago. 2013.	Od.
Revista Capricho, edição 1152, 2012; edição 1158, 2012; edição 1168, 2013; edição 1169, 2013; edição 2130, 2011;	RC

Revista Claudia, nº 7, ano 43, 2004.	C
Revista Manequim, edição 481, 2000; edição 511, 2002; edição 480, 1999.	M.
Revista Veja, edição 1157, 2012	RV.
Tendência, 2013	T.
VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira. Proposta de <i>Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa</i> . Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.	Vil.
Wikipédia, 2013. Disponível em: < http://www.wikipedia.org >. Acesso em: 10 set. 2013.	Wik.

(Fonte: VILARINHO, 2013)

3.4. Procedimentos empregados para criação do dicionário em formato informatizado

A Lexicografia e a Informática trabalham juntas para atender à demanda de confecção de dicionário informatizado. Xatara & Riva (2010, p. 313), advertem que

a Lexicografia busca o melhor aproveitamento das ferramentas informáticas, com enormes capacidades de armazenamento, recuperação e tratamento exaustivo de grandes quantidades de informação, para fazer uma linguística empírica jamais vista antes e para dar conta dos usos reais de uma língua.

Com a finalidade de apresentar um repertório lexicográfico que atenda às demandas da sociedade atual, o processamento do Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa – DIALP se deu por meio de dois procedimentos, a criação de um banco de dados e de um site. O banco de dados foi desenvolvido no *Access*, que é um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (SGBD) da Microsoft, versão Access 2010 com MS Visual Basic for Applications 7.0. O *Access* é o conjunto de programas de computador que serve para gerenciar o acesso, a manipulação e a organização dos dados. O dicionário proposto foi feito em bancos de dados relacionais, constituído pelas APIs (Application Programming Interface) ou drivers do SGBD, que executam comandos na linguagem SQL (Structured Query Language).

Os requisitos para operar o *Access* é o sistema operacional Windows 7; Windows Server 2003 R2 (32-Bit x86); Windows Server 2003 R2x64 editions; Windows Server 2008 R2; Windows Server 2008 Service Pack 2; Windows Vista Service Pack 1; Windows XP Service Pack 3; e os programas MS Access 2010 ou MS Access Runtime; MS Word 2007 ou superior e Leitor de PDF.

O banco de dados do Dicionário Informatizado Analógico e Língua Portuguesa é uma importante e grata adaptação do Banco de dados para documentação Linguística: Línguas, desenvolvido pelo doutorando e programador Jorge Domingues Lopes, professor da Universidade Federal do Pará (UFPA). Esse banco de dados foi construído para os fins da tese de doutorado de Jorge Lopes, que é pesquisador do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília (UnB)²⁸. A construção do banco de dados Línguas contou com o apoio científico e técnico do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) da UnB, coordenado pela Profa. Dra. Enilde Faulstich. Na construção do DIALP, o banco de dados serve para a validação e a organização da informação.

A seguir, apresentamos o *layout* inicial do banco de dados que utilizamos:

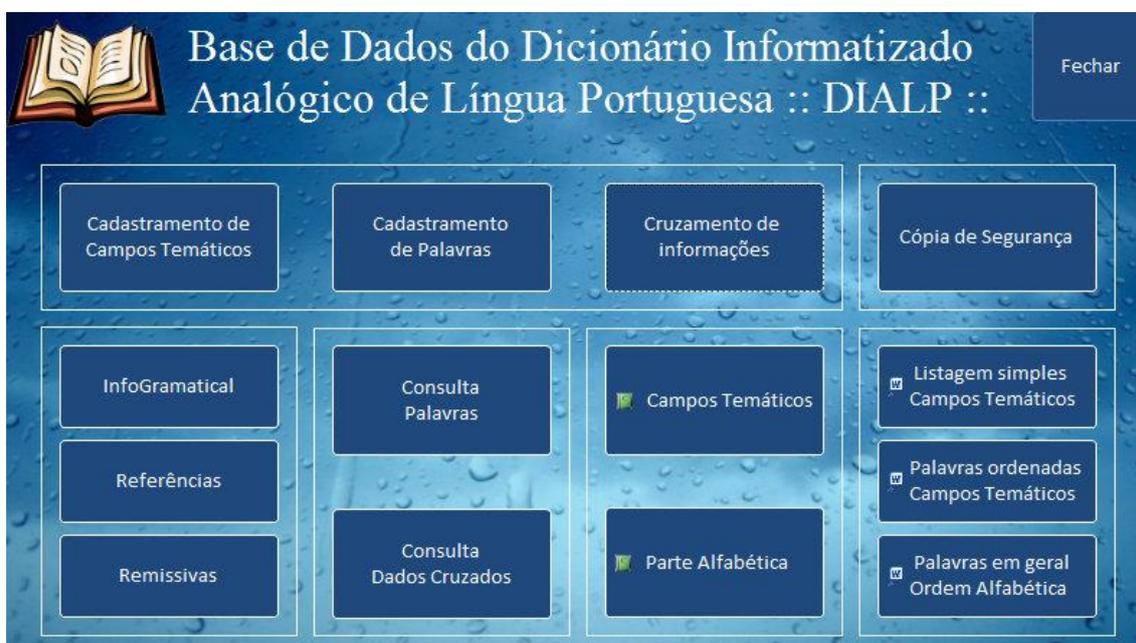


Figura 23: Tela inicial do banco de dados
(Fonte: LOPES, 2013)

A tela inicial do banco de dados é composta pelos *menus* que descreveremos no quadro seguinte.

Quadro 21: *Menus* e funções de banco de dados

<i>Menu</i>	Função: serve para inserção
Cadastramento de Campos lexicais	dos campos lexicais que comporão a parte analógica do dicionário. Ao clicar nesta opção, aparece a ficha com espaço para preencher o campo lexical, a informação gramatical e a definição.
Cadastramento de palavras	das informações dos verbetes da parte alfabética.
Cruzamento de informações	dos verbetes da parte analógica. Cada lexema criado na parte alfabética será agrupado dentro da categoria de uma das relações semânticas

²⁸ A página do LALI pode ser acessada por meio do site www.laliunb.com.br.

	(hiponímia, meronímia e conceito conexo) no caso dos substantivos e os verbos receberão a categorização sintático-semântica.
Cópia de Segurança	de cópia do banco de dados para gerar um arquivo que pode ser salvo para fins de recuperação de informação.
Infogramatical	da abreviatura da informação gramatical para que a forma abreviada apareça na opção “cadastramento de palavras”, o que possibilita a seleção da abreviatura pelo usuário.
Referências	das referências bibliográficas das fontes das definições e dos exemplos, a fim de que referência abreviada apareça na opção “cadastramento de palavras”, o que possibilita a seleção da abreviatura pelo usuário.
Remissivas	das abreviaturas para o tipo de remissiva, com vistas a que a remissiva abreviada apareça na opção “cadastramento de palavras”, o que possibilita a seleção da abreviatura pelo usuário.
Consulta Palavras	de lexema com vistas à pesquisa de verbete cadastrado na parte alfabética.
Consulta Dados Cruzados	de lexema com vistas pesquisa de verbete cadastrado na parte analógica.
Listagem simples Campos lexicais	de listagem dos campos lexicais registrados para exportação para arquivo fora do banco de dados.
Listagem ordenadas Campos lexicais	de listagem dos verbetes da parte analógica para exportação para arquivo fora do banco de dados.
Listagem em geral Ordem Alfabética	de listagem dos verbetes da parte alfabética para exportação para arquivo fora do banco de dados.

(Fonte: VILARINHO, 2013)

O cadastramento de lexemas no banco de dados começou pelo preenchimento das informações dos *menus* “infogramatical”, “referências” e “remissivas”, para que fosse possível preencher as fichas dos verbetes.

Os menus “Campos Temáticos” e “Parte Alfabética” possuem a ferramenta “exportar documento” que possibilita exportar o documento para arquivo nos seguintes formatos: Arquivos de Texto (.txt), Formato Instantâneo (.snp), Formato PDF (.pdf), Formato Rich Text (.rtf), Formato XPS (.xps), HTML (.html), Pasta de Trabalho do Excel 97-Excel 2003 (.xls), Pasta de Trabalho do Microsoft Excel 5.0/95 (.xls), XML (.xml).

Com a exportação das informações do banco de dados para o formato HTML, o site www.dicionarioanalogicolp.com.br foi construído. O banco de dados relacional utilizado foi o SQL, com a implementação da linguagem Hypertext Preprocessor (PHP), capaz de gerar conteúdo dinâmico na World Wide Web, de modo que o PHP consulta os dados do servidor e os imprime em HyperText Markup Language (HTML), que é Linguagem de Marcação de Hipertexto. HTML é uma linguagem utilizada para produzir páginas na Web. Como resultado, a acessibilidade por um navegador WEB é obtida e o usuário consegue visualizar a página web. Como não há links no banco de dados, os *hiperlinks* foram criados por meio de *Scripts* que é uma linguagem de programação usada para comandar o API.

Os documentos HTML possuem etiquetas, palavras entre parênteses, que são comandos de formatação da linguagem. Um elemento é formado por um nome de etiqueta (tag), por exemplo. Para criação dos *hiperlinks*, usa-se a etiqueta <a> que tem o atributo “href”, que é abreviação para *hypertext reference*. Este atributo especifica o destino do *link* para remeter ao arquivo ou site ao qual está relacionado.

A seguir, apresentamos o *layout* de apresentação do site, em que a amostragem do DIALP está hospedada.



Figura 24: *Layout* de apresentação do DIALP.
(Fonte: VILARINHO, 2013)

A macroestrutura é composta pelas seções “Apresentação do DIALP”, “Lista de Abreviaturas”, “Créditos” e “Referências”. Para acessar a microestrutura do dicionário, o consulente deve clicar no *menu* “Parte Analógica, ou no *menu* “Parte Alfabética”. Se ele clicar na primeira opção, a tela com os campos lexicais (alimentação, animal, corpo humano, estudo, família, habitação, lazer, profissão, transporte, vestuário) será aberta e poderá clicar em um dos campos lexicais. Ao clicar no campo lexical, o *hiperlink* levará o consulente ao verbetes da parte analógica. Clicarmos no campo lexical *transporte*, que remete ao verbete da parte analógica, vejamos:

Parte Analógica

transporte <i>s.m.</i> veículo utilizado para locomoção de passageiros ou de cargas.	
Substantivo	<p>hip. automóvel, avião, barco, bicicleta, bote, caminhonete, camioneta, caminhão, canoa, carro-de-mão, carroça, ciclomotor, charrete, comboio, helicóptero, iate, jet ski, metrô, micro-ônibus, motocicleta, motoneta, mototáxi, navio, ônibus, quadriciclo, reboque, submarino, táxi, trator, trem, trem-bala, trenó, triciclo, Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), Veículo Leve sobre Pneus (VLP).</p> <p>mer. acelerador, amortecedor, banco, buzina, cabine, capô, cinto de segurança, embreagem, escapamento, hélice, farol, freio, limpador de para-brisas, macaco, marcha, motor, painel, para-choque, para-brisa, pisca-alerta, placa, porta-mala, pneu, porta, radiador, retrovisor, roda, teto, triângulo, vagão, vela, vidro, volante.</p> <p>con. (Profissional) 1 caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motociclista, motorista, taxista.</p> <p>con. 2 aceleração, ambulância, atropelamento, batida, colisão, condução, deslocamento, locomoção, mobilidade, movimentação, navegação, sinalização, velocidade, voo, tráfego, trânsito, viagem, viatura.</p>
Verbo	[aç.] acelerar, afundar, atropelar, aumentar, bater, colidir, correr, deslizar, deslocar, diminuir, frear, mover, transportar, quebrar, voar.

Figura 25: Verbetes *transporte* da parte analógica do site do DIALP.
(Fonte: VILARINHO, 2013)

Como cada lexema do dicionário é um *link*, se o consulente clicar no lexema *automóvel*, o site abrirá o verbete *automóvel* da parte alfabética, conforme representado na figura:

Parte Alfabética

automóvel *s.m.* veículo motorizado, movido a combustível ou à eletricidade, com quatro rodas, por estrada, para transporte de passageiros, carro. "*Hoje, metade dos brasileiros utiliza automóvel ou moto particular para se deslocar nas cidades.*" (Est., 2013) cf. transporte

Figura 26: Verbetes *automóvel* da parte alfabética do site do DIALP.
(Fonte: VILARINHO, 2013)

No verbete *transporte* da parte analógica, os hipônimos são *hiperlinks* que remetem aos verbetes da parte alfabética. Os demais verbetes ainda não foram disponibilizados no site, uma vez que registramos apenas uma amostra dos dados para fins de comprovação da metodologia utilizada. No site, estarão disponíveis para consulta, os verbetes *transporte* e *vestuário* da parte analógica. Da parte alfabética,

haverá os lexemas que foram apresentados na seção 4.3 Apresentação de verbetes do DIALP. A elaboração dos demais verbetes será feita em pesquisas futuras.

O desenvolvimento do site foi pelo programador Paulo de Tarso Soares Silva. Embora o DIALP já esteja disponibilizado em site, recomendamos que, posteriormente, o DIALP seja programado para ser disponibilizado como aplicativo em dispositivos móveis (*smartphone* ou *tablet*), tendo em vista que a acessibilidade de aplicativos nesses dispositivos gera mais possibilidade de acessos, porque, depois de instalado o aplicativo, não há necessidade de acesso pela internet, o que resulta em consulta dinâmica e contínua.

CAPÍTULO 4: AS ANALOGIAS EM DICIONÁRIOS ANALÓGICOS

Nosso principal objeto de estudo nesta pesquisa é o dicionário analógico. Para compreensão dessa tipologia lexicográfica, é necessário retomarmos a definição de analogia. Com base nas informações do verbete de Houaiss (2009), analisaremos o significado do lexema *analogia*:

analogia

□ substantivo feminino

- 1 relação de semelhança entre coisas ou fatos distintos
- 2 **Rubrica: biologia.**
semelhança funcional entre órgãos de diferentes estruturas e origens embriológicas, como as asas de insetos e as de aves
- 3 **Rubrica: filosofia.**
na filosofia grega, identidade de relação entre pares de conceitos dessemelhantes (como na proposição "a inteligência está para a opinião assim como a ciência está para a crença")
- 4 **Rubrica: filosofia.**
na filosofia moderna, processo efetuado através da passagem de asserções facilmente verificáveis para outras de difícil constatação, realizando uma extensão ou generalização probabilística do conhecimento
- 5 **Rubrica: física.**
correspondência que pode ser estabelecida entre fenômenos cuja física é distinta, mas cujas grandezas são descritas por funções matemáticas com propriedades semelhantes ou idênticas
- 6 **Rubrica: termo jurídico.**
operação lógica por meio da qual se aplica a um caso não previsto na lei a norma jurídica disciplinadora de ocorrências semelhantes
- 7 **Rubrica: linguística.**
processo de mudança linguística que consiste na alteração de uma forma, para adaptá-la a um modelo preexistente (p.ex.: o neol. *aidético* foi criado prov. por analogia com *diabético*, *morfético*)

Há 7 acepções, sendo que apenas a acepção 1 é de língua comum, visto que as outras 6 acepções são de variadas áreas de especialidades, como: Biologia, Filosofia, Física, Direito e Linguística. Nossa pesquisa está situada no âmbito da Linguística, e, por isso mesmo, sabemos que a definição da acepção 7 não está de acordo com nossa concepção de analogia.

Entre as definições apresentadas pelo Houaiss, a definição que mais se aproxima do nosso entendimento do conceito de analogia é a acepção 1: “relação de semelhança entre coisas ou fatos distintos”. Assim sendo, nesta pesquisa, nós entendemos a “analogia como semelhança, e, principalmente, identidade de relações, já que, nas obras

em análise, os lexemas estão ligados por conexões de caráter semântico em torno de uma ideia central” (OLIVEIRA, 2010, p. 36).

Ressaltamos que o dicionário analógico não tem relação com o significado de analógico da área de informática, para quem analógico é “forma de medida ou representação de grandezas na qual um sensor ou indicador acompanha de forma contínua, sem hiatos nem lacunas, a variação da grandeza que está sendo medida ou representada”, conforme Houaiss (2009).

Gaudin & Guespin (2000, p. 71) declara:

le dictionnaire analogique préfigure le système analogique par son organization autour d'un mot « marquant l'idée commune à tous les mots dont il est question ». L'organisation est donc notionnelle. Il ne s'agit pas d'un système de renvois de mots à mots mais d'une organisation par apparentements de sens dans laquelle se dessine comme une préfiguration des champs sémantiques.²⁹

E para Oliveira (2010, p. 34-35), o dicionário analógico é um “tipo de repertório lexicográfico de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados partindo das ideias para chegar às unidades lexicais. Os lexemas são agrupados em um mesmo verbete por possuírem identidade de relações.” O dicionário analógico é constituído por categorização e por verbetes. A categorização rege a organização dos verbetes. Cada categoria e subcategoria compõe um verbete. Após a apresentação da categorização, os verbetes são organizados em ordem alfabética, de modo que os lexemas afins da palavra-entrada são registrados com base nas relações semânticas (hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia, sinonímia e conceito conexo).

A fim de demonstrar o modo de organização do dicionário analógico, avaliamos essa tipologia lexicográfica na próxima seção.

4.1 AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO

Por meio do preenchimento da ficha lexicográfica de avaliação de dicionário, de Faulstich (1998b, p. 234; 2011, p.183-185), avaliamos os 4 dicionários: i) *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, de Azevedo (2010); ii) *Le nouveau Petit Robert*:

²⁹ Tradução: o dicionário analógico prefigura o sistema analógico por sua organização ao redor de uma palavra “marcando a ideia comum a todas as palavras que se referem a ela”. A organização é então nocional. Não se trata de um sistema de remissão de palavras a palavras, mas sim de uma organização por parentescos de sentido na qual é desenhada uma prefiguração dos campos lexicais.

dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, da editora Le Robert (2010); iii) *Le Dictionnaire des Analogies*, de Pechoin (2009); iv) *Dizionario Analogico della lingua italiana*, da editora Garzanti (2011). Na dissertação de mestrado, usamos a mesma metodologia para avaliar 11 obras, que são apresentadas no quadro, a seguir, conforme a ordem cronológica de publicação, o título do dicionário e o autor.

Quadro 22: Lista de dicionários analógicos analisados por Oliveira (2010)

Ano de publicação	Título do Dicionário	Autor
1852	<i>Thesaurus of English Words and Phrase Classified and Arranged so as to Facilitate the Expression of Ideas and to Assist in Literary Composition</i>	Roget
1859	<i>Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées</i>	Robertson
1862	<i>Dictionnaire Analogique de la langue Française</i>	Boissière
1897	<i>Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots</i>	Rouaix
1899	<i>Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia</i>	Benot
1936	<i>Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots</i>	Maquet
1936	Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa	Spitzer
1941	<i>Diccionario ideológico de la lengua española</i>	Casares
1948	Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa	Bivar
1950	Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins	Azevedo
1961	Dicionário de ideias semelhantes	Florenzano

Fonte: (OLIVEIRA, 2010, p. 68)

Nas pesquisas após 2010, identificamos os 4 dicionários analógicos que carecem de análise, para que possamos conhecer a estrutura e delimitar novo modelo de dicionário analógico com propriedade, uma vez que já teremos identificado o modo de organização dos principais dicionários analógicos publicados no mundo. No quadro posterior, listamos os 4 dicionários analógicos analisados nesta pesquisa, que avaliamos.

Quadro 23: Dicionário analógicos analisados na tese

Ano de publicação	Título do Dicionário	Autor
2010	Dicionário analógico da língua portuguesa	Azevedo
2010	<i>Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française</i>	Editora Le Robert
2009	<i>Le Dictionnaire des Analogies</i>	Péchoin
2011	<i>Dizionario Analogico della lingua italiana</i>	Garzanti

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Nas próximas subseções, apresentamos a avaliação dos 4 dicionários analógicos na respectiva ordem: Dicionário analógico da língua portuguesa (*DALP*), *Le nouveau*

Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, Le Dictionnaire des Analogies e Dizionario Analogico della lingua italiana.

4.1.2 Avaliação de dicionário analógico: Dicionário analógico da língua portuguesa

Roteiro para avaliação de dicionários

Título: Dicionário analógico da língua portuguesa

Autor: Francisco Ferreira dos Santos Azevedo

Editora/ edição/ data: Lexikon/ 2ª edição/ 2010

Local de publicação: Rio de Janeiro

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Embora na obra não exista informação acerca do reconhecimento do autor na área de dicionarística ou de terminologia, é válido destacarmos que, na Lexicografia brasileira, a primeira edição do dicionário (esgotada) foi o segundo dicionário analógico de Língua Portuguesa a ser publicado. Além disso, a reedição da obra tem reconhecimento por ter sido a publicação mais atual da Língua Portuguesa dessa tipologia de dicionário.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Na obra, não é informado se o autor fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Na apresentação da obra, há informação de que o autor era professor.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

O autor faleceu em 1876.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Na apresentação, esclarece-se que

um dicionário analógico completa, com um dicionário de língua, o ferramental necessário a quem busque a compreensão e o domínio de todas as potencialidades do código linguístico, seja no entendimento de significados e usos de palavras e expressões, seja na capacidade de encontrar as palavras e expressões que melhor traduzam o que se quer exprimir (AZEVEDO, 2010, p. ix).

Além disso, no prólogo, informa-se que o dicionário “prestará, extraordinários serviço ao estudo e conhecimento, em extensão e profundidade, de todo o léxico da língua portuguesa, em termos relacionais” (Id.,Ibid., p. vii).

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Não há menção quanto ao público-alvo a que o conteúdo da obra se dirige. No entanto, o prefácio do dicionário é um relato de Francisco Buarque de Holanda, no qual ele informa as funcionalidades do dicionário analógico que herdou do pai, sociólogo Sérgio Buarque de Holanda. Chico Buarque, músico renomado da música popular brasileira, dramaturgo e escritor brasileiro, relata que

palavra puxa palavra, e escarafunchar o dicionário analógico foi virando para mim um passatempo (desenfado, esparecimento, entretém, solaz, recreio, filistria). [...] Com esse livro escrevi novas canções e romances, decifrei enigmas, fechei muitas palavras cruzadas (AZEVEDO, 2010, p. v).

Assim sendo, a obra oferece um leque de opções de palavras correlatas agrupadas, para facilitar a busca, seguindo o percurso onomasiológico. A obra “é uma ferramenta de busca de significados e informações de uso para palavras que conhecemos; ou seja, partimos de uma palavra conhecida para buscar-lhe as acepções e usos possíveis” (AZEVEDO, 2010, p. ix).

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Na apresentação, existe a seção “como usar este dicionário”, explicando que o acesso aos lexemas pode ser feito por 2 caminhos de busca:

um, no modelo do Thesaurus de Roget, identificando a área conceitual na qual se encaixa a palavra ou expressão que se quer encontrar, e buscando nessa área o grupo analógico mais próximo daquele que provavelmente conteria o termo procurado. Outro, a partir de um termo ou expressão que se conhece, para buscar no(s) grupo(s) analógico(s) onde ele se encontra outras alternativas de expressão (AZEVEDO, 2010, p. x).

O primeiro caminho de busca pode ser feito por meio da consulta à “árvore classificatória dos grupos analógicos” que é constituída pela Classificação das palavras, apresentada a seguir.

classificação das palavras

<i>Classes</i>	<i>Divisões</i>		<i>Números</i>
I. RELAÇÕES ABSTRATAS	I.	Existência	1 – 8
	II.	Relação	9 – 24
	III.	Quantidade	25 – 57
	IV.	Ordem	58 – 83
	V.	Número	84 – 105
	VI.	Tempo	106 – 139
	VII.	Mudança	140 – 152
	VIII.	Causa	153 – 179
II. ESPAÇO	I.	Em Geral	180 – 191
	II.	Dimensões	192 – 239
	III.	Forma	240 – 263
	IV.	Movimento	264 – 315
III. MATÉRIA	I.	Em geral	316 – 320
	II.	Inorgânica	321 – 356a
	III.	Orgânica	357 – 449
IV. ENTENDIMENTO	I.	Formação das Ideias	450 – 515
	II.	Comunicação das Ideias	516 – 599
V. VONTADE	I.	Individual	600 – 736
	II.	Com referência à Sociedade	737 – 819
VI. AFEIÇÕES	I.	Em Geral	820 – 826
	II.	Pessoais	827 – 887
	III.	Simpáticas	888 – 921
	IV.	Morais	922 – 975
	V.	Religiosas	976 – 1000

Figura 27: Classificação das palavras do dicionário analógico de Língua Portuguesa.
Fonte: (AZEVEDO, 2010, p. xiii)

Essa classificação é constituída por 6 classes, divididas em 24 subáreas, seguidas de numeração. Com base nessa numeração, os verbetes podem ser localizados na microestrutura. Para Oliveira (2010, p. 38), a classificação das palavras é

o plano de classificação de ideias funciona como um direcionador para chegarmos até outras partes da obra. Localiza-se no início do dicionário, apresenta as ideias gerais selecionadas, divididas e agrupadas de acordo com os critérios estabelecidos pelos autores. As categorias são estabelecidas e enumeradas. A essa forma de numerar os lexemas chamamos de numeração classificatória. Os grupos de ideias relacionados às categorias serão as subcategorias que, por sua vez, possuirão as numerações classificatórias. O plano de classificação é a diretriz, visto que as demais partes estão subordinadas a este plano.

Após a classificação das palavras, há o quadro sinóptico de categorias

composto por um conjunto de associações de ideias, constituído pelo plano de classificação de ideias bem detalhado, além de incluir os lexemas que compoem as subdivisões das classificações estabelecidas anteriormente. Esses lexemas serão as palavras-entrada dos verbetes e estão agrupados em subdivisões. Os lexemas que possuem ideias antagônicas são organizados de modo que, ao lado da palavra-entrada, tem a outra palavra-entrada antagônica em uma coluna à direita (Id., Ibid., p. 38).

Na figura subsequente, apresentaremos um trecho desse quadro:

Divisão II. DIMENSÕES			
1º) Em geral	192. Tamanho		193. Pequenez
	194. Dilatação		195. Contração
	196. Distância		197. Proximidade
	198. Intervalo		199. Contiguidade
2º) Lineal	200. Comprimento		201. Encurtamento
	202. Largura		203. Estreiteza
	204. Camada		205. Filamento
	206. Altura		207. Baixeza
	208. Profundidade		209. Vau
	210. Cume		211. Base
	212. Verticalidade		213. Horizontalidade
	214. Pendura		215. Suporte
	216. Paralelismo		217. Obliquidade
			218. Inversão
3º) Central			219. Cruzamento
I. Em geral	220. Exterioridade		221. Interioridade
		222. Centralidade	
	223. Cobertura		224. Forro
	225. Indumentária		226. Despimento
	227. Circunjacência		228. Interjacência
		229. Circunscrição	
		230. Contorno	
		231. Borda	
		232. Cerca	
	233. Limite		

Figura 28: Quadro sinóptico de categorias do dicionário analógico de Língua Portuguesa.

Fonte: (AZEVEDO, 2010, p. xviii)

Podemos notar que, se o consulente desejar encontrar o verbete relacionado ao campo lexical vestuário, por exemplo, terá de consultar o verbete *indumentária*,

localizado na classe *espaço* e na subdivisão *dimensões*. O modo de categorização da obra é disfuncional, pois o falante de língua portuguesa não categoriza os lexemas como a obra em análise propõe. A classificação se baseia nas categorias aristotélicas, acrescidas da categorização do Thesaurus de Roget (1852) com adaptações, de modo que a classificação das palavras não parece coerente ao consulente.

O caminho mais coerente para que o consulente possa encontrar os lexemas desejados é a consulta ao índice geral, que é um índice remissivo formado por 272 páginas. Os lexemas são apresentados em ordem alfabética e cada lexema vem acompanhado do número classificatório, por meio do qual o lexema pode ser localizado no dicionário. Os lexemas que encabeçam verbetes são destacados em negrito. Se, por exemplo, o consulente deseja localizar lexemas relacionados à ideia de *vestimenta*, ele poderá procurar os lexemas *vestuário*, *vestiário*, *vestido*, *vestimenta*, *vestir*, entre outros, conforme pode ser observado no recorte do índice geral, a seguir:

vestido 225
vestido com elegância 851
 vestido roçagante 225
 vestidura 225
Vestigia nulla retrorsum 143,
 282, 604a
 vestígio(s) 32, 259, 449, 550, 551
vestimenta 225
 vestir 223, 225, 544
 vestir a alva dos condenados
 972
 vestir a armadura 673
 vestir a lena 873
 vestir a *toga virilis* 131
 vestir burel 839
 vestir calças 373
 vestir de 428
 vestir *talit* 990
 vestir-se 999
 vestir-se com esmero/com pri-
 mor/com elegância 851
 vestir-se de cores brilhantes
 852
 vestir-se de saco 952
vestuário 6. 225. 448

Figura 29: Índice geral do dicionário analógico de Língua Portuguesa.
 Fonte: (AZEVEDO, 2010, p. 759).

Quando o consulente procurar a entrada com numeração 225, encontrará o verbete *indumentária*, que inserimos a seguir:



Figura 30: Verbetes *indumentária* do dicionário analógico de Língua Portuguesa.

Fonte: (AZEVEDO, 2010, p. 89-90, com adaptações³⁰).

Por meio da leitura desse verbete, fica evidente que há diversos lexemas em um mesmo verbete. A explicação que o guia de uso do dicionário nos dá é que “os grupos não têm uma estrutura lógica, embora as palavras estejam, geralmente, agrupadas por proximidade semântica” (AZEVEDO, 2010, p. xi). Nosso questionamento é acerca do

³⁰ Fizemos a colagem apresentada para que pudéssemos visualizar apenas o verbete *indumentária*.

limite da proximidade semântica. Não localizamos a identidade de relação entre indumentária e vários lexemas, a saber: *apertadouro*, *aviamento*, *guarnição*, *libré*, *marcarilha*, *penhoar*, entre outros. Como o léxico reflete a cultura da sociedade, com o passar dos anos, alguns lexemas deixam de ser usados. Apesar de o dicionário ser uma versão atualizada e revista, a maioria dos verbetes são iguais ao da edição de 1950. Assim sendo, há vários lexemas que não estão registrados no Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009) e no Novo dicionário Aurélio (2010), a saber: *calimbé*, *cerome*, *gabinardo*, *jasezinho*, *lipa*, *maquintoche*, *maquintoche*, *paximina*, *pelisse*, *redingote*, *vasquim*, entre outros. Além disso, são lexicografados estrangeirismos não utilizados por falantes da Língua Portuguesa, tais como os lexemas *cache-nez*, *casquette*, *chaussé en grande de ténue*, *coiffure*, *corsage*, *costumé*, *coutumier*, *gabardine*, *houppelande*, *par-dessus*, *pelisse*, *plastron*, *polonaise*, *surtout*. Esses exemplos de lexemas do verbete indumentária comprovam a necessidade de revisar a seleção da nomenclatura do dicionário.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não há referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Na apresentação da obra, é mencionada que a obra foi concebida como o Thesaurus de Peter Mark Roget.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

O Prólogo foi escrito por Leodegário A. de Azevedo Filho, professor Emérito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), titular da UERJ, presidente de honra da Academia Brasileira de Filologia e acadêmico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

O tamanho e o tipo da fonte são apresentados de modo que oferece equilíbrio visual.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

O número classificatório, as palavras-entrada e as abreviaturas das categorias gramaticais são apresentadas em negrito. Os lexemas de língua estrangeiras são registrados em itálico. Na seção como usar o dicionário, o autor esclarece que “os grupos antagônicos são marcados: um com uma seta para cima, e o antagônico deste com uma seta para baixo. Os grupos ‘neutros’ não são marcados” (AZEVEDO, 2010, p. xi). Isso significa que há símbolos para indicar quando existe antonímia. Como exemplo disso, existe a subcategoria existência e a subcategoria antônima, inexistência. Essas subcategorias são antecedidas de símbolo. De modo geral, os destaques e os recursos gráficos foram utilizados de modo a proporcionar o equilíbrio visual da obra.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

No prólogo, Filho (AZEVEDO, 2010, p. vii) acrescenta que a obra em análise “como todo dicionário analógico, tem a função inversa à de um dicionário comum, o qual, a partir de uma palavra conhecida informa seus significados. Neste, busca-se uma palavra, entre muitas análogas, em uma área de significados conhecida e classificada numa frondosa árvore de classificações”.

Na apresentação, esclarece-se sobre a origem da estrutura do dicionário analógico, afirmando que um dicionário analógico, ou de ideias afins, ou thesaurus foi concebido por Peter Mark Roget. Esse dicionário é usado quando

temos uma noção de um significado, temos uma intenção de uso, mas não nos ocorre uma palavra satisfatória. O thesaurus, a partir de um contexto de possíveis significados, oferece uma nuvem de palavras em torno desse significado, ou seja, palavras análogas num maior ou menor grau de proximidade e exatidão, para que nessa nuvem possamos achar a palavra – ou expressão – que melhor nos convém, em qualquer de suas prováveis funções gramaticais (AZEVEDO, 2010, p. ix).

Assim sendo, o dicionário é organizado em ordem sistemática, uma vez que os lexemas são ordenados com base na categorização feita.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

A obra é monolíngue, no entanto, no interior dos verbetes, há lexemas da língua francesa, o que nos causa um estranhamento, tendo em vista que a maioria das palavras

estrangeiras registradas na obra não são utilizadas nos países de língua portuguesa, por isso nem sempre podem ser considerados empréstimos³¹, tais como a expressão *à perte de vue* do verbete invisibilidade; os lexemas *houppelande, par-dessus, surtout, cachênez, pelisse, bardine, coiffure*, entre outros estão registrados no verbete *indumentária*. A maioria das palavras da língua inglesa registrada na obra podem ser consideradas empréstimos, tais como *baby-doll, legging, blazer*, presente no verbete mencionado. Há expressões latinas também, tais como as expressões *oculis subjecta fidelibus, veluti in speculum* do verbete visibilidade. Esses lexemas são registrados em itálico.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

O tamanho da obra possibilita fácil manuseio, visto que é de tamanho médio, não é volumosa, nem é pesado. A forma como a obra foi encadernada possibilita que o dicionário seja aberto e lido com facilidade.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

A obra não está editada em suporte informatizado.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

A folha utilizada para impressão da obra foi feita em um papel fino. A consequência disso é a impressão de uma lado da página aparecer no outro lado. Seria mais adequado que o papel fosse mais grosso, para que não houvesse interferência na visualização da página devido à impressão na frente e no verso da mesma folha. Além disso, há páginas cuja tinta de impressão apresenta-se manchada, como ocorre nas páginas 638, 639, 642,643, 646, 647, 650, 651, entre outras do índice geral.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

O sistema de abreviações aparece corretamente no corpo do texto. Na obra, na macroestrutura, só há registro do símbolo para indicar subcategorias antônimas. No corpo da obra, aparece o sinal de igual (=) para indicar equivalência de significado. Um exemplo disso pode ser observado no verbete incerteza no qual há a expressão *nihil certi habere* apresentada seguida da estrutura, a saber: “= não ter notícia certa, asfixiar-se numa atmosfera de incerteza, conjecturar, presumir, saber uma coisa de *auditu* (de oitiva), encalhar; embasbacar-se, engasgar, engasgalhar-se” (AZEVEDO, 2010, p. 195). Esse sinal não é mencionado na macroestrutura. Além do mais, ora os lexemas são

³¹ O empréstimo "resulte d'un transfert de sens d'une unité lexicale étrangère dans la langue emprunteuse", conforme Loubier (2003, p. 27).

separados por vírgula, ora por ponto-e-vírgula. Notamos que isso ocorre devido à similaridade entre os lexemas, contudo essa informação não é registrada na apresentação da obra.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

A primeira edição da obra, publicada em 1950, estava esgotada. Após 60 anos, foi publicada uma nova edição na qual a maior parte da nomenclatura foi mantida, além de terem sido acrescentados “acervo de termos e expressões mais recentes, o que continuará a ser feito nas próximas edições, mantendo o dicionário sempre atualizado e sincronizado com a evolução e crescimento da língua” (AZEVEDO, 2010, p. x).

O dicionário analógico de Azevedo é um marco histórico na lexicográfica brasileira, por ser uma das poucas obras dessa tipologia de dicionário publicada. A publicação de 2010 traz contribuição para os consulentes, por ser uma obra que pode ser acessada novamente, já que, antes da nova publicação, a obra estava esgotada. Por isso, há um mérito para essa publicação, uma vez que se difunde esse tipo de dicionário. Contudo, a forma como a classificação rege à organização da obra não facilita a consulta. Por isso, sugerimos que, em outra edição, a editora reformule a estruturação da obra, de modo que a classificação seja refeita, com base nas categorizações mais próximas da realidade do povo brasileiro.

A parte de classificação da obra só serve para que o consulente entenda como o autor pensou na organização da obra. No entanto, não é útil para localização de lexemas. Assim sendo, em uma próxima edição, a macroestrutura poderia apresentar a versão original de categorização apresentada por Azevedo e incluir uma nova categorização, assim como já se encontra em outros dicionários analógicos, como o *dictionnaire des analogies* (2009), o qual apresentaremos posteriormente.

4. Sobre o conteúdo

4.1. *As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?*

Os neologismos não são registrados e nem palavras derivadas. Há registro de palavras em desuso e em língua estrangeira, de modo que não contribui para a comunicação oral e escrita em Língua Portuguesa.

4.2. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade?*

Há rubricas que indiquem termos de apenas 6 áreas de especialidade, sem contemplam de modo completo a área à qual se referem.

4.3. *Os verbetes apresentam:*

a) categoria gramatical?

Os verbetes apresentam a categoria gramatical de modo diferente do dicionário padrão de língua comum. Os grupos analógicos são separados por categorias gramaticais que aparecem abreviadas, conforme pode ser observado no verbete *silêncio*, no qual os substantivos são apresentados. No entanto, a classe gramatical não é precedida de abreviatura. Após os substantivos, são agrupados, respectivamente, os verbos, os adjetivos, os advérbios, as interjeições e as “frases feitas”, conforme pode ser visualizado na figura posterior. As classes gramaticais verbo, adjetivo, advérbio e interjeição são antedecidas de abreviaturas.

▽ **403. Silêncio**, cala, calada, remanso, sossego, quietação 265; quietude, quietismo, paz, tranquilidade, serenidade, placidez, mansidão, mudez, mutismo, afonia, calada da noite = quiriri = silêncio noturno; silêncio mortal/absoluto/completo/gélido/sepulcral/terrível/amplo/solene/de túmulo fechado; insonoridade.

V. silenciar, estar/ ficar silencioso & *adj.*; reinar silêncio, emudecer, parar, calar, guardar silêncio, ficar quieto, quietar(-se), gelar o som de, recolher-se aos bastidores, fazer silêncio, não tugar nem mugir, meter a viola no saco, trazer um cadeado na boca, tapar a boca, não dizer palavra, não dizer chuz nem buz.

Adj. silencioso, desruído, silente (poét.), calado, soturno, sutil, reduzido ao silêncio, sem bulha, tranquilo, sossegado, manso, quieto 265; mudo, inaudível, atônico, átono, afônico, sufocado, insonoro.

Adv. silenciosamente & *adj.*; na moita, à socapa, com pés de lã, pé ante pé, *sub silêncio*, manso e manso, de manso, a medo, de mansinho, à surdina, a furta-passo, pela calada, às surdas, sem fazer tuz nem buz, à chucha calada.

Interj. silêncio!, caluda!, moita!, boca de siri!, chiton!, chitão!, basta!, nem mais um pio!, não mais!, leva rumor!, moita carasco!, shh!, psiu!, pschiu!, tende ponto!, chuta!, nem fum nem fole de ferreiro!, bico calado!

FRASES: Pela face da terra não suspirava uma aragem. Pode-se ouvir uma mosca voar. Pode-se ouvir uma pena cair. A brisa dorme queda. Nem chus nem bus. Nenhum som perturba os ares.

Figura 31: Verbete *silêncio* do dicionário analógico de Língua Portuguesa.
Fonte: (AZEVEDO, 2010, p. 159).

b) *gênero*?

Não há informação sobre gênero.

c) *sinonímia*?

Embora não esteja explícito na macroestrutura, identificamos que os sinônimos são os primeiros lexemas apresentados nos verbetes.

d) variante(s) da entrada?

As variantes da entrada são apresentadas antes da palavra-entrada e são registradas entre parêntesis, como ocorre no verbete *inércia*, em que a palavra entrada é precedida da variante *Inércia Física*. É válido acrescentarmos que não há menção sobre variante da entrada na macroestrutura. Para localizar essas variantes, fizemos inferências com base na leituras dos verbetes.

e) variante(s) da definição?

Não há variante da definição.

f) existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não existem critérios para distinguir homonímia de polissemia.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Quanto às marcas de uso, na macroestrutura, esclarece-se que “às vezes há indicações de contextos de uso (termos depreciativos, desusados, brasileirismos etc.)” (AZEVEDO, 2010, p. xi). Com base nesse trecho, podemos concluir que o autor não tem conhecimento dos pressupostos teóricos da Lexicografia e da Terminologia, visto que utiliza o lexema “termo” inadequadamente, já que termo se reporta à área de especialidade, o que não é o caso. O lexema termo deveria ser substituído pelo significante palavra, lexema, item lexical, lexia ou unidade lexical. Além disso, em Lexicografia, contexto significa exemplificação no âmbito da microestrutura do dicionário. Assim sendo, o lexema contexto deveria ser substituído pelo significante marcas, visto que marcas de uso e contextos são elementos diferentes no dicionário. Contudo, com base na leitura do dicionário, na lista de abreviaturas, há as marcas de uso, a saber: antigo, africanismo, asiático, brasileirismo, budismo, burlesco, depreciativo, desusado, espanhol, eufemismo, familiar, figurado, galicismo, gíria, infantil, irônico, jocoso, latim, locução, lusitanismo, neologia, por extensão, por oposição a, pouco usado, plebeísmo, poético, popular, Portugal, Português, regionalismo, retórico e vulgar. Essas marcas de uso não são acompanhadas de explicação na macroestrutura. Na microestrutura, as marca de uso aparecem após os lexemas, são registradas de forma abreviada e entre parêntesis.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Com base na leitura das abreviaturas, localizamos o registro das áreas de especialidades história antiga, literatura, mitologia, química, teologia, veterinária.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não são registrados contextos.

j) equivalente(s)?

Não são registrados de equivalentes.

k) formação da palavra?

Não são registradas informações sobre a formação de palavras.

l) indicação de pronúncia?

Não existem indicações de pronúncia.

m) origem e etimologia?

Não há registro sobre a origem e a etimologia dos lexemas.

n) divisão silábica?

A divisão silábica não é apresentada.

o) nomenclatura científica?

A nomenclatura científica não é registrada.

p) remissões úteis entre conceitos?

Quanto às remissões, na seção “como usar este dicionário”, acrescenta-se que “quando um termo é seguido de um número, significa que se está sugerindo que se busquem mais analogias no grupo que corresponde àquele número”. (AZEVEDO, 2010, p. xi). Assim sendo, as remissões são apresentadas por lexema acrescido de número classificatório para que o lexema possa ser localizado no verbete indicado. No verbete *orgulho*, por exemplo, as remissões apresentadas são “*vaidade* 880, *arrogância* 885”. O lexema *vaidade* está registrado em itálico, tendo em vista que esse lexema é cabeça de verbete. O lema do verbete cujo número classificatório é 885 é *insolência*. As remissões são abrangentes e não sabemos os critérios que motivaram a organização delas.

q) fontes?

Não são mencionadas as fontes das informações dos verbetes.

r) notas?

Não são redigidas notas nos verbetes.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não são apresentadas definições.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Como não são apresentadas definições, não é possível avaliar se a definição leva em conta o nível de discurso do usuário.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

De um lado, os pontos negativos da obra são: i) classificação incoerente com a categorização do mundo atual; ii) verbetes extensos sem explicitação dos critérios para estabelecer as analogias; iii) falta de informações mais detalhadas sobre a organização da obra; iv) ausência de lexicógrafos na equipe de elaboração da obra; v) registros de lexemas que, na sociedade atual, não mais análogos, de modo que faltou mais atualização e revisão na edição.

Por outro lado, o ponto positivo do dicionário em análise é a recolha minuciosa de lexemas afins que é admirável. Apesar de se ter o registro de várias palavras que não mais usadas, a recolha serve como um tesouro que pode ser usado para diversos fins, como para elaboração de palavras-cruzadas, poemas, músicas, tesouros documentários³², programas computacionais, entre outros.

Na época do mestrado, avaliamos a edição de 1950 da obra. Atualmente, ao avaliarmos a edição de 2010, identificamos que, embora a obra tenha sido atualizada e revista, há vários verbetes iguais aos da edição anterior. Assim sendo, podemos inferir que o agrupamento vasto de lexemas que é apresentado foi feito manualmente pelo autor, já que, em 1950, não se dispunha de ferramentas tecnológicas que pudessem otimizar essa recolha. Por isso, essa obra tem um mérito que deve ser reconhecido. Diante do que foi mencionado, recomendamos a edição e a publicação da obra, já que tal obra é uma publicação clássica da Lexicografia brasileira.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

O Brasil é o principal ponto de difusão da obra.

4.1.3 Avaliação de dicionário analógico: *Le nouveau Petit Robert*

Roteiro para avaliação de dicionários

³² Entendemos tesouro documentário como “vocabulário controlado que apresenta os termos de uma linguagem de especialidade de uma área do conhecimento, os quais são relacionados por equivalência, hierarquia e associação. Emprega a linguagem documentária para controlar os termos usados na indexação, de modo que traduz a linguagem natural dos usuários e indexadores para uma linguagem mais controlada. É utilizado por analistas de informação, indexadores, a fim de descrever um documento com especificidade e por pesquisadores que desejam recuperar informações. O tesouro documentário serve como um instrumento de representação do conhecimento em Sistemas de Recuperação da Informação” (OLIVEIRA, 2010, p. 177-178).

Título: *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*

Autor: Sociedade Dictionnaires Le Robert

Editora/ edição/ data: Le Robert/2010

Local de publicação: França

1. **Sobre o autor**

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Todos os chefes editoriais são reconhecidos na área de dicionarística. O dicionário foi constituído com base nas edições dos dicionários *Dictionnaire alphabétique et analogique* (1953), *Le Petit Robert* (1967), *Le Nouveau Petit Robert* (1993), de modo que o Nouveau Petit Robert é uma versão revisada e ampliada do *Petit Robert* e conhecido como *Grand Robert*.

A edição de 1953 foi chefiada por Paulo Robert. Alain Rey começou o trabalho de elaboração de dicionário após ler um anúncio de Paulo Robert que procurava linguista para elaborar dicionários. Assim, Alain Rey iniciou a confecção do dicionário *Dictionnaire alphabétique et analogique* em 1959. Durante esse trabalho, conheceu a Josette Rey-Debove com quem se casou.

A edição de 1993 foi chefiada por Alain Rey e Josette Rey-Debove. É válido acrescentarmos que, em 2009, ocorreu o Colóquio Internacional intitulado *Alain Rey ou le malin génie de la langue française* em homenagem a Alain Rey, que foi o sucessor de Paulo Robert. Esse colóquio foi organizado pelo *Laboratoire Linguistique, Didactique, Francophonie* (LiDiFra) da Universidade de Rouen, cujo professor responsável pela organização do evento foi François Gaudin.

Na edição de 2010, a chefe do projeto foi Marie-Hélène Drivaud, lexicógrafa e diretora editorial dos dicionários Le Robert. Os demais redatores dessa edição são, a saber: Sophie Chantreau, Laurence Laporte, Elisabeth Huault, Annick Dehais, Marie-José Brochard e Béatrice Lebeau-Bensa. Os colaboradores da versão eletrônica são Marianne Durand, direção editorial; Laurent Catach, responsável editorial; Bureau Van Dijk, editor do desenvolvimento eletrônico da obra; entre outros.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Na obra, não há menção a grupo de pesquisa. Contudo, Robert informa, no prefácio, que, para a elaboração do *Petit Robert*, foi formado um grupo de colaboradores permanentes. Ele destaca que

Alain Rey, que j'avais confié, dès 1959, le soin de remplir, auprès de moi, les fonctions de secrétaire général de la rédaction du Dictionnaire, fonctions entre toutes difficiles, qu'il a assumées avec une compétence telle qu'il devait, tout naturellement, affronter des responsabilités accrues dans l'élaboration du *Petit Robert* (ROBERT, 2010, p. VIII).³³

Sabemos que Alain Rey publicou várias obras relevantes para o desenvolvimento das disciplinas Terminologia, Lexicologia e Lexicografias, tais como: *La Lexicologie: Lectures*, *Le Lexique: images et modèles* (1977), *Noms et notions: la terminologie - Que sais-je?* (1979), entre outras. Josette Rey-Debove, por sua vez, foi professora de Lexicologia e de Semiologia da Universidade de Paris. Ela atuou também na escola de altos estudos em Ciências Sociais, publicou obras com conceitos relevantes para aplicação em Lexicologia e Lexicografia, como a obra *La Linguistique du signe: une approche sémiotique du langage et le Robert du français* (1998), por exemplo. No posfácio, Alain Rey esclarece que “Josette Rey-Debove s'avéra être une des grandes théoriciennes de la sémantique et du dictionnaire, qui contribua largement par l'innovations à l'originalité des ouvrages du ‘Robert’.”³⁴ (ROBERT, 2010, p. XXIII).

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Na obra, não há informação sobre a formação acadêmica da equipe. Quanto a isso, podemos acrescentar que Alain Rey e Josette Rey-Debove são linguistas franceses.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

A profissão exercida na época da publicação da obra em análise não foi mencionada na obra.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

³³ Tradução: Alain Rey, a quem confiei, desde 1959, o cuidado de assumir, ao meu lado, as funções de secretário geral da redação do Dicionário, funções difíceis, que ele assumiu com uma competência tal que ele tinha, naturalmente, que enfrentar as maiores responsabilidades na elaboração do *Petit Robert*.

³⁴ Tradução: Josette Rey-Debove mostrou ser uma das grandes teóricas da semântica e do dicionário, que contribuiu amplamente pelas inovações à originalidade das obras do ‘*Robert*’.

Com base na leitura das informações da seção “Variétés du Français”, podemos inferir que o objetivo da obra é “la description d’un français général, d’un français commun à l’ensemble de la francophonie, coloré par des usages particuliers, et seulement lorsque ces usages présentent un intérêt pour une majorité de locuteurs³⁵” (ROBERT, 2010, p. XV).

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Quanto ao público-alvo, no prefácio, Rey-Debove e Rey (2010, p. IX) informam que a obra “répond à la demande majoritaire des usagers du français.³⁶” Além disso, acrescentam que “le Petit Robert suscite un vif intérêt chez les lecteurs qui, à côté du bon usage garanti par les grands auteurs, retrouvaient leur emploi quotidien du français³⁷” (Id., Ibid.).

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Não há uma seção na macroestrutura que explique como a obra pode ser consultada na versão impressa. Contudo, se o consulente ler a macroestrutura, entenderá a estrutura de organização da obra. Na versão eletrônica, ao clicar no menu “aide”, encontramos a seção “Guide d’utilisation”, na qual são disponibilizadas informações detalhadas sobre como consultar a versão eletrônica da obra.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

O *corpus* da obra foi retirado das edições anteriores das obras *Le Petit Robert* e do *Nouveau Petit Robert*, além de terem sido acrescentadas informações pela equipe editorial da publicação em análise. Ademais, há lista de referências bibliográficas dos autores citados na obra.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

No prefácio escrito por Alain Rey e Josette Rey-Debove, eles esclarecem que as informações etimológicas foram melhoradas graças à exploração do *Französisches Etymologisches Wörterbuch* de W. Von Wartburg. Além disso, o *Dictionnaire Général*

³⁵ Tradução: a descrição de um francês geral, de um francês comum ao conjunto da francofonia, colorido pelos usos particulares, e somente quando esses usos apresentavam um interesse para uma maioria de locutores.

³⁶ Tradução: responde à demanda majoritária dos usuários do francês.

³⁷ Tradução: O Petit Robert suscitou um vivo interesse nos leitores que, ao lado do uso correto garantido pelos grandes autores, encontravam seu uso cotidiano do francês.

de Hatzfeld et Darmesteter (1900) foi usado para a apresentação das significações polissêmicas” (ROBERT, 2010, p. X).

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

A obra possui dois prefácios. O primeiro foi redigido pelo criador dos dicionário *Le Robert* que é o Paul Robert. O segundo foi escrito pelo Alain Rey e pela Josette Rey-Debove. A apresentação da obra é feita no prefácio que traz informações organizadas nas seções, a saber: *une langue bien vivante, un dictionnaire qui a une histoire, le dictionnaire de langue, les mots du dictionnaire, histoire et patrimoine, variétés du Français, évolution du lexique, les sens des mots*. Assim sendo, o prefácio apresenta informações essenciais para compor a macroestrutura. Diante disso, podemos afirmar que os dicionaristas da obra dominam os pressupostos teóricos da Lexicografia, bem como são pessoas reconhecidas na área de dicionarística.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

Como o público-alvo não foi bem delimitado, pressupomos que a obra se dirige a adultos. Logo, para esse público, a família tipográfica empregada é adequada, uma vez que o tipo e o tamanho da fonte são recursos gráficos apropriados por possibilitarem organização na microestrutura.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não há ilustrações na obra.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

A palavra entrada é registrada em caixa alta e em negrito. Há uso de símbolos antes do registro da etimologia e das analogias. Cada acepção é apresentada por meio de número arábico em negrito. O contexto é indicado por meio do uso das aspas e é destacado em itálico. Há outros recursos que são distribuídos de modo que a utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos geram equilíbrio visual da obra.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética. As analogias são apresentadas em ordem sistemática. Na microestrutura, as analogias são apresentadas por meio de remissões.

No prefácio, escrito por Robert, o autor informa que a inovação dessa obra “reside principalement dans l’enrichissement du cadre alphabétique par le jeu des associations d’idees³⁸” (ROBERT, 2010, p. VIII). Assim, no final de algumas acepções de verbetes, são acrescentados lexemas em negrito, antecedidos do símbolo →. Essa estrutura constitui as referências analógicas provindas das etimologias, das definições, das combinações sintáticas, das relação de sinonímia e de antonímia e do entrelaçamento lógico entre as palavras. “Le système analogique, largement exploité dans *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue Française* [...], permettait de trouver un mot oublié ou inconnu à partir d’un mot connu³⁹” (Id., Ibid., p. X).

Na seção *Les sens des mots*, há o esclarecimento de que as definições são complementadas por sinônimos e esclarecidas pelo contrário, sendo que “les expressions renvoient elles aussi à des mots qui sont leurs synonymes, appelés analogies (fonction onomasiologique); synonymes et analogies développent un champ de significations⁴⁰” (Id., Ibid., p. XX).

Na parte de apresentação da equipe editorial, indica-se que o Brigitte Vienne é a profissional responsável pelas referências analógicas. Ao pesquisarmos informações sobre essa profissional, descobrimos que ela possui pós-graduação em psicologia clínica, graduação em psicologia, tem formação na área de Programação Neuro-Linguística (PNL). Ela trabalha com atendimento de pacientes e oferece tratamentos psicoterapêuticos⁴¹. Na apresentação da versão eletrônica, os autores informam que

le Petit Robert est un très riche dictionnaire analogique, avec un réseau de plus de 150 000 renvois. Ceux-ci permettent de renvoyer d’un mot à d’autres mots du dictionnaire ayant un sens ou un emploi comparable, des synonymes ou bien des mots moins connus⁴² (ROBERT, 2010).

³⁸ Tradução: se encontra principalmente em enriquecer a parte alfabética pelo jogo de associações de ideias.

³⁹ Tradução: O sistema analógico, amplamente explorado no *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue Française* [...], permitia que uma palavra esquecida ou desconhecida fosse encontrada a partir de uma palavra conhecida.

⁴⁰ Tradução: as expressões remetem também às palavras que são seus sinônimos, chamadas analogias (função onomasiológica); sinônimos e analogias desenvolvem um campo de significações.

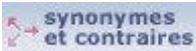
⁴¹ Essas informações foram retiradas do site <http://www.psychologue.net/cabinets/brigitte-vienne-au-centre-de-soi>.

⁴² Tradução: o Petit Robert é um dicionário analógico muito rico, com uma rede de mais de 150.000 remissões. Estas permitem remeter de uma palavra a outras palavras do dicionário que tenham um sentido ou um emprego comparável, que sejam sinônimos ou ainda palavras menos conhecidas.

No dicionário eletrônico, ao clicarmos no menu *synonymes et contraires*, a lista de analogia é apresentada. Como exemplo disso, ao consultarmos no verbete *vêtement*, são disponibilizados os lexemas, a saber:

vêtement [vɛtmɑ̃] **nom masculin**
 → **équipement, garde-robe, habillement.**
 → **costume, habillement, habit, mise, tenue, toilette;** fam. **fringue, frusques, nippe**, 3. **sape**; région. **linge**; vx **ajustement.**
 → **affaires, effets, garde-robe.**
 (→ **accoutrement, affublement**).
 (→ **uniforme**),
 (→ **guenille, haillon**).
 (→ **bleu**),
 (→ **habit, smoking**),
 (→ **tenue**).
 → **s'habiller, se vêtir.**
 → **fripe.**
 → **penderie; vestiaire.**
 → 2. **complet, 2. ensemble, habit, tailleur.**
 → **layette.**
 → **boubou, burnous, djellaba, gandoura, haïk, kimono, obi, pagne, paréo, poncho, sari.**
 → 2. **aube, chasuble, soutane, surplis.**
 (→ **bonneterie, confection, couture, 1. mode; tailleur...**).
 → **enveloppe, manteau, parure.**

Figura 32: Analogia do verbete *vêtement* do *Le nouveau Petit Robert* (2010).
 Fonte: (ROBERT, 2010)

Ao consultar cada um dos verbetes que apresentam esses lexemas, identificamos que são todos da área de vestimenta. O clique no menu  é uma opção para ver as analogias.

Outra possibilidade de consulta das analogias é no corpo do verbete, por meio de links destacados na cor roxa, antecedidos do símbolo flecha, conforme pode ser verificado no verbete *vêtement* subsequente:

vêtement [vetmã] **nom masculin**

ETYM. *vestment* XI^e ◇ de *vêtir*, d'après le latin *vestmentum*

Famille étymologique ⇒  **vêtir**.

I. CE QUI COUVRE, PARE, PROTEGE LE CORPS

A. Didact. LE VETEMENT Ensemble des objets fabriqués pour couvrir le corps humain, le cacher, le protéger, le parer (coiffure, chaussures, linge, habits et accessoires). → **équipement, garde-robe, habillement**. « *une petite robe de laine, un tablier, une brassière de futaine, un jupon, un fichu, des bas de laine, des souliers, un vêtement complet pour une fille de huit ans* » (**Hugo**).

B. Cour. LES VETEMENTS Ensemble des objets servant à couvrir le corps humain; habillement (comprenant le linge mais non les chaussures); spécialt les vêtements de dessus (opposé à *sous-vêtements*). → **costume, habillement, habit, mise, tenue, toilette**; fam. **fringue, frusques, nippe, 3. sape**; région. **linge**; vx **ajustement**. *Les vêtements de qq.* → **affaires, effets, garde-robe**. *Vêtements d'homme, de femme, unisexes. Vêtements ridicules* (→ **accoutrement, affublement**). *Vêtements militaires* (→ **uniforme**), *civils. Laver, nettoyer, raccommoder des vêtements. Deux petits garçons « empêtrés dans leurs vêtements raides »* (**Camus**). *Vêtements neufs, usés, en loques* (→ **guenille, haillon**). *Vêtements de travail* (→ **bleu**), *de tous les jours, du dimanche. Vêtements habillés, de soirée* (→ **habit, smoking**), *de ville, de sport, de ski* (→ **tenue**). *Vêtements de grossesse. Des vêtements légers, chauds, d'hiver, d'été. Vêtements à la mode, démodés. Vêtements de créateurs. Porter tel genre de vêtements. Mettre ses vêtements.* → **s'habiller, se vêtir**. *Vêtements d'occasion.* → **fripe**. *Placard à vêtements.* → **penderie; vestiaire**. « *Nos vêtements sont langage, mais c'est un langage surajouté au corps et second par rapport à leur fonction utilitaire* » (**Tournier**). *Principaux vêtements* : bas, blouse, blouson, body, bustier, caleçon, cape, caraco, châle, chandail, chapeau, chaussettes, chemise, chemisier, collant, combinaison, corsage, corset, culotte, débardeur, déshabillé, écharpe, gant, gilet, imperméable, jaquette, jogging, jupe*, jupe-culotte, kilt, liquette, maillot, manteau*, paletot, pantalon*, pardessus, parka, peignoir, polo, porte-jarretelle, pull-over, pyjama, robe, salopette, short, slip, socquettes, soutien-gorge, survêtement, sweat-shirt, tablier, teeshirt, tricot, veste*, veston. *Vêtements assortis.* → **2. complet, 2. ensemble, habit, tailleur**. *Vêtements de bébé.* → **layette**.

▫ *Vêtements portés dans d'autres pays.* → **boubou, burnous, djellaba, gandoura, haïk, kimono, obi, pagne, paréo, poncho, sari**. *Vêtements sacerdotaux.* → **2. aube, chasuble, soutane, surplis**.

◆ (1937) **LE VETEMENT** (sing. collect.) : les vêtements. *Fabrication, industrie, commerce du vêtement* (→ **bonneterie, confection, couture, 1. mode; tailleur...**). *Il travaille dans le vêtement*.

C. Veilli UN VETEMENT Une pièce de l'habillement de dessus (spécialt manteau, veste). *Un vêtement de demi-saison. Donnez-moi votre vêtement*.

II. CE QUI COUVRE, CACHE, PARE, PROTEGE (QQCH.) → **enveloppe, manteau, parure**. « *La forme n'est pas une sorte de [...] vêtement plastique d'une pensée* » (**R. Huyghe**). « *La grâce est le vêtement naturel de la beauté* » (**Joubert**).

Figura 33: Verbete *vêtement* do *Le nouveau Petit Robert* (2010).

Fonte: (ROBERT, 2010)

No verbete *vêtement*, a analogia não é abrangente, já que todas as remissões direcionam o consultante a verbetes relacionados conceitualmente à palavra-entrada. Na consulta ao verbete *transport*, são encontrados os lexemas subsequentes:

transport [trãspɔʁ] **nom masculin**

- (→ **portage**).
- **circulation**.
- (→ **factage**),
- (→ 2. **poste**).
- (→ **ferroutage**).
- (→ **messagerie**).
- **camionnage**.
- **batellerie, navigation**.
- **tramping**.
- **transporteur, voiturier**.
- **fret, 2. port**.
- (→ 1. **méto**).
- **communication**.
- **mouvement**.
- (→ aussi **portable**).
- **agitation, 1. élan, enthousiasme, exaltation, ivresse**.
- **emportement**.

Figura 34: Analogia no verbete *transport* do *Le nouveau Petit Robert* (2010).
 Fonte: (ROBERT, 2010)

Para visualizar essas remissões no contexto, basta visualizar o verbete *transport*:

transport [trãspɔʁ] **nom masculin**

ETYM. début XIV^e ◊ de *transporter*

Famille étymologique ⇒  **porter**.

I. FAIT DE FAIRE CHANGER DE PLACE**A. FAIT DE DEPLACER DES ETRES OU DES CHOSES**

1. (1538) Fait de porter pour faire parvenir en un autre lieu; manière de déplacer ou de faire parvenir par un procédé particulier. *Transport d'un colis, d'une marchandise... Transport à la main, à dos d'homme (→ portage). Transport par bêtes de somme.*

▫ *Transport d'un blessé sur un brancard, en ambulance.*

◆ Déplacement (de choses, de personnes) sur une assez longue distance et par des moyens spéciaux (le plus souvent par un intermédiaire), ou à des fins commerciales, économiques. → **circulation**. *Transport de marchandises (→ factage), de lettres (→ 2. poste). Transport de fonds. Marchandises détériorées pendant le transport.*

▫ *Transport des voyageurs. Avoir deux heures de transport tous les jours. Titre* de transport. « Le père et la mère avaient des cartes de transport gratuit à cause de leurs nombreux enfants » (Duras).*

▫ *Transports par terre, par voie de terre; par chemin de fer, par route (→ ferroutage). Transport intermodal*. Transport à petite, à grande vitesse (→ messagerie). Transport express.*

▫ *Transports automobiles (par camion, autobus, car...). → camionnage.*

▫ *Transport par voie d'eau. → batellerie, navigation. Transport maritime à la demande. → tramping. Transport par avion, par hélicoptère.*

▫ *Matériel de transport et de manutention* : matériel roulant, navigant et aérien; ensemble des dispositifs servant à déplacer marchandises et voyageurs. *Moyen de transport* : matériel utilisé pour transporter les marchandises ou les personnes (véhicules, avions, navires, conteneurs).

▫ *Entreprise, entrepreneur de transports. → transporteur, voiturier. Transport exécuté par le transitaire* pour le compte du chargeur*. Frais de transport. → fret, 2. port.*

▫ *Transports en commun* : transport des voyageurs dans des véhicules publics. *Utiliser, prendre les transports en commun. Transports urbains, métropolitains (→ 1. méto). Régie* autonome des transports parisiens (R. A. T. P.).*

◆ *Les transports* : ensemble des moyens employés pour transporter les marchandises et les personnes.

→ **communication**. *Développement des transports aériens, routiers. Difficultés des transports en région*

parisienne. *Le mal des transports.*

◆ *Transport du gaz, du courant électrique.*

2. (1560) **Sc.** Fait de déplacer ou d'être déplacé, par une cause naturelle. → **mouvement.** *Transport de masse, de chaleur, de quantité de mouvement.*

◆ (XVII^e) **Cour.** *Transport au cerveau* : congestion cérébrale.

B. EN DROIT

1. **Cession** (d'un droit, d'une créance). « *L'endossement opère le transport* » (CODE COMMERCIAL).

2. (1668) Fait de se transporter sur les lieux, pour procéder à une mesure d'instruction (*transport de justice*). *Transport sur les lieux* : constatations, saisies, reconstitutions opérées par le procureur, le juge d'instruction, en matière répressive.

3. **Inform.** Utilisation (d'un logiciel) sur une autre machine que celle pour laquelle il a été conçu (→ aussi **portable**). *Transport d'un logiciel de C. A. O.*

C. **CE QUI SERT A TRANSPORTER** (1787) Ce qui sert à transporter des marchandises, des voyageurs (navire; voitures). *Un transport de troupes.* « *Le transport continuait sa route à travers l'océan Indien* » (Loti).

II. Littér. FAIT D'AGITER PAR UN SENTIMENT VIOLENT

1. (1604) Vive émotion, sentiment passionné (qui émeut, entraîne); état de la personne qui l'éprouve. → **agitation, 1. élan, enthousiasme, exaltation, ivresse.** « *L'orateur est celui qui sait se mettre à volonté dans un état de transport, et le poète aussi* » (Claudel). *Transports de colère.* → **emportement.** *Transports de joie.* « *La vue de la campagne sembla nouvelle à madame de Rênal; son admiration allait jusqu'aux transports* » (Stendhal).

▫ *Transports amoureux* : ivresse sentimentale ou sensuelle.

2. **Vx ou littér.** **Manifestation de passion.** « *Si la main était nue [...] Marie, au passage, en baisait le bout des doigts devant les passants qui s'étonnaient de ce transport* » (Jouhandeau).

Figura 35: Verbetes *transport* do *Le nouveau Petit Robert* (2010).

Fonte: (ROBERT, 2010)

Observamos que os lexemas *agitation, enthousiasme, exaltation, ivresse* não tem relação direta com o campo conceitual transporte, logo há distanciamento do conceito e falta a identificação explícita da relação desses lexemas com a área transporte. Os demais lexemas desse verbete possuem relação facilmente identificável com essa área. Assim sendo, concluímos que as analogias são feitas ora pela sinonímia, ora por outra relação semântica. No entanto, como lexemas analógicos são distantes do significado da palavra-entrada e nem são antônimos, não se sabe como são postuladas as analogias.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

A obra é monolíngue, composta por a nomenclatura com mais de 60.000 palavras.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

A obra está disponível nos formatos impresso e informatizado. O formato impresso possui uma encadernação resistente e possibilita o manuseio com facilidade. Como o dicionário é volumoso, poderia ter as dedeiras. O formato informatizado é feito por meio de hiperlink, o que facilita os percursos que o usuário pode fazer entre os verbetes. Além disso, nesse formato, é possível realizar pesquisa reversa, de modo que

no menu *recherche*, ao clicar em *recherche par critères*, abre-se uma caixa de diálogo que está dividida em 5 categorias: *Entrées*, *Phonétique*, *Étymologie*, *Citations et Texte intégral*. Assim sendo, é possível escolher mais de um critério nas pesquisas. Um exemplo da aplicação desse tipo de pesquisa pode ser verificado quando se escolhe o critério *texte intégral*, aparece a tela a seguir:

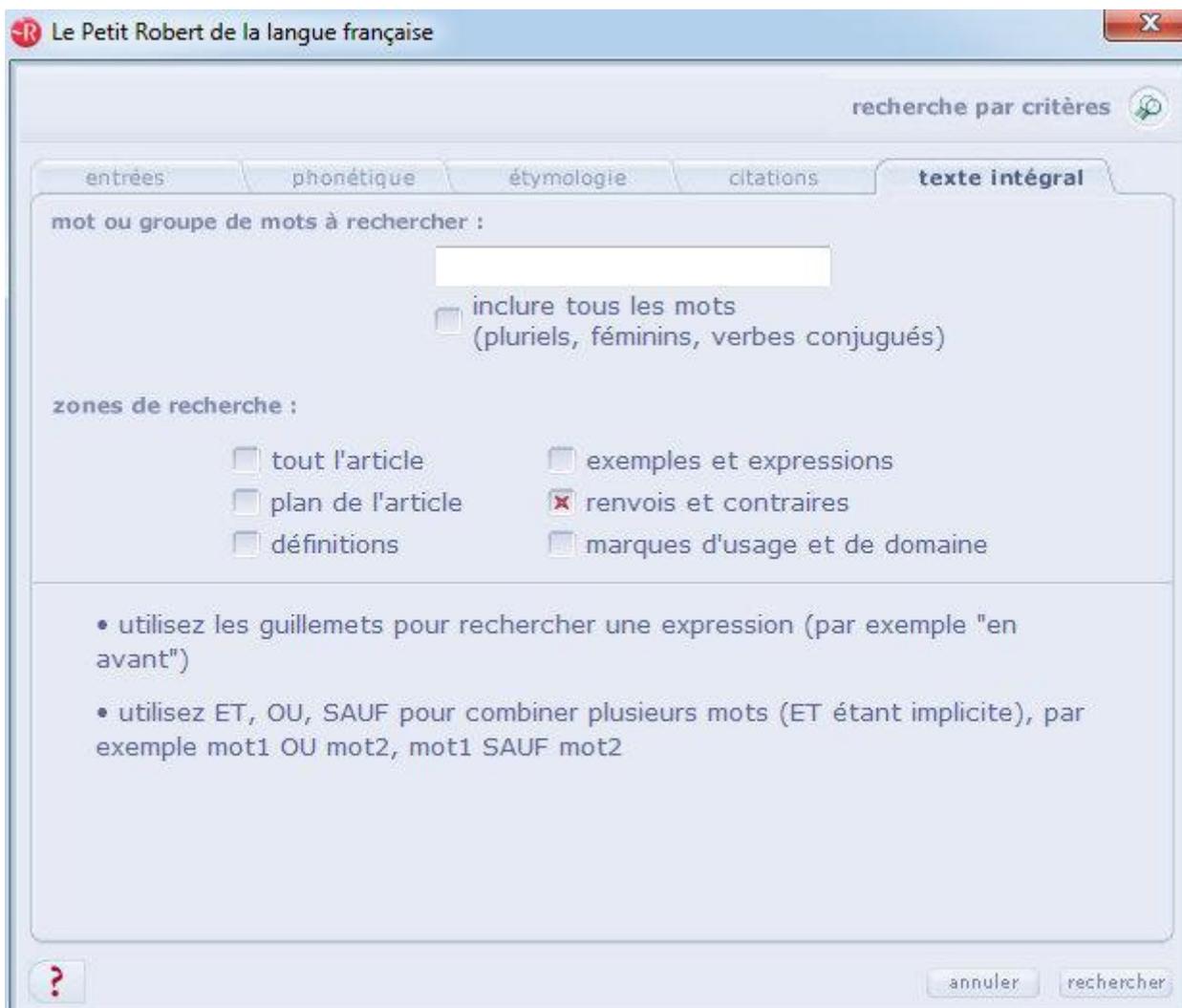


Figura 36: A pesquisa reversa no *Le nouveau Petit Robert* (2010).
Fonte: (ROBERT, 2010).

Se, nesta tela, digitarmos a palavra *vêtement* no campo *mot ou groupe de mot à rechercher*, em seguida, selecionarmos o critério *renvois et contraires* e clicarmos em *rechercher*, o resultado será:

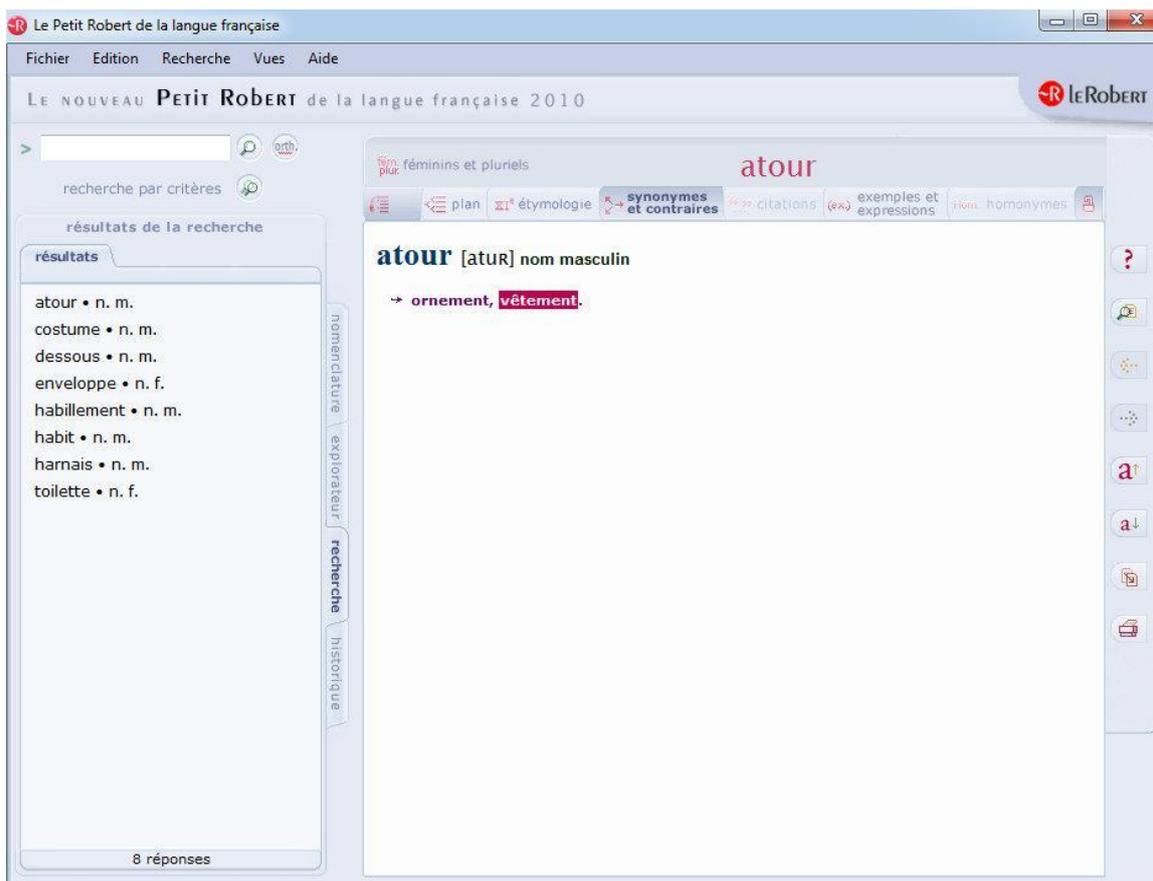


Figura 37: Resultado da pesquisa reversa do lexema *vêtement* no *Le nouveau Petit Robert* (2010).
Fonte: (ROBERT, 2010)

Como resultado, são indicadas 8 palavras-entrada, nas quais aparecem a referência cruzada *vêtement* que é registrada com destaque de realce na cor rosa choque. Desse modo, com base nesse resultado, é possível criar o campo associativo do lexema *vêtement*, visto que os lexemas *atour*, *costume*, *dessous*, *enveloppe*, *habillement*, *habit*, *harnais*, *toilette* estão, por analogia, relacionados à *vêtement*.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

A obra vem acompanhada de CD-ROM que possui o dicionário em formato informatizado, acrescido de vários recursos tecnológicos que enriquecem a consulta do usuário, como o uso de *hiperlinks*, indicação do som da pronúncia, conjugador de verbo, entre outros.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

A obra vem dentro de uma caixa e o livro possui uma capa de plástico, além de a capa ser coberta com tecido. Essas características garantem a durabilidade do livro.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Na seção “tableau des termes, signes conventionnels et abréviations du dictionnaire”, o sistema de abreviações e de símbolos são descritos. Na obra, esse sistema aparece corretamente no corpo do texto.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

A obra vem sendo aprimorada ao longo dos anos, sendo que, a cada ano, nova edição é publicada. Na Lexicografia, essa obra é renomada, uma vez que a editora Le Petit Robert é uma das pioneiras na elaboração de dicionário, com uma metodologia eficiente. No posfácio, há informação de que é a quadragésima edição da obra.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas?

As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos e palavras derivadas. Há marcas de usos que apresentam variantes da linguagem oral e escrita. Existem os registros dos regionalismos e o respectivo lugar onde são empregados, o que é relevante, pois, como são vários países que empregam a língua francesa, é necessário indicar as variantes regionais para que o consulente possa entender a diversidade da língua. Para palavras que são usadas tipicamente em determinado país, há indicação desse país. Um exemplo disso pode ser visualizado no verbete *avionnerie* que apresenta a marca de uso, indicando que é um termo canadense:

<p>avionnerie [avjɔnʁi] nom féminin ETYM. 1890 ◊ mot <u>canadien</u>, de <i>avion</i>, d'après <i>aciérie</i>, <i>armurerie</i>, etc. ❖ ■ (Canada) Usine de constructions aéronautiques.</p>

Figura 38: Verbetes *avionnerie* do *Le nouveau Petit Robert* (2010).
Fonte: (ROBERT, 2010)

Alain Rey informa, no posfácio, que, com relação à derivação, nos verbetes cujas palavras servem de base para formação de outras, há indicação das formas derivadas. Os termos de áreas de especialidades também são lexicografados na obra. Na seção *Évolution du lexique*, os dicionaristas informam a existência do registro de neologismo, reconhecendo que a língua francesa possui o caráter criativo por meio da criação de palavras com base em novos modelos e não só por meio de empréstimos do inglês. Os neologismos são apresentados por meio de marca de uso. Assim sendo, há representatividade do léxico da língua francesa de diferentes regiões, níveis da linguagem e domínios do saber.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?

Há entradas que se referem às áreas de especialidade, tais como: aeronáutica, agronomia, biologia, etnografia, geologia, linguística, mineralogia, entre outras.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

A categoria gramatical está registrada no verbete por meio de abreviatura.

b) gênero?

O gênero está registrado no verbete por meio de abreviatura.

c) sinonímia?

Na obra, os sinônimos são analogias.

d) variante(s) da entrada?

A variante é outra forma autorizada de escrever com ou sem diferença de pronúncia, mas sem mudança de afixo, sem abreviatura e abreviação. Se as formas das variantes são co-ocorrentes, a entrada possui as duas formas. Caso uma forma seja mais usada atualmente do que outra com a mesma pronúncia, a forma menos usada será acompanhada da abreviatura var. Se a variante é rara, o lexicógrafo informa como se fosse uma nota. Um exemplo disso pode ser observado no verbete *eucologe* em que a variante é indicada por meio do enunciado “On écrit parfois *euchologe*.”

e) variante(s) da definição?

Não foi localizada variante de definição.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não é mencionada na obra a distinção entre homonímia e polissemia. Ao ler a lista de símbolos e abreviaturas, notamos que a abreviatura hom. antecedida de um símbolo serve para indicar a homonímia. Além disso, quando há os números 1 ou 2 antes de uma entrada, refere-se à forma homógrafa de outro lexema.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Há sistema de marca de uso com o registro do nível da linguagem com base nos estudos da sociolinguística. As variantes atribuídas devido ao nível da linguagem são apresentadas por meio das marcas de uso para que o consulente saiba quando a palavra é adequada à linguagem escrita ou oral. Na apresentação da obra, os autores ressaltam que “il faut en distinguer les usages qui constituent des véritables signaux d'appartenance sociale comme argot ou populaire (réservé aux emplois qui dénotent

une scolarisation insuffisante dans certains milieux sociaux défavorisés)⁴³” (ROBERT, 2010, p. XVI). Há outras rubricas como vulgar, pejorativo. Para saber todas marcas de uso, é necessário ler a lista de abreviaturas. Na versão eletrônica, há explicações sobre essas marcas, informando que, ao passar o mouse sobre uma dessas marcas, uma pequena janela é aberta, abaixo do ponteiro, para explanar o significado da marca. Como exemplo, inserimos a seguir a caixa de diálogo que aparece para as marcas de uso *figurado* e *regionalismo*, respectivamente:

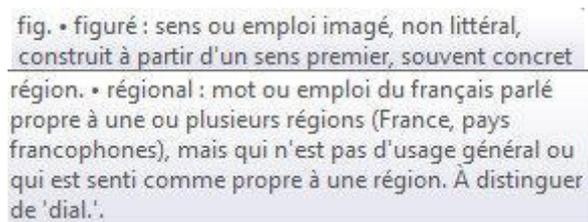


fig. • figuré : sens ou emploi imagé, non littéral, construit à partir d'un sens premier, souvent concret
 région. • régional : mot ou emploi du français parlé propre à une ou plusieurs régions (France, pays francophones), mais qui n'est pas d'usage général ou qui est senti comme propre à une région. À distinguer de 'dial.'.

Figura 39: Explicação sobre as marcas de uso figurado e regionalismo no *Le nouveau Petit Robert* (2010).
 Fonte: (ROBERT, 2010)

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

No que diz respeito à terminologia na obra, os autores esclarecem que certos termos que não estão em uso na língua comum do falante aparecem antecedidos de abreviaturas que indicam o domínio a que pertence os termos. Assim, a obra registra as terminologias. Os profissionais responsáveis pela terminologia na obra são: Jean Aboudarham, Maurice Cosandey, Hervé Durand, Charles Haas, Sylvie e Jean-Baptiste Vercken, Gérard Soulier e Jean-Claude Tanguy.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Os exemplos são uma frase ou um trecho da frase que são produzidos pelos lexicógrafos ou são citações de autores com suas respectivas fontes. O objetivo dos contextos é “montrer le mot en action, sa place dans la phrase, sa morphologie (formes conjuguées de verbes, formes au féminin et au pluriel), montrer que le sens du mot est bien compatible avec la définition⁴⁴” (ROBERT, 2010, p. XXI). Há abonação tanto de jornais quanto de obras literárias. Na versão eletrônicas, informa-se que o dicionário possui 35.000 citações de mais de 1.200 autores. Essas citações servem para ilustrar a utilização de uma palavra e aparecem em itálico, seguidas pela referência bibliográfica.

⁴³ Tradução: é preciso distinguir os usos que constituem verdadeiros sinais de pertencimento social como gíria ou popular (reservado aos empregos que denotam uma escolarização insuficiente em certos meios sociais desfavorecidos).

⁴⁴ Tradução: mostrar a palavra em ação, seu lugar na frase, sua Morfologia (formas conjugadas de verbos, formas no feminino e no plural), mostrar que o sentido da palavra é bem compatível com a definição.

As citações são a maioria das obras de autores franceses e francofônicas. Ademais, cita a imprensa (Le Monde, Libération, entre outros), as obras de literatura, as obras famosas (a bíblia, o código civil, entrou outros), bem como os roteiros de filmes. Na versão eletrônica, as referências das citações contêm *hiperlinks* que podem ser usados para acessar informações detalhadas sobre os autores citados. Se o consulente clicar em uma referência de citação, uma nova janela será exibida com as informações sobre o autor. Há citações que podem ser pronunciadas ao clicar no ícone. As citações com essa opção são antecedidas do ícone de pronúncia. Como exemplo disso, no verbete *joie*, há a citação “Le bien-être est acceptable, la joie est noble, le plaisir est suspect (H. Laborit)⁴⁵”. Essa abonação serve para mostrar a construção sintática, mas não contribui para a compreensão do significado da palavra-entrada. Se clicarmos no nome do autor, que é a informação entre parêntesis, abrirá a tela a seguir:



Figura 40: Informação sobre nomes próprios no *Le nouveau Petit Robert* (2010).
Fonte: (ROBERT, 2010)

⁴⁵Tradução: O bem-estar é aceitável, a alegria é nobre, o prazer é suspeito.

Na caixa de diálogo, é registrada a data de nascimento e de morte do autor e as principais informações do currículo dele. É possível copiar ou imprimir o texto da caixa de diálogo.

Encontra-se um dicionário dos autores citados na obra. Esse dicionário é acessível por meio de *hiperlinks* dentro do texto do verbete, sendo que 830 dessas entradas são do dicionário de nomes próprios *Petit Robert des noms propres*. No caso de autores que não fazem parte do *corpus* desse dicionário, constituindo cerca de 380 referências, a obra lexicográfica em análise oferece informações concisas sobre as principais obras dos autores citados.

j) equivalente(s)?

Como o dicionário é monolíngue, não há apresentação de equivalente.

k) formação da palavra?

Na macroestrutura, os dicionaristas explicam como se formam as palavras compostas, a fim de esclarecer o funcionamento da Morfologia lexical do francês para que o consulente entenda como se constituem os neologismos.

l) indicação de pronúncia?

A pronúncia de cada palavra, transcrita com base no Alfabético Fonético Internacional (API), é registrada entre colchetes. Na apresentação da obra, os autores ressaltam que a indicação das pronúncias pode contribuir para o uso do dicionário pelos aprendizes de francês como língua estrangeira. Na macroestrutura, há a seção “Principes de la transcription phonétique”, na qual são apresentados os símbolos fonéticos e as palavras para ilustrar cada letra do alfabeto fonético internacional. Essa seção faz com que o falante sem domínio dos símbolos fonéticos do API possam entender a pronúncia de cada transcrição fonética. Além disso, há também a seção “la transcription phonétique” que apresenta explicações sobre a pronúncia. Além disso, na versão analógica, algumas palavras são antecedidas do ícone que tem o formato de um megafone. Ao clicar nesse item, a caixa de diálogo pronúncia é aberta e o som é emitido. Esse recurso é benéfico para a obra, já que o consulente tem a possibilidade de ouvir os sons da língua. Para aprendizes de francês como língua estrangeira, o uso do recurso pode contribuir para tornar o consulente proficiente na modalidade oral.

m) origem e etimologia?

As etimologias apresentam uma data (ou uma época, um século) da primeira ocorrência da palavra em um texto. A forma antiga é mencionada com o significado

mais arcaico da palavra, se a forma atual for muito diferente do significado. O étimo é dado, buscando oferecer o significado da palavra na origem, no caso do francês retoma ao latim, ao grego ou a outra língua. As informações etimológicas foram retiradas da obra de Walther von Wartburg, do Grand Robert (1985, 2003), do *Trésor de la langue française* (1971-1994) e do *Dictionnaire historique de la langue française* (Le Robert, 1992). Quando a palavra passou a ter um significado diferente em uma data distinta da primeira ocorrência, há registro dessa etimologia na obra. Marie-José Brochard e Édith Lançon são especialistas consultadas para resolver problemáticas de etimológicas.

n) divisão silábica?

A divisão silábica não é registrada na obra.

o) nomenclatura científica?

Não foram localizadas nomenclatura científica.

p) remissões úteis entre conceitos?

Na versão eletrônica, as remissões são construídas por meio de *hiperlinks*, o que otimiza a consulta, pois o usuário pode percorrer rapidamente vários verbetes. As remissões são usadas para apresentar referências analógicas, referências aos contrários e aos homônimos e remissões para nomenclatura. As referências analógicas aparecem antecedidas do símbolo → e seguidas de palavras destacadas em negrito e itálico. As analogias são apresentadas em forma de remissões que servem para complementar o significado da entrada. No entanto, há analogias que são abrangentes em excesso, de modo que a palavra remetida tem significado distante da palavra entrada. As referências aos contrários e aos homônimos são registradas antecedidas das respectivas abreviaturas CONTR. e HOM, localizadas no final do verbete e antecedidas do símbolo ■. Não há informação sobre as remissões para nomenclatura.

p) fontes?

Existem fontes explicitadas no caso de contextos que são citações de outros autores.

q) notas?

Quando o símbolo asterisco depois de uma palavra, serve para acrescentar uma informação complementar.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Os autores informam que “en ce qui concerne les définitions, nous les voulions plus précises et plus fines que partout ailleurs, à une époque où la linguistique pure

souhaitait expliquer le lexique par la syntaxe.⁴⁶” (REY-DEBOVE & REY, 2010, p. X). Assim sendo, existe preocupação do lexicógrafo com a precisão das definições. Para introduzir as definições, são utilizados símbolos. As acepções são feitas em agrupamento de significados relacionados divididos com base em uma hierarquia definida pelos dicionaristas. As divisões são introduzidas por algarismos romanos, letras do alfabeto e algarismos arábicos. Os algarismos romanos indicam as principais articulações do artigo e incluem significados relacionados ou formas semelhantes. As letras do alfabeto são subdivisões dos significados registrados por meio de algarismos romanos. Os algarismos arábicos, por sua vez, servem para indicar diferentes sentidos.

Como exemplo da forma de organização do significado no verbete, podemos observar o verbete *fruit*, no qual o agrupamento I registra o significado “produit naturel comestible”. Nesse agrupamento, insere-se o significado “produit de la terre ou de la mer”, introduzido pela letra A. Em seguida, encontramos as acepções indicadas por meio de números arábicos, a saber: “1. (Au plur.) Vx ou littér. Produits de la terre en général, qui servent à la nourriture des êtres humains, des animaux. 2. (fin xviii^e ◊ traduction de l'italien *frutti di mare*) Loc. cour. Fruits de mer : animaux marins comestibles à l'exclusion des poissons.” Para o significado “production végétale”, introduzido pela letra B, há as acepções indicadas por meio de números arábicos, a saber: “1. (fin xii^e) Production des plantes apparaissant après la fleur; bot. Ovaire développé de la fleur des plantes phanérogames qui contient et protège les ovules devenus graines. 2. Cour. Fruit (B, 1^o) comestible, lorsqu'il est sucré, que l'on consomme généralement au dessert, parfois comme accompagnement (canard à l'orange, porc aux pruneaux, dinde aux marrons, etc.). 3. Loc. Le fruit défendu : fruit de l'arbre de la science du bien et du mal que Dieu avait défendu à Adam et Ève de manger”, conforme pode ser visualizado no recorte do trecho do verbete representado na figura subsequente:

⁴⁶ Tradução: no que diz respeito às definições, nós queríamos que fossem mais precisas e mais finas do que são por toda parte, numa época em que a linguística pura queria explicar o léxico pela sintaxe.

fém. plur. féminins et pluriels **fruit** prononcer

plan XI^e étymologie synonymes et contraires citations exemples et expressions hom. homonymes

I. PRODUIT NATUREL COMESTIBLE

A. PRODUIT DE LA TERRE OU DE LA MER

- 1.** (Au plur.) Vx ou littér. Produits de la terre en général, qui servent à la nourriture des êtres humains, des animaux.
- 2.** (fin XVIII^e ◇ traduction de l'italien *frutti di mare*) Loc. cour. **FRUITS DE MER** : animaux marins comestibles à l'exclusion des poissons.

B. PRODUCTION VÉGÉTALE

- 1.** (fin XII^e) Production des plantes apparaissant après la fleur; bot. Ovaire développé de la fleur des plantes phanérogames qui contient et protège les ovules devenus graines.
- 2.** Cour. Fruit (B, 1^o) comestible, lorsqu'il est sucré, que l'on consomme généralement au dessert, parfois comme accompagnement (canard à l'orange, porc aux pruneaux, dinde aux marrons, etc.).
- 3.** Loc. **LE FRUIT DÉFENDU** : fruit de l'arbre de la science du bien et du mal que Dieu avait défendu à Adam et Ève de manger.

Figura 41: Verbetes *fruit* do *Le nouveau Petit Robert* (2010).
 Fonte: (ROBERT, 2010)

Como o dicionário pode ser utilizado por um público diversificado e como a obra é um dicionário padrão, faz-se necessário registrar os significados das palavra de modo completo. Destarte, a forma como as acepções são organizadas facilita a compreensão do significado, posto que os significados próximos são registrados no mesmo agrupamento.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Como o usuário não está bem delimitado na obra, não é possível avaliar precisamente se a definição leva em conta o nível de discurso do usuário. Contudo, percebemos que o nível de discurso é direcionado a adultos.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Recomenda-se a edição e a publicação da obra, já que a representatividade da nomenclatura contempla a diversidade e a complexidade do léxico da língua francesa. Essa obra faz parte da história da Lexicografia francesa. Alain Rey ressalta que o Petit Robert transforma “une petit maison d’édition en l’un des grands artisans éditoriaux de l’illustration et de la diffusion du français, au centre d’une constellation d’ouvrages⁴⁷” (ROBERT, 2010, p. XXIII).

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A obra tem difusão mundial, uma vez que, na página www.lerobert.com/, é possível adquiri-la. No Brasil, por exemplo, é possível comprar o dicionário mediante encomenda a livrarias.

4.1.4 Avaliação de dicionário analógico: Le Dictionnaire des Analogies

Roteiro para avaliação de dicionários

Título: *Le dictionnaire des analogies*

Autor: Daniel Péchoin

Editora/ edição/ data: Larousse/2ª edição/2009

Local de publicação: Paris

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Daniel Péchoin elaborou o *Thésaurus: des idées aux mots, des mots aux idées* (1999, 2001) que possui a estrutura semelhante ao dicionário de analogia. Além disso, foi um dos autores das obras *Dictionnaire des difficultés du Français* (2001) e *Dictionnaire Encyclopedique Du Livre* (2002). Assim sendo, podemos inferir que o autor é um dicionarista.

⁴⁷ Tradução: uma pequena editora em um dos grandes artesãos editoriais da ilustração e da difusão do francês, rodeado por uma constelação de obras.

Não há informações sobre o autor e nem sobre a equipe da editoração. Menciona-se os profissionais que trabalham na obra. O diretor da edição é Frédéric Haboury, a redação e edição foi feita por Bruno Durand com a colaboração de Anne Françoise Robinson e Christine Ouvrard.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não há informação que esclareça se o autor fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

A formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa não é registrada na obra.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

A profissão exercida pelo autor na época da publicação da obra em análise não é mencionada.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

No prefácio, são definidos os objetivos seguintes para a obra: “Sur le plan linguistique, un dictionnaire des analogies vise à mettre en relation les mots appartenant au même champ sémantique (PECHOIN, 2009, p. VI)⁴⁸”

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

O autor menciona que o conteúdo da obra se dirige a todos os usuários da língua francesa, aos professores, aos estudantes, aos profissionais da comunicação (jornalistas, redatores, publicitários), aos amantes da língua e da sua riqueza, a todos que amam chamar as coisas pelo nome, evitando a repetição.

c) *as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?*

Na seção “mode d’emploi”, explica-se como se deu a organização dos verbetes, de modo que há um verbete com explicações para ilustrar os elementos constituintes da microestrutura.

d) *referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?*

Não há referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*.

⁴⁸ Tradução: No plano linguístico, um dicionário de analogias visa estabelecer relações de palavras pertencentes ao mesmo campo lexical.

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

No prefácio, o autor menciona que a tipologia de dicionário analógico surgiu na França, em 1862, com a publicação do dicionário “des mots par les idées et des idées par les mots” pelo lexicógrafo Jean Baptiste Boissière (1806-1885). Acrescenta-se que esse método de trabalho está presente na cultura anglo-saxônica.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística Científica, técnica?*

O prefácio foi redigido pelo autor.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

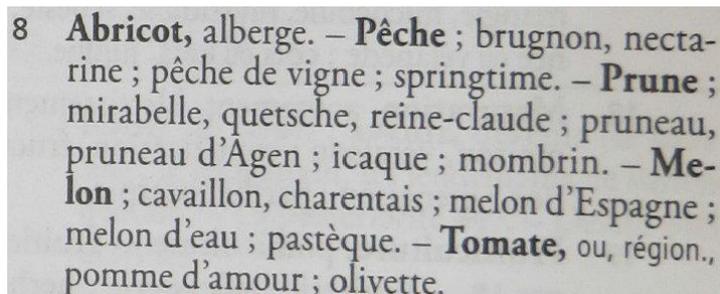
A família tipográfica empregada é adequada ao usuário, já que o tamanho e o tipo da fonte contribuem para a leitura da obra.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não há ilustração.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

A utilização de destaque e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra. No verbete, a palavra-entrada é registrada em caixa alta, a primeira palavra de cada acepção é destacada em negrito. As palavras destacadas em negrito indicam que são mais usadas; ou destacam um valor estilístico particular. No interior de cada parágrafo que marca nova acepção, há grupos de palavras que aparecem precedidos dos sinais de pontuação travessão ou ponto-e-vírgula. O ponto-e-vírgula introduz reagrupamentos de significados próximos. O travessão apresenta um agrupamento lexical com significados mais distintivos. Para ilustrar, tal organização, vejamos a figura subsequente que é um recorte do verbete 330 *fruits*:



8 **Abricot**, alberge. – **Pêche** ; brugnon, nectarine ; pêche de vigne ; springtime. – **Prune** ; mirabelle, quetsche, reine-claude ; pruneau, pruneau d’Agen ; icaque ; mombrin. – **Me-lon** ; cavaillon, charentais ; melon d’Espagne ; melon d’eau ; pastèque. – **Tomate**, ou, région., pomme d’amour ; olivette.

Figura 42: Recorte do verbete *fruits* no *Le Dictionnaire des Analogies*.
Fonte: (PECHOIN, 2009, p. 38)

Ao observar a acepção 8 do verbete *fruit*, notamos que são acrescentadas palavras analógicas ao lexema *abricot*. Nessa acepção, as frutas *pêche*, *prune*, *melon* e *tomate* são agrupadas, de modo que são separadas do agrupamento anterior pelo uso do travessão. As palavras que são mais relacionadas ao agrupamento são separadas pelo uso de ponto-e-vírgula, como é o caso do lexemas *pomme d'amour* e *olivette*. Este significa o tipo de tomate tomatinho italiano. Aquele é uma variante regional para o lexema *tomate*, o que pode ser identificado pela marca de uso *région*. É válidos acrescentarmos que, com base nas informações encontradas, constatamos que não fica claro ao consulente o motivo pelo qual frutas como ameixa, melão e tomate estão na mesma acepção, já que faltam traços comuns entre elas.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

A organização é sistemática e alfabética. No prefácio, informa-se que a obra ultrapassa a ordem alfabética, visto que os agrupamentos de palavras se dão em função da semelhança semântica para recuperar as palavras esquecidas, descobrir as palavras incomuns e explorar os campos nocionais escolhidos.

Com base na obra, “affinité, air de famille, association, communauté, corrélation, correspondance, dérivation, équivalence, extension, filiation, identité, liaison, lien, parenté, proximité, rapport, relation, réminiscence, ressemblance, similitude, voisinage...tel est le domaine de l'analogie.⁴⁹” (PECHOIN, 2009, p. VI). Se o campo da analogia abrange essa amplitude de ideias, é possível inferirmos que as analogias na obra serão construídas nessas ideias.

Assim sendo, a obra é constituída por 3 partes. A primeira parte, intitulada “thèmes et notions”, possui a lista de lexemas que encabeçam os verbetes. Essa lista registra a categorização dos lexemas, apresentada em 5 páginas. Esses lexemas são registrados em ordem alfabética e são antecidos por número arábico. A ordenação desta parte em ordem alfabética, facilita a consulta na segunda parte.

A segunda parte é a apresentação do dicionário analógico. Há 873 verbetes organizados em ordem alfabética e antecidos pelo número arábico, que é o número do verbete, conforme a classificação recebida na seção “thèmes et notions”. No verbete, os agrupamentos afins são registrados em acepções.

⁴⁹ Tradução: afinidade, ar de família, associação, comunidade, correlação, correspondência, derivação, equivalência, extensão, filiação, identidade, ligação, laço, parentesco, proximidade, relação, reminiscência, semelhança, similaridade, vizinhança...tal é o domínio da analogia.

A terceira parte é o índice, no qual todas as palavras que aparecem na obra são registradas em ordem alfabética e remetem ao número do verbete em que podem ser localizadas. Essa parte facilita a consulta ao dicionário, posto que o consulente não precisará ler a seção “thèmes et notions” e nem os verbetes do dicionário até encontrar o lexema que deseja. O índice é constituído por 125.000 entradas que remetem aos verbetes.

A organização dos lexemas por ordem alfabética na seção “thèmes et notions” é coerente. A numeração que antecede o verbete é necessária para que o consulente possa consultar o índice e localizar o lexema que procurar. Destarte, a estruturação das partes da obra são úteis aos consulente. Entretanto, não são explicitados os critérios para os agrupamentos das palavras nas acepções dos verbetes. Esclarece-se que as palavras se agrupam por “families de sens”, sem prestar esclarecimentos detalhados. Além disso, não há menção sobre o que justificou a inclusão dos lexemas que encabeçam os verbetes.

Para ilustrar como as informações podem ser localizadas no verbete do dicionário, escolhemos o tema *transporte*, na primeira parte da obra, na qual podemos observar trechos dos temas a seguir:

T		
809	Télécommunica- tions	833 Transports par route
810	Tempérance	834 Travaux publics
811	Temps	835 Tribunal
812	Tentative	836 Tristesse
813	Terre	837 Trois
814	Tête	838 Tromperie
815	Textes sacrés	839 Troubles de la parole
816	Textile	840 Troubles de la vision
817	Théâtre	841 Tumeur
818	Théologie	
819	Timidité	U
820	Tir	
821	Tissus vivants	842 Un
822	Titres	843 Uniformité
823	Totalité	844 Unité
824	Toucher	845 Urbanisme
825	Toxicomanie	846 Usage
826	Traction	847 Utilité
827	Tragique	
828	Trahison	V
829	Transports	
830	Transports mariti- mes et fluviaux	848 Vaisselle
831	Transports par air	849 Valeurs mobilières
832	Transports par rail	850 Variation

Figura 43: Recorte da organização das categorias do *Le Dictionnaire des Analogies*.

Fonte: (PECHOIN, 2009, p. 38)

Com base na leitura da figura, há o registro de 5 verbetes relacionados ao tema transporte. Ao pesquisarmos, na segunda parte, constituída pelo dicionário analógico, o número classificatório 829 nos dirige até o verbete *transporte* subsequente:

829 TRANSPORTS

- N. 1 **Transport** ; **port**, portage [vx] ; voiturage [vx] 833. – **Acheminement**, transfert ; traite [vx]. – Circulation, mouvement 538, **trafic**. – **Messageries**.
- 2 **Déplacement** ; déménagement. – Fam. : **transbahutement**, **trimbalage** (ou : trimballage, trimbalement, trimballement).
- 3 Chargement ; **embarquement** ; débarquement ; déchargement. – **Transbordement**.
- 4 **Fret** 135. – Destination, **expédition**, **réception**. – Import ; export.
- 5 **Transports**, transports aériens 831, transports maritimes et fluviaux 830, transports terrestres 833 ; transports combinés [DR. INTERN.] ; téléphérage ou téléférage ; câblage [spécialt]. – Souv. au pl. : **communication** 136, **liaison**. – **Desserte**, voie (*voie de communication*) ; ligne, réseau.
- 6 **Traversée** ; circuit, itinéraire, parcours.
- 7 **Arrêt**, escale, station. – Arrivée 45, départ 189, terminus. – Changement, **correspondance**.
- 8 Horaire, horaire d'arrivée, horaire de départ, horaire de passage ; tableau horaire. – Vitesse de croisière.

- 9 Souv. au pl. : **moyen de communication**, moyen de transport, **transport en commun**. – **Véhicule** ; **courrier**. – Machine. – Navette. – Convoi, attelage, train (*un train de véhicules*).
- 10 Mal des transports.
- 11 TECHN. – **Transporteur** ; convoyeur **489**. – Chargeur ; transbordeur.
- 12 **Coffre**. – Barrique, benne, cadre [TECHN.], conteneur ou **container 151.4**. – Caisse, caisson.
- 13 Câble **261**, canalisation, **conducteur, conduite** ; **ligne**, vecteur. – Pipeline ou pipe-line **618** ; carبودuc, gazoduc, oléoduc.
- 14 **Bagage**, bagage accompagné, bagage à main, **colis**, courrier **157**, **envoi**, malle, **paquet**, sac de voyage, valise. – Charge, **fardeau** ; cargaison, **marchandises 490**.
- 15 **Titre de transport** ; billet, billet open, contre-marque ; aller (*un aller*), retour ; aller et retour ou, fam., aller retour ; carte de transport, coupon annuel, coupon mensuel. – Compostage.
- 16 COMPTAB. : **transport, coût de transport**, frais de transport. – COMM. : bon de transport, droit de circulation. – Contrat de transport [DR.] ; avarie. – Tarif ; voyageur-kilomètre [ADMIN.].
- 17 **Compagnie**, compagnie ou entreprise de transport ; coursier international.
- 18 **Transporteur** ; chargeur ; convoyeur. – **Fréteur, loueur**, voiturier. – **Affréteur**. – Commissionnaire de transport ; courtier de fret. – Expéditeur ; destinataire. – Contrôleur.

19	Passager , usager, voyageur.
v. 20	Transporter ; porter . – Emmener, emporter ; fam. : balader, bringuebaler ou brinquebaler, promener, traîner, transbahuter , trimbaler ou trimballer.
21	Acheminer , diriger vers, envoyer, expédier. – Apporter, porter à . – Convoyer.
22	Déplacer , déménager ; transborder , transférer ; bouger [fam.]. – Embarquer ; débarquer.
23	Conduire, mener , porter [litt.].
24	Se transporter ; se diriger 221.20 . – Avancer vers ; aller à .
25	Affréter ou prendre à fret ; fréter ou donner à fret.
26	Être transporté, voyager (<i>denrées voyageant par avion</i>).
Adj. 27	Transporteur , transbordeur
28	Transportable ; déplaçable , portable.
29	Transporté ; déplacé.
30	Express.

Figura 44: Verbetes *transport* do *Le Dictionnaire des Analogies*.
 Fonte: (PECHOIN, 2009, p. 38)

Na apresentação da obra, há 2 modelos de verbetes, o *article standard* e o *article encyclopédique*. Este apresenta número do verbete, o título do verbete, as acepções, as palavras principais destacadas em negrito, a informação gramatical, marcas de uso, remissões. Aquele é organizado por subgrupos. O exemplo do verbete enciclopédico é o *fruits da* figura posterior.

330 FRUITS											
<i>Le fruit caractérisé dans la langue.</i>	N. 1 Fruit ; fruit capsulaire, fruit déguisé, fruit déhiscent (opposé à indéhiscent). – Fruits primeurs ; fruits rouges, petits fruits [helvét.]. – Fruit sec ; fruit confit, pâte de fruits 799.										
<i>Le fruit décrit par la botanique.</i>	2 Grain 345 ou caryopse, graine, granule, pépin, semence. – Acinus [BOT.], akène, baie , diakène, follicule, momie. – Cône, disamare, drupe, noix, nucule, pépon, pyxide, samare, silicule, silique, sycone, syncarpe.										
<i>Tous les noms des différentes parties des fruits sont présentés en colonnes et par ordre alphabétique.</i>	3 PARTIES DES FRUITS <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr><td>aille</td><td>intine</td></tr> <tr><td>arille</td><td>kapok</td></tr> <tr><td>barbe</td><td>locule</td></tr> <tr><td>brou</td><td>loge</td></tr> <tr><td>carpelle</td><td>noyau</td></tr> </table>	aille	intine	arille	kapok	barbe	locule	brou	loge	carpelle	noyau
aille	intine										
arille	kapok										
barbe	locule										
brou	loge										
carpelle	noyau										
<i>Tous les fruits appartenant à une même famille sont donnés dans l'ordre alphabétique.</i>	9 Agrume ; bigarade, cédrat, citron , citron vert, clémentine, lime ou limette, mandarine, navel, orange , pamplemousse, pomelo (ou : grape-fruit, grapefruit), sanguine, tangelo, tangerine.										
<i>Toutes les variétés d'une même espèce sont données dans l'ordre alphabétique.</i>	14 Raisin ; alphonse lavallée, malaga, meunier, muscat, pinot, raisin de Corinthe, raisin de Smyrne ; raisin de table.										
<i>Adjectifs pour décrire l'aspect et le goût des fruits.</i>	24 Vert 857 ; blet, mûr ; passerillé, sec. – Fruité, fruiteux [litt.] ; cotonneux, fondant, juteux, pulpeux.										
<i>Préfixes et suffixes entrant dans la composition de mots désignant les fruits.</i>	Aff. 26 Carpo-, fructi-, frugi- ; -carpe.										

Figura 45: Verbetes *fruits*: article encyclopédique do *Le Dictionnaire des Analogies*.

Fonte: (PECHOIN, 2009, p. 38)

Na acepção 1, a fruta é caracterizada dentro da língua. Na acepção 2, é descrito no âmbito da botânica. Na acepção 3, as frutas pertencentes a uma mesma família são apresentadas em ordem alfabética. Na acepção 4, As variedades de uma mesma espécie são apresentadas em ordem alfabética. Na acepção 5, há os adjetivos para descrever as características das frutas. Na acepção 5, são registrados os afixos que formam palavras

que designam frutas. A maioria dos verbetes são do tipo *article standard*, como o verbete *transports*.

Os verbetes são polissêmicos, já que possui 30 acepções. Ao ler os verbetes, não fica claro os critérios dos agrupamentos dos lexemas em uma mesma acepção.

No índice remissivo, para o lexema *transporte*, localizamos a estrutura a seguir:

transport	
mouvement	538.8
de l'imagination	378.5
enthousiasme	276.3 ;
	600.3
manutention	489 ; 490.10
cession	101.1
de voyageurs	871.9
<i>transports</i>	41.2 ; 130.2 ;
	829.1
<i>transport aérien</i>	831.1
<i>transport de distribu-</i>	
<i>tion</i>	489.1
<i>transport de l'informa-</i>	
<i>tion</i>	136.11
<i>angle de transport</i>	30.4 ;
	212.6 ; 820.12
<i>carte de transport</i>	829.16

Figura 46: Verbetes *transport* do *Le Dictionnaire des Analogies*.
Fonte: (PECHOIN, 2009, p. 38)

Com base nas remissões do índice, é possível identificar verbetes que apresentam as ideias associadas ao lexema e o número classificatório por meio do qual a consulta pode ser feita na segunda parte da obra.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

A obra é monolíngue e contempla a língua francesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

O dicionário tem o formato de um dicionário padrão, por isso é grande e grosso, mas permite manuseio prático e fácil.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

A obra não está editada em suporte informatizado.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

A capa é revestida por um plástico que auxilia na conservação do estado da obra. O papel que cobre essa capa é resistente. A encadernação é bem feita, de modo que as

páginas não descolam com facilidade. Diante do exposto, podemos inferir que a qualidade do acabamento garante a sua durabilidade.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

O sistema de abreviações aparece no início da acepção dos verbetes, no final da acepção entre colchetes. Na macroestrutura, não há esclarecimento sobre o modo como as abreviaturas são registrados. A lista de abreviatura registra 2 símbolos que ocorrem na microestrutura, conforme a figura a seguir ilustra:

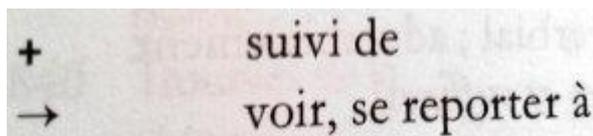


Figura 47: Símbolos do *Le Dictionnaire des Analogies*.
Fonte: (PECHOIN, 2009, p. XVI)

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Na França, tanto em bibliotecas quanto em livrarias, é possível ter acesso à obra. No Brasil, a obra não é encontrada em bibliotecas, pode ser comprada mediante encomenda em algumas livrarias. Com relação aos outros países, não há informação sobre a divulgação do dicionário em análise.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

A proposta do dicionário não é cobrir de maneira exaustiva a língua oral e escrita. Entretanto, são registrados lexemas produtivos no uso de língua oral informal, os quais são seguidos de abreviaturas com marcas de uso que indica o contexto familiar, figurado, pejorativo, entre outros. Um exemplo disso pode ser identificado na acepção 35 do verbe *gastronomie*:

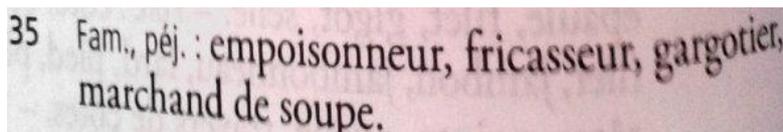


Figura 48: Acepção do verbe *gastronomie* do *Le Dictionnaire des Analogies*.
Fonte: (PECHOIN, 2009, p. 240)

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?

Há registro da seção “rubriques” que possui as abreviaturas das áreas de especialidade e o respectivo significante. No entanto, a terminologia não é apresentada de maneira exaustiva a ponto de cobrir toda a área de especialidade.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Os grupos de palavras analógicas são ordenados de acordo com as categorias gramaticais, apresentadas na seguinte ordem: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções, interjeições, afixos (prefixos e sufixos).

b) gênero?

Não se indica a marcação de gênero.

c) sinonímia?

No prefácio, o autor destaca que a obra não se reduz a apresentação de sinonímia. Contudo, nos verbetes, há relação de sinonímia. Normalmente, os primeiros lexemas da acepção 1 são os sinônimos. Como no verbete *vêtement*, no qual a primeira palavra apresentada é *habit* que é equivalente ao lexema roupa que pode ser sinônimo de vestimenta.

d) variante(s) da entrada?

Não são apresentadas variantes de entrada. É válido acrescentarmos que as variantes de lexemas que compõem os verbetes são registradas na sequência após os lexemas. No verbete *fruit*, como variantes são registradas os lexemas *melon d'eau* e *pastèque* que aparecem um após o outro e que equivalente à melancia.

e) variante(s) da definição?

As palavras não apresentam definições, logo não há variante da definição.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não existem critérios para distinguir homonímia de polissemia.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Na seção *Rubriques* da macroestrutura, existem abreviaturas das rubricas e a indicação da área de especialidade a que os lexemas pertencem. As marcas de uso que indicam os níveis da linguagem aparecem na lista de abreviaturas. No verbete, a marca de uso ora aparece de forma abreviada e entre colchetes, ora por meio de abreviatura em itálico seguida de vírgula.

As classificações para as marcas de uso e as respectivas explicações sobre a que se referem, conforme descrevemos no quadro subsequente:

Quadro 24: Marcas de uso do *Le Dictionnaire des Analogies*

Marca de uso	Referência
antigo	remete às palavras em desuso.
didático	refere-se à palavra usada mais frequentemente em situações de comunicação que envolvem a transmissão de conhecimentos.
eufemismo	não é apresentado.
familiar	remete à palavra reservada para a comunicação entre parentes e geralmente são evitados em situações formais.
figurado	não é apresentado.
formal	não é apresentado.
infantil	refere-se à palavra usada especialmente por crianças ou por adultos para se comunicar com as crianças.
literária	não é apresentado.
muito familiar	refere-se às palavras inadequadas à educação formal e geralmente se reserva à comunicação em situações íntimas.
pejorativo	não é apresentado.
popular	refere-se às palavras usadas por falantes menos cultas ou usadas para causar efeitos de estilos.
regionalismo	não é apresentado.
velho	refere-se à palavra que não é mais usada, exceto em contextos de arcaísmo.
vulgar	refere-se a um tabu, geralmente é relacionada à conotação sexual.

Fonte: (PECHOIN, com adaptações, 2009, p. XV-XVI)

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Termos aparecem anteceditos da abreviatura que corresponde à área de especialidade e subárea a que o lexema pertence, tais como: administração, aeronáutica, agricultura, alquimia, anatomia, arqueologia, arquitetura, artes, astronomia, astronáutica, aviação, biologia, botânica, cinema, culinária, direito, ecologia, economia, eletricidade, eletrônica, entre outros. Além da marcação de termos da área de especialidade matemática, existe a marca de subáreas álgebra, aritmética e geometria, por exemplo.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

O contexto não é apresentado na obra.

j) equivalente(s)?

Como o dicionário é monolíngue, não existe registro de equivalentes.

k) formação da palavra?

Não há informação sobre formação de palavras.

l) indicação de pronúncia?

A pronúncia não é apresentada.

m) origem e etimologia?

A origem e a origem não são registradas.

n) *etimologia?*

A etimologia não é apresentada.

n) *divisão silábica?*

Não é apresentada a divisão silábica na obra.

o) *nomenclatura científica?*

Não é apresentada a nomenclatura científica.

p) *remissivas úteis entre conceitos?*

Na seção “*mode d’emploi*”, informa-se que certas palavras são seguidas de números que remetem a outros verbetes. Essas remissões permitem passar de uma noção a outra e estabelecem ligações entre as diferentes partes da obra, o que facilita a associação de ideias.

q) *fontes?*

Não há fontes das informações do dicionário.

r) *notas?*

Não existem registros de notas.

4.4. *A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

No modo como o dicionário é organizado, não são apresentadas definições para os lemas, visto que, em cada verbete, são registrados lexemas analógicos e palavra-entrada.

4.5. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Não há definição.

5. *Sobre a edição e publicação***5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?***

Embora tenhamos notado que a organização da obra é complexa, entre as publicações feitas no século 20, essa obra é indicada para edição, pois apresenta uma recolha de palavra que possuem identidade de relação. O que é questionável na obra são os critérios para estabelecer as analogias, os quais não são bem explicitados na macroestrutura e na microestrutura. No corpo da obra, deparamo-nos com agrupamentos de lexemas complexos. Diante do que foi mencionado, no âmbito nas obras lexicográficas de língua francesa, o *le dictionnaires des analogies* representa a tipologia de dicionário analógico editada recentemente. Assim, recomendamos a publicação da obra, tendo em vista que o consulente disporá de uma obra cuja

ordenação é sistemática e alfabética, na qual ele poderá localizar palavras agrupadas com base nos significados para oferecer os significantes relacionados.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Os principais pontos de difusão da obra não são mencionados.

4.1.5 Avaliação de dicionário analógico: Dizionario Analogico della lingua italiana

Roteiro para avaliação de dicionários

Título: Dizionario Analogico della lingua italiana

Autor: Editora Garzanti

Editora/ edição/ data: Editora Garzanti/2011

Local de publicação: Itália

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Não é mencionada informação sobre o autor da obra.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Como não há informação sobre o autor da obra, não é possível saber se os responsáveis pela autoria fazem parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Não são apresentadas informações sobre a formação acadêmica do autor.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Não são apresentadas informações sobre o autor.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

O objetivo da obra é fornecer palavras e expressões de todos os níveis de estilo e todas as áreas de especialidade. Os autores acrescentam que, nas poucas páginas da obra, não seria possível incluir todos os termos das linguagens de especialidade, mas haverá registro de terminologias frequentes na comunicação das línguas modernas, como termos da informática, da *internet* e da economia moderna.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Na apresentação da obra, informa-se que o dicionário serve para todos aqueles que, para estudo ou profissão, ou mesmo por curiosidade, tiverem o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre vocabulário, a fim de melhorar o uso da língua italiana como um meio de expressão.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Na contracapa da obra, existe um guia de consulta, no qual há os verbetes *camminare* e *strumenti musicali* com as explicações sobre os principais elementos da microestrutura. Além disso, após a apresentação da obra, repete-se esse guia.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Na obra, Lucas Terzolo de modo resumido conta a história de surgimento dos dicionários organizados em ordem sistemática, e não alfabética. Há menção sobre a o *Thesaurus* de Roget (1852), *Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots* (1936) de Maquet; *Diccionario ideológico de la lengua española* (1942) de Casares, *Dictionnaire explicatif et combinatoire* de Mel'cuk (1999). Contudo, não há referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Não há bibliografia de consulta justificada pelo autor.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não há prefácio.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

O tamanho e o tipo da fonte possibilitam a leitura de forma adequada.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

As ilustrações não são incluídas nos verbetes da obra. Contudo, no apêndice, localizado no final da obra, há a seção *tavole illustrate*, com imagens e indicação dos termos. Existem imagens em preto e branco e outras coloridas, conforme pode ser visualizado nas figuras a seguir:

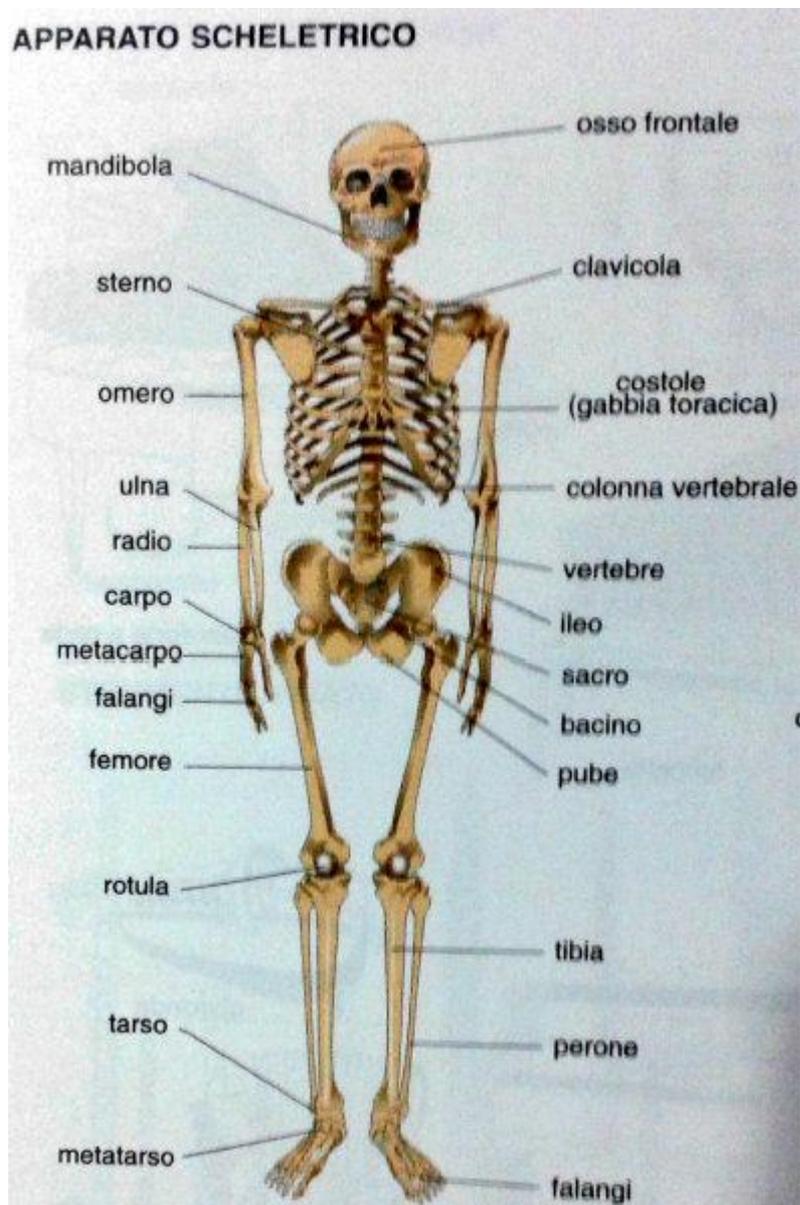


Figura 49: Ilustração do aparato scheletrico no *Dizionario Analogico della lingua italiana*.
Fonte: (GARZANTI, 2011)

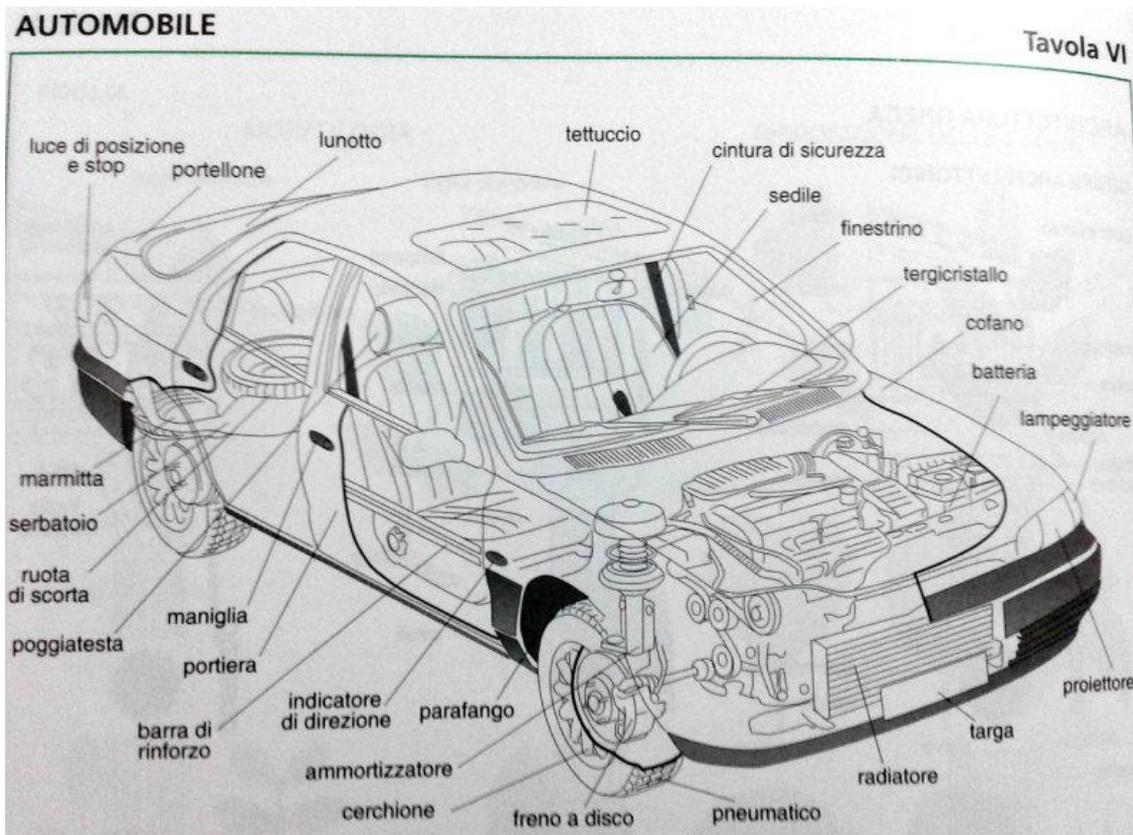


Figura 50: Ilustração do automobile do *Dizionario Analogico della lingua italiana*.
Fonte: (GARZANTI, 2011)

As figuras são nítidas e a impressão é feita em qualidade.

3.4. A utilização de *negrito*, de *itálico* e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

A palavra-entrada é destacada em **negrito** e os subagrupamentos dentro do verbete possuem o lexema em **negrito**. O tipo da fonte dos lexemas em **negrito** é diferente dos demais lexemas. Assim sendo, notamos que ocorre o equilíbrio visual na obra com relação ao uso dos recursos gráficos.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

O dicionário analógico conhecido como metódico, sistemático, ideológico ou conceitual é um dicionário diferente. Não há definição, categorias gramaticais, pronúncias e nem etimologia. É um trabalho que não está em ordem alfabética, visto que as palavras são estruturadas em uma ordem lógica, de acordo com a associação de campos lexicais. No mundo anglo-saxônico, esse tipo de dicionário chama-se *Thesaurus*. No *Grande Dizionario Italiano dell'Uso* de Tullio de Mauro, *thesaurus* foi definido como trabalho lexicográfico onomasiológico sem definições. Com base na

apresentação da obra, “è in sostanza una sorta di corpo estraneo nella grande famiglia dei dizionari⁵⁰ (GARZANTI, 2011, p. VI)”.

O autor acrescenta que a organização conceitual do *Thesaurus* de Roget (1852) está fundada na sistemática da ciência natural moderna. Assim sendo, Roget trabalhou para delinear um quadro conceitual que poderia incorporar em si toda a linguagem. Esse projeto ambicioso cria categorização ilógica e incoerente. Após os autores de o *Dizionario Analogico della lingua italiana* caracterizarem a categorização de Roget (1852) dessa forma, justificam que o novo dicionário analógico deve ter organização mista. As entradas são organizadas em ordem alfabética. Para pesquisar onde pode ser localizado o lexema que não encabeça verbete, é necessário percorrer o índice, localizado no final do dicionário. O índice é ordenado alfabeticamente, de modo que a palavra que constitui lema é destacada em caixa alta, conforme pode se visualizado na figura a seguir, que apresenta o lema *vestire* remetendo ao verbete *abito*:

vestiario abito, teatro
vestibolo casa
vestigia archeologia, residuo
VESTIRE abito
vestito abito
vestizione clero, nobiltà

Figura 51: Recorte do índice do *Dizionario Analogico della lingua italiana*.
 Fonte:(GARZANTI, 2011, p. 798)

Ao consultar o verbete *vestire* na obra, a estrutura encontrada é:

⁵⁰ Tradução: é, em essência, uma espécie de corpo estranho na grande família de dicionários, embora seja um corpo estranho com sua antiga e rica história.

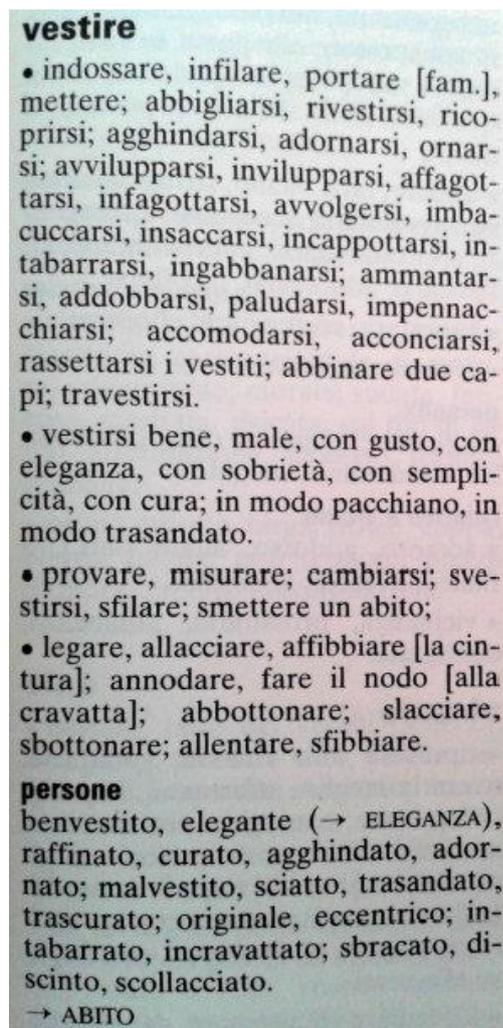


Figura 52: Verbete *vestire* do *Dizionario Analogico della lingua italiana*.
 Fonte: (GARZANTI, 2011, p. 587)

No início do verbete, são registrados os verbos analógicos à palavra-entrada, em seguida, há construções a respeito do modo como alguém pode se vestir, como “vestirsi bene, male, com gusto, com eleganza”. Depois, há mais um grupo de verbos analógicos, seguido do subgrupo “persone”, no qual são listados adjetivos.

Os agrupamentos separados pelo marcador •. Cada agrupamento possui lexemas relacionados pela relação de sinonímia, por analogia, por afinidade, ou pela lógica, com base nas informações do guia de uso. Ora as palavras são separadas por ponto-e-vírgula, ora são separadas por vírgula, sendo que na macroestrutura não há esclarecimento sobre isso.

O verbete *abito*, por sua vez, é extenso e subdividido nos agrupamentos peça, roupas masculina e feminina, roupa feminina, roupa masculina, roupa do mar, roupa

tradicional, roupa antiga, acessório, ação. O lexemas não são organizados em ordem alfabética nos verbetes.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

O dicionário é monolíngue.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

O dicionário é de pequeno porte e possibilita fácil manuseio.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

A obra não está editada em suporte informatizado.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

O dicionário vem dentro de uma caixa que serve para protegê-lo. As folhas da obra são grossas, o que contribui para a durabilidade.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

Sim. A lista de abreviatura e de símbolos é sintética. Há apenas 4 símbolos e 42 abreviaturas.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Ao pesquisar a obra na *internet*, é possível efetuar a compra em vários sites. Assim sendo, inferimos que a obra possui ampla divulgação.

4. Sobre o conteúdo

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Os termos das áreas de medicina, filosofia, jornalismo são registrados na obra e são antecidos de marcas de uso. No entanto, essas áreas não são contempladas de modo completo, já que não é o objetivo da obra abranger de forma exaustiva essas áreas.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Alguns lexemas dos verbetes possuem indicação de classe gramatical apresentada por abreviatura.

c) *gênero?*

Alguns lexemas dos verbetes possuem indicação de classe gramatical apresentada por abreviatura, conforme ocorre no verbete “melodrama” em que o lexema “lírica” aparece seguido de [s.f].

c) sinonímia?

Os grupos analógicos apresentam sinonímia, de modo que o consulente precisa identificar os sinônimos por meio de leitura dos lexemas do verbete.

d) variante(s) da entrada?

Não há variante de entrada.

e) variante(s) da definição?

Não há variante de definição.

f) existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

A homonímia e a polissemia não são distinguidas.

g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Há emprego de marca de uso denominada marca de estilo na obra, tais como antigo, familiar, vulgar, irônico, depreciativo, entre outras. Essas marcas aparecem abreviadas entre colchetes. É possível identificar quais são por meio da consulta da lista de abreviatura.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

A indicação de área de especialidade é feita da mesma forma que as marcas de uso. No entanto, há indicação para filosofia, história, jornalismo e medicina, de modo que existem poucas áreas de especialidades e pouca marcação na microestrutura.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não há contexto.

j) equivalente(s)?

Não há equivalência.

k) formação da palavra?

Não há informação sobre a formação da palavra.

l) indicação de pronúncia?

A indicação de pronúncia não é feita.

m) origem e etimologia?

Não há informação sobre origem e etimologia.

n) divisão silábica?

A divisão silábica não é apresentada.

o) remissivas úteis entre conceitos?

O sistema de remissões é útil na obra por indicar verbetes relacionados para que o consulente possa ampliar a consulta. As remissões aparecem antecedidas do símbolo de uma flecha e são grafadas em caixa alta.

p) fontes?

Não há fontes.

q) notas?

Não são registradas notas.

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não existe definição na obra.

4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Não se aplica.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Apesar de as analogias serem confusas na obra, existe uma recolha de lexemas afins que pode ser usada por indexadores, elaboradores de palavras-cruzadas, professores, curiosos, entre outros. Por isso, recomendamos a publicação da obra. No entanto, sugerimos a reformulação das analogias. O mérito da obra é a organização dos agrupamentos analógicos ordenados em ordem alfabética e acompanhados do índice remissivo que auxilia a localização de informações.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A Itália é o principal ponto de difusão da obra. Foi possível ter acesso à obra após a orientadora desta pesquisa ter ido a Milão e ter comprado um exemplar.

4.2 COMO FORAM POSTULADAS AS ANALOGIAS EM DICIONÁRIO ANALÓGICO E COMO PODERIAM SER POSTULADAS?

As analogias foram postuladas por meio de associações que o lexicógrafo estabelece. O dicionário analógico da Língua Portuguesa (2010, p. ix), oferece “palavras análogas num maior ou menor grau de proximidade e exatidão”. No *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* (2010), as analogias são dadas por meio da relação de sinonímia, antonímia e associativa. No *Le dictionnaire des analogies* (2009), os agrupamentos de palavras ocorrem em função da

semelhança semântica para recuperar as palavras esquecidas, descobrir as palavras incomuns e explorar os campos nocionais escolhidos. O autor ainda acrescenta que a analogia na obra abrange afinidade, semelhança de família, associação, correlação, correspondência, equivalência, extensão, filiação, identidade, ligação, vínculo, parentesco, proximidade, relação, reminiscência, semelhança, similaridade, vizinhança. Assim sendo, diante dessas possibilidades, as analogias são abstratas. Após analisar a organização das analogias nos dicionários analógicos, concluímos que há necessidade de estabelecer critérios para delimitar as analogias, a fim de que a nomenclatura não se torne exaustiva.

A falta de critérios leva as analogias a serem apresentadas com vagueza, que “concerne a expressões que denotam classes ou quantidades definidas apenas de maneira aproximada”, segundo Chierchia (2003, p. 65). A vagueza no dicionário analógico ocorre quando há falta de clareza na identificação da aproximação semântica entre os lexemas de um mesmo verbete. Com base em Cançado (2005, p. 62), vagueza “é o fenômeno semântico associado a expressões que fazem referências apenas de uma maneira aproximada, deixando o contexto acrescentar as informações não especificadas nas expressões vagas.” Os adjetivos que denotam altura e os quantificadores como *alguns*, *vários* são exemplos de vagueza, pois não são precisamente mensurados, a não ser que o contexto delimite a ideia.

No dicionário analógico, esse fenômeno semântico deixa o verbete vago devido à inserção de lexemas vagos. Por isso, para que um lexema seja inserido dentro de um verbete nesse dicionário, é preciso que tenha especificidade que justifique a inclusão.

É necessário pensar em analogia de modo que contemple a generalidade e a especificidade para que não haja vagueza. A generalidade deve ocorrer para que os lexemas do campo lexical descrito sejam contemplados. A especificidade é indispensável para que sejam inseridos os lexemas que tenham vinculação semântica com a palavra-entrada.

Os lexemas para compor os verbetes devem ter relação semântica com a palavra-entrada. A relação semântica, denominada também como relação lexical ou relação semântico-lexical, abarca uma rede de significações que os lexemas apresentam entre si, por isso as analogias, seguindo este critério, tornam-se coerentes e delimitadas. Assim sendo, as relações semânticas de sinonímia, hiperonímia e hiponímia, holonímia e meronímia, e a associativa devem reger as analogias, tendo em vista que essas relações

apresentam os diferentes tipos de ligações semânticas que podem existir entre os lexemas. Exemplificaremos cada uma dessas relações com base nos lexemas encontrados no *Dicionário analógico da língua portuguesa* de Azevedo (2010).

A relação de sinonímia “é identidade de significação”, conforme Ilari & Geraldini (1943, p. 42). Essa relação se estabelece quando existe ligação entre lexemas que possuem identidade de significado em contextos em que um lexema pode ser substituído por outro. No verbete *vestimenta*, aparecem os verbos *vestir* e *trajar* que podem ser sinônimos em determinado contexto. Destarte, nem sempre os sinônimos são perfeitos, pois a substituição de sinônimos pode causar alteração de significado, dependendo do contexto.

As relações de hiperonímia e hiponímia correspondem à inclusão de significado, de modo que o significado do hipônimo está incluso no hiperônimo. Assim sendo, existe relação de hierarquia, que representa a subordinação entre o subordinado (hipônimo) e o subordinante (hiperônimo). O hiperônimo é o lexema mais alto na hierarquia, posto que o significado de um lexema hiperonímico inclui o significado de um lexema hiponímico (FAULSTICH, 1995, p. 287). No verbete *veículo* que é um hiperônimo, há vários hipônimos, como: *bicicleta*, *carro*, *carro de mão*, *carroça*, *trenó*, entre outros. Podemos notar que os hipônimos são membros da mesma categoria do hiperônimo.

A relação holonímia e meronímia representa a relação hierárquica todo e parte. De acordo com Gaudin & Guespin (2000, p. 141), essa relação “établissent entre les signes des relations qui sont celles que le langage dessine entre les référents. Pour indiquer le caractère linguistique de cette relation, on parle d'holonyme pour le tout et de méronyme pour la partie⁵¹”. Esse autor estabelece 5 tipos de relações de holonímia e meronímia, que são:

- 1) Objet/élément: la partie remplit une fonction dans un ensemble, la partie est inséparable de l'ensemble, le nom de partie n'est pas autonome.
- 2) Ensemble/membre: La réunion des membres forme un ensemble non nécessairement homogène, mais chaque membre est séparable.
- 3) Masse/portion: la masse est constituée de l'ensemble des portions, lesquelles sont toutes homogènes et possèdent les mêmes propriétés que l'ensemble.
- 4) Objet/constituant: Le constituant entre dans la composition de son holonyme ; il en est inséparable, mais l'objet et le constituant ne sont pas homogènes.

⁵¹ Tradução: estabelece entre os signos a relação que a linguagem designa entre os referentes. Para indicar a característica linguística dessa relação, nós a chamamos de holônimo para o todo e merônimo para a parte.

- 5) Activité/phase: La phase remplit une fonction au sein d'un processus temporel.⁵²

Exemplificaremos cada um dos tipos de holonímia e meronímia. No verbete *partes do corpo humano*, há registro da relação objeto/elemento, uma vez que são registrados os elementos que constituem o objeto *cabeça*, por exemplo. Para esse objeto, aparecem os lexemas *sincipúcio*, *crânio*, *pericrânio*, *mesófrío*, *olho*, *testa*, *orelha*, *rosto*, *boca*, *língua*, entre outros (AZEVEDO, 2010, p. 177-178). Assim, para o funcionamento do corpo humano, cada uma das partes da cabeça exerce uma função, de modo que esses elementos não são separáveis do objeto para que o corpo tenha o funcionamento perfeito. No verbete *vegetal*, os lexemas *floresta* e *árvore* são, respectivamente, conjunto e membro, o conjunto de árvores forma floresta e nem toda árvore é igual, logo não são homogêneas.

A relação massa/porção pode ser verificada com os lexemas *flocos de neve* e *neve* do verbete *frio*. Os flocos de neves são porções da massa, que é a neve.

Os exemplos de objeto e de constituinte podem ser encontrados no verbete *doçura*, porque *bala* é uma guloseima feito com o ingrediente *açúcar*, que é o constituinte, posto que a bala e o açúcar não se separam, no entanto o açúcar pode ser usado para fazer outro tipo de doce que não seja bala.

O ano é constituído por meses. Os meses são as fases da atividade ano. Os meses são constituídos por dias, então dias são fases do mês. No verbete *tempo*, há os lexemas *ano*, *dia* e *mês*. O primeiro exemplifica a relação de atividade. Os dois últimos ilustram a relação das fases da atividade.

Depois da explicação da relação de meronímia e holonímia, focaremos a discussão na relação associativa que é mais abstrata do que as demais, por isso a delimitamos de forma criteriosa. A relação associativa é constituída pelo conceito conexo, entendido como lexema “justaposto em um mesmo plano hierárquico, que se encontram em coordenação de significados, e seus conteúdos semânticos são de mesmo

⁵² Tradução: Objeto/elemento: a parte cumpre uma função no conjunto, a parte é inseparável do conjunto, o nome de parte não é autônomo.

Conjunto/membro: A reunião dos membros forma um conjunto não necessariamente homogêneo, mas cada membro é separável.

Massa/porção: a massa é constituída pelo conjunto das porções, as quais são todas homogêneas e possuem as mesmas propriedades que o conjunto.

Objeto/constituinte: O constituinte entra na composição de seu holônimo; e é inseparável deste, mas o objeto e o constituinte não são homogêneos.

Atividade/fase: A fase cumpre uma função no âmbito de um processo temporal.

valor” (FAULSTICH, 1995, p. 287). Além disso, o conceito conexo provém de relação associativa, visto que as “unidades lexicais pertencem à mesma esfera de domínio, mas não são nem hiponímicos, nem equivalentes, nem opositivos. O significado de um remete, por analogia, ao outro” (FAULSTICH, 1993, p. 94). Concluimos que o critério norteador da relação associativa do dicionário analógico deve ter relação com, pelo menos, uma das entidades do significado: sentido, dimensão extensional, dimensão intencional e conceito. Conforme já havíamos apresentado na seção 2.1. do capítulo 2, entendemos o conceito, o referente e o sentido, respectivamente, como representação mental do referente, coisa, “lugar que uma palavra ocupa num sistema de relações que a palavra constrói com outras do vocabulário” (LYONS, 1987, p. 450). A dimensão intencional diz respeito às propriedades semânticas de uma unidade lexical. A dimensão extensional representa as classes de referentes (LOPES & RIO-TORTO, 2007, p. 35).

Como exemplo disso, os lexemas que possuem relação associativa com o verbete *transporte* são os conceitos conexos: *aceleração, ambulância, atropelamento, batida, colisão, condução, deslocamento, locomoção, mobilidade, movimentação, navegação, velocidade, voo, tráfego, trânsito, viagem, viatura; caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motorista, motociclista e taxista*.

Os conceitos conexos possuem relação de coordenação com a palavra-entrada *transporte* por meio da analogia. É possível analisarmos a ligação que os conceitos conexos têm com as entidades do significado ao observar a relação entre os lexemas *aceleração* e *transporte*. Este significa veículo para locomoção de passageiros ou de cargas. Este lexema significa processo de aumento de velocidade. A identidade de relação entre essas significações é que, como o transporte serve para locomoção, tal locomoção pode ser feita de modo que envolva o processo de aumento de velocidade. Assim sendo, fizemos inferência lexical para perceber o liame entre os lexemas, visto que há relação entre as entidades do significado dos dois lexemas.

Outro exemplo da identidade de relação entre os lexemas é o liame entre *transporte* e os conceitos conexos, a saber: *caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motociclista, motorista e taxista*. Esses lexemas se referem aos seres humanos que dirigem veículo, remetendo, conseqüentemente, ao significado de *transporte*.

A entidade do significado do lexema *transporte* relacionada aos conceitos conexos, é a dimensão intencional, que se constitui das características de um item

lexical. Diante das características do lexema *transporte*, verificamos identidade de relação com os conceitos conexos.

A relação associativa pode ser dividida em subclasses, com finalidade de agrupar os conceitos com mais proximidade semântica. Para cada verbete do dicionário analógico, é necessário delimitar as subclasses de conceito conexo, de modo que cada subclasse deverá ser uma acepção. Um exemplo dessas subclasses pode ser local, profissão, entre outros que seriam o ar de família que unem os conceitos conexos.

Para inserir os lexemas no verbete do dicionário analógico, é possível aplicar os conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos de Kleiber (1990) que possibilita o agrupamento de lexemas com base em identidade de relação devido às semelhanças de família, motivadas pelo ar de família. Antes de inserir os lexemas no verbete, é necessário verificar se há semelhança de família e ar de família entre os membros da família, que são os lexemas do verbete. A família representa a palavra-entrada, que normalmente é uma palavra-chave de um campo lexical.

A semelhança de família é constituída pelo conjunto de lexemas unidos por relação semântica que justifica a existência de uma propriedade em comum. Cada lexema está agrupado na mesma relação semântica devido à semelhança de família. O ar de família representa o conjunto de similaridades entre diferentes membros da mesma família.

Além dessa discussão teórica, podemos ainda nos apropriar dos conceitos da Semântica de *Frames*, de Fillmore (1995), visto que os esquemas representam as categorias e as cenas são os contextos do discurso. No processo de comunicação, os lexemas, que são os *frames* enunciados nas cenas, são lexemas de determinadas categorias. A palavra-entrada é o esquema. Os lexemas dentro do verbete são *frames* selecionados pelas cenas em que podem surgir.

As analogias se dão devido às inferências lexicais feitas na mente do falante de uma língua. Cabrera & Filho (2007, p. 14) postulam que as inferências lexicais não se baseiam em inferências formais que utilizam símbolos da lógica. As inferências lexicais são “inferências que parecem válidas em virtude de certas conexões entre termos, embora sua forma não seja amparada por nenhum setor da lógica moderna, clássica ou não-clássica.” Desse modo, essas inferências “têm apoio de nossas intuições nativas” e são feitas do modo como o raciocínio se processa (Ib., Ibid., p. 20).

As deduções que o falante de uma língua faz para estabelecer conexões entre lexemas diferentes ocorrem em virtude das inferências lexicais. Assim sendo, “a existência de inferências lexicais parece evidente em qualquer linguagem que contenha termos, com os quais se possam representar predicados” (Ib., Ibid., p. 19). As conexões estabelecidas não são só provenientes de relações com o significado, mas surgem também de informações enciclopédicas, as quais partem “de manejos ‘pragmáticos’ em contato com o mundo” (Ib., Ibid., p. 21). Desse modo, entendemos por inferência lexical o processo cognitivo de interpretar predicados da língua por meio da identificação de conexões entre os significados de lexemas ou por intermédio de informação enciclopédica do conhecimento de mundo da sociedade. Por isso, os lexemas que aparecem em verbetes nem sempre têm conexões com as entidades do significado, embora essas conexões sejam as norteadoras das relações associativas.

Nesse capítulo, avaliamos os dicionários selecionados, identificamos o modo como as analogias foram postuladas nos dicionários analógicos publicados e delimitamos o modo como as analogias devem ser postuladas no novo modelo de dicionário analógico, que será detalhado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5: NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO

Neste capítulo, será postulado o novo modelo de dicionário analógico. Para isso, discutiremos a aquisição de léxico na aprendizagem de português do Brasil como L2 ou como LE. Abordaremos a temática do processamento automático das línguas naturais, as remissões e as ontologias, a fim de investigar a informatização do novo modelo de dicionário. Delimitaremos a situação da Terminologia no dicionário analógico. E, por fim, apresentaremos o novo modelo de dicionário analógico.

5.1 NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO: FERRAMENTA PARA AQUISIÇÃO DE LÉXICO NA APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS DO BRASIL COMO L2 OU COMO LE

Entendemos a analogia como identidade de relação, de ideias afins, obtida por meio de associações feitas na mente do falante. Assim, consideramos que os lexemas devem ser agrupados nos verbetes com base nas relações semânticas anteriormente projetadas. Desse modo, o critério norteador para delimitar a relação associativa são as inferências lexicais e a conexão com a entidade do significado.

O dicionário analógico é um instrumento didático que oferece condições ao consulente de adquirir o léxico. A aquisição de léxico pode ser definida como o processo cognitivo de compreensão do signo linguístico, de modo que são adquiridos o significante e o significado na mente do falante.

Gomes observa (2007, p. 18) que a aquisição é “um processo no qual o ser humano [...] passa da ausência de expressão linguística à produção e interação de enunciados”. Esse processo cognitivo se concretiza à medida que o falante passa a organizar o léxico mental e que compreende como as estruturas frasais se organizam no fundo lexical⁵³ da língua. Se um falante de uma língua apenas ler o dicionário como estratégia de ampliação de vocabulário, as possibilidades de ele adquirir léxico são remotas, pois o falante precisa ter motivação da linguagem para incorporar novas palavras.

⁵³ Conforme citamos no capítulo 1, o fundo lexical como “componente no qual se acumulam todos os elementos léxicos de uma língua – predicados e palavras–, assim como as regras, por meio das quais é possível criar novas entidades de um modo produtivo” (FAULSTICH, 2012).

No âmbito desta pesquisa, o dicionário analógico pode ser uma ferramenta que favorece a aquisição de léxico. Observamos, todavia, que aquisição do léxico não pode ser confundida com aquisição lexical. A aquisição lexical envolve a compreensão do léxico e da gramática, de modo que constrói o fundo lexical. A aquisição lexical pode ser obtida por meio da aplicação de estratégias de aprendizagem. Entretanto, devido à abstração do processo de aquisição lexical, não há garantia de que a aquisição possa se concretizar por meio de estratégias de aprendizagem.

Nosso pensamento, acerca da aquisição lexical, aparece na figura seguinte:

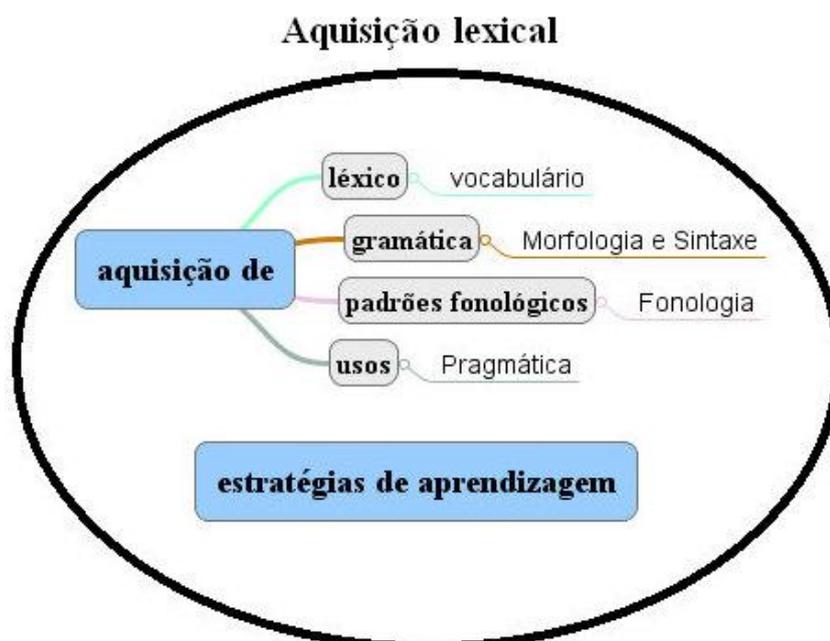


Figura 53: Aquisição lexical
Fonte: (VILARINHO, 2013)

A aquisição lexical se dá pela aquisição de léxico por meio de ampliação de vocabulário; pela aquisição de gramática por meio de estrutura morfológicas e sintáticas; pela aquisição dos padrões fonológicos por meio de estrutura fonológica; pela aquisição de usos por meio de estrutura pragmática. Para que ocorra a aquisição lexical, são empregadas estratégias de aprendizagem com vistas à aquisição lexical, gramatical, fonológica e pragmática que são competências a serem desenvolvidas.

No processo de aquisição lexical, o componente lexical é um filtro funcional, porque é pelo léxico que o falante se refere às coisas do mundo extralinguístico. Por isso, uma das funções do léxico é a referenciação. Podemos considerar que o falante adquiriu a língua, quando ele compreende as regras de funcionamento do fundo lexical,

de modo que sabe: i) escrever o significante e compreender o significado; ii) produzir enunciados com base nas combinações sintáticas, iii) pronunciar os enunciados em consonância com os padrões fonológicos previstos na língua-alvo, iv) formar palavras com base nas regras morfológicas; v) usar lexemas adequados ao contexto da situação comunicativa. Então, a aquisição lexical é um mecanismo que torna o falante proficiente na língua-alvo. A aquisição lexical pode se concretizar por meio de aprendizagem de estruturas monitoradas, como a morfológica e a sintática.

Ademais, para que haja compreensão dos significados dos lexemas com os quais o aprendiz se deparará em situações de comunicação, “é necessária a aquisição de diferenças culturais de cada povo”, conforme Turazza (1998, p. 98). De acordo com essa autora, “a aquisição de vocabulário implica o implícito cultural” (Id., Ibid.). Um exemplo disso pode ser observado no campo lexical de alimentação, em que os implícitos culturais são identificados, já que a forma como os alimentos são categorizados demonstra os hábitos culturais. Os tipos de pratos principais, acompanhamentos, temperos, cozimentos são aspectos culturais, pois esses tipos serão refletidos no léxico e na forma de categorização desse léxico.

Como o aprendiz “já tem a intuição de um conjunto de categorias, de esquemas de organização de redes de conhecimentos e marcos de conhecimentos para estruturar suas atividades linguísticas” (Id., Ibid., p. 114), é preciso que ele conheça os implícitos culturais da língua-alvo. Isso se justifica, para que ele não transfira o conjunto de categoria e de esquemas de organização oriundos do conhecimento da Língua Materna para a língua-alvo de modo equivocado, por se basear em inferências culturais errôneas. O ensino dos aspectos culturais deve ser de modo interculturalista, com vistas a evitar o processo de aculturação. “A adoção de uma nova língua é, frequentemente, acompanhada da adoção de uma nova cultura. Na prática, língua e cultura estão, portanto, estreitamente associadas, mas são basicamente independentes uma da outra”, de acordo com Langacker (1972, p. 24-25). Os lexemas que designam conceitos específicos de uma determinada cultura nem sempre terão equivalentes em outra língua.

Conforme Holec (1994, p. 93), aquisição lexical é

un processus cognitif de construction de savoirs par traitement de données présentes dans l'exposition langagière et de mise en place de savoir-faire langagiers mettant en oeuvre ces savoirs. Dans le domaine lexical, ce processus se traduit par la reconstruction des faisceaux d'indicateurs formels et sémantiques qui définissent les fonctionnements des unités lexicales

repérées et la mise en place de conduites « automatisées » (au sens d'« habituelles ») d'utilisation de ces unités.⁵⁴

Esse processo é influenciado pelas características do aprendiz, tais como motivação, conhecimentos linguísticos, características de personalidade, ansiedade, entre outros fatores. Se a aquisição lexical é um processo pelo qual o falante se torna competente para se comunicar na língua-alvo, a aquisição de léxico, seja de vocabulário, dá-se no processo da aprendizagem, por meio de habilidades do uso da linguagem. Assim sendo, a aprendizagem é também um processo cognitivo que gera conhecimentos. Para Holec (1994, p. 93), a aprendizagem é:

un ensemble de comportements conscients et accessibles à la volonté ayant pour raison d'être l'acquisition. Ces comportements se traduisent par la pratique d'activités différenciées selon la phase du processus d'acquisition qu'elles sont censées « activer », mettre en oeuvre : activités de découverte (construction des savoirs), de mémorisation (stabilisation des savoirs reconstruits), de mise en pratique (mise en place des savoir-faire) systématique (contrôlée, fractionnée, réitérée) ou non systématique (moins contrôlée, globale, moins réitérée).⁵⁵

Mas, inicialmente, foi Krashen (1982, p. 10) quem estabeleceu a distinção entre aquisição e aprendizagem. Ele propôs que

language acquisition is a subconscious process; [...] include implicit learning, informal learning, and natural learning.” [...] We are generally not consciously aware of the rules of the languages we have acquired.⁵⁶

A aprendizagem refere-se “to conscious knowledge of a second language, knowing the rules, being aware of them, and being able to talk about them⁵⁷” (Id., Ibid., p. 10). Quando o aprendiz tem aquisição da língua, ele não fica pensando nas regras antes de produzir os enunciados, ele fala ou escreve o que pensa de forma natural. No

⁵⁴ Tradução: um processo cognitivo de construção do conhecimento por meio do tratamento de dados apresentados numa produção linguística e de aplicação dos “savoir-faire” linguístico, implementando esse conhecimento. No domínio lexical, esse processo se traduz pela reconstrução dos feixes de indicadores formais e semânticos que definem os funcionamentos das unidades lexicais recuperadas e a aplicação de procedimentos “automatizados” (no sentido de “habituais”) de utilização dessas unidades.

⁵⁵ Tradução: a aprendizagem é um conjunto de comportamentos conscientes e acessíveis à vontade tendo como razão de ser a aquisição. Esses comportamentos se traduzem pela prática de atividades diferenciadas segundo a fase do processo de aquisição que elas devem “ativar”, realizar: atividades de descoberta (construção de conhecimento), de memorização (estabilização de conhecimento reconstruído), de prática (aplicação do savoir-faire) sistemática (controlada, fracionada, reiterada) ou não sistemática (menos controlada, global, menos reiterada).

⁵⁶ Tradução: Aquisição de linguagem é um processo subconsciente; [...] inclui aprendizagem implícita, aprendizagem informal, e aprendizagem natural.” [...] Geralmente não temos uma percepção consciente das regras das línguas que adquirimos.

⁵⁷ Tradução: ao conhecimento consciente de uma segunda língua, conhecer as regras, estar ciente delas, e ser capaz de falar sobre elas.

processo de aprendizagem, o aprendiz está conhecendo as regras e processando como deve produzir os enunciados.

Boulton (2000), por sua vez, apresenta a diferença entre a aquisição e aprendizagem:

L' acquisition est censé représenter une assimilation sub-consciente et 'naturelle', et renvoie aux expériences en langue maternelle, désormais L1; l' apprentissage refléterait un processus conscient et réfléchi, comme on trouve souvent en salle de classe L2.⁵⁸

Os esforços feitos pelo aprendiz para a aprendizagem de língua resultam na aquisição, uma vez que a aquisição é um processo subconsciente que se dá de forma natural, mas que é motivado pela aprendizagem. “L'acquisition est considérée comme un processus «naturel», personnel, spontanée, [...] et ne décrit pas un procès didactique⁵⁹”, conforme Haltee (2006, p. 15). A aquisição é resultante de um conjunto de ações didáticas geradas por meio de aprendizagem de conhecimentos linguísticos, uma vez que a aprendizagem “dépendant des effets d'une intention didactique et de sa réalisation⁶⁰”, em consonância com Haltee (2006, p. 15). A aprendizagem pode ser obtida por meio do ensino. No entanto, “em uma situação de sala de aula, por exemplo, apesar de se tratar de contexto formal, podem acontecer situações de aquisição”, segundo Ramos (2013b), tendo em vista que a sala de aula poderia gerar aquisição por meio de interações espontâneas que podem ser vivenciadas entre os aprendizes.

A aquisição é estimulada por diversos processos de aprendizagem. Por exemplo, quando um professor leva um jogo da memória para a sala de aula, que contenha uma imagem e o significante, possibilita que o aprendiz reconheça o significante e o significado de modo associativo.

Para Morgan & Rinvulcri (2004), a aquisição de vocabulário é:

- i) a branching process rather than a linear one. Words are not learnt mechanically, as little packets of meaning, but associatively;
- ii) an intensely personal process. The associations and vibrations depend on our own past and present felt experience;

⁵⁸ Tradução: a aquisição é considerada representante de uma assimilação subconsciente e ‘natural’, e remete às experiências em língua materna, doravante L1; a aprendizagem refletiria um processo consciente e pensado, como encontramos frequentemente em sala de aula de L2.

⁵⁹ Tradução: A aquisição é considerada como um processo “natural”, pessoal, espontâneo, [...] e não descreve um processo didático.

⁶⁰ Tradução: dependendo dos efeitos de uma intenção didática e de sua realização.

iii) not a purely intellectual, effortful process, but an experiential hands-on process too. An over-intellectual approach causes the language to be seen as an object, rather than to be incorporated within the subject – the learner.⁶¹

Se a aquisição de léxico é obtida de forma associativa e, se na tipologia de obra lexicográfica que apresenta os lexemas de forma associativa, o dicionário analógico cumpre essa função, possivelmente este dicionário seja adequado para motivar a aquisição de léxico. A consulta ao dicionário analógico pode ser uma estratégia de aprendizagem que pode resultar na aquisição de léxico.

Com base em Langacker (1972, p. 23), “a aquisição da linguagem é uniforme e específica da espécie humana.” Portanto, todos os seres humanos adquirem língua e léxico. Desse modo, a aquisição do léxico pode ser alcançada pelos falantes de Primeira Língua (L1), de Segunda Língua (L2), ou de Língua Estrangeira (LE). É necessário distinguir cada um desses tipos de língua. A L1 é a língua materna, ou seja, a primeira língua que o falante adquiriu. Cohen (1998, p. 4) distingue que “L2 means that the language being learned in immersion, while a foreign language is not spoken in the local community⁶²”. A distinção entre L2 e a LE se dá pela ausência ou presença do traço distintivo de ambiente de imersão, sendo que a L2 é a língua utilizada em ambiente de imersão.

Ramos (2013b) estabelece a diferenciação entre ambiente de imersão e ambiente de não-imersão. Segundo a autora (Id., Ibid.),

entende-se por imersão a situação em que o aprendiz encontra-se inserido totalmente no contexto das práticas sociais da língua que está aprendendo, geralmente o próprio país, de modo que esteja em ‘jogo’ um conjunto semelhante de práticas usuais do país de origem da língua-alvo. Já o ambiente de não-imersão diz respeito a qualquer outro que não seja o *locus* “natural” da língua que se está aprendendo. Pode ser o próprio país do aprendiz ou comunidade de origem ou mesmo outro lugar que tradicionalmente denomina-se de estrangeiro.

Grannier (2001, p. 2) esclarece que “podemos considerar o português como uma LE caso nos encontremos em um país onde o português não é uma língua nacional nem oficial.” A LE é a língua utilizada pelos aprendizes de uma língua-alvo, que não é

⁶¹ Tradução: i) um processo mais bifurcado do que linear. Não se aprendem palavras de forma mecânica, como pequenos grupos de significados, porém de forma associativa; ii) um processo profundamente pessoal. As associações e reflexões dependem do nosso próprio passado e presente. Ampliamos a nossa compreensão dos significados mediante a interação e as trocas com os outros; iii) não é um processo intelectual puro e simples, mas também um processo baseado na experiência e no esforço pessoal. Uma abordagem muito intelectual leva a se ver a linguagem como objeto e não como um processo a ser assimilado pelo sujeito - o aprendiz.

⁶² Tradução: L2 significa que é a língua que está sendo aprendida em imersão, enquanto a língua estrangeira não é falada na comunidade local.

língua oficial do país onde se encontra o aprendiz, logo o ambiente de aprendizado é fora do ambiente de imersão.

Aprendizes que estão no Brasil e desejam aprender línguas não-oficiais aqui (como o caso de espanhol, francês, inglês, alemão, mandarim) terão aprendizado de LE, ao estudarem a língua, já que a língua “pode ser aprendida em espaços fisicamente muito distantes daqueles em que é falada e, conseqüentemente, com recurso, sobretudo, a ensino formal”, segundo Leiria (2004, p. 4).

Grannier (Ib., Ibid.) acrescenta que

há cidadãos de países de língua portuguesa que não têm o português como sua L1: é o caso dos brasileiros que têm uma das 180 línguas indígenas brasileiras como sua L1; é o caso dos brasileiros que têm uma das 20 línguas minoritárias europeias ou asiáticas como sua L1, é o caso dos brasileiros, que têm a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como sua L1, é o caso dos africanos dos países de língua oficial portuguesa (PALOP) que têm perto de 200 línguas africanas como sua L1 e é o caso dos timorenses do Timor Loro Sae, que têm uma das dezenas de línguas do leste da Ilha de Timor como sua L1. Do ponto de vista desses aprendizes, a língua portuguesa, não sendo a L1, vem a ser, cronologicamente, uma segunda língua.

No caso do Brasil, a língua portuguesa é L2 para os falantes que estão no nosso país aprendendo a Língua Portuguesa após já terem uma L1, como ocorre com os surdos, falantes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); dos indígenas, falantes de Línguas Indígenas; dos estrangeiros, falantes da língua do seu país de origem.

Sob esse ponto de vista, o uso do dicionário analógico, como uma das estratégias de aprendizagem, pode funcionar como *input* para os aprendizes de português do Brasil como L2 ou como LE, se a consulta for orientada pelo professor. Entendemos por *input* “the samples of oral and written language a learner is exposed to while learning or using a particular L2⁶³, conforme Ellis (1998, p. 139). O conjunto de *input* pode contribuir para a interlíngua. Esse termo foi usado por Selinker, em 1972, para se referir ao conhecimento sistemático de uma L2. Apesar de não ampliar por não ser o foco da pesquisa, advertimos que o conceito de interlíngua pode ser mais bem compreendido se for considerado como um *continuum* entre a L1 e L2 pelo qual os aprendizes passam (LARSEN-FREEMAN & LONGO, 1997, p. 60).

Como o dicionário analógico disponibiliza os lexemas por relação semântica, é oferecido ao consulente os possíveis lexemas que podem ocorrer em comunicação de uso da palavra-entrada, o que pode funcionar como *input* para a língua-alvo.

⁶³ Tradução: “as amostras da língua oral e escrita a que o aprendiz é exposto enquanto aprende ou utiliza uma determinada L2.”

O detalhamento da diferenciação entre L1, L2 e LE tem como objetivo justificar o público-alvo principal do novo modelo de dicionário analógico, os aprendizes do Português do Brasil, na condição de L2.

Na Universidade de Brasília, em 1998, o curso de graduação em licenciatura em Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL) foi criado, por iniciativa de Enilde Faulstich, quando esteve em pós-doutorado na Université Laval, Canadá. Em encontros acadêmicos sobre política do idioma, realizados em outros países do MERCOSUL, ficou claro para ela que a tarefa de criar um curso que formasse professor para o ensino do português como L2 cabia às universidades brasileiras (FAULSTICH, 2000).

Atualmente, o curso completa 15 anos de existência e tem preparado professores para atuarem no ensino de PBSL. Perante as experiências vivenciadas no curso, identificamos que os professores de PBSL necessitam de ferramentas didáticas para o ensino do léxico, e os aprendizes do português como L2 ou como LE precisam de dicionários para a aprendizagem do léxico. Delimitamos o novo modelo de dicionário analógico, tendo como público principal os professores e os aprendizes de PBSL, a fim de preencher parte da lacuna da lexicografia e para atender as demandas de consulta do público-alvo. Além disso, como os dicionários analógicos existentes possuem verbetes exaustivos, delimitar o público-alvo como professores e aprendizes de PBSL auxilia a determinar os lexemas a serem lexicografados nos verbetes.

Para que o modelo de dicionário analógico disponibilize os recursos tecnológicos necessários, a obra será informatizada. Assim sendo, na próxima seção, abordaremos a questão do dicionário informatizado.

5.2 DICIONÁRIO INFORMATIZADO: PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DAS LÍNGUAS NATURAIS, AS REMISSÕES E AS ONTOLOGIAS

A sociedade moderna exige a criação de ferramentas que disponibilizem informações com rapidez por meio de recursos tecnológicos. Diante dessa exigência, surgiram os dicionários informatizados, que contêm recursos computacionais com ferramentas que ampliam o conteúdo dos repertórios lexicográficos. Esses repertórios são estruturados por meio de sistemas de Processamento de Língua Natural (PLN), de modo que possibilitem o acesso e a compreensão dos itens buscados pelo consulente.

Essa compreensão é a tradução de uma linguagem natural em uma linguagem artificial (RASTIER, CAVAZZA, ABEILLÉ, 1994, p. 10), sendo que a máquina processa os dados de linguagem artificial, e o homem os entende por serem disponibilizados em língua natural.

Segundo Di Felippo (2010, p. 113),

o Processamento Automático das Línguas Naturais (PLN) consiste em capacitar um computador para lidar com a língua. É uma área de pesquisa interdisciplinar, formada, basicamente, por linguistas (ou cientistas da linguagem) e cientistas da computação (ou engenheiros da linguagem). As línguas naturais são as línguas humanas para diferenciá-la das linguagens artificiais como a matemática e a lógica. Em PLN, os linguistas trabalham em duas frentes: (i) utilizam o computador para desenvolver e validar teorias e dados linguísticos e (ii) fornecem o conhecimento necessário para o desenvolvimento de sistemas especializados.

Os sistemas de PLN são capazes de gerar dicionários com ferramentas inovadoras, que possibilitam o acesso à informação de forma prática. Como exemplo desse processo, há o uso de *hiperlinks*, na estruturação das remissões, os quais facilitam o percurso do consulente quando tenta compreender o significado dos lexemas.

O dicionário tem como uma de suas finalidades principais a apresentação do significado das palavras. Um dos recursos lexicográficos utilizados para auxiliar a compreensão do significado são as remissões, que produzem remissões ou referências cruzadas. Na próxima subseção, analisaremos como são organizadas as remissões nas obras em formato informatizado, quais sejam, o dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa (2009) e o Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010). As análises têm o objetivo de identificar como esses dicionários organizam as remissões e, com base num ponto de vista crítico, verificar como poderemos estruturar as remissões no modelo de dicionário analógico eletrônico.

5.2.1 Os dicionários informatizados e a constituição das remissões

Os dicionários informatizados, sob análise, são o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e o Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010), armazenados em CD-ROM. A principal diferença entre os dicionários na versão impressa e na versão informatizada é que os informatizados possibilitam o acesso mais

rápido aos lexemas de diferentes verbetes pelos hipertextos e *hiperlinks*, que relacionam os dados entre si.

O hipertexto é um conjunto de dados ligados entre si, editado no computador. De acordo com Xavier (2010, p. 202), “o hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, visando à aquisição de informações e à comunicação.” Esse conjunto de dados permite ao consulente seguir “uma outra ordenação no processamento da leitura que não seja, necessariamente, a que está proposta na superfície visual” (XAVIER, 2009, p. 106). Nos hipertextos, as informações são organizadas em forma de redes, assim sendo, permitem consultas que não são hierárquicas e nem lineares necessariamente.

Os *hiperlinks*, por sua vez, são dispositivos informáticos que criam elos entre os dados. Os *hiperlinks* são constituídos por links que são “mecanismos de referência digital”, segundo Xavier (2009, p. 192). Nos dicionários informatizados, os *hiperlinks* vinculam diferentes lexemas, direcionando o consulente a outro(s) lugar(es) do hipertexto por meio de um clique no dispositivo informático, que o conduz a outro lexema por serem relacionados entre si. As remissões das obras dicionarísticas na versão eletrônica servem de exemplo de estruturas em *hiperlinks*, que permitem o acesso às relações lexicais e possibilitam a circulação do consulente entre lexemas, reorganizando, dessa forma, o conhecimento.

Com base em Faulstich (1993, p. 174), a remissão

é cada item léxico que possui conteúdo semântico próprio. É, formalmente, a unidade semântica contida numa definição, ou seja, aquela palavra que provoca no leitor a curiosidade de saber o que significa, para que ele possa melhor compreender o conteúdo definicional do termo-entrada. Funcionalmente, as remissões se constituem em verdadeiros trajetos de reconstituição de significados.

Entendemos que as remissões complementam a definição, porque auxiliam o usuário na compreensão do significado de outro lexema relacionado ao anterior, por oferecerem caminhos a serem percorridos pelo consulente para atingir o objetivo. Assim, “caberá ao lexicógrafo funcionar como um guia dentro da própria obra a fim de abastecê-lo de informação” (FAULSTICH, 1993, p. 92).

Além disso, as referências cruzadas organizam campos léxicos, que são “uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que compartilham uma zona de significação comum em oposição imediata umas com as outras” (COSERIU, 1977, p. 140). Essa zona de significação comum pode ser entendida como o conjunto de traço

comum que os lexemas repartem. As oposições dizem respeito aos traços distintivos, que diferenciam esses lexemas. Por meio das remissões, os lexemas que apresentam traços são *linkados*, quer dizer, fazem ligações entre si. Em consequência, “o lexicógrafo beneficia o usuário ao estruturar, nocionalmente, a informação e, ao mesmo tempo, organizar campos léxicos” (FAULSTICH, 1993, p. 174).

No dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e no Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010), as remissões são apresentadas de diferentes maneiras com base em hiperlink. Para compreender a organização dessas remissões, dirigimo-nos, nas obras, primeiramente, à macroestrutura, e, posteriormente, à microestrutura, já que uma remissão como “indicativo de relações nocionalmente ligadas, surge na microestrutura, mas vai ter reflexo na macroestrutura textual” (FAULSTICH, 1993, p. 91). Na macroestrutura, são registradas as formas de apresentação das referências cruzadas. Na microestrutura, há a apresentação desse recurso lexicográfico.

As formas de apresentação das remissões na obra de Houaiss (2009) são explicitadas na seção da macroestrutura “Detalhamento dos verbetes e outras informações”. Quando um lexema tiver a definição contida em outro verbete, por ser um sinônimo ou quase sinônimo desse item lexical, a remissão geralmente é feita com abreviação “m.q”, que significa “mesmo que”, e o lexema remissivo é destacado em caixa-alta, negrito e itálico. Nesse dicionário, as remissões são classificadas em 4 tipos: excludente, discreta, imperativa e genérica.

A remissão excludente aparece entre parêntesis com uma rubrica ou com uma minidefinição para excetuar uma acepção. Como exemplo desse tipo de ocorrência, no verbete *balázio*, a remissão está constituída da seguinte forma: “m.q. **BALAÇO** (exceto FUTB)”, que faz referência à palavra-entrada *balaço* e a informação entre parêntese serve para explicar a necessidade da exclusão da acepção da rubrica futebol.

A remissão discreta ocorre, geralmente, em acepções da linguagem informal, tabuística ou regional registradas no dicionário. Nessa remissão, outro verbete é citado, de modo que pode aparecer sem os recursos do uso de “m.q” ou “ver”, por não ser desejável, em tais casos, deixar patente a sugestão de que o leitor vá ao outro verbete; ou pode ser feita, em meio a um texto de definição, com destaque na palavra ou sintagma para o qual a atenção deve se voltar. Um exemplo desse tipo de remissão encontra-se no texto definitório do verbete tabuísmo, no qual aparece o lexema mijar

destacado em itálico, que remete ao verbete por meio de links, sem ter indicação explícita de remissão. Quando o consulente clica no link *mijar*, aparece o verbete *mijar*. Nesse verbete, há acepção 1 com a rubrica uso informal com remissão “m.q”, remetendo para o verbete *urinar* por meio da remissão excludente.

A remissão imperativa é utilizada quando o dicionário elege um lexema em detrimento de outro para registrar a definição. Nesse caso, a remissão é introduzida pelo lexema “ver”. A eleição de determinado lexema para a remissão ocorre por motivos diversos, como maior correção, entradas em português em lugar de palavras ou locuções estrangeiras ou palavras técnicas preferidas. Na acepção 1 do verbete *belostomídeo*, que é um termo da entomologia, a remissão aparece da seguinte forma: “ver **BELOSTOMATÍDEO**”.

Também os autores do dicionário usam a remissão “ver” para apresentar sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos e nos verbetes de elementos mórficos de composição, prefixos, sufixos e outros. Um exemplo dessa remissão pode ser encontrado no subcampo “sinônimos e variantes” do verbete *carapanta*, no qual há a informação “ver sinonímia de bebedeira”, sendo que o lexema em itálico constitui um hiperlink. Ademais, nos verbetes, quando a abreviatura “Obs.” é apresentada, aparece acompanhada de remissão indicada pela abreviatura “cf.”, conforme ocorre no verbete *lactante*.

A remissão genérica indica em que local da alfabetação estão as definições procuradas pelo consulente, para que a forma de apresentação dos verbetes seja concisa, ao invés de registrar longa lista de verbetes remissivos compostos por variantes. Na constituição desse tipo de remissão, a palavra-entrada aparece grafada com a parte da grafia, o que pode causar dúvidas. Nessa entrada, há uma forma variante do lexema, que remete a outro verbete, é o que define o item lexical consultado. Desse modo, se o consulente procurar, por exemplo, algumas palavras grafadas com -ct em que o -c seja mudo, ele será informado de que o item lexical está registrado na obra com grafia sem a letra c, como podemos ver na figura a seguir:



Figura 54: Verbetes *hidrelect* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, adaptado)

Observamos que “hidrelect...” constitui uma palavra-entrada, uma remissão “ver HIDRELET”, e, ao clicar na referência cruzada, o leitor é conduzido ao verbete *hidreletricidade*.

As remissões genéricas no dicionário aparecem assim: abce... ver ABSCE...; abci... ver ABSCI...; acci... ver ACI...; acupunct... ver ACUPUNT...; contact... ver CONTAT...; contract... ver CONTRAT...; dact... ver tb. DAT..., electr... ver ELETR...; hidrelect... ver HIDRELET..., humid... ver UMID...; lact... ver tb. LAT...; omni... ver ONI...; syntact... ver SINTAT...; tact... ver TAT...; termelectr... ver TERMELETR...; termoe... ver TERME...; e termoelectr... ver TERMELETR.... Diante disso, deduzimos que esse tipo de remissão é empregada para atenuar dúvidas da grafia de lexemas e de termos.

Além desses quatro tipos de referências cruzadas, o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa possui outras formas de remissões, quais sejam:

- a) lexemas entre parêntesis a fim de apresentar:
 - i) minidefinição da acepção para a qual remete o leitor, a fim de que ele compreenda em que campo lexical está inserido o lexema, e, se poderá dirigir-se à definição, que se encontra em outro verbete. O verbete representado a seguir ilustra essa forma de remissão:

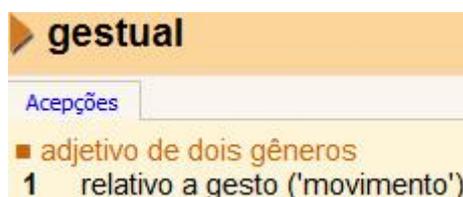


Figura 55: Verbetes *gestual* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.
Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, adaptado)

Nesse verbete, a remissão (‘movimento’) indica que, ao clicar no verbete *gesto*, abre-se o verbete, que, na acepção 1 remete a m.q. GESTICULAÇÃO (‘ato’) e na acepção 2 diz que “movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica”.

- ii) Referência à rubrica que delimita o campo lexical da acepção pertinente da palavra ou locução para a qual se remete.

iii) Classificação taxonômica do ser ou seres para os quais está remetendo no caso de verbetes de botânica e zoologia. Um exemplo disso ocorre no verbete *facoquero*, em que, além da remissão “m.q”, há, entre parêntesis, a classificação taxonômica da mastozoologia *Phacochoerus aethiopicus*, conforme pode ser visto na figura a seguir:

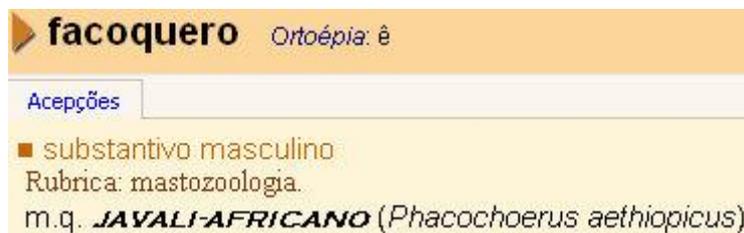


Figura 56: Verbetes *facoquero* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.
Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, adaptado)

b) Números entre parêntesis a fim de referir a:

i) acepções anteriores ou posteriores dentro de um mesmo verbete. Como ocorre na acepção 7 do verbete *abacaxi*, vejamos:

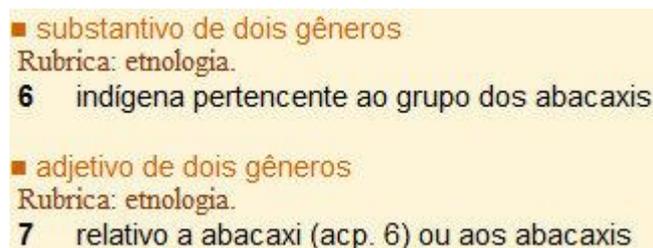


Figura 57: Verbetes *abacaxi* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.
Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, adaptado)

ii) Acepções do verbete a que pertencem as locuções, como está na locução *algodão hidrófilo* do verbete *algodão*, em que há indicação do significado da acepção 3:



Figura 58: Verbetes *algodão* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.
Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, adaptado).

c) Abreviatura “red.” mais lexema em caixa-alta para indicar que a locução substantiva do tipo substantivo mais adjetivo ou substantivo mais substantivo foi reduzida, de modo

que a palavra-entrada é o segundo elemento da locução. O verbete *celular* possui exemplo desse tipo de remissão:



Figura 59: Verbetes *celular* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.
Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, adaptado).

Outra forma de remissão que não foi explicada na macroestrutura do dicionário Houaiss (2009), embora apareça na obra, é a indicação do lexema que não é muito utilizado. Nesse caso, a remissão encontra-se em caixa alta, mas não vem acompanhada da abreviatura “m.q”, mas, sim, da expressão “menos usada que”, sendo que “usada” aparece abreviado, como ocorre no verbete *beduim*, que remete a *beduíno*:

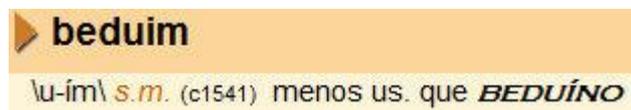


Figura 60: Verbetes *beduim* do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.
Fonte: (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009).

Como vimos, no dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, as remissões são sofisticadas e, por isso, as consideramos complexas. Na continuidade de nossas reflexões, vamos estabelecer um paralelo entre o dicionário Houaiss (2009) e o Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010).

Na macroestrutura do Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010), há o *menu* “ajuda”, com a seção “Verbetes- entenda sua estrutura”. Subordinada a essa seção, há a subseção “remissiva”, que apresenta as informações sobre a constituição das referências cruzadas. A remissão pode ser identificada pela abreviatura V. seguida por lexias simples ou composta em itálico. Esse recurso lexicográfico tem a função de conduzir o leitor a um verbete, a uma locução ou a uma definição diferentes. Dessa forma, o consulente poderá encontrar a definição com o significado similar ou complementar ao da palavra no contexto ou poderá confrontar com outras definições que elucidarão melhor esse significado.

Outra forma de registrar a remissão é “~V.” seguido pelo lexema em itálico e em negrito para remeter à locução na qual uma das palavras encabeça o verbete que está

sendo consultado (geralmente como adjetivo). Nesse caso, essa palavra é substituída por um travessão seguido de um indicador de flexão de gênero ou de número. Um exemplo desse tipo de ocorrência está na acepção 1 do verbete *dependurado* (ilustrado na figura a seguir): a remissão indica a locução *olhos dependurados* dentro do verbete *olho*.

dependurado

[Part. de *dependurar*.]

Adjetivo.

1. **Que se dependurou; pendurado. ~ V. olhos —s.**

Figura 61: Verbetes *dependurado* do Novo Dicionário Aurélio.

Fonte: (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO VERSÃO ELETRÔNICA, 2010, adaptado)

Quando há a necessidade de indicar as acepções de uma palavra para direcionar a remissão, os números das acepções relacionados com a remissão aparecem entre parêntesis, conforme ocorre na acepção 3 do verbete *abafo*:

abafo

[Dev. de *abafar*².]

Substantivo masculino.

1. **Agasalho (6).**

2. **Afeto, afago.**

3. **V. *abafamento* (2 e 4).**

Figura 62: Verbetes *abafo* do Novo Dicionário Aurélio.

Fonte: (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO VERSÃO ELETRÔNICA, 2010)

Notamos que, na acepção 1 desse verbete, há um erro de sistematização, pois a remissão não apresenta a abreviatura V. Assim, embora na macroestrutura da obra sejam apresentadas duas maneiras de estabelecer as remissões, identificamos que esse recurso lexicográfico é feito também com a indicação de acepção entre parêntesis, como no verbete *abaianada*:

abaianada

(a-i). [F. subst. de *abaianado*.]

Substantivo feminino.

1. **Bras. N.E. Peça de zabumba (2), de ritmo rápido, caracterizada sobretudo pelo toque rufado do tarol.**

Figura 63: Verbetes *abaianada* do Novo Dicionário Aurélio.

Fonte: (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO VERSÃO ELETRÔNICA, 2010)

Nesse verbete, encontra-se uma remissão ao verbete *zabumba* no qual aparece:

zabumba

zabumbar

[Voc. onom., ou do conguês *bumba*.]

Substantivo masculino e feminino.

1. **Mús. V. bombo (1):**

"Perguntei que contentamento se expandia nos *zabumbas*, e clarinetes, e morteiros que atroavam montes e vales." (Camilo Castelo Branco, *Doze Casamentos Felizes*, p. 50); "A banda de couro, constituída da *zabumba*, das cinco caixas, dos dois flautins e do triângulo, executava seus toques monótonos." (Bernardo Élis, *Veranico de Janeiro*, p. 31).

2. **Mús. V. terno de zabumba.**

Substantivo de dois gêneros.

3. **Mús. Zabumbeiro:**

"vigilante Rômulo, uma besta, grandalhão, último na ginástica, último nas aulas, mas exercendo no colégio as complexas e delicadas funções de *zabumba* da banda." (Raul Pompeia, *O Ateneu*, p. 51).

4. **Bras. Zool. V. camarão-castanho.**

Substantivo masculino.

5. **Bras. CE Bot. V. estramônio.** [Cf. *zambumba*.]

Figura 64: Verbetes *zabumba* do Novo Dicionário Aurélio.
Fonte: (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO VERSÃO ELETRÔNICA, 2010)

A acepção 2 desse verbete é uma remissão no verbete *baianada*, possui outra remissão ao verbete *terno de zabumba*. Em *terno de zambumba*, as acepções 1, 2, 4 e 5 remetem o leitor a outros verbetes. A acepção 3 não tem remissão, mas é definida por sinônimo. O resultado de um verbete só com remissões e com definição por sinônimo promove a circularidade e não leva o consulente ao significado buscado imediatamente, apenas fornece mais caminho, para que o leitor possa percorrer a obra. No entanto, se o consulente clicar nas remissões indicadas conseguirá entender o significado destas, pois os verbetes indicados para consulta apresentam definições claras. Um exemplo disso é a forma como a definição da acepção 1 está registrada no verbete *bombo*. Acrescentamos, por outro lado, que, na acepção 2, o autor remete à homonímia do verbete *bombeiro*. Essa forma de remissão não está prevista na macroestrutura, o que é uma incoerência da obra.

bombo

[Do it. *bombo*.]

Substantivo masculino.

1. **Mús.** Tambor (2) de grandes dimensões e sonoridade grave, percutido com macetas, tocado com as peles em posição vertical, e usado em bandas militares e orquestras, bem como para marcar o ritmo na música popular. [Var.: *bumbo*. Sin.: *zabumba* ou *zambumba*, *caixa grande*; *bumba* (CE), *zambê* (RN).]
2. **Bombeiro**².
3. **Tip.** Tambor (12).

bombar
bombó

Figura 65: Verbetes *bombo* do Novo Dicionário Aurélio.
Fonte: (DICIONÁRIO AURÉLIO VERSÃO ELETRÔNICA, 2010)

Ainda na seção “Verbetes- entenda sua estrutura”, há uma explicação sobre outro componente do verbete, que é a *achega*. Esse recurso, apresentado entre colchetes, inclui informação adicional à definição, podendo ser de natureza explicativa, comparativa [Cf., sinônimos, antônimos etc.], gramatical [flexões, conjugação verbal etc.], entre outras. Percebemos que, em alguns verbetes, a *achega* exerce a mesma função que uma remissão. A acepção 5 do verbete *zabumba* e a acepção 1 do verbete *bombo* possuem *achegas*. Esta acepção indica a variante *bumbo* e os sinônimos *zabumba* ou *zambuba*, *caixa grande*, *bumba* e *zambê*. Ao clicar na *achega* do verbete *zabumba*, há remissão ao verbete *zambumba*:

zambumba

Substantivo feminino.

1. **Mús. V. bombo (1).**
2. **Bot. V. estramônio.**
3. **Zool. V. camarão-castanho.** [Cf. *zabumba*.]

Figura 66: Verbetes *zambumba* do Novo Dicionário Aurélio.
Fonte: (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO VERSÃO ELETRÔNICA, 2010)

A *achega* faz referência ao verbete *zabumba*. Esse recurso serve como uma complementação do significado que pode ser introduzida por meio da abreviatura Cf., um caminho a percorrer, além de apresentar variantes e relações lexicais.

Diante dos recursos que o Novo Dicionário Aurélio utiliza para as remissões, o consulente pode se perder, pois as remissões não obedecem à sistemática prevista na macroestrutura e há vários casos em que a circularidade dificulta o entendimento do significado. As remissões servem para complementar o significado, ampliar o conhecimento linguístico e cultural, e não para substituí-los.

Acreditamos que “a validade de uma remissão pode ser avaliada de acordo com a relação que cada uma das remissões estabelece com a entrada, ou que elas estabelecem entre si no corpo da definição” (FAULSTICH, 1993, p. 92). Mediante essa afirmativa, consideramos que as remissões nas obras sob análise são válidas por terem relações com a palavra-entrada e com os lexemas no corpo na definição. Entretanto, cabe aos lexicógrafos melhorar a técnica de remeter de uma palavra a outra nos dicionários, assim como padronizar a forma de estruturar a relação entre uma remissiva e outra. No dicionário de Houaiss (2009), existem diversas formas para apresentar esse recurso lexicográfico, que podem ser simplificadas, com vistas a que a consulta ao recurso se torne mais amigável. No Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010), é necessário organizar, na macroestrutura, a indicação da remissão antecedida da abreviatura V. Não é possível distinguir as remissivas das achegas, visto que ambas cumprem a mesma função em alguns verbetes.

Em suma, podemos concluir que nas duas funções as remissões foram usadas para indicar links que completam o significado por meio da apresentação das relações lexicais, a saber: sinonímia, hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia e associativa.

Feito o estudo das remissões nos dicionários informatizados em análise, apresentaremos, na próxima subseção, as características ontológicas das remissões.

5.2.2 Dicionários informatizados: uso de ontologia

A constituição dos dicionários informatizados é ontológica. Em vista disso, é necessário compreender a definição, a estrutura e a funcionalidade de ontologias nos dicionários. Merece destaque, a origem do termo ontologia, que vem do grego *óntos*, ‘ser’, e *logos* - ‘palavra’, ‘discurso’, ‘razão’. Ontologia designa, de forma genérica, o estudo que se preocupa “com a identificação das características comuns a todos os seres” (MOREIRA, 2007, p. 10). O termo original surgiu na Filosofia e corresponde à palavra aristotélica “categoria”, usada para classificar alguma coisa (ALMEIDA & BAX, 2003, p. 8).

Nos estudos sincrônicos, o tema ‘ontologia’ vem sendo discutido e aplicado não apenas na filosofia, mas em diversas áreas do conhecimento, tais como: Sistemas de

Informação, Linguagem e Cognição, Inteligência Artificial, Banco de Dados, entre outras. Na literatura especializada, há definições diversas para ontologias e tipos variados de aplicação nas áreas de conhecimento, de modo que diferentes definições podem ser encontradas em uma mesma área.

No quadro a seguir, relacionamos diferentes definições de ontologia, segundo as áreas do conhecimento.

Quadro 25: Definições de ontologia nas áreas do conhecimento

Área do conhecimento	Ontologia
Sistemas de Informação	Um conjunto de conceitos e termos que pode ser usado para descrever alguma área do conhecimento ou construir uma representação para o conhecimento (SWATOUT & TATE, 1999).
Base de dados	Conhecimento genérico que pode ser reusado em aplicações de tipos diferentes (MEERSMAN, 2002).
Inteligência Artificial	Caracterização axiomática do significado do vocabulário lógico GUARINO (1997); define os tipos de coisas que existem ou podem existir em um mesmo domínio (SOWA, 2000). Uma especificação formal explícita de uma conceituação compartilhada (GRUBER, 1993, p. 199).
Linguagem e Cognição	Ontologia refere-se a tudo que existe no mundo composto por objetos, mudanças e relações entre eles. Pode ser baseada no mundo, na mente/intelecto, na cultura ou na linguagem (DAHLGREN, 1995).

Fonte: (PINHEIRO, 2004, p. 19-20, com adaptações)

Uma das definições de ontologia mais conhecidas e aplicáveis aos mais variados contextos é “uma especificação formal explícita de uma conceituação compartilhada” (GRUBER, 1993, p. 199). O autor quer dizer que ‘formal’ corresponde a ser lida por máquina; ‘explícita’ significa que os conceitos usados e as delimitações de uso são estabelecidos de modo explícito na linguagem documentária; conceituação, que depende de uma visão de mundo, descreve a extensão e a intenção dos conceitos que se deseja representar; ‘compartilhada’ significa que a expressão apresenta um conhecimento consensual de uma comunidade.

As ontologias linguísticas são definidas por Magnini & Speranza, (2002, p. 43) como:

grandes recursos lexicais que organizam a maioria das palavras de uma língua, e, ao mesmo tempo, fornecem uma estrutura ontológica, na qual a ênfase principal está nas relações entre os conceitos; ontologias linguísticas

podem ser vistas tanto como um tipo específico de banco de dados lexicais e como um tipo particular da ontologia.

Para compreender a estrutura de uma ontologia, podemos considerar a afirmativa subsequente:

uma ontologia pode ter uma variedade de formas, mas necessariamente inclui um vocabulário de termos e alguma especificação de seu significado. Isto inclui definições e uma indicação de como conceitos são inter-relacionados, os quais impõem coletivamente uma estrutura sobre o domínio e restringe as possíveis interpretações do termo (USCHOLDE & JASPER, 1999).

Assim sendo, as ontologias podem ser estruturadas utilizando variados tipos de ferramentas, no entanto será sempre composta por conjuntos de conceitos acompanhados de suas respectivas definições e organizados de forma relacionada, para que seja compreendido o seu significado e sua posição no sistema classificatório. A ontologia pode ser caracterizada “por um sistema classificatório bem delineado e definido, que permite ter estrutura interna clara e passível de formalização e entendimento para a máquina e um vocabulário de um domínio, formado essencialmente por conceitos e por uma rica rede de relações” (GONÇALVES & SOUZA, 2008).

Diversos autores observam que “as ontologias são utilizadas em projetos de domínios como gestão do conhecimento, comércio eletrônico, processamento de linguagens naturais, recuperação da informação na Web, de cunho educacional, entre outros” (ALMEIDA & BAX, 2003, p. 9). Desse modo, as ontologias desempenham papéis relevantes nas diversas áreas do conhecimento devido às suas finalidades, pois “servem como um meio para a representação de informações que contêm um caráter semântico comum, que podem ser aplicadas em situações diversas do mundo real” (SANTOS & VALE, 2008). Permitem aos múltiplos agentes compartilhar o conhecimento, ajudar pessoas a compreender melhor certa área de conhecimento e possibilitar um consenso no entendimento de um domínio específico.

Os componentes básicos de uma ontologia são as classes, organizadas em uma taxonomia; as relações que representem o tipo de interação entre os conceitos de um domínio; os axiomas, usados para modelar sentenças sempre verdadeiras e as instâncias, que são espaço e tempo determinados, utilizadas para representar elementos específicos, que são os próprios dados (GRUBER, 2005).

Após compreender como se estruturam um dicionário eletrônico e uma ontologia, vemos que os dicionários informatizados são de base ontológica, visto que “o

uso de ontologias tem-se mostrado um meio eficiente de representação de conceitos semanticamente relacionados, servindo não só aos propósitos de sistemas de banco de dados, como também para o Processamento de Língua Natural” (KASAMA et al, 2010, p. 44). Como esses dicionários são elaborados por meio de uso de PLN, podemos afirmar que definem, relacionam os lexemas por meio de redes de remissivas e utilizam um formalismo que possibilita o tratamento computacional dos dados linguísticos.

Ontologia, como área do saber, classifica as entidades existentes ao estabelecer relações conceituais, ao definir propriedades e ao explicitar restrições. Na construção de uma ontologia, faz-se uma categorização dos conceitos e esses conceitos são relacionados entre si. A fim de identificar a aplicabilidade das ontologias em uma obra lexicográfica, percebemos que, no processo de o lexicógrafo estabelecer as remissões no dicionário eletrônico, cria-se categorias ontológicas, pois, uma ligação é estabelecida por meio de *hiperlinks* que atuam nos lexemas de acordo com relações entre si. Esses links se justificam pelas relações lexicais que estruturam campos lexicais, que conectam os lexemas porque compartilham traços comuns, características que justificam as remissões.

Um projeto lexicográfico exige seleção de ordem linguística e restrições de ordem técnica, estabelecidas pelo lexicógrafo, para a elaboração do dicionário. No entanto, a perspectiva ontológica é útil porque auxilia na organização dos lexemas, de modo que explicita links para cada conceito. Esses links, que são utilizados nas conexões entre os conceitos relacionados, formam um conjunto, que deve ser coeso e interpretado como hiperlink, no todo da obra.

Nossas reflexões têm o papel de demonstrar que as remissões auxiliam na construção de ontologias, ou que as ontologias são úteis na elaboração dos verbetes de dicionários, uma vez que se organizam de forma sistêmica, possibilitando que a arquitetura do dicionário seja pensada desde o início do projeto. É de conhecimento que as remissões enriquecem as obras lexicográficas, pois representam caminhos que o consulente pode percorrer para ampliar a compreensão do significado de lexemas e ampliar o conhecimento de mundo. Interessante é perceber que as obras com formato informatizado disponibilizam ferramentas facilitadoras de acesso às remissões, o que deixa o leitor mais confortável, ao percorrer os *hiperlinks* que “permitem realizar ágeis deslocamentos de navegação e [...] podem dinamizar a leitura”. (XAVIER, 2009, p. 200).

Os sistemas de PLN que armazenam os dicionários informatizados facilitam o acesso à informação, por apresentarem recursos variados que atendem às necessidades dos consulentes. A análise levada a cabo nos permite observar que a Lexicografia brasileira ainda depende de bons projetos, feitos por pesquisadores treinados para esse fim. Um dicionário é um material didático útil para a faixa etária a que se dirige. É um tesouro que revela o que diz e o que pensa uma sociedade.

Na seção posterior, apresentaremos nossa reflexão acerca da terminologia no dicionário analógico.

5.3 DICIONÁRIO ANALÓGICO: HÁ TERMINOLOGIA NO DICIONÁRIO ANALÓGICO?

Quando a terminologia de uma área é apresentada, é necessário selecionar os termos que compõem o domínio de saber de forma exaustiva, de modo que haja a recolha dos termos representativos do sistema de conceitos da área especializada. Com base nas análises de dicionário analógico, notamos que, primordialmente, os lexemas de língua comum são registrados. Contudo, há verbetes que também possuem termos. Diante disso, surgiu o questionamento: os verbetes dos dicionários analógicos devem conter termos de áreas de especialidade ou devem apresentar os lexemas da língua comum? Se o lexicógrafo se comprometer a acrescentar as terminologias de áreas, a consequência pode ser construção de verbetes exaustivos por terem lista de termos, além da lista de lexemas de língua comum. O resultado disso poderia ser uma obra infundável, pois seria necessário além de selecionar os lexemas análogos, recolher os termos. Por esse motivo, é prudente optar pela elaboração de dicionário analógico constituído por lexemas de línguas comum. Contudo, para descrever a língua comum, os termos são usados em determinadas situações. Segundo Faulstich (1998a, p. 10),

a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana, diferentemente da compreensão de que os termos só aparecem em situações de comunicação especializada, pode-se constatar que, na interação conversacional, cerca de 80% do vocabulário é constituído de termos específicos de acordo com o contexto em se desenvolve a comunicação.

Assim sendo, nos contextos de interação comunicativa do cotidiano do falante, surgem termos de domínios do conhecimento. Por isso, não é possível confeccionar dicionário sem terminologia. Entretanto, a prioridade de registro no dicionário

analógico são os lexemas que podem ser acompanhados de termos essenciais para a comunicação em contexto de língua comum. Como a organização temática é motivada por assuntos de áreas diferentes, há registros de termos em nossa proposta.

5.4 APRESENTAÇÃO DO DICIONÁRIO INFORMATIZADO ANALÓGICO DE LÍNGUA PORTUGUESA (DIALP)

Sabemos que o dicionário contribui para que o falante produza enunciados com propriedade vocabular; encontre significado, informação gramatical, relações lexicais, além de outras funcionalidades. Assim sendo, diante das informações que o consulente pode ter acesso na obra lexicográfica, o resultado pode ser a aquisição de léxico, após a pesquisa nos verbetes, visto que a cada consulta pode ser gerado um aprendizado.

Podemos destacar que o dicionário possui caráter pedagógico, visto que facilita a comunicação por fornecer informações linguísticas que sanem a falta de conhecimento do consulente. Com o objetivo de elaborar um dicionário que atenda às demandas de ensino e de aprendizagem de língua, apresentamos o Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa (DIALP). Nesse sentido, é a continuação da proposta de dicionário analógico sugerida por Oliveira (2010), mas com incursões teóricas e práticas de nossa iniciativa. Aproveitaremos, neste momento, estruturas estabelecidas na proposta da pesquisa anterior com as quais concordamos ainda hoje. No entanto, desenvolveremos estruturas que não constavam no modelo anterior.

O conteúdo dessa obra destina-se:

- i. aos aprendizes de português como Segunda Língua (L2) ou como Língua Estrangeira (LE), visto que a organização analógica pode conduzi-los até o lexema desejado;
- ii. a elaboradores de exercícios de aprendizagem do léxico da língua, de palavras cruzadas, de jogos de palavras que consultam conjunto de unidades linguísticas afins;
- iii. a professores, alunos, conferencistas, relatores que precisam de um leque de opções de palavras na produção oral e escrita e que estão em busca de ampliação de vocabulário;
- iv. a compositores, poetas, escritores, tradutores, jornalistas, que procuram arranjos de palavras com significados relacionados;
- v. a lexicógrafos, dicionaristas, terminólogos e terminógrafos que necessitam identificar os campos nocionais, semânticos, léxicos, associativos e as relações lexicais, para

estabelecerem redes de remissões nos dicionários, glossários, léxicos e vocabulários e

vi. a pesquisadores, indexadores, documentalistas e curiosos que almejam fazer consultas de caráter onomasiológico e que queiram ver como as palavras de uma língua podem ser categorizadas de maneira sistêmica.

O Professor pode consultar o dicionário analógico para construir materiais didáticos lúdicos, como jogos da memória, palavras-cruzadas, entre outros. “O jogo com o dicionário deve propor ações orientadas com vistas à aquisição ou treinamento de conteúdos e habilidades específicos”, com base em Gomes (2011, p. 151). Mediante às orientações dadas pelos professores para a realização de atividades lúdicas, os alunos poderão adquirir o léxico.

Não é adequado que o léxico seja apresentado como uma lista de palavras, sem a respectiva significação dos lexemas nos livros didáticos. Ademais, a aquisição de léxico não é efetiva quando o aluno pergunta o significado de uma palavra e ao professor tentar explicar o significado. Se o professor se depara com uma lista de palavras para apresentar um campo temático *vestuário*, por exemplo, ele pode consultar o verbete de um dicionário analógico para apresentar os lexemas de forma mais completa, tendo em vista que o dicionário analógico registra as definições para cada lexema e os lexemas são separados por relações semânticas. O professor poderá: i) selecionar figuras para os lexemas hipônimos do verbete *vestuário*; ii) inserir os significantes abaixo de cada figura; iii) copiar as definições do dicionário e iv) criar duas colunas, uma com as figuras e os respectivos significantes e outra, com as definições, para que os aprendizes associem cada significado ao respectivo significante.

Com o objetivo de organizar o dicionário analógico, é necessário determinar as analogias a fim de estruturar os verbetes. Como a mente humana capta identidade de relações de modo subjetivo, delimitamos como as analogias devem ser feitas para que não se tornem excessivamente abrangentes.

Neste contexto, é válido acrescentarmos as ideias de Gaudin & Guespin (2000, p. 195), quando afirma que:

grâce à l'analogie, on peut donc recenser un grand nombre d'informations à partir du mot-vedette. Cependant, on ne saurait accroître l'étendue de ces informations jusqu' à un recensement qui prendrait un caractère encyclopédique.[...] En effet, l'analogie reste étroitement limitée aux relations discursives reçues en langue, et possède une valeur culturelle pour une

communauté de langue. [...] On ne pourra l' approcher que par son insertion dans la culture.⁶⁴

Assim, as analogias agrupam um conjunto de palavras que possuem afinidades, que são delimitadas pelos aspectos culturais. Há lexemas registrados nos verbetes por causa das inferências lexicais feitas com base em informações enciclopédicas. Assim sendo, no modelo de dicionário analógico se dão por conexões com as entidades do significado ou por inferências lexicais.

Cada língua tem a autonomia para criar as inferências lexicais, uma vez que o conhecimento de mundo não é o mesmo entre os falantes de comunidades linguísticas diferentes. Concordamos com Cabrera & Filho (2007, p. 14) ao declararem que

duas coisas ou relações poderiam ter o mesmo nome, ou terem nomes equivalentes em diferentes línguas e terem sentidos totalmente diferentes, o que permitiria inferências lexicais em certas línguas e não em outras. As instituições correspondentes poderiam ser profundamente diferentes de uma língua para outra.

O método de criação do DIALP pode ser usado para elaboração de dicionário analógico em outras línguas, realizando as adaptações necessárias, tendo em vista que as analogias do modelo nem sempre se aplicarão a outras línguas devido ao modo como cada sociedade interpreta e associa as coisas do mundo.

No processo de elaboração desse dicionário, adotamos a proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001). Essa proposta foi desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) da Universidade de Brasília (UnB), a fim de disponibilizar um modelo de ficha lexicográfica a ser preenchida na elaboração de dicionários.

O DIALP foi construído em programa computacional, que possibilita buscas de caráter semasiológico e onomasiológico. O DIALP possui as partes alfabética e sistêmica. A parte alfabética apresenta a estrutura de um dicionário eletrônico de língua comum. Assim, o consulente terá acesso às definições. Os verbetes dessa parte serão todos os lexemas da parte analógica da obra e serão constituídos por: +palavra-entrada, +informação gramatical, +definição, ±fonte da definição, ± remissiva, ±contexto, ±fraseologia.

⁶⁴ Tradução: graças à analogia, podemos então enumerar um grande número de informações a partir da palavra-entrada. No entanto, não poderíamos aumentar a extensão dessas informações até uma enumeração que tomasse um caráter enciclopédico. [...] De fato, a analogia permanece estreitamente limitada às relações discursivas realizadas na língua, e tem um valor cultural para uma comunidade de língua. [...] Não poderíamos relaciona-la apenas pela sua inserção na cultura.

A inovação da pesquisa está na segunda parte, que será sistêmica. Nessa parte, os lexemas serão organizados de forma analógica. Os verbetes serão compostos por: +palavra-entrada, +informação gramatical, +definição, +relações lexicais (hiperônimo, hipônimo, sinônimo, antônimo, holônimo, hipônimo e conceito conexo), ±marcas de uso, ±contexto, ±remissões, +verbos analógicos. A palavra-entrada e os lexemas das relações lexicais serão apresentados em ordem alfabética.

A parte analógica terá uma organização sistêmica em formato de mapa mental para exibir os campos lexicais, conforme a figura ilustra.

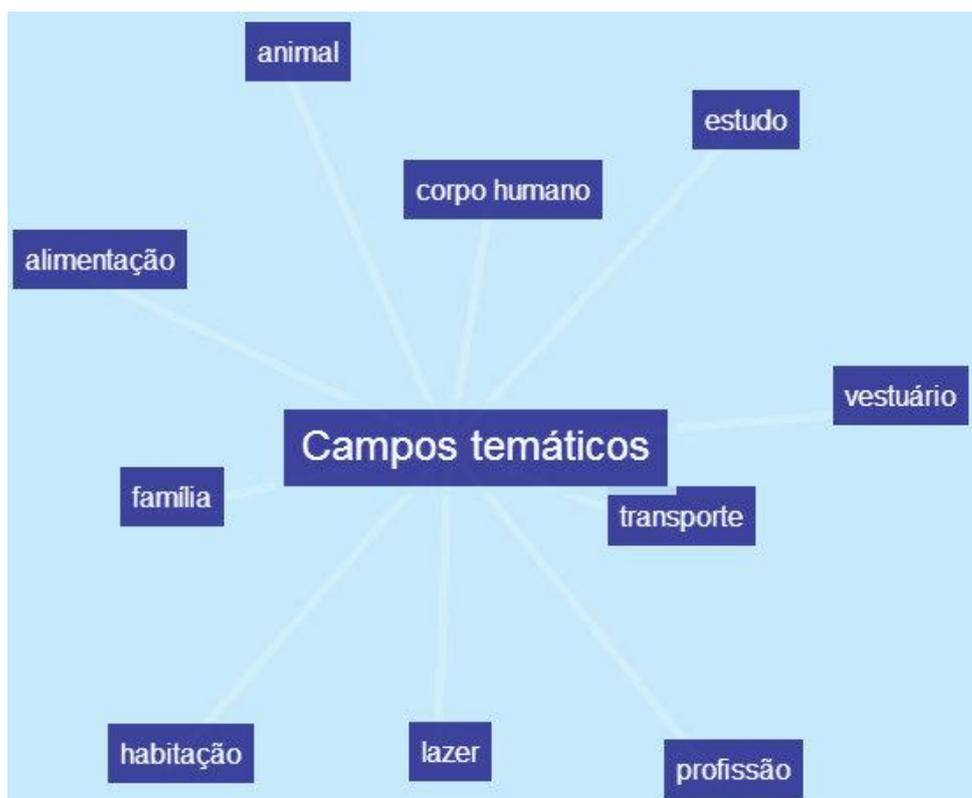


Figura 20: Campos temáticos da parte analógica do DIALP.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

O *layout* com os campos temáticos é a tela de apresentação da parte analógica. Por meio *plugin* feito em *javascript*, o *layout* pôde ser apresentado e forma interativa, o que possibilita os movimentos na tela. Os campos temáticos disponibilizados no dicionário são: *alimentação*, *animal*, *corpo humano*, *estudo*, *família*, *habitação*, *lazer*, *profissão*, *transporte* e *vestuário*. Entendemos que esses campos abrangerão o léxico básico que o público-alvo da obra necessita consultar.

Delimitamos esses temas após a leitura dos campos lexicais da obra *Cambridge Word Routes* (1996, p. vii), que “agrupa palavras e expressões de significado

semelhante sob cabeçalhos que informam o leitor a respeito de um determinado campo lexical”. Entendemos campos lexicais como

um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõem entre si por meio de simples traços de conteúdo. Isto é, o campo lexical compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas (VILELA, 1979, p. 60).

Desse modo, o campo lexical é formado pelo conjunto de lexemas que possuem traços comum e distintivo. Os traços comuns resultam de os lexemas pertencerem à mesma categoria. Com base na perspectiva estruturalista, essa categoria é o arquilexema que é a “unidade que corresponde ao conteúdo total de um campo lexical” (Id., Ibid., p. 61). O arquilexema é constituído por lexemas que são “unidades de conteúdo expressas no sistema da língua e que ocupa parte do conteúdo do campo lexical” (Id., Ibid., p. 61).

Além disso, consultamos a obra “Português Fundamental” (1984), que foi resultado da pesquisa quantitativa e qualitativa feita pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a fim de apurar os lexemas usados pelos falantes do português de Portugal. Nessa obra, são delimitados os centros de interesses dos aprendizes de português como L2 ou como LE. Entendemos como campos lexicais os centros de interesses, que são, a saber:

o corpo humano; o vestuário; estabelecimento de ensino (pessoas e coisas); saúde e doença (excluindo nomes de doenças); higiene pessoal; desportos; refeições; alimentos e bebidas; cozinha e objetos que vão à mesa; meios de transporte; viagens; a cidade; aldeia e trabalhos de campo; a casa e os móveis da casa; a família e a vida familiar; a vida sentimental; o correio; meios de informação; casas comerciais; profissões e ofícios; a arte.

A fim de verificarmos como os campos lexicais poderiam ser categorizados, também foi consultado o Dicionário Visual 3 em 1 (2011) de Dorling Kindersley Limited. Esse dicionário contempla as línguas inglesa, francesa e portuguesa e disponibiliza o léxico organizado em ordem sistêmica.

Portanto, após a leitura dos campos lexicais das obras mencionadas, delimitamos os campos lexicais do novo modelo de dicionário analógico de língua portuguesa.

Na construção do modelo, determinados campos terão subcampos, como é o caso de *alimentação* que possui as subcategorias *acompanhamentos*, *bebida*, *condimento e tempero*, *entrada*, *grão*, *fruta*, *legume e verdura*, *massas*, *prato principal e sobremesa*, assim como ocorrerá com o campo temático *vestimenta*, cujos subcampos

são *acessório* e *calçado*. As categorias temáticas funcionam como elemento de organização lexical.

Na apresentação do dicionário analógico de Língua Portuguesa, está dito que

um dicionário analógico parte de um pressuposto simétrico àquele que rege a função de significados e informações de uso para palavras que, ao contrário, temos uma noção de um significado, temos uma intenção de uso, mas não nos ocorre uma palavra satisfatória (AZEVEDO, 2010, p. ix).

Contudo, no modelo de dicionário, o consulente pode ser feito pela consulta tanto semasiológica quanto onomasiológica. O percurso semasiológico, que procede do significante para o significado, pode ser perpassado, já que a palavra-entrada estará registrada em ordem alfabética e será acompanhada de definição. O caminho onomasiológico possibilita a busca partindo do significado para oferecer os significantes por meio da consulta aos lexemas análogos à palavra-entrada, os quais serão apresentados com base nas relações semânticas.

A entrada, indicativa da unidade lexical, aparece em **negrito**. A categoria gramatical, indicativa da categoria na gramática da língua a que pertence a unidade lexical, aparece abreviada, na cor verde e em *itálico*. As categorias gramaticais que serão apresentadas para estabelecer as relações analógicas serão apenas os substantivos e os verbos. Estes serão classificados com base na teoria de valência de Borba. Aqueles serão apresentados partindo das relações semânticas. O gênero aparece abreviado na cor verde e em *itálico*.

A definição, indicativa do sistema de distinções recíprocas que servem para descrever significados pertinentes aos lexemas, é elaborada de acordo com os princípios linguísticos da paráfrase definitória. Empregamos a definição por paráfrase definitória que se “constitui de gênero próximo + características específicas ou +informações acerca da utilização do objeto”, assim como Nascimento (2001, p. 85-86) postulou. A fonte da definição é apresentada entre parêntesis, com o registro do nome do autor abreviado e a data de obra de onde foi compilada a definição. Cada obra citada está apresentada nas referências do dicionário. As definições sem indicação da fonte foram elaboradas por Vilarinho (2013).

As definições da parte alfabética ora foram extraídas do Glossário de Terminologias do Vestuário, de Cruz (2013), ora foram redigidas por Vilarinho (2013). É válido acrescentarmos ainda que os contextos foram extraídos de jornais on-line. Os contextos estão destacados em *itálico*. Quando as definições foram extraídos de Cruz

(2013), os contextos também foram compilados da mesma fonte. No entanto, no Glossário, os contextos foram retirados de fontes variadas, por isso há fontes dos contextos conforme foi registrado no Glossário.

Os substantivos analógicos são os nomes que apresentam liame com a palavra-entrada, podendo ser sinônimo, hiperônimo, hipônimo, holônimo e conceito conexo da entrada. A relação lexical, indicativa de ligação semântica entre unidades lexicais, a qual serve para apresentar as relações de forma e conteúdo entre a palavra-entrada e os substantivos analógicos, pode aparecer subdividida em sinonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia e conceito conexo, e são indicadas em negrito e abreviadas.

Como o conceito conexo é abrangente, categorizamos os itens lexicais, de modo que as subcategorias são agrupadas em diferentes acepções. Para cada campo lexical, é necessário analisar os conceitos conexos para organizá-los. Por isso, há as categorias “local”, “profissional” e “inferências lexicais”. À medida que os verbetes forem sendo elaborados, poderão ser incluídas novas subcategorias para o conceito conexo, com vistas à ordenação coerente dos lexemas. A ausência da subcategoria conceito conexo se deve à inferência lexical.

As remissões serão indicadas por meio da abreviatura v. e servirão para complementar a definição, porque auxiliam o usuário na compreensão do significado de um lexema ao oferecerem caminhos a serem percorridos pelo consulente. Há também a remissão por meio da abreviatura cf. que indica o campo temático a que o lexema pertence. Há também as variantes, apresentadas por meio da abreviatura var. em itálico seguida de dois-pontos depois da definição.

As marcas de uso, que são instrumentos do lexicógrafo para categorizar a variação linguística nos dicionários, aparecem indicadas por abreviaturas, entre colchetes e em itálico. Essas marcas podem ser apresentadas antes das definições, dos substantivos analógicos e dos verbos analógicos. Adotamos as marcas de uso do estudo de Strehler (1997, p. 83), que são apresentadas e explicadas na figura a seguir, que mostra as abreviaturas e seus respectivos significados.

Quadro 26: Proposta de marcas de uso

Abreviatura das marcas	Definição
Abus.	Abusivo. Designa palavra ou emprego criticado (empréstimo desnecessário, solecismo, falso sentido etc.)
Ang.	Antiguidade. Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à antiguidade ocidental.

Arc.	Arcaico. Designa palavra ou sentido fora do uso, bem como significado de difícil compreensão na linguagem contemporânea.
C.-O.	Centro-Oeste.
Cabo-V.	Cabo Verde.
Corr.	Corrente. Designa palavra ou sentido pertence à linguagem corriqueira.
Desus.	Desusado. Designa palavra ou sentido muito pouco empregado na língua de hoje, mas ainda compreensível em geral.
Elev.	Elevado. Designa palavra ou sentido que é empregado com preocupação de elegância e correção na língua falada e escrita.
Fam.	Familiar. Designa palavra ou sentido pertencente à língua falada e às vezes à escrita cotidiana.
G.-Bss.	Guiné-Bissau.
Gír.	Gíria. Designa palavra ou sentido cujo emprego se limita a grupos sociais particulares, em geral desconhecido fora deles e frequentemente evitado em discurso da correção.
Hist.	Histórico. Designa palavra ou sentido relativo a um fato que não existe mais na civilização contemporânea.
Id. M.	Idade Média. Designa palavra ou sentido que diz respeito à Idade Média.
Inj.	Injúria. Designa palavra ou sentido que visa caluniar.
Joc.	Jocosos. Emprego que visa divertir ou provocar o riso.
Lit.	Literário. Designa palavra ou sentido preferencialmente reservado à linguagem escrita literária. Existe normalmente um equivalente corrente.
Moç.	Moçambique
Mod.	Moderno. Designa palavra ou sentido da língua contemporânea quando houver dúvida sobre sua pertinência ao registro contemporâneo.
N.	Norte.
N.E.	Nordeste
Pej.	Pejorativo. Designa palavra ou sentido que visa depreciar.
Poét.	Poético. Designa palavra ou sentido literário usado exclusivamente na poesia.
Port.	Portugal.
P. us.	Pouco usado. Designa palavra ou sentido que se emprega só excepcionalmente.
S.	Sul
S.E.	Sudeste.
São-T.	São Tomé e Príncipe.
SP, DF, RJ etc.	Abreviações oficiais dos estados brasileiros.
Triv.	Trivial. Designa palavra ou sentido usado primordialmente na comunicação oral, mas evitado nos meios socioculturais privilegiados. Antigas gírias são, muitas vezes, assim marcadas.
Vulg.	Vulgar. Designa palavra ou sentido que choca e que é evitado num discurso preocupado com correção e decência, independentemente de classes sociais.

Fonte: (STREHLER, 1997, p. 83)

A seleção dos verbos analógicos para compor os verbetes é feita com base na demanda das cenas que o esquema pode criar. Por exemplo, o campo lexical *transporte* ativa cenas relacionadas, as quais selecionam os verbos: *acelerar, afundar, atropelar, aumentar, bater, colidir, correr, deslizar, deslocar, diminuir, frear, mover, quebrar, reduzir, voar*, entre outros. Por isso, os verbos serão encontrados no verbete *transporte* da parte analógica. Para organizar os verbos analógicos, utilizaremos a classificação sintático-semântica dos verbos, que indica as classes dos verbos: ação, processo, ação-processo e estado, conforme a teoria da valência dos verbos estabelecida por Borba (1996, p. 57-60). A classificação sintático-semântica dos verbos aparece entre chaves

em negrito e na cor rosa. Assim sendo, os verbos analógicos são os que apresentam relação com a palavra-entrada, podendo ser classificados em uma ou mais de uma das classes ação, processo, ação-processo e estado, conforme estabelecido por Borba (1996).

Os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente e apresentam, pelo menos, um argumento. Nos casos em que apresentam dois argumentos, o segundo será um experimentador (Id., Ibid., p. 57-60).

Os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador. O sujeito afetado pelo verbo pode ser experimentador ou beneficiário, sendo que o experimentador expressa uma experiência ligada a uma disposição mental, uma sensação, uma emoção; beneficiário é sede da transferência do destinatário de um benefício e, neste caso, o verbo apresenta mais de um argumento. Os verbos de processo podem apresentar-se sob a forma pronominal ou não (Id., Ibid.).

Os verbos de ação-processo expressam uma ação realizada por um sujeito agente, ou uma causação levada a efeito por um sujeito causador, que afeta um complemento, tem no mínimo 2 argumentos (agente/causativo ou afetado/efetuado). A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir (Id., Ibid.).

Os verbos de estado não expressam uma propriedade localizada no sujeito, que é mero suporte da propriedade ou experimentador ou beneficiário. Apresenta, pelo menos, um argumento, que é inativo (Id., Ibid.).

Não apresentamos introdução, prefácio, bibliografia, entre outras informações referentes à macroestrutura do DIALP por tratar-se de obra lexicográfica que faz parte de uma tese, mas apresentamos a lista de abreviaturas usadas:

Quadro 27: lista de abreviaturas

abus.	abusivo
aç.	ação
aç.proc.	ação-processo
adapt.	adaptado
ant.	antiguidade
arc.	arcaico
C	Revista Claudia
C.L.S. C.	Cleide Lemes Silva Cruz

C.-O	Centro-Oeste
Cabo-V.	Cabo Verde
CB.	Correio Brasiliense
cf.	conforme
con.	conceito conexo
corr.	corrente
desus.	desusado
DUP	Dicionário de usos do Português do Brasil
elev.	elevado
est.	estado
Est.	Estadão
f.	feminino
fam.	familiar
G.-Biss.	Guiné-Bissau
gír.	gíria
Gl.	O Globo
hip.	hipônimo
hipe.	hiperônimo
hist.	histórico
Ho	Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa
hol.	holonímia
Id. M.	Idade Média
inj.	injúria
JB.	Jornal do Brasil
joc.	jocoso
lit.	Literário
m.	masculino
M.	Revista Manequim
mer.	merônimo
Moç.	Moçambique
mod.	moderno
N.	Norte
N.E.	Nordeste
NDA	Novo Dicionário Aurélio
Od.	O dia.
p.us.	pouco usado
pej.	pejorativo
poét.	poético

Port.	Portugal
proc.	processo
RC	Revista Capricho
RV	Revista Veja
s.	substantivo
S.	Sul
S.E.	São Tomé e Príncipe
sin.	sinônimo
T.	Tendência
triv.	trivial
v.	verbo
V.	remissão
Var.	variante
Vil.	Vilarinho
vulg.	vulgar
Wik.	Wikipedia

(Fonte: VILARINHO, 2013)

O critério para distinguir a homonímia da polissemia será a etimologia. As palavras com a mesma etimologia registrada no Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa de Cunha (2010) são lexicografadas no mesmo verbete da parte alfabética por serem consideradas polissêmicas. Quando a etimologia for diferente, haverá mais de um verbete da parte alfabética para a mesma palavra, por ser entendida como homonímia.

As notas, introduzidas pelo marcador ■, descrevem informações enciclopédicas que são complementares às informações linguísticas das definições.

Afirmamos antes que a Teoria dos Protótipos será aplicada na elaboração do DIALP, por isso os lexemas do dicionário analógico devem ser organizados em uma estrutura de semelhança de família. A palavra-entrada é a família e os lexemas são os membros da família, que compõem o mesmo verbete por terem, pelo menos, um traço comum que serve de associação com outro referente também pertencente à família. O texto definitório deve ter os traços semânticos para compor o ar de família, que é um dos critérios norteadores das relações semânticas.

Para ilustrar essa configuração, apresentaremos o verbete *vestimenta* do léxico do vestuário, formado, por exemplo, pelos lexemas *traje*, *roupa*, *vestes*, *vestuários*, entre outros. A categoria *vestuário* forma a família. O conjunto de semelhanças entre os

diferentes entes de uma mesma família são os ares de família, que consistem nos traços semânticos comuns entre os membros da mesma família. No verbete *vestuário*, ar de família é ‘servir para vestir’. Os lexemas denotam uma série de objetos, sendo que é necessário e suficiente que cada membro da categoria possua ao menos uma propriedade em comum com outro membro da categoria. Isso significa que *calça* compartilha com *blusa* pelo menos uma característica; *blusa* compartilha uma propriedade com *casaco*, *casaco* compartilha uma propriedade com *saia* e assim por diante. A seguir, há a representação do verbete *vestuário* do dicionário analógico com aplicação da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos.

família	ar de família
↓ ↓	
vestuário <i>s.m.</i> peça de roupa que serve para cobrir qualquer parte do corpo humano.	
substantivo	<p>hip. v. acessório, agasalho, anágua, <i>baby look</i>, balonê, bata, bermuda, biquíni, bolero, blazer, blusa, burca, calcinha, calça, v. calçado, calção, camisa, camiseta, camisete, camisola, capa, capa de chuva, capacete, casaco, cigarrete, cinta, colete, combinação, cueca, espartilho, farda, fio-dental, fraque, jaleco, jaqueta, jardineira, <i>legging</i>, <i>lingerie</i>, longuete, macacão, macaquinho, maiô, manga, moletom, paletó, pantalonas, pijama, pulôver, robe, roupão, saia, salopete, segunda pele, <i>short</i>, <i>smoking</i>, sobretudo, suéter, sunga, sutiã, tanga, terminho, terno, túnica, uniforme, vestido.</p> <p>mer. alça, algodão, aplicação, barra, botão, capuz, cós, couro, colarinho, forro.</p> <p>con. (lugar) 1 brechó, boutique, loja.</p> <p>con. (lugar) 2 guarda-roupa, provador, vestiário.</p> <p>con. (profissional) 3 alfaiate, costureiro, designer, editor de moda, estilista, figurinista, modelista, produtor.</p> <p>con. 4 coleção, costura, <i>griffe</i>, elegância, estilo, moda, mostruário, trapo.</p>
membro de família	
Verbo	<p>[aç.] ajustar, arrematar, colocar, cortar, costurar, experimentar, lavar, manchar, modelar, molhar, passar, provar, rasgar, secar, tirar, vestir, usar.</p>

Figura 22: Verbetes do dicionário analógico com aplicação da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos.
Fonte: (VILARINHO, 2013)

Para estabelecer as analogias entre os lexemas que compõem o verbete, identificamos a relação com pelo menos uma das entidades constituintes do significado, principalmente ao incluir os conceitos conexos, visto que, nas outras relações semânticas, é possível depreender mais facilmente a semelhança entre as ideias em comum. Os lexemas sinônimos (*traje*, *roupa*, *vestes* e *vestimenta*) têm relação com *vestuário* pela dimensão intencional que traz a propriedade semântica comum “serve para vestir”. Os lexemas hipônimos pertencem à classe do referente *vestuário*, o traço comum que possuem é a dimensão extensional. Os critérios para organizar as relações semânticas de conceito conexo foram: lugar que serve para guardar ou para

experimentar a peça de roupa, profissionais da área, características relacionadas à peça de vestir. Os conceitos conexos desse verbete foram obtidos por meio de inferências lexicais.

Ao analisar os conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e da Semântica de *frames*, percebemos semelhanças entre essas teorias para serem aplicadas ao verbete de dicionário analógico. Como exemplo disso, notamos que o verbete *vestuário* agrupa um conjunto de lexemas, que forma um campo lexical, constituindo o esquema. O esquema envolve cenas, que, ao serem concretizadas, ativam lexemas. O falante pode produzir enunciado, como, por exemplo: “A modelo vestiu o casaco da moda”. No enunciado, a cena é motivada pela ação exercida pela agente que é a modelo. Os lexemas *modelo*, *vestiu*, *casaco*, *moda* são os *frames*, os quais geram o esquema da cena. Quando se tem a cena, há seleção de *frames* que cria o esquema.

O público-alvo do dicionário analógico precisa ter acesso aos lexemas que o auxiliarão a construir cena e esquema de campos lexicais. Assim sendo, as analogias a serem estabelecidas não podem ser restritivas e nem excessivas. Em vista disso, ao selecionar os lexemas para comporem cada verbete, adotamos como critério a inclusão de lexemas que possibilitem ao falante construir enunciados para cenas, usando esquemas concretizados por meio dos *frames*. Nos casos dos verbos analógicos, consideramos os *frames* que podem ocorrer nas cenas. Com base nisso, incluímos os verbos analógicos que geralmente são empregados em eventos de comunicação da língua.

Apesar de a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames* serem teorias linguísticas distintas, colocando-as em comparação, identificamos semelhanças na aplicação de alguns conceitos no contexto desta pesquisa. A família equivale ao esquema, e membros da família correspondem aos *frames*. Todavia, não há conceitos equivalentes às noções de ar de família e de cena nas teorias que estamos comparando. No quadro subsequente, representamos essa comparação:

Quadro 28: Comparação entre os conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e da Semântica de *Frames*

Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos	Semântica de <i>Frames</i>
Família	Esquema
Membros da família	<i>Frames</i>
Ar de família	∅
∅	Cena

Fonte: (VILARINHO, 2013)

5.4.1 Apresentação de verbetes do DIALP

A seguir, apresentaremos os verbetes do DIALP. A organização foi feita de modo que, primeiramente, estão os verbetes da parte alfabética do campo lexical *transporte* e *vestuário*; posteriormente, os verbetes da parte analógica, organizados pelos campos lexicais. Nesta pesquisa, apresentaremos apenas os campos transporte e vestuário. Como a elaboração de dicionário demanda tempo, planejamos confeccionar os verbetes dos demais campos em projetos de pesquisa posteriores, já que, uma vez idealizado o modelo do dicionário, poderá ser aplicado aos demais verbetes para abarcar o léxico da Língua Portuguesa.

Para mostrar como idealizamos o DIALP, serão apresentadas amostragens das definições da parte alfabética, de modo que não há definições de todas os lexemas do verbete analógico. Assim, no campo transporte, definimos os lexemas que são hipônimos. No campo vestuário, são apresentadas as definições do Glossário de Terminologias do Vestuário, de Cruz (2013). A autora nos concedeu o direito de compilar as definições do glossário mencionado para compor a parte alfabética do DIALP. Nem todos os lexemas da parte analógica do verbete *vestuário* foram lexicografadas no DIALP. Por isso, nem todos os lexemas desse verbete, possuem definições na parte alfabética. Em outro momento, elaboraremos cada uma das definições para os lexemas.

O campo *vestuário* é constituído pelos subcampos *acessório* e *calçado*. Conforme explicamos na seção 3.1, inserimos; um verbete de cada parte com indicação da estrutura que os compõem.

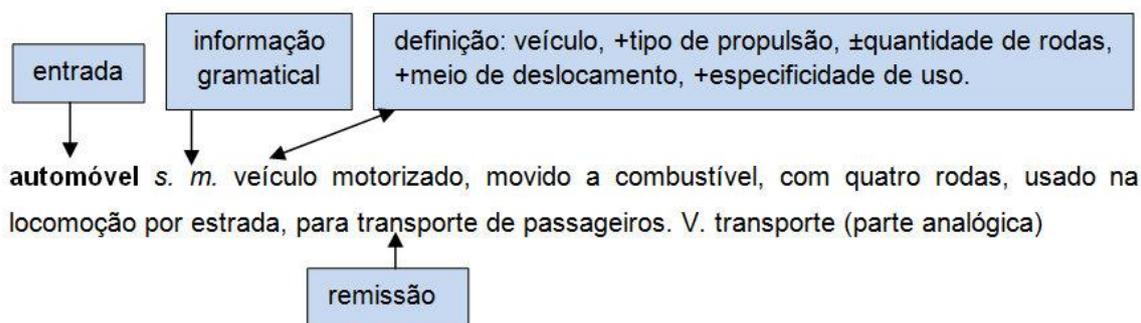


Figura 23: Estrutura do verbete da parte alfabética do DIALP.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

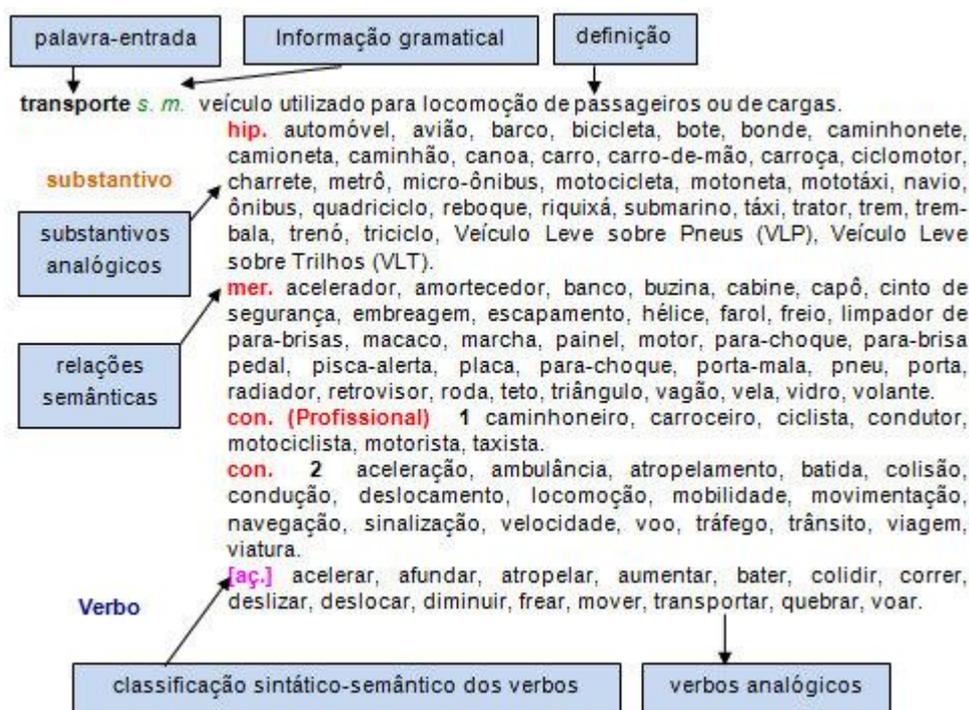


Figura 24: Estrutura do verbete da parte alfabética do DIALP.

Fonte: (VILARINHO, 2013)

Parte alfabética do DIALP:

Campo Transporte

automóvel *s. m.* veículo motorizado, movido a combustível ou à eletricidade, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiros; carro. “*Hoje, metade dos brasileiros utiliza automóvel ou moto particular para se deslocar nas cidades*”. (Est., 2013). Cf. transporte (parte analógica).

avião *s.m.* veículo motorizado de transporte coletivo, movido a combustível, usado na locomoção por ar, para locomoção de passageiros ou cargas; aeronave. “*Há menos gente querendo viajar de avião*”. (GI, 2006). Cf. transporte (parte analógica).

barco *s.m.* veículo de embarcação de pequeno porte, movido a combustível ou à vela, usado na locomoção por água, para transporte de poucos passageiros ou cargas. “*A Polícia Civil apreendeu neste domingo um barco abandonado com jacarés e camaleões, no porto do município*”. (Od., 2012). Cf. transporte (parte analógica).

bicicleta *s.f.* veículo não motorizado, movido por propulsão humana, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro. “*O uso da bicicleta para se deslocar da casa ao trabalho e vice-versa traz economia para o bolso e, ao mesmo tempo, melhora para a saúde*”. (JB, 2010). Cf. transporte (parte analógica).

bote *s. m.* veículo de embarcação de pequeno porte, movido por propulsão humana, usado na locomoção por água, para transporte de poucos passageiros, não possui cobertura e é usado geralmente para

salvamento. Cf. transporte (parte analógica).

caminhonete *s.f.* veículo motorizado, com quatro rodas, movido a combustível, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro e de carga. *Var.* camionete. Cf. transporte (parte analógica).

camioneta *s.f.* veículo motorizado, movido a combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de carga e de passageiros. *Var.* besta, caminhoneta, perua, van. Cf. transporte (parte analógica).

caminhão *s.m.* veículo motorizado, com mais de quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de carga. *Var.* caminhão-baú, caminhão-tanque, caminhão-médio, caminhão pesado. Cf. transporte (parte analógica).

canoa *s. f.* veículo de embarcação de pequeno porte, movido por propulsão humana, usado na locomoção por água, para transporte de passageiro, para pesca ou para atividades desportivas, constitui-se por uma peça alongada. Cf. transporte (parte analógica).

carro-de-mão *s.m.* veículo não motorizado, por propulsão humana, com uma roda, usado na locomoção por estrada, para transporte de pequena carga. *Var.* carrinho de mão, cariola, carriola. Cf. transporte (parte analógica).

carroça *s.f.* veículo não motorizado, por tração animal, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de carga. Cf. transporte (parte analógica).

ciclomotor *s.m.* veículo motorizado, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro, além do condutor. *Var.* mobilete. Cf. transporte (parte analógica).

charrete *s.f.* veículo não motorizado, movido por tração animal, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiros. Cf. transporte (parte analógica).

comboio *s. m.* 1 trem; 2 conjunto de veículos. Cf. transporte (parte analógica).

helicóptero *s. m.* veículo motorizado, movido a combustível, usado na locomoção por ar, para locomoção de poucos passageiros. Cf. transporte (parte analógica).

iate *s. m.* veículo de embarcação de luxo, movido a combustível, usado na locomoção por água, para transporte de passageiros, proporcionando lazer. Cf. transporte (parte analógica).

jet ski *s. m.* veículo de embarcação, movido a combustível, usado na locomoção por água, para transporte de até 2 passageiros, usado para atividades desportivas, lazer ou salvamento, espécie de motocicleta, deslocada sobre esquis. Cf. transporte (parte analógica).

metrô *s.m.* veículo motorizado, movido à eletricidade, usado na locomoção por trilhos, para transporte coletivo de passageiros, de modo que circula numa rede exclusiva total ou parcialmente subterrânea. (Ho., 2009, adapt.). Cf. transporte (parte analógica).

micro-ônibus *s.m.* veículo motorizado, movido por combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte coletivo de uma quantidade menor de passageiros do que o ônibus. Cf. transporte (parte analógica).

motocicleta *s.f.* veículo motorizado, movido a combustível, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de uma pessoa além do motociclista ou pode ser usado para entrega de cargas de pequeno porte. *Var.* moto. Cf. transporte (parte analógica).

motoneta *s.f.* veículo motorizado, movido a combustível, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro, além do motociclista. *Var.* lambreta, motinha, *scooter* ou vespa. Cf. transporte (parte analógica).

mototáxi *s. m.* veículo motorizado de aluguel, movido a combustível, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de um passageiro além do motociclista. Cf. transporte (parte analógica).

navio *s.m.* veículo de embarcação motorizado; move-se por vapor, vento, eletricidade ou qualquer outra força motriz pela água; para transportar passageiros ou cargas. Cf. transporte (parte analógica).

ônibus *s.m.* veículo motorizado, movido por combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte coletivo de passageiros. Cf. transporte (parte analógica).

quadriciclo *s.m.* veículo motorizado, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiro ou de pequena quantidade de carga. Cf. transporte (parte analógica).

reboque *s.m.* veículo não motorizado, com duas rodas, usado na locomoção por estrada, deslocado se puxado por outro, para transportar carga. 2 tração de um veículo exercido por outro. 3 veículo para arrastar outro avariado, acidentado. Cf. transporte (parte analógica).

submarino *s. m.* veículo de embarcação, movido a força motriz, capaz de submergir e operar sob a água, usado pela marinha para proteção ou pelos cientistas para pesquisas. Cf. transporte (parte analógica).

táxi *s.m.* veículo motorizado de aluguel, movido a combustível, com 4 rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de passageiros; tem taxímetro que marca o preço da corrida ou da viagem. Cf. transporte (parte analógica).

trator *s.m.* veículo motorizado, movido a combustível, com quatro rodas, usado na locomoção por estrada, para operar equipamentos agrícolas e de terraplenagem (Ho., 2009, adapt.). Cf. transporte (parte analógica).

trem *s.m.* 1 veículo motorizado, movido a combustível, com vagões ligados entre si, usado na locomoção por trilhos, para locomoção de cargas ou para transporte coletivo de passageiros. 2 comboio. Cf. transporte (parte analógica).

trem-bala *s. m.* veículo motorizado, movido a combustível ou à eletricidade, usado na locomoção por trilhos, para transporte coletivo, com velocidade que excede os 250 km/h. Cf. transporte (parte analógica).

trenó *s.m.* veículo não motorizado, movido por tração animal, com esquis, usado na locomoção por neve ou por gelo. (Ho., 2009, adapt.). Cf. transporte (parte analógica).

triciclo *s.m.* 1 veículo não motorizado, movido por propulsão humana, com três rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de até 3 passageiros. 2 veículo motorizado, com três rodas, usado na locomoção por estrada, para transporte de até 2 passageiros. 3 brinquedo que serve para transporte de criança. Cf. transporte (parte analógica).

Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) *s.m.* veículo de transporte coletivo, que é mais leve do que outros transportes ferroviários; movido à eletricidade ou a combustível. Cf. transporte (parte analógica).

Veículo Leve sobre Pneus (VLP) *s.m.* veículo de transporte coletivo que visa combinar faixas de circulação exclusivas, estações e ônibus de alta qualidade, para atingir o desempenho e qualidade de um

sistema de metrô, com a simplicidade, flexibilidade e custo de um sistema de ônibus (Wik., 2013). “*Ao longo do percurso, serão 15 estações para os passageiros que quiserem embarcar no VLP*” (CB, 2011). Cf. transporte (parte analógica).

Campo Vestuário

algodão *s.f.* fibra de origem vegetal procedente do algodoeiro que apresenta bastante maciez, conforto e capacidade de absorção de umidade (C. L. S. C., 2013). “*Camisa de cambraia azul’água, bustiê de lycra turquesa bordado com pedrinhas da mesma cor e, calça corsário de algodão com coulissé na cintura – mais na moda, impossível*”. (M, 2000, edição 481). V. cotton. V. vestuário (parte analógica).

aplicação *s.f.* acessório costurado ou colado sobre alguma peça de roupa ou pedaço de tecido (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

babado *s.m.* tira de tecido franzida ou pregueada, costurada sobre uma peça de roupa (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

baby look *s. f.* estilo de blusa com recorte abaixo do busto (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

bainha *s.f.* dobra com costura na extremidade de um tecido ou qualquer peça do vestuário (C. L. S. C, 2013). *Var.* barra. V. vestuário (parte analógica).

balonné *s. f.* saia que parece um balão, com a bainha virada para dentro bem franzida, presa a uma base interna, por um artifício de costura que garante a forma (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

barra *s.f.* V. bainha. V. vestuário (parte analógica).

blazer *s.m.* peça de vestuário similar ao paletó, porém menos formal e de modelagem e comprimento variados (C.L.S.C., 2013). “*Complete o look, com um blazer ou uma jaqueta por cima*”. (RC, edição 1169, 2013). V. vestuário (parte analógica).

bolero *s.m.* casaquinho aberto, com ou sem mangas, que vai até quase a altura da cintura (C.L.S.C., 2013). V. vestuário (parte analógica).

brechó *s.m.* loja de artigos usados, principalmente roupas, calçados, louças, objetos de arte, bolsas e acessórios de estilo vintage (C. L. S. C, 2013) . “*Aposte nas peças de tricô confortáveis e com carinho de brechó*”. (RC, edição 1152, 2012). ■ No século XIX um mascate chamado Belchior ficou conhecido por vender roupas e objetos de segunda mão no Rio de Janeiro. Com o tempo o nome se transformou por corruptela em "Brechó". V. vestuário (parte analógica).

cachecol *s.m.* acessório feito de tecido pesado como lã, linha, de tricô ou crochê, muito usado para aquecer o pescoço, principalmente no inverno, mas também é usado para compor um estilo (C.L.S.C., 2013). “*Repare na estampa e forma exagerada do cachecol*”. (RC, edição 1152, 2012). V. vestuário (parte analógica).

cigarrete *s.f.* modelo de calça justa e estreita caracterizado pelo efeito afunilador que chega até o ossinho do tornozelo (C.L.S.C., UnB, 2013). “*Medida certa: Do supercurto ao muito longo, são vários os comprimentos que você vai querer usar, o próximo será a calça cigarrete*”. (RC, edição 1152, 2012).

■ O estilo de calça cigarrete surgiu na década de 50 e fazia sucesso entre os homens. Conhecida por ser justa e estreita, o modelo de roupas masculinas ganhou fama entre as mulheres e se tornou moda nos anos 60. V. vestuário (parte analógica).

colete *s.m.* peça de roupa, sem mangas ou gola, tanto masculina quanto feminina, que cobre somente o tórax e o abdome (C. L. S. C, 2013). “Use o seu camiseta com uma bota mais pesada e uma jaqueta de couro ou colete por cima”. (RC, edição 1152, 2012). V. vestuário (parte analógica).

corte *s.m.* ação de cortar um tecido seguindo, com precisão, os riscos feitos, utilizando a máquina de corte adequada ao tecido a ser cortado (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

cós *s.m.* tira de tecido que circunda certas peças de vestuário, particularmente calças e saias, na altura da cintura (C. L. S. C, 2013) . V. vestuário (parte analógica).

coturno *s.m.* sapato no estilo de uma bota de cano curto ou longo, fechado com cordão ou zíper (C.L.S.C., 2013). “Aqui, a modelo combina o tricô com coturno, cinto de caveira e chapéu” (RC, edição 1168, 2013). ■ Calçado usado especialmente nas representações de tragédias gregas. (PR., 2013). V. vestuário (parte analógica).

designer *s. m.* profissional responsável pelo planejamento, projeto e criação de um modelo de roupa (C. L. S. C, 2013). *Var.* estilista; modelista.

echarpe *s.f.* acessório de tecido retangular, bem larga e comprida, feita de materiais mais leves como algodão, voile ou chifon, indicada para dias com temperaturas mais amenas (C.L.S.C., 2013). “Use sua echarpe colorida com T-shirt de cor única”. (RC, edição 2130, 2011). ■ Pode ser usada ao redor do pescoço e também sobre os ombros. É uma peça estilosa, que dependendo do modelo, combina até com eventos formais, podendo ser combinada com vestidos e blazers. V. vestuário (parte analógica).

editor de moda *s. m.* profissional ligado à área de jornalismo que acompanha as temporadas e lançamentos de moda para escrever as matérias sobre coleções e desfiles. (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

figurinista *s.2g.* 1. Profissional que apresenta o modelo criado pelo estilista (C. L. S. C, 2013). 2. Profissional que cuida do figurino e desenha as peças de roupa para o elenco de teatro, novela, filmes (C. L. S. C, 2013). ■ Muitas vezes o figurinista tem também a função de estilista. (D.S.T., 2011). V. vestuário (parte analógica).

griffe *s. f.* marca de certos artigos de luxo, em especial de vestuário, por via de regra com a assinatura do fabricante (C. L. S. C, 2013). ■ Nome do Estilista Jacques Griffe, da Maison Molyneux, famoso pelo seu corte e drapeado impecáveis. V. vestuário (parte analógica).

jardineira *s.f.* tipo de vestimenta com cava baixa e alças finas, de forma que não dá para usar sem nada por baixo. Indiferente se tiver pernas longas ou curtas, tecidos e modelagens. (C. L. S. C, 2013). “Eba, a jardineira voltou! A peça fica linda com rasteira, sapatilhas ou tênis”. (RC, edição 1158, 2012). *Var.* Salopete. V. vestuário (parte analógica).

jeans *s.m.* tecido com aspecto de algodão fabricado com fios tintos no urdume e fios brancos na trama. (C. L. S. C, 2013) . “No calor, o top de gorgurão combina com a minissaia de jeans e forma um look bem esportivo”. (M, 2002, edição 511). V. vestuário (parte analógica).

lenço *s.m.* acessório de formato quadrado, de diversos tamanhos e feito sempre em tecidos leves como

seda, algodão ou cetim, usado em dias de temperatura amena (C.L.S.C., 2013). ■ Por ser versátil, pode ser usado não somente no pescoço, mas também na cabeça. V. vestuário (parte analógica).

longuete *s.f.* saia que fica entre o tornozelo e o joelho (C. L. S. C, 2013). ■ Também conhecida por midi. V. vestuário (parte analógica).

macacão *s.m.* peça fechada até a parte de cima, podendo ter manga curta ou manga longa, mas tem pernas compridas sempre, independente do tipo de tecido ou modelagem (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

macaquinho *s.m.* É o macacão em versão “perna curta”. A parte superior é a mesma, sempre fechada, o que varia é o tamanho da perna, se short ou bermuda (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

malha *s.f.* Tecido feito do entrelaçamento de um fio consigo mesmo e ou com outros conjuntos de fios (C. L. S. C, 2013). “*Conjunto formado por minivestido frente-única de malha brilhante, com barra em diagonal, e calça de microfibra reta sem cós*”. (M, 1999, edição 480).

mocassim *s.m.* Sapato feito em couro e sem salto, com franjinha ou lacinho na parte de cima, a sola “sobe” pelos lados e pelas pontas dos pés e se juntam, formando um U (C. L. S. C, 2013). “*Ótimo para os dias mais quentes, o mocassim é ideal para ser usado com calça de sarja, bermuda ou jeans*”. (T., 2013). ■ Foi criado pelos índios norte-americanos. V. vestuário (parte analógica).

moda *s.f.* Uso passageiro que regula a forma de vestir, pentear, calçar e agir. Hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultante de determinado gosto, ideia, capricho e das interferências do meio (C. L. S. C, 2013) . V. vestuário (parte analógica).

modelista *s.2g.* Profissional que interpreta o conceito e o desenho do estilista e desenvolve um modelo real, além de acompanhar a confecção da primeira peça, realizando a prova e avaliando se o tecido teve o caimento previsto (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

moletom *s.m.* Malha de algodão flexível e macia, produzida com dois cabos, sendo a base de um algodão mais fino e os loops do avesso em algodão grosso, usada geralmente para confecção de roupas esportivas e de inverno (C. L. S. C, 2013). “*Um visual para as tardes frias: casado de moletom, calça de veludo cotelê e uma camisa de flanela*”. (C, nº 7, ano 43, 2004). V. vestuário (parte analógica).

mostuário *s.m.* conjunto de diversas peças de um ou mais produtos para propaganda comercial (C. L. S. C, 2013). V. vestuário (parte analógica).

peep toe *s. m.* modelo de sapato discretamente aberto na ponta com salto de diferentes alturas (C. L. S. C, 2013). “*Este peep toe Pink são o máximo!*” (RV, edição 1157, 2012). V. vestuário (parte analógica).

salopete *s.m.* tipo de macacão de brim, de calças compridas, cuja parte superior é constituída de um peitinho com suspensórios que passam sobre os ombros e se prendem ao cós na parte traseira (C. L. S. C, 2013). Nota. Usada como blusa ou camisa, é traje de trabalho, tanto para homens como para mulheres, sendo usado atualmente como roupa informal ou esportiva especialmente para jovens. *Var.* jardineira. V. vestuário (parte analógica).

*Parte analógica:**Campo temático transporte*

transporte <i>s. m.</i> veículo utilizado para locomoção de passageiros ou de cargas.	
substantivo	<p>hip. automóvel, avião, barco, bicicleta, bote, bonde, caminhonete, camioneta, caminhão, canoa, carro, carro-de-mão, carroça, ciclomotor, charrete, metrô, micro-ônibus, motocicleta, motoneta, mototáxi, navio, ônibus, quadriciclo, reboque, riquixá, submarino, táxi, trator, trem, trem-bala, trenó, triciclo, Veículo Leve sobre Pneus (VLP), Veículo Leve sobre Trilhos (VLT).</p> <p>mer. acelerador, amortecedor, banco, buzina, cabine, capô, cinto de segurança, embreagem, escapamento, hélice, farol, freio, limpador de para-brisas, macaco, marcha, motor, painel, para-choque, para-brisa pedal, pisca-alerta, placa, para-choque, porta-mala, pneu, porta, radiador, retrovisor, roda, teto, triângulo, vagão, vela, vidro, volante.</p> <p>con. (Profissional) 1 caminhoneiro, carroceiro, ciclista, condutor, motociclista, motorista, taxista.</p> <p>con. 2 aceleração, ambulância, atropelamento, batida, colisão, condução, deslocamento, locomoção, mobilidade, movimentação, navegação, sinalização, velocidade, voo, tráfego, trânsito, viagem, viatura.</p>
Verbo	[aç.] acelerar, afundar, atropelar, aumentar, bater, colidir, correr, deslizar, deslocar, diminuir, frear, mover, transportar, quebrar, voar.

Campo temático vestuário

vestuário <i>s. m.</i> peça de roupa que serve para cobrir qualquer parte do corpo humano.	
substantivo	<p>sin. indumentária, indumento, traje, roupa, vestes, vestimenta.</p> <p>hip. v. acessório, agasalho, anágua, <i>baby look</i>, baloné, bata, bermuda, biquíni, bolero, blazer, blusa, burca, calcinha, calça, v. calçado, calção, camisa, camiseta, camisete, camisola, capa, capa de chuva, capacete, casaco, cigarrete, cinta, colete, combinação, cueca, espartilho, farda, fio-dental, fraque, jaleco, jaqueta, jardineira, <i>legging</i>, <i>lingerie</i>, longuete, macacão, macaquinho, maiô, manga, moletom, paletó, pantalonas, pijama, pulôver, robe, roupão, saia, salopete, segunda pele, <i>short</i>, <i>smoking</i>, sobretudo, suéter, sunga, sutiã, tanga, terminho, terno, túnica, uniforme, vestido.</p> <p>mer. alça, algodão, aplicação, barra, botão, capuz, cós, couro, colarinho, forro.</p> <p>con. (lugar) 1 brechó, butique, loja.</p> <p>con. (lugar) 2 guarda-roupa, provador, vestiário.</p> <p>con. (profissional) 3 alfaiate, costureiro, designer, editor de moda, estilista, figurinista, modelista, produtor.</p> <p>con. 4 coleção, costura, <i>griffe</i>, elegância, estilo, moda, mostuário, trapo.</p>
Verbo	[aç.] ajustar, arrematar, colocar, cortar, costurar, experimentar, lavar, manchar, modelar, molhar, passar, provar, rasgar, secar, tirar, vestir, usar.

acessório *s. m.* peça decorativa do vestuário para ser usada com a finalidade de complementar o visual.

substantivo	<p>hip. abotoadura, bijuteria, boina, bolsa, broche, cachecol, chapéu, cinto, cintaliga, diadema, gorro, gravata, gravata-borboleta, joia, lenço, luva, máscara, meia-calça, mochila, óculos, peruca, poncho, prendedor de cabelo, pulseira, tiara, touca, relógio, véu.</p> <p>mer. brilhante, elástico, fivela, ouro, prata, tecido.</p> <p>con. (lugar) 1 porta-joia.</p> <p>con. 2 estilo, moda, enfeite, penteado.</p>
Verbo	<p>[aç.] abrir, ajustar, amarrar, colocar, experimentar, fechar, provar, rasgar, usar, tirar, vestir.</p>

calçado <i>s. m.</i> peça do vestiário que serve para proteger os pés.	
substantivo	<p>hip. bota, botina, chinelo, coturno, meia, <i>mocassin</i>, pantufa, peep toe, sandália, sapatilha, sapatênis, sapato, <i>scarpin</i>, soquete, tamanco, tênis.</p> <p>mer. cadarço, palmilha, salto, sola.</p> <p>con. (lugar) 1 loja de sapato, sapataria.</p> <p>con. (profissional) 2 sapateiro, vendedor.</p> <p>con. 3 chulé, graxa.</p>
Verbo	<p>[aç.] amarrar, apertar, calçar, experimentar, limpar, pisar, provar, sujar, tirar, usar.</p>

Em suma, neste capítulo 5, descrevemos nossa proposta do modelo de dicionário eletrônico analógico, mostrando o modo como adotamos a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos, a Semântica de *Frames* e uso dos mapas mentais para organização de informação. Ademais, registramos a metodologia utilizada no desenvolvimento da proposta e, por fim, apresentamos os verbetes do DIALP. As próximas etapas da pesquisa a fim de concluir essa proposta de dicionário serão a construção de um programa computacional para armazenar os dados do dicionário no modelo que idealizamos e a redação dos verbetes da obra lexicográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o léxico é uma entidade autônoma, primordialmente, na perspectiva da Lexicografia, com abordagens, métodos e técnicas próprios. O léxico possui as interfaces com as várias áreas da Linguística, tendo em vista que a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe se embricam na Semântica e na Pragmática. Assim, o léxico e cada uma dessas áreas são, portanto, interdependentes, ainda que possam ser focalizadas independentemente.

Nosso objeto de estudo, o dicionário, é um repertório lexicográfico com textualidade e com informações linguísticas sobre o léxico da língua. Ao descrever tipologias de obras lexicográficas, percebemos que uma política de língua tem sido implementada para criar os critérios de avaliação das obras lexicográficas do PNLD de dicionários. Entretanto, falta ainda regulamentar outras normas para que as editoras possam enquadrar as obras em tipologias lexicográficas definidas pelos princípios da Lexicografia, e não denominar todas obras como lexicográficas, visando apenas ao comércio; é preciso atentar para a teoria que dá feição à obra.

Com vistas a elaborar um dicionário que atenda a um conhecimento diferenciado da Lexicografia, nesta pesquisa, propomos um Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa. O dicionário analógico é um tipo de repertório lexicográfico de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados partindo das ideias para chegar às unidades lexicais. Os lexemas são agrupados em um mesmo verbete por possuírem identidade de relações. O dicionário analógico é constituído por categorização e por verbetes. A categorização rege a organização dos verbetes. Cada categoria e subcategoria compõe um verbete. Após a apresentação da categorização, os verbetes são organizados em ordem alfabética, de modo que os lexemas afins da palavra-entrada são registrados com base nas relações semânticas (hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia, sinonímia e conceito conexo). O novo modelo de dicionário analógico está dividido em duas partes: a alfabética e a analógica. A parte alfabética possui os verbetes organizados como um dicionário de língua comum, de modo que os lexemas que vão compor o corpo de cada verbete da parte analógica constituem os lemas da parte alfabética. A parte analógica, organizada de forma sistêmica em formato de mapa mental, possibilita ao consulente clicar no campo temático desejado e ter acesso aos verbetes formados por lexemas analógicos,

compostos por substantivos e verbos. Os substantivos são organizados por relações semânticas de sinonímia, hiperonímia e hiponímia, holonímia e meronímia, e relação associativa.

Como a relação associativa é abrangente, devido às variadas possibilidades de identidade de relações de coordenação que a mente humana faz, o critério para estabelecer essa relação foi delimitado. Após analisarmos as teorias do significado e as noções de signo linguístico, identificamos que as entidades constituintes do signo são sentido, dimensão extensional, dimensão intencional e conceito, e o critério para estabelecer as relações associativas foi a ligação com, pelo menos, uma das entidades do signo linguístico ou a relação por inferência lexical. Categorizamos os conceitos conexos, de modo que as subcategorias são agrupadas em diferentes acepções. Para cada campo lexical, foi necessário analisar os conceitos conexos para organizá-los. Por isso, para os verbetes elaborados na tese, há as categorias local, profissional e inferências lexicais. À medida que os verbetes forem sendo elaborados, poderão ser incluídas novas subcategorias para o conceito conexo, com vistas à ordenação coerente dos lexemas. A ausência da subcategoria conceito conexo se deve à inferência lexical.

Um das teorias linguísticas que embasaram nossa proposta de dicionário veio da Semântica Cognitiva, visto que adotamos a Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames*. Assim, aplicamos os conceitos da Versão Ampliada da Teoria dos Protótipos de Kleiber (1990), na parte analógica do dicionário e organizamos os lexemas com a estrutura de semelhança de família que serviu de associação com outros referentes também pertencentes à família. O texto definitório apresenta os traços semânticos para compor o ar de família, que é o critério norteador das relações semânticas.

A Semântica de *Frames* de Fillmore (1977) pode ser aplicada ao dicionário analógico, porque as cenas representadas em eventos selecionam *frames*, que são os lexemas relacionados ao evento. A cena e os *frames* formaram esquemas, constituídos por campo lexical.

A organização dos verbos da parte analógica foi baseada nas cenas que o esquema pôde criar e foram organizados segundo a classificação sintático-semântica dos verbos, como ação, processo, ação-processo e estado, conforme a teoria da valência dos verbos estabelecida por Borba (1996, p. 57-60).

E mais, tornou-se imprescindível o uso de ferramenta da tecnologia da informação para armazenar a obra em formato informatizado, com vistas a atender às demandas do público-alvo e à internacionalização da língua portuguesa, como L2 ou como LE. Por isso, o Dicionário Informatizado Analógico de Língua Portuguesa foi registrado em um banco de dados, usado para a organização da informação a ser disponibilizada em site. O banco de dados pode continuar sendo alimentado na elaboração de mais verbetes até a conclusão do modelo proposto. Os dados foram exportados para o site www.dicionarioanalogicolp.com.br, o que possibilita a consulta ao dicionário de forma dinâmica em razão dos *hyperlinks* que ligam diferentes lexemas.

Diante do que foi estudado, esperamos que esta pesquisa venha a contribuir para o aprendizado da Língua Portuguesa, uma vez que apresenta uma proposta de dicionário:

- i) pautada nos princípios da Lexicologia, da Lexicografia, da Semântica Cognitiva;
- ii) detalha a estrutura de dicionários analógicos existentes e propõe um novo modelo que pode ser usado como estratégia de aprendizado de léxico;
- iii) favorece a aquisição do léxico que pode ser obtida por meio de associações.

Como ainda não havia modelo de dicionário analógico direcionado aos falantes de português como L2 ou como LE, a proposta do DIALP preenche parte da lacuna da Lexicografia, já que pode ser usado como ferramenta de aprendizagem.

A amostragem do DIALP apresenta verbetes dos campos lexicais transporte e vestuários. Pretendemos redigir os verbetes dos demais campos lexicais em pesquisas futuras a serem desenvolvidas no Centro LexTerm.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS; 2012.

ALMEIDA, Maurício Barcellos; BAX, Marcello Peixoto. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 7-20, set./out. 2003.

ALVES, I. M. Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filosóficas da língua portuguesa. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, SP: Humanitas, FFLCH-USP e Pontes, 2002.

AMORETTI, M. S. M. Protótipos e estereótipos: aprendizagem de conceitos. *Revista Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, RS, v. 4, n.2, p. 49-55, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?view=19>> Acesso em: 17 abr. 2011.

ANTUNES, I. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. *NBR 13579: Informação e documentação: colchão e colchonete de espuma flexível de poliuretano*. Rio de Janeiro, 2011.

AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. Disponível em: <<http://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/u10/Cad.%20Terminologia%202.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

AZEVEDO, F. F. dos S. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 2. ed. atual. e revista. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.

BARBOSA, M. M. *Dicionário: trânsito e meios de transporte*. São Paulo: Método, 2009.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo grande: UFMS, 2001a.

_____. Os dicionários na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, terminologia(as)*. 2. ed. Campo grande: Ed. UFMS, 2001b, p. 131-144.

_____. Lexicologia, Lexicografia e terminologia: questões conexas. In: CARVALHO, N. M.; SILVA, M. E. B. da. (Coord.) *Anais Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras/UFPE, CNPq*, 1998.

_____. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, 28, 1984, p. 27-43.

BOULTON, A. Aspects lexicaux de l'acquisition 'naturelle' et de l'apprentissage 'artificiel' en L2. *Mélanges CRAPEL*, França, n. 25. 2000.

BORBA, F. da S. et al. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Gramática de valências para o português (uma)*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Unesp, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Elaboração de Egon Rangel. Brasília, DF, 2012.

_____. Ministério da Educação. Edital de convocação 01/2011 programa nacional do livro didático 2012. Brasília, DF, 2011.

_____. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de dicionários brasileiros de língua portuguesa para o programa nacional do livro didático. Brasília, DF, 2006.

_____. Lei nº 5.991, de 17 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Controle Sanitário do Comércio de Drogas, Medicamentos, Insumos Farmacêuticos e Correlatos, e dá outras Providências.

_____. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Instituto Código de Trânsito Brasileiro.

_____. Portaria nº 3.378, de 28 de setembro de 2005. Dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial - PET. D.O.U., Brasília, v. 142, n. 189, p. 14, 30 set. 2005. Seção 1

_____. Portaria nº 6, de 16 de março de 2012.

_____. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

CABRÉ, M. Norma y normas em Terminología: concepto, tipología y justificación. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. *As ciências do léxico: Lexicologia, Leixocografia, Terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS; Porto Alegre: UFRGS, 2010. 4 v.

CABRERA, J.; S. FILHO, O. L. da. *Inferências lexicais e interpretação de redes de predicados*. Brasília: Universidade de Brasília, Finattec, 2007.

CALVET, L. J. *As políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CARVALHO, O. L. de S. Dicionários escolares: definição, oracional e texto lexicográfico. In: CARVALHO, O. L. de S; RANGEL; BAGNO, M. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. C.S.I.C: Madrid, 1969.

_____. Semântica e Lexicografia. Tradução de Balbina Lorenzo Feijóo-Hoyos. *Alfa*, São Paulo, n. 28, p. 71-101. 1984.

CASTILHO, A. de; ELIAS, V. M. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altamann de Souza Campos, Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. São Paulo: UNICAMP, 2003.

COHEN, A. D. *Strategies in learning and using a second language*. Nova Iorque: Wesley Longman, 1998.

CORRÊA, L. Dicionário eletrônico onomasiológico semasiológico do português brasileiro/espanhol rioplatense para o Mercosul. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2012.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1977.

COSTA, Karla Patrícia Vieira de Aguiar. *O vocabulário dos livros didáticos e dos dicionários escolares infantis: uma análise do campo léxico dos sentimentos humanos*. 2006. xi, 135 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, 2006.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, A. F da; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E (org.). *Manual de linguística*. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. *Estudo da terminologia das fibras e tecidos na área têxtil*. 2005. 150 p. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas.

_____. *Glossário de Terminologias do Vestuário*. Brasília: IFB, 2013. No prelo.

DAHLGREN, K. A. Linguistic Ontology. *Internacional Journal on Human Computer Studies*, v. 43, 1995.

DI FELIPPO, A. Processamento Automático das Línguas Naturais (PLN) para iniciantes. In: SIGNORI, C. H.; DINIZ M. B. (Orgs.). *Letras em Jornada: 15 anos ensinando-aprendendo a ensinar*. São Carlos: UFSCar, p. 113-131. 2010. Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/~arianidf/PLN_para_iniciantes.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2013.

DIEGO, A. Terminologia. *Teoría y Práctica*. União Latina: Equinoccio Universidad Simon Bolivar, 1997.

DORLING KINDERSLEY LIMITED. *Dicionário Visual 3 em 1*. São Paulo: Blucher, 2011.

DUBUC, Robert. *Manuel pratique de terminologie*. Montreal: Linguatéc, 1985.

DURAN, M. S.; XATARA, C. Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 23, p. 203-222. 2007.

ELLIS, R. *Second Language Acquisition*. 3.ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

FAULSTICH, E. A língua portuguesa na CPLP: uma questão de diversidade. *Guia Brasil: Boletim da Embaixada do Brasil em Lisboa*. Lisboa, 2000.

_____. A Terminologia no Brasil: histórico e perspectiva II. Terminômetrô, número especial nº 3. *A terminologia no Brasil*. Paris: União Latina – DTIL, 1998a, p. 10-12.

_____. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. *Acta Semiotica et Linguística*, v. 15, p. 191-200, 2010a.

_____. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 50, 2011.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GRUPO DE TRABALHO DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGÜÍSTICA (ANPOLL), 9., 2013a. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/gtlexNovo/>>. Acesso em: 2 set. 2013a.

_____. *Como ler, entender e redigir um texto*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

_____. Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português: mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso. In: LOBO, T. et al. (Orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: _____.; ABREU, S. P. de. (Orgs.). *Linguística Aplicada à Terminologia e à Lexicografia: cooperação internacional: Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

_____. Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia. In: *Série Léxico & Terminologia*. Brasília: Centro Lexterm, Universidade de Brasília, inédito, 2013b.

_____. *Léxico Multilíngue de frutas brasileiras para exportação*. Brasília, 1999.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. *Pelos caminhos da Dialetoologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas: homenagem a Socorro Aragão*. São Luís: EDUFMA, 2010c, p. 166- 185.

_____. Perspectivas da atividade terminológica no Brasil. In: MATEUS, M. H., CORREIRA, M. (Coord.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Europa-América, 1998b.

_____. *Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. Brasília: [s.n.], 2001. Disponível em: <

http://canaluniversitario.desenvolvimento.gov.br/monografias/doc/met_can_uni.zip
Acesso em: 1 jun. 2012.

_____. Redes de remissões em um glossário técnico. In: MACIEL, A. M. B. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 91-97.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ci. Inf.* Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, set./dez, 1995.

FELTES, H. P. de M. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio*. 7. ed. Versão 7.0. Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2010. 1 CD-ROM.

FILLMORE, C. J. Scenes and frames semantics. In: SHIBATANI, M.I.; THOMPSON, S. *Essays in Semantics and Pragmatics : In Honor of Charles J. Fillmore*. Amsterdã: John Benjamins publishing company, 1975.

_____. The case for case reopened. In: COLE, P.; SADOCK, J. M. (ed). *Syntax and Semantics: grammatical relations*. Academic Press Inc, 1977a.

_____. Topics in Lexical Semantics. In: COLE, Roger. *Current issues in Linguistics Theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977b.

FREGE, G. Sobre sentido e a referência. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GARCÍA MAYNEZ. Análisis crítico de algunas teorías sobre el concepto de definición. México: Dianoia, *Anuario de filosofía*, ano IV, n. 4, p. 44-63. 1958.

GARZANTI. *Dizionario Analogico della lingua italiana*. Milão: Garzanti Linguística, 2011.

GAUDIN, F.; GUESPIN, L. *Initiation à la lexicologie française: de la néologie aux dictionnaires*. Bruxelas: Éditions Duculot, 2000.

GOMES, P. V. N. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, O. L. de S. Dicionários escolares: definição, oracional e texto lexicográfico. In: CARVALHO, O. L. de S; RANGEL; BAGNO, M. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. O processo de aquisição lexical na infância e a metalexiconografia do dicionário escolar. 2007. 325 p. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília.

GONÇALVES, J. A.; SOUZA, R. R. As relações semânticas em ontologias: contribuição para análise conceitual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ONTOLOGIA NO BRASIL, 2008. *Anais...* Niterói: UFF, 2008.

GRANNIER, D. M. Perspectivas na formação do professor de português como segunda língua. *Cadernos do Centro de Línguas*, v. 4. São Paulo: USP, 2001.

GRUBER, Thomas Robert. A translation approach to portable ontology specifications. *Knowledge Acquisition*, s. l., v. 5, n. 2, p. 199-220, jun. 1993.

_____. *What is an ontology?* [S. n: s. l.], 2005. Disponível em: <<http://www-ksl.stanford.edu/kst/what-is-an-ontology.html>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

GUARINO, N. *Semantic Matching: Formal Ontological Distinctions for Information Organization, Extraction, and Integration*. Itália: Springer Verlag, 1997. Disponível em: <<http://www.ladseb.pd.cnr.it/infor/Ontology/Papers/SCIE97.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

GUIRAUD, P. *A Semântica*. Tradução Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1972.

HALTEE, Jean-François. Entre enseignement et acquisition: problemes didactiques en apprentissage du langage. *Mélanges CRAPEL: Acquisition: implications didactiques*, França, n. 29, p. 13-28. 2006.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOLEC, H. Compétence lexicale et acquisition apprentissage. *Cahier de l'ASDIFLE: Lexique et didactique du français langue étrangère*. Paris: ASDIFLE, 1994. p. 90-100.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____; GERALDI, J. W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1943.

ISO. International Organization for Standardization. *Norma 1087: Terminology Vocabulary*. Genebra, 1990.

KASAMA, D. Y. et al. Do termo à estruturação Semântica: representação ontológica do domínio da Nanociência e Nanotecnologia utilizando a Estrutura Qualia. *Linguamática: Revista para o Processamento Automático das Línguas Ibéricas*. v. 2, n. 3, dez. 2010. p. 43-58. Disponível em: <<http://linguamatica.com/index.php/linguamatica/article/view/73>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, S; (Org.). *Linguistic in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1985.

KRASHEN, S. D. *Principles and practice in second language acquisition*. Nova Iorque: Pergamon, 1982.

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Press Paris: Universitaire de France, 1990.

KRIEGER, M. G. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. de (Org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 157-171.

LAMB, S. M. Lexicologia e Semântica. In: HILL, A.(org.). *Aspectos da linguística moderna*. Tradução de Adair Pimentel Palácio, Maria do Amparo B. de Azevedo. São Paulo: Cultrix, 1972.

LANGACKER, R. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais*. 2. ed. Tradução de Gilda Maria Correa de Azevedo. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

LARA, I. A. *Aspectos de lexicografia teórica*. Granada: Gredos, 1989.

LARA, L. F. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El colegio de México, Centro de Estudios Linguísticos y Literarios, 1996.

_____. Sociolingüística del Diccionario del Español de México. In: *International Journal of the Sociology of Language*. Walter de Gruyter, p. 19-34. 1992.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. *Introduction to second language acquisition research (an)*. London: Longman, 1997.

LEHMANN, A.; MARTIN-BERTHET, F. *Introduction à la lexicologie: Sémantique et morphologie*. Paris: Armand Colin, 2008.

LEIRIA, I. *Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. Idiomático 3*, Lisboa: Instituto Camões, 2004.

LIMA, G. Â. B. Mapa Conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistemas de hipertextos e seus aspectos cognitivos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p.134-145, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcion-line/index.php/pci/article/view/355/164>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

LOBATO, L. In: SALLES, H. M. M. L et al. (orgs.). *A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem*. Brasília: Link Comunicação e Design, 2010.

LORENTE, M. A Lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica. In: ISQUERDO, A. N; KRIEGER, M. da .G. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, terminologia*, v.2, Campo Grande, MS: UFMS, 2004.

LOPES, A. C. M.; RIO-TORTO, G. *O essencial sobre língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2007.

LOUBIER, C. *Les emprunts: traitement en situation d'aménagement linguistique*. Québec: Office de la langue française, 2003.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva; Hélio Pimentel, revisão e supervisão Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Nacional, 1977.

_____. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução Marilda Winkler Averburg. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

_____. *Semantics*. Cambridge: Cambridge Univ Press, 1984. 1 v.

MAGNINI, B.; SPERANZA, M. Merging Global and Specialized Linguistic Ontologies. *Proceedings of the Workshop Ontolex-2002: Ontologies and Lexical Knowledge Bases*, LREC, 2002, p. 43-48. Disponível em: <<http://multiwordnet.fbk.eu/paper/ontomerge-ontolex.pdf>>. Acesso em: 1 fev 2011.

MARCONDES, D. Desfazendo mitos sobre a Pragmática. *Alceu*, Rio de Janeiro: Puc, v.1, n.1, p. 38-46, jul-dez. 2000. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~cehc/Artigos/danilo%20marcondes/pragmatica.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

MARCUSHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.

MECZ, I. T. *A Semântica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

MEERSMAN, R. et al. *Data Modelling Versus Ontology Engineering*: Bélgica: SIGMOD Records, v. 31, n. 4, p. 12-17, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.acm.org/sigmod/record/issues/0212/SPECIAL/2.Meersman.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

MENDES, Andréia Barbosa. *Flexão de gênero: feminização de nomes de ocupações militares*. 2004. 105 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. L; LOPES, R. E V. *Novo manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3. ed., 2007.

MOREIRA, M. A. *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

MOREIRA, W. Lexicologia, terminologia, ontologia e representação documentária: estudos de interface por meio de análise de periódico de Ciência da Informação. *Biblios*:

Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información, Peru, ano 8, n. 27, fev./mar., 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/161/16102705.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

MORGAN, J.; RINVOLUCRI, M. *Vocabulary*. 2. ed. Nova Iorque: Oxford, 2004.

NASCIMENTO, Maria do Rosario Loiola do. *Definição: Paráfrase ou perífrase? Análise da estrutura de definições nos dicionários*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

NIKLAS-SALMINEN. *La lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1997.

NOVAK, J.D.; GOWIN, D.B. *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano, 1984. Disponível em: <http://zircon.dcsa.fct.unl.pt/dspace/bitstream/123456789/558/2/Novak_1984_Aprender%20a%20aprender.pdf>. Acesso em: 18 abri. 2009. p. 109-124.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado de significado: Um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1923.

OLIVEIRA, Michelle Machado de. *Confluência entre dicionário analógico e tesouro documentário como modelo de dicionário analógico*. 2010. xiv, 243 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6511>. Acesso em: 31 maio. 2012.

_____. ; FAULSTICH, E. Política linguística: formação histórica e influência do português do Brasil no mundo atual. *Miscelânea* (Assis. On-line), v. 5, p. 190-204, 2009.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 3. ed. Tradução de J. T. Coelho Neto e rev. de texto de J. Guinsburg do original *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. 2000.

_____. *Semiótica e filosofia: introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonildas Hegenberg*. São Paulo: Cultrix, 1975.

PECHOIN, D. *Le Dictionnaire des Analogies*. Larousse: Paris, 2009.

PINHEIRO, Wallace Anacleto. *Busca em portais semânticos: uma abordagem baseada em ontologias*. 2004. 170f. Dissertação (Mestrado em Sistemas e Computação) - Instituto Militar de Engenharia, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www2.comp.ime.eb.br/dissertacoes/2004-Wallace_Pinheiro.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

PORTO-DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

POTTIER, B. A definição Semântica no dicionário. In: LOBATO, L. *A Semântica na Linguística Moderna: o léxico*. Rio de Janeiro, 1977.

_____. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1972.

_____. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, Universidade Santa Úrsula, 1978.

PRIA, A. D. A relação entre o desenvolvimento de formalismos gramaticais de base lexicalista e as exigências do PLN. *Delta*, São Paulo, v. 24, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 maio. 2012.

RAMOS, A. A. In: ANTUNES, J. V.; SILVA, F. C. O. *O que a distância revela: reflexões de professores e de estudantes do curso de Letras UnB/EaD*. Brasília: UnB, 2013a.

_____. *Português como segunda língua: A importância do ambiente de imersão e do ambiente de não-imersão*. Material didático elaborado para oferta da disciplina O Português do Brasil como Segunda Língua do curso de Letras a Distância da Universidade de Brasília. Inédito, 2013b.

RANGEL, E. de. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. de S; RANGEL; BAGNO, M. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011.

RASTIER, F.; CAVAZZA, M.; ABEILLÉ, A. *Sémantique pour l'analyse de la linguistique à l'informatique*. Paris: Masson, 1994.

RECTOR, M.; YUNES, E. *Manual de Semântica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.

REY, A. *Essays on terminology*. Tradução: Juan C. Sager. Amsterdã e Filadélfia: Benjamins Translation Library, 1995.

_____. *Le Lexique: images et modeles du dictionnaire à la lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1977.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. *Alfa*, São Paulo, n. 28, p. 27-43, 1984.

_____. *La linguistique du signe*. Paris: Armand Colin, 1998.

RIO-TORTO, G. O. Léxico: Semântica e gramática das unidades lexicais. In: ATHAYDE, Maria Francisca (Org.) *Estudos sobre léxico e gramática*. Cadernos do Cieg, n. 23, Coimbra: CIEG/FLUC, p. 11-34, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/13412>>. Acesso em: 6 set. 2009.

_____. Léxico, Gramática, processamento. In: ALMEIDA, A.; SANTOS, E.; SOLEDADE, J. *O léxico em estudo*. Bahia: EDUNEB, 2012. p. 1-25. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/21097>>. Acesso em: 6 set. 2009.

ROBERT. *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2010.

ROGET, P. M. *Thesaurus of English words and phrases: classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and to assist in literary composition*. London: Longmans, green and co, 1936.

SCHAFF, A. *Introdução à Semântica*. Tradução de Célia Neves. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

SANTOS, Alessandra de Souza. *Multilinguismo em Bonfim/RR: o ensino da Língua Portuguesa no contexto da diversidade linguística*. 2012. 144. f. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas, Programa de pós-graduação em linguística, 2012.

SANTOS, M. C. A. dos; VALE, O. A. Abordagem linguística no desenvolvimento de ontologias: proposta de construção de uma ontologia do domínio futebol. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ONTOLOGIA NO BRASIL, 2008, Niterói. *Anais...* Niterói, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, A. S. da. *A Semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SILBERSTEIN, M. *Dictionnaires électroniques et analyse automatique de texts*. Collection informatique linguistique. Paris: Masson, 1995.

SOWA, J. F. *Knowledge Representation: Logical, Philosophical and Computational Foundations*. California: Brooks/Cole Publishing Co., 2000. Disponível em: <<http://www.jfsowa.com/ontology/>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

STREHLER, René G. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. 1997. 110f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1997.

SWATOUT, W; TATE, A. Ontologies. *IEEE Intelligent Systems & their applications*, v. 14, n. 1, jan/fev, 1999.

TRIBOLI, E. P. De R. *Mapas mentais: uma introdução*. São Caetano do Sul : Escola de Engenharia Mauá, 2004. Disponível em: <<http://www.mapasmentais.com.br/recursos/publicacoes.asp>>. Acesso em: 09 jun. 2009.

TURAZZA, J. S. O léxico em línguas de interface: dificuldades de aquisição de vocabulário. In: SILVEIRA, R. C. P. da (Org.). *Português língua estrangeira: perspectiva*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 93-117.

USCHOLD, M.; JASPER, R. A Framework for Understanding and Classifying Ontology Applications. In: *WORKSHOP ON ONTOLOGY AND PROBLEM SOLVING METHODS: LESSONS LEARNED AND FUTURE TRENDS*, 1999. *Proceedings...* Stockholm, 1999. Disponível em: <<http://CEUR-WS.org/Vol-18>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. S. de. *JAIA/Linguística Computacional: Princípios e Aplicações*. 2001.

VILARINHO, M. M. de O. A função social das NBR's: frame e cenário da terminologia de colchão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, 2012, Belém. *Diversidade linguística e políticas de ensino*. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 1906-1917.

VILELA, V. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

VILELA, V. V. *Introdução aos mapas mentais*. 2002. Disponível em:<<http://www.mapasmentais.com.br/recursos/publicacoes.asp>>. Acesso em: 09 jun. 2009.

_____. *Mapas Mentais na escola*. 2002. Disponível em:<<http://www.mapasmentais.com.br/recursos/publicacoes.asp>>. Acesso em: 09 jun. 2009.

VOGT, C. *Linguagem, Pragmática e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. In: _____. *Os Pensadores: Wittgenstein*. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1953.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y la lexicografía terminológica*. CABRÉ, M. T (Ed.). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1998.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C. Tecnologia, Lexicografia e Web. In: ISQUERDO, A. N. (Org.); BARROS, L. A. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2010. v. 5.

XAVIER, A. C. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010.